



ESTUDOS E PERSPECTIVAS DOS ECOSSISTEMAS NA COMUNICAÇÃO

Organizadores

Gilson Vieira Monteiro

Maria Emilia de Oliveira Pereira Abbud

Mirna Feitoza Pereira





UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Henrique dos Santos Pereira

Membros

Antônio Carlos Witkoski

Domingos Sávio Nunes de Lima

Edleno Silva de Moura

Elizabeth Ferreira Cartaxo

Spártaco Astolfi Filho

Valéria Augusta

COMITÊ EDITORIAL DA EDUA

Louis Marmoz (Université de Versailles)

Antônio Cattani (UFRGS)

Alfredo Bosi (USP)

Arminda Mourão Botelho (Ufam)

Spártaco Astolfi Filho (Ufam)

Boaventura Souza Santos (Universidade de Coimbra)

Bernard Emery (Université Stendhal-Grenoble 3)

César Barreira (UFC)

Conceição Almeida (UFRN)

Edgard de Assis Carvalho (PUC/SP)

Gabriel Conh (USP)

Gerusa Ferreira (PUC/SP)

José Vicente Tavares (UFRGS)

José Paulo Netto (UFRJ)

Paulo Emílio (FGV/RJ)

Élide Rugai Bastos (Unicamp)

Renan Freitas Pinto (Ufam)

Renato Ortiz (Unicamp)

Rosa Ester Rossini (USP)

Renato Tribuzi (Ufam)



**ESTUDOS E PERSPECTIVAS
DOS ECOSSISTEMAS
NA COMUNICAÇÃO**

Presidenta da República
Dilma Rousseff

Ministro da Ciência e Tecnologia
Marco Antonio Raupp

Governador do Estado do Amazonas
Omar José Abdel Aziz

Secretário de Estado da Ciência e Tecnologia
Odenildo Teixeira Sena

Diretora-Presidenta da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do
Amazonas
Maria Olívia de Albuquerque Ribeiro Simão



Esta obra foi publicada com o apoio do Governo do Amazonas,
por meio da Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado do Amazonas – Fapeam
Travessa do Dera, s/n, Flores, CEP: 69058-793, Manaus-AM
Fone: (92) 3878-4000
www.fapeam.am.gov.br



ESTUDOS E PERSPECTIVAS DOS ECOSSISTEMAS NA COMUNICAÇÃO

Organizadores

Gilson Vieira Monteiro

Maria Emília de Oliveira Pereira Abbud

Mirna Feitoza Pereira



EDITORA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO AMAZONAS

Copyright © 2012 Universidade Federal do Amazonas

REITORA

Márcia Perales Mendes Silva

EDITORA

Iraíldes Caldas Torres

REVISÃO

Cinara Cardoso (Técnica)
Benayas Inácio Pereira (Português)

SUPERVISOR EDITORIAL

Marcos Sena

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA (Miolo)

Andriele Oliveira de Souza

Catálogo na fonte

Monteiro, Gilson Vieira; Abbud, Maria Emília de Oliveira Pereira; Pereira, Mirna Feitoza.

Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação / Gilson Vieira Monteiro, Maria Emília de Oliveira Pereira Abbud, Mirna Feitoza Pereira - Manaus: Ufam, 2012.

281 p.

ISBN 978-85-7401-578-1

EDUA

Editora da Universidade Federal do Amazonas
Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3.000,
Campus Universitário,
Coroado I – CEP 69077-000 – Manaus – AM
Fone: (0xx923305-5410 / 9128-5327
www.ufam.edu.br
e-mail: edua_ufam@yahoo.com.br

Sumário

Apresentação

Primeira Parte: estudos e fundamentos teóricos.

Fundamentos de uma visão ecossistêmica da comunicação: uma compreensão semiótica
Mirna Feitoza Pereira

Sistemas conceituais e processos cognitivos: as relações entre a linguagem e o pensamento no desenvolvimento da comunicação verbal infantil
Claudio Manoel de Carvalho Correia

As redes sociais e a liquidez na sociedade 140 bytes: sob os olhos da coruja de minerva
Sergio Augusto Freire de Souza

Configurando mosaicos sobre cultura e arte no Amazonas
Ítala Clay de Oliveira Freitas

A influência da televisão nos hábitos alimentares dos adolescentes
Maria Emilia de Oliveira Pereira Abbud e Sebastião de Sousa Almeida

Segunda Parte: estudos de objetos

Gênese da obr@: Turenko Beça e a mídia digital
Denise Rodrigues, Jonas Gomes Júnior e Denize Piccolotto Levy

Os ambientes virtuais de aprendizagem e os jogos massivos multijogador on-line: análise comparativa entre Moodle e World of Warcraft
Sylker Teles Silva e Cláudia Guerra Monteiro

Em busca do ecossistema comunicativo do museu virtual Google Art Project
Valter Frank de Mesquita Lopes e Mirna Feitoza Pereira

A divulgação da ciência em rede de blogs de língua portuguesa: uma análise do Scienceblogs Brasil como subsistema autopoietico.
Judy Lima Tavares Sales e Walmir de Albuquerque Barbosa

Ferramentas eletrônicas: suporte a produção científica e desenvolvimento da ciência

Tatiana Brandão Fernandes e Célia Regina Simonetti Barbalho

Terceira Parte: ambientes comunicacionais amazônicos

Ecossistemas comunicacionais: uma visão prática

Jane Santos Dantas e Gilson Vieira Monteiro

A comunicação radiofônica e a educação popular em um ambiente amazônico

Rosa Luciana Pereira Rodrigues e Manuel José Sena Dutra

Interrelações entre mídia e cultura popular: as pastorinhas de Parintins na lógica das micro e macro redes comunicacionais

Soriany Simas Neves e Denize Piccolotto Carvalho Levy

O “triunfo da legalidade”: cabanagem e discurso no jornal Treze de Maio

Netília Silva dos Anjos Seixas; Camille Nascimento Silva; Julieth Corrêa Paula e Phillippe Sendas de Paula Fernandes

Apresentação

Os textos que constituem este livro resultam de parceria que teve início em 2011 entre os Programas de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOMs) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e da Universidade Federal do Pará (UFPA) com o intuito de dar visibilidade a estudos e perspectivas teóricas que colaborem para o estímulo e a consolidação do campo de estudos da comunicação na Amazônia.

A primeira colaboração editorial entre os dois Programas se concretizou com o livro “Comunicação Miatizada na e da Amazônia”, organizado na UFPA pelos professores Maria Ataíde Malcher, Netília Silva dos Anjos Seixas, Regina Lúcia Alves de Lima e Otacílio Amaral Filho. Editado em 2011 pela Fadesp, esse primeiro livro em colaboração integrou a série Comunicação, Cultura e Amazônia, idealizada em 2005 pelos professores da UFPA com o objetivo de divulgar os estudos de comunicação na região e que, em 2011, passou a ser editada também por professores da Ufam.

Com edição da Editora Universitária da Ufam (Edua) e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), este livro que ora chega às suas mãos surge no contexto dessa importante parceria entre os dois Programas. A publicação está organizada em torno dos ecossistemas comunicacionais, campo de estudos emergente no qual os processos comunicativos são entendidos a partir da complexidade envolvida nas relações entre os sistemas que dão vida às práticas comunicativas nas diferentes instâncias enunciativas da cultura.

No Brasil, o desenvolvimento da perspectiva ecossistêmica para os estudos da comunicação tem encontrado abrigo no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Ufam, cuja área de concentração intitula-se Ecossistemas Comunicacionais, propondo estudos sobre os processos de organização, transformação e produção das mensagens conformadas na cultura a partir das interações entre sistemas sócio-culturais-tecnológicos, considerando a complexidade sistêmica e informacional dos fenômenos comunicativos.

Assim, da convergência midiática à comunicação de massa; da comunicação no espaço da cidade à comunicação comunitária; da comunicação organizacional à comunicação política; dos processos envolvidos no consumo das mensagens aos processos criativos implicados em sua interpretação e organização, os textos reunidos neste livro, dividido em três partes, apresentam explorações em torno dos fenômenos comunicativos numa perspectiva sistêmica e ecossistêmica.

A **Primeira Parte – Estudos e Fundamentos Teóricos** reúne cinco capítulos e apresenta ferramentas conceituais capazes de auxiliar a compreensão de ecossistemas comunicacionais de alta complexidade, com contribuições de Claudio Manoel de Carvalho Correia; Ítala Clay de Oliveira Freitas; Maria Emília de Oliveira Pereira Abbud e Sebastião de Sousa Almeida; Mirna Feitoza Pereira e Sérgio Augusto Freire de Souza.

A **Segunda Parte – Estudos de Objetos** congrega cinco estudos empíricos que buscam evidenciar sistemas e ecossistemas na comunicação, com colaborações de Denise Bezerra Rodrigues, Jonas da Silva Gomes Júnior e Denize Piccolotto Carvalho Levy; Judy Lima Tavares Sales e Walmir de Albuquerque Barbosa; Sylker Teles Silva e Cláudia Guerra Monteiro; Tatiana Brandão Fernandes e Célia Regina Simonetti Barbalho; Valter Frank de Mesquita Lopes e Mirna Feitoza Pereira.

A **Terceira Parte – Ambientes Comunicacionais Amazônicos** apresenta, em quatro capítulos, uma amostra da densidade de relações envolvidas nos objetos comunicacionais em contexto amazônico, com contribuições de Jane Santos Dantas e Gilson Monteiro; Soriany Simas Neves e Denize Piccolotto Carvalho Levy; Netília Silva dos Anjos Seixas, Camille Nascimento Silva, Julieth Corrêa Paula e Phillippe Sendas de Paula Fernandes, e Rosa Luciana Pereira Rodrigues e Manuel José Sena Dutra.

Com esta iniciativa, os Programas de Pós-Graduação em Comunicação da Ufam e da UFPA, com o apoio da Edua e da Fapeam, esperam contribuir para a divulgação das pesquisas em torno dos ecossistemas comunicacionais, um emergente campo de estudos que encontrou na Amazônia um espaço emblemático para a exploração das interferências mútuas entre as diferentes esferas que regem a vida, a comunicação e a cultura.

Os Organizadores



Primeira parte

Fundamentos de uma visão ecossistêmica da comunicação: uma compreensão semiótica

Mirna Feitoza Pereira¹

Resumo: O presente capítulo apresenta os fundamentos conceituais de uma visão ecossistêmica dos processos comunicativos. Tal concepção volta-se ao estudo das relações de interdependência entre os sistemas participantes da comunicação e seu ambiente, tendo como parâmetro ação inteligente dos signos. Conforme esta visão, a semiose estabelece uma cadeia de continuidades semióticas entre os sistemas e o ambiente conformando ecossistemas comunicacionais complexos. Esta perspectiva teórica foi elaborada tendo como finalidade compreender a semiose no contexto da comunicação infantil com as linguagens do entretenimento, sobretudo, com os videogames e desenhos animados, e se funda em um conjunto de concepções semióticas inspiradas nos conceitos de semiose, semiosfera e nas discussões propostas pela ecossemiótica e pela cibernética.

Palavras-chave: Ciências da Comunicação. Ecossistemas comunicacionais. Ambientes comunicacionais midiáticos. Ecossemiótica. Semiosfera.

Introdução

Em um dos capítulos do livro *Comunicação Midiatizada na/da Amazônia* (2011), apresentamos uma formulação conceitual para ecossistemas comunicacionais, área emergente de estudos na qual se concentram as pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Na ocasião, dissemos que a comunicação, numa perspectiva ecossistêmica, deve ser entendida não a partir do isolamento e da atomização de seus elementos, mas das relações que interferem e possibilitam a construção, a circulação e a significação das mensagens na vida social. Dissemos que as relações envolvidas na comunicação instituem ambientes conformados por sistemas diferentes e interdependentes entre si, instituindo ecossistemas comunicacionais nos espaços da cultura (PEREIRA, 2011).

¹ Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, na graduação em Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Líder do Mediação – Grupo de Pesquisa em Semiótica da Comunicação (registrado no CNPq); mirnafeitoza@gmail.com.

No presente capítulo, nosso objetivo é apresentar os fundamentos que inspiraram o desenvolvimento da visão ecossistêmica da comunicação com a qual temos trabalhado. Na ocasião em que foi elaborada, tínhamos como objeto de estudos a comunicação da criança com as linguagens do entretenimento, que então foram conceituadas como uma esfera de comunicação na qual os textos culturais da indústria do entretenimento se encontram em plena produção semiótica. O desafio da pesquisa era compreender as habilidades que a criança adquire ao fazer uso das linguagens do entretenimento, sobretudo videogames e desenhos animados, em face das constantes controvérsias que estes provocam no senso comum e entre estudiosos da cultura, como estímulo à violência, ao isolamento social, ao vício e ao consumismo entre crianças e jovens (PEREIRA, 2005; 2010).

A iniciativa de desenvolver um ponto de vista comunicacional para o problema revelou-se, de saída, uma questão epistemológica importante, visto que o estudo da aprendizagem infantil se legitimou historicamente nos campos da psicologia infantil, da educação e das ciências cognitivas. Uma explicação comunicacional, portanto, poderia dar margem ao questionamento da própria legitimidade científica da abordagem proposta. Diante disso, encontramos no conceito de semiose um guia para a investigação, uma vez que este diz respeito a uma ação inteligente a qual envolve processos de interpretação, conhecimento, pensamento. No entanto, entender a comunicação sob o prisma da semiose também trouxe obstáculos, a começar pelo próprio entendimento do que vem a ser comunicação.

Assim, é necessário dizer que, em nossa visão, a comunicação não é entendida como mera transmissão de mensagens. Isto é, como ação unilateral por meio da qual um emissor codifica e transmite informações a um receptor que a decodifica, agindo como receptáculo de informações. Em nossa concepção, as práticas comunicativas envolvem processos de cognição, interpretação, inteligência, sendo estes compreendidos a partir da mediação dos signos nos quais os sistemas participantes do ato comunicativo estão imersos e por meio dos quais estabelecem relações que os colocam em plena continuidade semiótica.

Desse modo, adotamos o ponto de vista semiótico para os estudos da comunicação e passamos a elaborar a hipótese que guiou a pesquisa, segundo a qual a comunicação da criança com as linguagens do entretenimento pode ser compreendida como um ambiente de relações semióticas em que três sistemas altamente heterogêneos estão em interação, constituindo um ecossistema comunicativo complexo, a saber: sistemas biológicos humanos (crianças), sistemas tecnológicos (mídias) e sistemas do entretenimento (videogames e desenhos animados). Ao participar desse ambiente, conforme

desenvolvido na pesquisa, a criança alfabetiza-se nos códigos das linguagens disponíveis no ambiente, trabalhando suas demandas de linguagem, conduzida por uma ação semiótica que ocorre imersa na semiosfera (PEREIRA, 2005; 2010).

Um dos resultados mais importantes dessa pesquisa foi a visão ecossistêmica com a qual temos pensado os processos comunicativos. Foram ferramentas teóricas fundamentais em sua construção os conceitos de semiose, de C.S.Peirce, e de semiosfera, de I. M. Lotman (1996), além das discussões em torno da ecossemiótica, com W. Nöth (1998) e K. Kull (1998; 1998a), e da concepção de comunicação da cibernética, de N. Wiener (2000). Nosso propósito, neste capítulo, é apresentar cada um desses fundamentos.

Sobre o conceito de semiose

Semiose é o conceito mais elementar dessa visão ecossistêmica da comunicação. É ele que permite falar em relação, interdependência, continuidade entre os sistemas participantes da comunicação. Peirce empregou o termo para nomear a ação na qual um signo, ao relacionar-se com seu objeto, gera um novo signo, o interpretante do primeiro signo. Em suas palavras,

[...] por “semiose” quero significar [...] uma ação, ou influência, que é, ou envolve, a cooperação de três caracteres, quais sejam um signo, seu objeto e seu interpretante, não sendo tal influência trirrelacional de modo algum redutível a ações entre duplas. [Semiose], no grego do período romano, já na época de Cícero, se é que me lembro bem, significava a ação de quase todo tipo de signo; e minha definição confere o título de um “signo” a qualquer coisa que aja desse mesmo modo (CP 5.484).²

O conceito de semiose coincide com a definição geral de signo. Todos que tiveram contato com o pensamento desse filósofo sabem que sua concepção de signo é extremamente ampla, e que lhe atribuiu inúmeras definições. Contudo, aquela que é a mais geral corresponde à noção do signo triádico:

Um Signo, ou Representamen, é um Primeiro que está em uma tal relação genuína com um segundo, chamado seu Objeto, de modo que seja capaz de determinar um Terceiro, chamado seu Interpretante, para assumir a mes-

² Citações com livre tradução minha e de Eduardo Araújo Fernandes, colchetes meus.

ma relação triádica com seu Objeto na qual ele próprio está com o mesmo Objeto (CP 2.274).

[Um signo] é qualquer coisa que determina qualquer coisa (seu interpretante) a se referir a um objeto ao qual ele mesmo se refere (seu objeto) do mesmo modo, o interpretante se tornando por sua vez um signo, e assim por diante, *ad infinitum* (CP 2.303).

O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento do representâmen* (CP 2.228).

Do mesmo modo, a relação triádica que define signo como semiose também é usada para identificar a mediação como caráter do signo.

A mediação genuína é o caráter de um *Signo*. Um *Signo* é tudo aquilo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu *Objeto*, com respeito a uma Qualidade, de tal modo a trazer uma Terceira coisa, seu *Interpretante*, para uma relação com o mesmo Objeto, e de modo tal a trazer uma Quarta para uma relação com aquele Objeto da mesma forma, *ad infinitum* (CP 2.92).³

Ao destacar a correspondência entre as definições de signo, semiose e mediação, nosso objetivo é colocar em evidência que o conceito de signo de Peirce representa uma continuidade lógica entre três termos, que designa uma ação inteligente, envolvendo processos de interpretação, pensamento, conhecimento. Esta noção é fundamental para a visão ecossistêmica da comunicação que estamos apresentando, pois, em nosso estudo da comunicação infantil com as linguagens do entretenimento, aos processos comunicativos subjaz uma cadeia de signos formada pelos códigos das linguagens disponíveis no ambiente, pelos conhecimentos implementados nos sistemas tecnológicos das mídias e pelos conhecimentos que a criança possui acerca dos sistemas com os quais ela entra em contato nesse ambiente comunicativo, assim como os interpretantes que ela venha a desenvolver a partir de sua experiência nessa cadeia de signos.

Em outras palavras, sendo este um ambiente constituído por signos, envolvendo crianças, mídias e linguagens, e sendo a tendência de todo signo gerar outro signo, ao entrar em contato com os signos que mediam sua

³ Adotamos tradução de José Teixeira Coelho Neto (PEIRCE, 1995, p. 28).

comunicação com as linguagens do entretenimento, a criança tende a gerar interpretantes. Por sua vez, os interpretantes gerados estarão relacionados à sua experiência anterior com os signos das linguagens e mídias do entretenimento. Essa cadeia tecida por signos funda o ecossistema comunicativo entre crianças, mídias e linguagens. Neste contexto, o conceito de interpretante é importantíssimo para compreender o tipo de conhecimento que a criança elabora ao participar desse ambiente.

Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino *interpretante* do primeiro signo (CP 2.228).

Gerar o interpretante é o propósito da semiose, é o que a faz agir:

Nenhum Signo pode funcionar como tal a não ser na medida em que é interpretado num outro Signo [...]. Conseqüentemente, é absolutamente essencial ao Signo que ele deve afetar outro Signo. Ao usar essa palavra causal “afetar”, não quero me referir, meramente ou necessariamente, a um acompanhamento invariável ou seqüência. O que quero dizer é que, quando há Signo, haverá uma interpretação em outro Signo (CP 8.225).⁴

Para a semiose funcionar, “não é necessário que o Interpretante realmente exista. É suficiente um ser in futuro” (CP 2.92). Isto é, basta uma tendência para alcançá-lo, uma ação movida por um propósito. “Ao mesmo tempo, em consequência do fato de todo signo determinar um Interpretante, que também é um signo, temos signos justapondo-se a signos” (CP 2.94).⁵

É esta tendência motivada por um fim, que compreende a geração de conhecimentos sobre o objeto a partir de processos de interpretação entre signos, que Peirce entendeu como semiose. Nesta visão ecossistêmica da comunicação, a experiência semiótica que a criança desenvolve ao fazer uso das linguagens do entretenimento pode ser estudada por meio dos interpretantes, devolvidos por ela para o mundo em sua produção de linguagem. Ao mesmo tempo, sendo a semiose uma continuidade lógica entre signos, uma “trama de ordenação lógica dos processos de continuidade” (SANTAELLA, 1995, p. 118), a continuidade semiótica que funda as relações de interdepen-

⁴ Nas citações acima (CP 2.228 e 8.225), adota-se a tradução de Lucia Santaella (1995, p. 23, 87).

⁵ Com tradução de Teixeira Coelho (PEIRCE, 1995, p. 29).

dência do ecossistema comunicativo entre crianças, mídias e linguagens apresenta um nível macrossemiótico e um nível microssemiótico. Retomaremos esta ideia adiante.

Condições entrópicas do ambiente

No contexto de nossa pesquisa, o conceito de comunicação da cibernética nos ajudou a pensar as seguintes questões: como crianças de diferentes idades conseguem lidar com a diversidade de códigos e formatos dos videogames e desenhos animados sem que precisem ser formalmente alfabetizadas para isso, como ocorre com a aquisição do código verbal? Esta questão se desdobra numa série de outras, por exemplo, como crianças que ainda não dominam plenamente o código verbal conseguem acompanhar as narrativas dos desenhos animados, seja tentando repetir as falas das personagens ou as letras das canções seja embalando seus corpos no ritmo da trilha sonora? Como elas conseguem fazer uso dos jogos eletrônicos, identificando até o gênero de que mais gostam, ainda que de fato não manipulem o jogo? Como aquelas que sequer balbuciam seus nomes assistem a programas de TV, comunicando-se com eles, por exemplo, falando “ábu”, ao perceber que os caracteres dos créditos começam a subir ao final de um programa de TV? Afinal, é possível chamar tudo isso de “comunicação”? Esses problemas nos chamaram atenção durante as observações de campo que fizemos com crianças⁶. Foi para tentar compreendê-las que recorremos à cibernética.

Derivado da palavra grega *kubernetes* (que originou as palavras “piloto” e “governador”), o termo cibernética foi cunhado pelo matemático norte-americano Norbert Wiener, em 1948, com seu livro *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and the Machine*. Designava o campo de estudos da comunicação e do controle, tanto nos organismos vivos como nas máquinas. Com a colaboração do fisiologista mexicano Arturo Rosenblueth (1900-1970) e do engenheiro elétrico e matemático norte-americano Julian Bigelow (1913-2003), Norbert Wiener desenvolveu a ideia de que certas funções de controle e de processamento de informações em máquinas e seres vivos, e até mesmo no âmbito social, são equivalentes e redutíveis aos mesmos modelos e mesmas leis matemáticas (KIM, 2004, p. 2000). Com isso, entendeu a cibernética para além da teoria da transmissão das mensagens da engenharia elétrica, definindo-a como um vasto campo que contemplava não apenas o estudo da linguagem, mas o das mensagens “como meios de dirigir

⁶ As situações descritas nas questões foram notadas nas observações de campo que fizemos com crianças menores de cinco anos de idade durante a pesquisa.

a maquinaria e a sociedade, o desenvolvimento de máquinas computadoras e outros autômatos [...], certas reflexões acerca da psicologia e do sistema nervoso, e uma nova teoria conjectural do método científico” (WIENER, 2000, p. 15).

Norbert Wiener apresentou a cibernética como uma teoria probabilística intrínseca ao movimento que teve início com a teoria da probabilidade do físico e matemático norte-americano Josiah Willard Gibbs (1839-1903). Para o pai da cibernética, o mérito de Gibbs foi ter formulado, pela primeira vez, um método científico baseado em probabilidades estatísticas que considerava a incerteza e as contingências dos fenômenos físicos, contribuindo para colocar em cheque a precisão da física de newtoniana. Nas palavras de Wiener, a inovação de Gibbs foi ter concebido “não um mundo, mas todos os mundos que fossem respostas possíveis para um grupo limitado de perguntas referentes ao nosso meio ambiente”, sendo a noção fundamental de sua teoria aquela que “dizia respeito à extensão em que as respostas que possamos dar a perguntas acerca de um grupo de mundos são prováveis em meio a um grupo maior de mundos” (WIENER, 2000, p. 14). Além disso, formulou a teoria de que a tendência de tal probabilidade é aumentar conforme o universo envelhece, sendo a entropia a medida dessa probabilidade, e a tendência da entropia é aumentar. Nas palavras de Wiener,

conforme aumenta a entropia, o universo, e todos os sistemas fechados do universo, tendem naturalmente a se deteriorar e a perder a nitidez, a passar de um estado de mínima a outro de máxima probabilidade; de um estado de organização e diferenciação, em que existem formas e distinções, a um estado de caos e mesmice. No universo de Gibbs, a ordem é o menos provável e o caos o mais provável. Todavia, enquanto o universo como um todo, se de fato existe um universo íntegro, tende a deteriorar-se, existem enclaves locais cuja direção parece ser o oposto à do universo em geral e nos quais há uma tendência limitada e temporária ao incremento da organização. A vida encontra seu *habitat* em alguns desses enclaves (WIENER, 2000, p. 14).

Foi por entender que a comunicação está na base do controle da entropia que Norbert Wiener propôs a cibernética como teoria do estudo da comunicação e do controle. Para ele, as ordens de comando por meio das quais exercemos controle sobre nosso ambiente são uma espécie de informação que lhe transmitimos, entendendo que tais ordens estão sujeitas à desorganização em trânsito. Esta era a sua ideia da comunicação como controle.

Segundo ele, em tal processo, “estamos sempre em luta contra a tendência da Natureza de degradar o orgânico e destruir o significativo; a tendência, conforme no-lo demonstrou Gibbs, de a entropia aumentar” (WIENER, 2000, p. 17). Neste contexto, assim como a entropia é uma medida de desorganização, a informação conduzida por um grupo de mensagens é uma medida de organização. Daí que a cibernética apresentou-se como uma teoria da comunicação e do controle da entropia, tendo como propósito

[...] desenvolver uma linguagem e técnicas que nos capacitem, de fato, a haver-nos com o problema do controle e da comunicação em geral, e a descobrir o repertório de técnicas e idéias adequadas para classificar-lhes as manifestações específicas sob a rubrica de certos conceitos (WIENER, 2000, p. 17).

Este é o ponto que nos interessa explorar no pensamento cibernético, a comunicação como controle. Em nosso exame, contudo, compreendemos a comunicação como semiose, uma vez que esta designa a ação que guia, conduz, interpreta, elabora, conhece. Por isso mesmo, nossa perspectiva teórica pode ser definida como uma ecologia semiótica da comunicação, uma vez que é a semiose que funda as relações nos ecossistemas comunicativos. Contudo, dos ambientes de comunicação guiados e possibilitados pela semiose também participam a entropia.

Chegamos a esta compreensão ao notar, em nossas observações de campo, as soluções que a criança encontra para lidar com os códigos que ela ainda não assimila plenamente, lutando para superar as condições entrópicas em que se dá a sua comunicação com as mídias e suas linguagens. Este nos parece um caminho para entender por que crianças que ainda não dominam o código verbal costumam dançar ao ouvir a trilha sonora dos desenhos animados e dos videogames ou tentam repetir as falas, as letras das canções e os efeitos sonoros.⁷ Com isso, em algum nível, elas recodificam os códigos disponíveis no ambiente, seja por meio do embalo de seus corpos ou da tentativa de repetir o código verbal em que se dão os diálogos e as canções das narrativas, diminuindo, assim, a tendência para a degradação do significativo. Ao mesmo tempo, elas se alfabetizam nos códigos das linguagens de que fazem uso, trabalhando suas demandas de comunicação. É este processo de aprendizagem nos códigos articuladores das linguagens em questão que nos faz argumentar que a criança desenvolve capacidades semióticas ao lidar com videogames e desenhos animados, seja ao decifrar os códigos que permitem

⁷Tal conduta foi recorrente em nossas observações com as crianças de até quatro anos.

ultrapassar as fases de um game, depois de testar várias possibilidades, seja ao lidar com as narrativas de desenhos animados que pouco se valem do código verbal, como Tom & Jerry e Papaléguas.

A capacidade semiótica da criança de lidar com as linguagens do entretenimento também se expressa em suas brincadeiras, bastando para isso amarrar um pano no pescoço, segurar uma espada em punho ou colocar seus bonecos para lutar entre si, tentando repetir as vozes e os efeitos sonoros que experimentou, elaborando, assim, suas próprias demandas de linguagem. Por isso mesmo a comunicação infantil com os videogames e desenhos animados compreende um processo de aprendizagem semiótica, uma vez que a criança adquire os códigos dessas linguagens, conferindo-lhes novos sentidos, produzindo interpretantes.

Desse modo, no que toca o processo de comunicação vivido pela criança no ecossistema comunicativo das linguagens do entretenimento, adotamos mais a perspectiva anunciada pela segunda cibernética ou cibernética de segunda ordem. Tal escolha considera a crítica que os cibernéticos de segunda ordem fizeram aos da primeira cibernética, uma vez que estes partiram da tese de que as máquinas funcionavam como organismos vivos, tratando seus objetos como sistemas capazes de transformar mensagens de entrada (inputs) em mensagens de saída (outputs). A diferença fundamental da primeira cibernética para o behaviorismo foi a noção de feedback, dispositivo capaz de mudar a relação que o objeto estabelece entre inputs e outputs. Ainda assim, os primeiros cibernéticos foram posteriormente taxados de behavioristas.

Heinz von Foerster, fundador da segunda cibernética juntamente com Ross Ashby, contrapôs as máquinas triviais behavioristas, submetidas a regras de estímulo-resposta, às máquinas não triviais, cuja referência é a máquina de Turing, capazes de modificar seu estado interno em razão do input externo e seu estado interno anterior a este. Neste sentido, as máquinas não triviais são dotadas de organização interna, o que as torna capaz de trabalhar a informação que recebem do mundo exterior, organizando, a partir delas, um novo estado interno, ao passo que as máquinas triviais, por estarem submetidas às regras de estímulo-resposta, apenas reagem aos sinais recebidos de fora. Com isso, os cibernéticos da segunda ordem radicalizaram a ruptura com o behaviorismo, desenvolvendo, nos anos 60 e 70 do século 20, uma corrente que deu ênfase à auto-organização dos sistemas, expressa notadamente pelas teorias da auto-organização biológica de Humberto Maturana e de Francisco Varela. Conforme Jean-Pierre Dupuy (1996), o leitor de hoje fica impressionado com o tom behaviorista do artigo inaugural da cibernética, *Behavior, Purpose and Teleology*, de Arturo Rosenblueth, Norbert Wiener e

Julian Bigelow, uma vez que este insiste em não levar “em conta a organização interna do objeto”, surpreendendo a todos que só conheceram a segunda fase do movimento (DUPUY, 1996, p. 47-48).

Como se sabe, a cibernética deu origem a muitas teorias e disciplinas, entre elas, as ciências cognitivas, das quais é considerada como “uma parenta mal-amada”, exatamente pelo tom behaviorista de sua primeira fase (DUPUY, 1996, p. 43). Repercutiu nas ciências sociais, notadamente na formulação da ecologia da mente de Gregory Bateson (1972), na interpretação das culturas de Clifford Geertz (1989) e no pensamento estruturalista da sociedade. No campo da semiótica, contribuiu para o surgimento da Semiótica da Cultura da Escola de Tártu-Moscou. Como ciência, entretanto, a ampla teoria das mensagens preconizada por Norbert Wiener se desgastou com o tempo. Contudo, ao equiparar os organismos vivos e sistemas maquínicos, alimentou a ideia de que natureza e cultura não são sistemas antagônicos; pelo menos não no nível da elaboração das mensagens que os conduz. Em nossa compreensão, no nível da textualidade que os organiza como sistemas semióticos.

Ecossemiótica e níveis macro e microssemióticos

Nesta visão ecossistêmica da comunicação, enquanto a criança joga o jogo na máquina computacional conforma-se uma continuidade semiótica entre crianças, mídias e linguagens que apresenta um nível macrossemiótico e um nível microssemiótico. Tal continuidade funda-se na semiose como trama de relações entre signos. O nível macrossemiótico aponta para a imersão do ecossistema comunicativo na semiosfera, definida por Lotman como o espaço semiótico necessário ao funcionamento e a existência das linguagens, da comunicação, da semiose (LOTMAN, 1996). O nível microssemiótico compreende o trabalho interno realizado pelos sistemas, permitindo que a interação entre eles, no nível macro, ocorra (PEREIRA 2007). Conforme nossa concepção, os níveis macro e microssemiótico de um ecossistema comunicativo compreendem um ao outro, não representando, de modo algum, camadas antagônicas ou repartidas. Esses níveis sugerem, isto sim, dois modos de observar o mesmo processo sócio. Desse modo, a compreensão da interação dos sistemas no nível macro depende do exame de seus trabalhos internos, no nível micro. Destarte, os dois planos só podem ser examinados em separado através de um corte epistemológico que considere a organização interna dos sistemas enquanto eles operam para estabelecer o diálogo entre si.

Se de um lado, a busca por alcançar tais níveis tende a revelar a riqueza da trama semiótica que conforma a ecossistema em exame, de outro, exige um esforço de pesquisa que alcance a complexidade das relações semióticas

tecidas no ambiente. Isto porque, ao focar no trabalho interno dos sistemas, a tendência é encontrar outros sistemas em relação, de modo que qualquer tentativa de delimitar um objeto constituído de signos resulta em outros signos. Dizemos ainda que este é um ecossistema comunicacional no qual natureza e cultura estão em plena continuidade, dado que nele sistemas biológicos humanos (crianças) estão em diálogo com sistemas tecnológicos (mídias), numa relação mediada por sistemas de signos culturais (os aplicativos dos jogos) nos quais crianças e mídias estão completamente mergulhados e dos dependem para entrar em comunicação. Trata-se, portanto, de uma trama de continuidades semióticas que compõe um organismo semiótico único entre crianças, mídias e linguagens. Neste sentido, o modelo teórico proposto também dialoga com a ecossemiótica.

O termo ecossemiótica foi sistematizado formalmente por Winfried Nöth (1998), em artigo de título homônimo cuja primeira versão, em alemão, foi publicada em 1996. Nöth definiu a ecossemiótica como o estudo das inter-relações semióticas entre o organismo e seu ambiente, pressupondo que o centro de interesse de uma ecologia semiótica não é um *homo semioticus*, mas um *organismus semioticus*, sendo ainda mais fundamental o problema da relação entre o organismo e o seu ambiente (NÖTH, 1998, p. 333). Nöth propõe que a ecossemiótica seja um campo em que a investigação dos processos sógnicos não se limite aos signos arbitrários e artificiais, mas também, e talvez até primeiramente, diga respeito às mediações sógnicas naturais entre o organismo e o seu ambiente, propondo que a ecossemiótica desenvolva uma abordagem da semiose fundada na suposição de um limiar semiótico muito baixo entre signos e não-signos, se este limiar não for completamente rejeitado (NÖTH, 1998, p. 333).

Dois anos após a divulgação do artigo de Nöth, Kalevi Kull (1998; 1998a) revisou as definições que nele foram propostas, preocupando-se em estabelecer a diferença entre a ecossemiótica e a biossemiótica. Com essa revisão, ele refletiu sobre horizontes epistemológicos anunciados por esse novo domínio de estudos semióticos, que, conforme sua aposta, pode se tornar um importante campo de pesquisa, de “consideráveis aplicações práticas”, acerca da ecologia humana subjetiva, em outras palavras, da ecologia humana examinada do ponto de vista semiótico, ou ainda sobre as relações natureza-cultura a partir de uma abordagem semiótica. Kull usa o termo “subjetiva” no sentido empregado pelo biólogo Jakob von Uexküll no contexto de sua teoria da significação. Isto significa que tal termo relaciona-se à noção de *Umwelt*, o ambiente subjetivo próprio que cada organismo vivo possui e que é diferente de qualquer outro. A *Umwelt* de cada ser vivo filtra o ambiente externo, denominado “*Innenwelt*”, de acordo com o aparato perceptivo de sua espécie, mediando

o comportamento do organismo com o ambiente externo. Com isso, animais de espécies diferentes podem perceber o mundo exterior de modos muito variados (ARAÚJO, 2004, p. 13-17; UEXKÜLL, 2004, p. 19-47).

A compreensão ecossemiótica de Kull está imbuída de sua crença na ecologia como um projeto que aponta para a superação do dualismo entre homem e natureza, uma vez que os estudos ecológicos podem revelar e explicar como a sociedade humana representa não mais que uma parte do ecossistema e da biosfera, funcionando como um consumidor, entre tantos outros, a participar de ciclos ecológicos no quais estão inclusas todas as plantas, todos os animais, todos os microrganismos e todo o planeta Terra.

Ao mesmo tempo, Kull considera a semiótica, de algum modo, análoga à ecologia, pois, através da demonstração da natureza triádica de todos os processos de interpretação primários e secundários – que estão todos incrustados na semiosfera –, esta também está livre do dualismo mente-matéria (KULL, 1998, p. 347-348). Com isso, para ele, a biossemiótica é uma análise dos sistemas vivos como sistemas de signos, sendo a origem dos signos um dos problemas de sua competência. Em outras palavras, a biossemiótica trata da investigação da semiose na vida, assumindo o limiar semiótico como próximo daquele de onde a vida começou. Já a ecossemiótica é a semiótica das relações entre natureza e cultura, o que inclui a pesquisa dos aspectos semióticos acerca do lugar e da função da natureza para o homem, de quais são e quais têm sido as significações desta para nós, humanos, e como nos comunicamos com ela. Desse modo, a ecossemiótica investiga as semioses que se dão entre o homem e seu ecossistema, podendo estar relacionada à etnologia, à sociologia das relações homem-natureza, à psicologia ambiental, à antropologia do ambiente, ainda que estas lidem mais com aspectos comparativos do que com aspectos semióticos do problema (KULL, 1998, p. 350-351). Assim, Kull distingue a biossemiótica da ecossemiótica, compreendendo esta última como parte da Semiótica da Cultura.

Ecossemiotics is thus quite different from biosemiotics. Ecosemiotics can be considered as a part of the semiotics of culture, which investigates human relationships to nature which have a semiotic (sign-mediated) basis, whereas biosemiotics can be seen as different from the cultural semiotic field. Both, nevertheless, are researching nature from the semiotic point of view (KULL, 1998, p. 351).⁸

⁸ “*Ecossemiótica* é assim completamente diferente de biossemiótica. Ecossemiótica pode ser considerada como uma parte da semiótica da cultura, que investiga o relacionamento humano com a natureza que tem base semiótica (signo-mediado), enquanto que a biossemiótica pode ser vista como sendo diferente do campo da semiótica cultural. Ambas, não obstante, estão pesquisando a natureza do ponto de vista semiótico.”, com livre tradução minha.

Vale observar que a ecossemiótica de acordo com Kull também considera os sistemas biológicos não-humanos. No entanto, ao definir o campo como estudo das relações entre natureza e cultura, ele reivindica que a ecossemiótica também incorpore a investigação da história dos relacionamentos cultura-natureza como desenvolvimento de natureza(s) dentro da cultura(s) (KULL, 1998, p. 351). Com isso, propõe uma compreensão ecossemiótica para além dos limites biológicos, para além do entendimento do mundo natural como sendo apartado da cultura.

The semiotic aspect of man-nature relationships may concern, for instance, the context-dependence of the valuation of nature, differences in seeing and understanding it. Also, it concerns the signal character of the behaviour of a person in nature - when living in a forest, or walking in woods, or seeing it on TV, reading or speaking or dreaming about it. And it certainly concerns the formation of nature, the designing and building of the environment using the human (linguistic, aesthetic, etc.) forms. (KULL, 1998, p. 351).⁹

Ao se referir à investigação das relações cultura-natureza como o estudo do desenvolvimento de diferentes naturezas na cultura, Kull encaminha seu pensamento para refletir acerca das múltiplas naturezas construídas pela *Umwelt* humana, conceituando quatro diferentes naturezas, compreendendo que todas elas estão mergulhadas na semiosfera. Conforme suas definições, a “natureza 0” é a própria natureza, a natureza objetiva, que está, portanto, do lado de fora de nossa *Umwelt*; a “primeira natureza” é a natureza 0 filtrada pela linguagem, uma tradução da “natureza 0” por meio de nosso conhecimento, uma imagem dela ao mesmo tempo mítica, social e científica; a “segunda natureza” é uma natureza artificialmente produzida, materialmente manipulada, modificada pela intervenção humana; a “terceira natureza” é a natureza inteiramente teórica ou artística; é a natureza como vista na arte e na ciência. Visto que estão imersas no interior da semiosfera, todas elas estão em processo, em transformação, em ação de semiose:

Zero nature, at least when living, is changing via ontological semiosis, or via physiosemiosis if applying J. Deely's

⁹ “O aspecto semiótico dos relacionamentos homem-natureza pode dizer respeito, por exemplo, à análise da natureza do contexto-dependência, diferenças em vê-la e entendê-la. Refere-se também ao caráter signico do comportamento de uma pessoa na natureza – ao viver numa floresta, ou ao andar nas madeiras, ou ao assistir a isto na TV, ou ao ler sobre isto, falar sobre ou sonhar com isto. E certamente se refere à formação da natureza, ao esboço e à construção do ambiente usando formas humanas (lingüística, estética etc.)”, com livre tradução minha.

term. The first nature is nature as filtered via human semiosis, through the interpretations in our social and personal knowledge. This is categorized nature. The second nature is changing as a result of ‘material processes’ again, this is a ‘material translation’ in the form of true semiotic translation, since it interconnects the zero and the first (or third), controlling the zero nature on the basis of the imaginary nature. The third nature is entirely theoretical or artistic, non-natural nature-like nature, built on the basis of the first (or third itself) with the help of the second (KULL, 1998, p. 355).¹⁰

Desse modo, este é um campo de estudos ecológicos cujo objeto é a semiose que se desenvolvem no ecossistema, digam eles respeito à “natureza 0” ou às naturezas interpretadas pela *Umwelt* humana; não se trata, de modo algum, de uma visão ecológica voltada aos impactos ambientais ou ao desenvolvimento sustentado. Por esta razão, a ecossemiótica está muito longe de ser uma aplicação da ecologia, como entendida nas ciências naturais (no sentido de seus métodos e fatores ambientais), na semiótica (KULL, 1998, p. 362). É antes uma aplicação desta sobre aquela, na tentativa de desenvolver um ponto de vista apto a alcançar os processos semióticos que colocam cultura e natureza em plena conexão.

Neste sentido, a noção de que a comunicação da criança com as mídias e linguagens do entretenimento constitui um ecossistema comunicativo semiótico aproxima-se mais da compreensão ecossemiótica de Kull, uma vez que esta se estende para o campo da cultura, apresentando a natureza imersa na cultura, na semiosfera. Se conseguíssemos observar, a partir de um ponto de vista microssemiótico, a atuação da criança no referido ecossistema, supomos que seria isto a que teríamos acesso: a mediação promovida pelos textos culturais (videogames e desenhos animados), sendo operada pelo aparato sensorio-motor-cognitivo da criança, de modo que, no momento da interação, a semiose cultural estaria completamente entranhada na natureza biológica humana, com o aparato sensorio-motor-cognitivo da criança agin-

¹⁰ “Natureza zero, pelo menos quando viva, está mudando via semiose ontológica, ou via fisiossemiose, se aplicarmos termo de J. Deely. A primeira natureza é natureza como filtrada via semiose humana, através das interpretações em nosso conhecimento pessoal e social. Esta é natureza categorizada. A segunda natureza está mudando como resultado, outra vez, de “processos materiais”, isto é, uma “tradução material” na forma da verdadeira tradução semiótica, uma vez que ela interconecta a zero e a primeira (ou terceira), controlando a natureza zero sobre as bases da natureza imaginária. A terceira natureza é inteiramente teórica ou artística, natureza não-natural como natureza, construída nas bases da primeira (ou na própria terceira) com a ajuda da segunda”, com livre tradução nossa.

do como mecanismo de tradução dos textos culturais. Recuperando a definição de Nöth, acerca do centro de interesse da ecossemiótica, o que teríamos não seria um *homo semioticus*, mas um *organismus semioticus* constituído pelas relações entre sistema biológico humano (criança), sistemas tecnológicos (mídias) e sistemas do entretenimento (videogames e desenhos animados). Vale dizer que a idéia de organismo constituído por relações entre sistemas já aparece na noção de semiosfera de Lotman, no entendimento de que o espaço semiótico da cultura funciona como um organismo vivo, um mecanismo único. No contexto da perspectiva teórica que foi levantada, a condição de possibilidade para o funcionamento dos ecossistemas comunicativos é a sua imersão na semiosfera.

Imersão do ecossistema comunicativo na semiosfera

Assim como semiose é o conceito mais elementar desta visão ecossistêmica da comunicação, semiosfera é o mais complexo. Ele nos permite compreender que os atos comunicativos não se encerram em si mesmos; eles ocorrem imersos em uma semiosfera, sendo esta a condição de possibilidade para que a comunicação funcione. Um deslocamento teórico como esse amplia sobremaneira a complexidade das relações envolvidas na comunicação. Seguir nessa direção implica considerar a dinâmica da cultura. Não a cultura como produto, artefato, mas a cultura como linguagem, autoeração, semiose.

Quando propôs o conceito de semiosfera, em 1984, Lotman encaminhou seu pensamento para compreender o que ele denominou “continuum semiótico”. Com essa expressão, ele argumentou que os sistemas de signos da cultura não existem por si sós, de modo isolado, preciso, nem funcionam de maneira unívoca. Segundo ele, a separação dos sistemas só seria válida se estivesse condicionada a uma necessidade heurística, uma vez que, de modo separado, nenhum sistema é capaz de trabalhar. Por isso, para ele, os sistemas de signos “só funcionam estando sumergidos en un continuun semiótico, completamente ocupado por formaciones semióticas de diversos tipos y que se hallan en diversos niveles de organización” (LOTMAN, 1996, p. 22).¹¹ Lotman denominou esse continuum semiótico de semiosfera, conceito que formulou por analogia ao conceito de biosfera do cientista russo Vladimir Ivanovich Vernadsky (1863-1945).

Vernadsky definiu a biosfera como um mecanismo cósmico que ocupa um determinado lugar estrutural na unidade planetária. Disposta como uma

¹¹ “Só funcionam quando submersos em um *continuum* semiótico, completamente tomado por formações semióticas de diversos tipos e que se encontram em diversos níveis de organização”, com livre tradução minha.

película sobre a superfície da Terra, envolvendo o conjunto de toda a matéria viva, a biosfera transforma a energia do sol em energia química e física, que se dirige, por sua vez, à transformação da conservadora matéria inerte do planeta. Nela, todas as formas de vida estão ligadas entre si, uma dependendo da outra para existir. Com isso, a biosfera é um espaço completamente ocupado pelo conjunto dos organismos vivos (apud LOTMAN, 1996, p. 23).

Lotman se inspirou também na Biologia, na Teoria da Informação, na Cibernética, na Matemática, na Linguística (influenciado especialmente por Roman Jakobson, a quem dedica o artigo “Acerca de la semiosfera”), na Semiótica (principalmente na Escola de Tártu-Moscou e no conceito de semiose de C. S. Peirce), direcionando seu pensamento para compreender a cultura como um organismo vivo e as relações entre cultura e natureza.

Em “La Cultura e L’Organismo” (1992), texto cuja epígrafe é dedicada ao conceito de noosfera, Lotman faz um esclarecimento fundamental para entender a identidade entre cultura e natureza: “La cultura può essere definita un organismo (al livello semiotico di elaborazione dell’informazione)¹² (LOTMAN, 1992, p. 80). Conforme ele, assim como um organismo vivo, a cultura “è anche fornita di meccanismi simmetrici di omeostasi e di strutture dinamiche asimmetriche, che partecipano all’elaborazione di nuove informazioni”¹³ (LOTMAN, 1992, p. 80). Ao argumentar que a cultura possui mecanismos simétricos de homeostase, Lotman se refere à capacidade dos sistemas de signos da cultura de manterem uma certa autonomia em relação ao espaço semiótico a que pertencem, ainda que dependam dele para existir e nele estejam completamente submersos. Por se comportarem de modo geral conforme essa tendência é que os sistemas são simétricos entre si. Por manterem uma certa identidade, eles também são assimétricos entre si e em relação ao espaço semiótico.

[...] dall’a asimmetria funzionale degli emisferi del cervello umano a quella delle lingue culturali – (ad esempio l’asimmetria “parola-disegno”) – si crea una gerarchia complessa. Ai suoi vari livelli si formano unità semiotiche di grado diverso – “personalità semiotiche” – che da un certo punto di vista sono indipendenti e organizzate simmetricamente e da un altro appaiono invece ele-

¹² “A cultura pode ser definida como organismo (no nível semiótico da elaboração de informação)”, com tradução livre de Adriana Vaz Ramos.

¹³ “Também possui mecanismos simétricos de homeostase e de estruturas dinâmicas assimétricas que participam da elaboração de novas informações”, com tradução livre de Adriana Vaz Ramos. Na fisiologia, a homeostase é a tendência do meio interno do organismo à estabilidade; na cibernética, é a propriedade auto-reguladora de um sistema ou organismo que permite manter o estado de equilíbrio de suas variáveis essenciais.

menti asimmetrici di una simmetria strutturale più alta (LOTMAN, 1992, p. 80).¹⁴

Embora não empregue o conceito de semiosfera é a ele que Lotman se refere ao falar de uma hierarquia complexa organizada, em seus vários níveis, por unidades semióticas, ao mesmo tempo independentes e dependentes, simétricas e assimétricas, constituindo uma simetria estrutural mais alta. Assim, ele trabalha a idéia de que a cultura, na sua integralidade, comporta-se segundo os princípios da homeostase, sendo capaz de manter-se em estado de equilíbrio, por isso funciona como um organismo vivo.

Em “Acerca de la semiosfera”, a concepção da cultura como uma hierarquia complexa aparece novamente. Dessa vez para se referir à divisão da semiosfera em estruturas nucleares e periféricas, sendo esta a sua lei de organização interna:

El espacio semiótico se caracteriza por la presencia de estructuras nucleares (con más frecuencia varias) con una organización manifiesta y de un mundo semiótico más amorfo que tiende hacia la periferia, en el cual están submergidas las estructuras nucleares. Si una de las estructuras nucleares no sólo ocupa la posición dominante, sino que también se eleva al estadio de la autodescripción y, por consiguiente, segrega un sistema de metalenguajes con ayuda de los cuales se describe no sólo a sí misma, sino también al espacio periférico de la semiosfera dada, entonces encima de la irregularidad del mapa semiótico real se construye el nivel de la unidad ideal de éste. La interacción activa entre esos niveles deviene una de las fuentes de los procesos dinámicos dentro de la semiosfera (LOTMAN, 1996, p. 29-30).¹⁵

¹⁴ “Da assimetria funcional dos hemisférios do cérebro humano até aquela das línguas culturais (por exemplo, a assimetria ‘palavra-desenho’), cria-se uma hierarquia complexa. Em seus vários níveis se formam unidades semióticas de graus diferentes – “personalidades semióticas” – que, de um certo ponto de vista, são independentes e organizadas simetricamente e, de um outro ângulo, ao contrário, [são] elementos assimétricos de uma simetria estrutural mais alta”, com livre tradução de Adriana Vaz Ramos.

¹⁵ “O espaço semiótico se caracteriza pela presença de estruturas nucleares (com mais frequência várias) com uma organização manifesta e de um mundo semiótico mais amorfo, que tende para a periferia, na qual estão submersas as estruturas nucleares. Se uma das estruturas nucleares não só ocupa a posição dominante, como também se eleva o estado de autodescrição e, por conseguinte, segrega um sistema de metalinguagens com ajuda dos quais se descreve não só a si mesma, como também o espaço periférico da semiosfera dada, então em cima da irregularidade do mapa semiótico real se constrói o nível da unidade ideal deste. A interação ativa entre esses níveis origina uma das fontes dos processos dinâmicos dentro da semiosfera”, com livre tradução minha.

A concepção de semiosfera como uma hierarquia complexa merece ser mais bem entendida no contexto do pensamento de Lotman. Numa perspectiva evolucionária, ela remonta à preocupação seminal dos fundadores da semiótica da cultura com o estudo da correlação funcional entre os sistemas de signos, com a investigação de como as linguagens se organizam na cultura, distribuindo-se em esferas ora intersectadas, ora apenas fronteiriças. Tal entendimento é tão importante que, entre as teses que inauguraram a semiótica da cultura, ele integra a tese “1.0.0” (IVANOV et al., 2003, p. 99-100).

Na Semiótica da Cultura, é por meio da investigação dos códigos que dão estruturalidade aos textos culturais que a hierarquia entre os sistemas de signos é revelada, revelando como as linguagens estão distribuídas na cultura, se no centro ou na periferia. Desse modo, é a semiose entre os códigos culturais que organiza a hierarquia complexa da semiosfera. Por isso mesmo, é um equívoco tomar tal organização como uma estrutura enrijecida, cristalizada, pois a semiosfera é, sobretudo, o espaço das interações ativas entre esses níveis, havendo nela uma tensão permanente que empurra as estruturas dominantes para a periferia, e as estruturas desta para o centro, muitas vezes colocando-as em choque, sobrepondo-as (LOTMAN, 1996, p. 30).

Ao mesmo tempo, os códigos que são centrais em uma dada esfera podem estar na periferia de outra. Daí que o espaço semiótico da cultura se caracteriza, com frequência, pela presença de várias estruturas nucleares. Além disso, a análise dessa organização depende do ponto de vista do observador que também olha para a cultura, imerso numa semiosfera. Destarte, os textos que resultam de sua investigação não somente são instrumentos científicos para conhecê-la como são metatextos da cultura (IVANOV et al., 2003, p. 132).

Seguindo a tradição da Escola de Tártu-Moscou, Lotman entendeu a cultura como texto. Conforme essa vertente de estudos semióticos, os textos culturais são codificados pelos sistemas de signos da cultura, denominados pelos fundadores dessa escola como “linguagens secundárias”. Com essa denominação, eles procuraram distinguir as linguagens da cultura da língua natural, chamada por eles de “linguagem primária”, tomando os textos produzidos pelas linguagens secundárias como objetos de estudo da semiótica da cultura, estabelecendo uma diferença fundamental entre a semiótica e a linguística. Isto porque, para eles, os textos da cultura não poderiam ser investigados a partir do paradigma da língua natural, cujos textos são codificados pelo código verbal, já conhecido a priori pelo investigador. Diferentemente destes, os textos culturais surgem da junção de, no mínimo, dois sistemas de signos, cujos códigos são, via de regra, desconhecidos pelo investigador. Como são tecidos por linguagens diferentes, os textos culturais expressam o

poliglotismo da cultura, sendo a combinação, entre códigos diferentes, imprescindível à geração de novos sentidos na cultura.

Com isso, o pensamento de Lotman caminhou da compreensão da cultura como texto para o entendimento da cultura como semiosfera, o espaço semiótico em que os sistemas de signos da cultura não funcionam como “detalhes mecânicos, sino como órgãos en un organismo”; daí que “la diversidad interna de la semiosfera presupone la integralidad de ésta” (LOTMAN, 1996, p. 31).¹⁶ Em *Universe of the Mind*, Lotman (1990) argumenta que a semiosfera não apenas é necessária à existência da semiose, mas à existência e ao funcionamento da comunicação e das linguagens. Por isso, para ele, o esquema da comunicação segundo o qual emissor e receptor estão unidos por um canal nada diz sobre o funcionamento dos sistemas de signos:

For it to work it has to be “immersed” in semiotic space. All participants in the communicative act must have some experience of communication, be familiar with semiosis. So, paradoxically, semiotic experience precedes the semiotic act. By analogy with the biosphere (Vernadsky’s concept) we could talk of a semiosphere, which we shall define as the semiotic space necessary for the existence and functioning of languages, not the sum total of different languages; in a sense the semiosphere has a prior existence and is in constant interaction with languages. In this respect a language is a function, a cluster of semiotic spaces and their boundaries, which, however clearly defined these are in the language’s grammatical self-description, in the reality of semiosis are eroded and full of transitional forms. Outside the semiosphere there can be neither communication, nor language (LOTMAN, 1990, p. 123-124).¹⁷

¹⁶ “[...] detalhes mecânicos, e sim como órgãos em um organismo”; “a diversidade interna da semiosfera pressupõe a integralidade desta”, com livre tradução minha.

¹⁷ “Todos os participantes no ato comunicativo devem ter alguma experiência de comunicação, [devem] estar familiarizados com a semiose. Então, paradoxalmente, a experiência semiótica precede o ato semiótico. Por analogia ao conceito de biosfera (concepção de Vernadsky), poderíamos falar de uma semiosfera, que deveríamos definir como o espaço semiótico necessário para a existência e funcionamento de linguagens, não a soma total das diferentes linguagens. Em um sentido, a semiosfera tem uma existência à priori e está em interação constante de linguagens. Neste respeito, a linguagem é uma função, um agrupamento de espaços semióticos cujas fronteiras, por mais claramente definidas, estão em autodescrição gramatical de linguagem, estão, na verdade, corroídas pela semiose e cheias de formas em trânsito. Fora da semiosfera não podem existir nem comunicação nem linguagem”, com livre tradução minha.

De uma só vez, o autor esclarece aspectos importantes de seu conceito: a) a semiosfera é o espaço semiótico necessário para a existência e o funcionamento de linguagens, não é a soma total das diferentes linguagens; b) o funcionamento da semiosfera é semelhante ao da biosfera; c) sua existência é a priori, e nela há interação constante de linguagens; d) as próprias linguagens que interagem no espaço semiótico funcionam como agrupamento de outros espaços semiosféricos, sendo que suas fronteiras estão corroídas (desgastadas, porosas, abertas) pela semiose, permitindo o trânsito de muitas formas por meio delas; e) o argumento de que fora do espaço semiótico da semiosfera não pode haver comunicação nem linguagem.

Já em *Acerca de la semiosfera*, Lotman definiu que só dentro do espaço semiótico os processos de comunicação e a produção de novas informações são possíveis (LOTMAN, 1996, p. 23). Logo, se a semiosfera é espaço necessário para a existência e o funcionamento das linguagens, da comunicação e da geração de novos sentidos, os ecossistemas comunicativos funcionam imerso na semiosfera. Desse entendimento extraímos algumas consequências para o estudo do ecossistema comunicativo da criança com as linguagens do entretenimento: ao menos no momento em que o jogo é jogado ou em que o desenho animado é assistido, crianças, mídias e linguagens funcionam mergulhadas na semiosfera.

Outra implicação importante é que a semiosfera não apenas é análoga à biosfera como está representada no ecossistema comunicativo estudado pela criança, está mergulhada na semiosfera. Do mesmo modo, os sistemas tecnológicos, representados pelos suportes das mídias, ao atuarem na produção e na enunciação das linguagens (sobre isso ver PEREIRA, 2007) também são sistemas culturais imprescindíveis ao funcionamento da semiosfera, especialmente no atual estágio da cibercultura. Isto nos fez definir criança e mídias como sistemas semióticos culturais, uma vez que ambos tanto operam como são operados pelas linguagens em atuação na semiosfera. Nesse ambiente, as linguagens fazem a mediação entre cultura e natureza, colocando-as em continuidade semiótica no interior da semi-osfera.

A compreensão de como criança e suportes tecnológicos atuam no espaço semiótico colaborando para o funcionamento das linguagens passa pela investigação do nível microssemiótico do ecossistema. Por hora, supomos que conseguimos expor os fundamentos teóricos para entender as relações de interdependência entre os três sistemas que conformam o ecossistema comunicativo estudado em nossa pesquisa anterior.

Referências

ARAÚJO, E. F. *A teoria da Umwelt de Jakob von Uexküll*. Apresentação. Galáxia/Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. São Paulo: Educ; Brasília: CNPq, n. 7, abril, 2004, p. 13-17.

BATESON, G. *Steps to an Ecology of Mind*. New York: Ballantine, 1972.

DUPUY, J. *Nas origens das ciências cognitivas*. São Paulo: Unesp (Biblioteca Básica), 1996.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

IVÁNOV, V.V.; LOTMAN, I.M; PIATIGÓRSKI, A.M; TOPÓROV, V.N.; USPIÊNSKI, B. A. Teses para uma análise semiótica da cultura (uma aplicação aos textos eslavos) [trad. port. de Irene Machado, colaboração de Marina Tenório, Gerson Tenório dos Santos e Renata Costa]. In: MACHADO, I. *Escola de Semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial/FAPESP, 2003, p. 99-132.

LOTMAN, I. M. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto* (selección e traducción del ruso Desiderio Navarro). Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 1996.

_____. *La Semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio* (selección e traducción del ruso Desiderio Navarro). Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 1998.

_____. *La Semiosfera III: semiótica de las artes y de la cultura* (selección e traducción del ruso Desiderio Navarro). Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 2000.

_____. *Universe of the mind: a semiotic theory of culture* (translated from Russian by Ann Shukman). Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1990.

_____. *La Cultura e L'Organismo*. In: LOTMAN, I. M. *La semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti* (traduzione dal russo di Simonetta Salvestroni). Venezia: Saggi Marsilio, 1992.

KIM, J. H. Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural. *Horizonte Antropológico*. Porto Alegre, n. 21, p. 199-219, jan./jun., 2004, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n21/20625.pdf>>, Acesso em 11 mar. 2012.

KULL, K. Semiotic ecology: different natures in the semiosphere. In: *SIGN Systems Studies*. Tartu: Tartu University Press, v. 26, 1998, p. 344-371.

_____. On semiosis, Umwelt, and semiosphere. *Semiotica*, v. 120, n. 3/4, p. 299-310, 1998a.

NÖTH, W. Ecosemiotics. In: *SIGN Systems Studies*. Tartu: Tartu University Press, v. 26, 1998.

PEIRCE, C. S.; HARTSHORNE, Charles (ed.); WEISS, Paul (ed.). *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge; Harvard University Press, v. 1-6, 1931-1958.

PEIRCE, C. S. (1931-1958); BURKS, Arthur (ed.). *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. v. 7-8, Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958.

_____. *Semiótica*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PEREIRA, M.F. Ecosistemas comunicacionais: uma definição conceitual. In: MALCHER, M.A.; SEIXAS, N.S.A.; LIMA, R.L.A.L.; FILHO, O. A. (orgs.). *Comunicação Mediaticizada na e da Amazônia*. Belém: Fadesp, 2011 (Comunicação, Cultura e Amazônia, 2).

_____. As linguagens do entretenimento. In: *SEMEIOSIS*. Semiótica e transdisciplinaridade em revista. Setembro de 2010. [suporte eletrônico] Disponível em: <<http://www.semeiosis.com.br/as-linguagens-do-entretenimento/>>. Acesso em 11 mar. 2012.

_____. “Porcarias”, inteligência, cultura: semioses da ecologia da comunicação da criança com as linguagens do entretenimento, com ênfase nos games e nos desenhos animados. 2005. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

PEREIRA, M.F.; LOPES, R.D.; MACHADO, I.A. Segredos do Joystick. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos. *Anais eletrônicos...* Santos: Intercom,

2007, disponível em:<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1370-1.pdf>> Acesso em: 11 mar. 2012.

SANTAELLA, L. *Teoria geral dos signos*. Semiose e autogeração. São Paulo: Ática, 1995.

UEXKÜLL, T.V.. A teoria da Umwelt de Jakob von Uexküll. *Galáxia/Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP*. São Paulo: Educ; Brasília: CNPq., n. 7, p. 19-47, abril, 2004.

WIENER, N. *Cibernética e sociedade*. O uso humano dos seres humanos. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

Sistemas conceituais e processos cognitivos: as relações entre a linguagem e o pensamento no desenvolvimento da comunicação verbal infantil

Claudio Manoel de Carvalho Correia¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise dos estágios de formação dos conceitos desenvolvidos pelo psicólogo russo Lev S. Vygotsky, utilizando como arcabouço teórico as Categorias Cenopitagóricas, ou Categorias Fenomenológicas da Experiência desenvolvidas pelo filósofo-lógico-matemático norte-americano Charles Sanders Peirce. As análises desenvolvidas neste trabalho apresentam teorias que apontam para uma perspectiva semiótica de estudo do desenvolvimento da linguagem e da cognição, revelando singularidades, regularidades e sistematização no processo de formação dos conceitos, revelando a estreita relação entre o desenvolvimento das faculdades mentais e o desenvolvimento da comunicação verbal infantil.

Palavras-chave: Desenvolvimento da Linguagem. Desenvolvimento Cognitivo. Formação dos Conceitos.

Introdução

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma interpretação das etapas de formação dos conceitos desenvolvidas por Lev S. Vygotsky, tendo como base um dos conceitos mais importantes do pensamento filosófico de Charles Sanders Peirce: a Fenomenologia e as Categorias Formais da Experiência.

A perspectiva fenomenológica que será apresentada neste capítulo baseia-se nas *Categorias da Experiência*, ou *Categorias Cenopitagóricas* desenvolvidas por Peirce, por oferecerem, devido ao seu alto grau de abstração (porém com uma admirável formalização interna de seus conceitos) uma nova perspectiva para a observação dos processos de formação dos conceitos sistematizados por Vygotsky. Assim, este capítulo fornecerá fortes argumentos para um diálogo e uma fusão das teorias semióticas aos estudos do desenvolvimento da linguagem e cognição, à medida que um estudo da formação dos conceitos,

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e Mestre em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professor Adjunto do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas – Ufam, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – PPGCCOM / Ufam. Desenvolve pesquisas na área da Semiótica aplicada ao Desenvolvimento da Linguagem e Cognição.

ou signos, em uma terminologia semiótica, aponta para uma série de questões relacionadas ao desenvolvimento das faculdades mentais dos indivíduos.

A interpretação que será realizada, fundamentada na teoria de Peirce sobre as categorias universais da experiência, constitui-se em um arcabouço teórico de extrema importância para os estudos sobre linguagem e cognição, na medida em que a partir de percepções imediatas e concretas, o pensamento se desenvolve para níveis mais abstratos e conceituais. Dessa forma, o nível inicial, a *primeiridade*, evolui, desenvolve-se, como é característico às teorias de Peirce, ao nível da *terceiridade*, da racionalização passando pela mediação da *secundidade*, da ação e reação, em um processo de crescimento e evolução.

O que Peirce nos legou foram categorias lógicas que neste capítulo serão aplicadas ao campo das manifestações cognitivas, porque, a partir desta perspectiva fenomenológica, poderemos visualizar por outro viés a forma como se processa o desenvolvimento da formação dos conceitos, ou signos, no indivíduo.

O objetivo primordial da aplicação desses conceitos fenomenológicos aos estágios ou, no dizer de Vygotsky (1989), *fases de formação de conceitos*, visa uma análise fenomenológica desses estágios do desenvolvimento cognitivo humano, por servirem como arcabouço teórico para a interpretação das formas como, nesses estágios, os indivíduos experimentam e simbolizam o mundo, ou seja, apreendem a experiência.

No rastro das percepções, no caminho da evolução dos signos: um diálogo entre os pensamentos de Peirce e Vygotsky para o entendimento da dinâmica das abstrações

A fenomenologia, na perspectiva peirceana funciona como base fundamental para qualquer ciência, porque observa os fenômenos e, através da análise e estudo radical, desenvolve formas e postula aquilo que é universal, ou seja, as propriedades inerentes a esses fenômenos observados. Portanto, é da fenomenologia que devem emergir as categorias universais a toda e qualquer forma de experiência e de pensamento.

Vale ressaltar que as categorias da experiência são o limite da abstração. Assim, a fenomenologia de Peirce extrai os três modos e os três aspectos gradativos nos quais cada elemento se apresenta mais básico e superficial do que o outro. Esses aspectos que se apresentam na superficialidade são observáveis no desenvolvimento gradativo da *primeiridade para a terceiridade*.² O grande avanço

²Para uma melhor compreensão das categorias formais da experiência desenvolvidas por Peirce, recomendo a leitura de dois livros que explicam toda a complexidade desta teoria de forma bastante didática, com exemplos e aplicações: estou falando dos livros *O que é Semiótica* (1983) e *Semiótica Aplicada* (2002), ambos de Lucia Santaella, professora titular da PUC-SP e maior especialista em Peirce na América Latina.

analítico do uso dessas categorias no campo das manifestações cognitivas, no nosso caso, na aplicação aos estágios de formação dos conceitos de Vygotsky, está no fato de que os fenômenos, ou *phanerons*, nos termos de Peirce, podem ser vistos na perspectiva de um campo específico de conhecimento.

Dessa forma, as categorias como elementos formais podem ser analisadas dentro de suas materialidades específicas no campo das manifestações cognitivas, especificamente nos estágios específicos de formação dos conceitos, à medida que os conceitos são, na perspectiva peirceana, exemplos de terceiridade que se desenvolveram do fenômeno apreendido inicialmente em nível de primeiridade.

Meu objetivo em utilizar o arcabouço teórico da fenomenologia de Peirce no desenvolvimento de uma interpretação semiótica dos estágios de formação dos conceitos não se apresenta como uma simples operacionalização dos conceitos que emergem das categorias peirceanas aos conceitos de Vygotsky. Este autor desenvolveu um sistema que descreve a formação gradativa dos conceitos, porém sem utilizar um conceito de signo capaz de explicar o engendramento dos processos de significação, objetivação e interpretação em uma perspectiva fenomenológica que descrevesse as singularidades, diferenças e especificidades destes processos que nascem de uma percepção imediata do fenômeno apreendido. O sistema desenvolvido por Vygotsky descreve o desenvolvimento dos conceitos, ou seja, signos, porém sem descrever a lógica semiótica de desenvolvimento do signo.

Um dos maiores méritos das pesquisas desenvolvidas por Vygotsky foi sua teoria sobre o desenvolvimento do comportamento linguístico considerando sua inter-relação e interdependência com o desenvolvimento dos processos cognitivos, levando-o a desenvolver um sistema organizado que descrevesse o desenvolvimento gradativo dos conceitos na criança, dos primeiros anos até o final da adolescência.

Vygotsky (1989) depois de uma série de críticas aos métodos empregados por seus contemporâneos na análise do desenvolvimento e da formação dos conceitos, apontou para a necessidade de um método que permitisse ao estudioso dos processos de cognição observar, sobretudo, a dinâmica interna do processo de formação de conceitos. Algumas críticas podem ser observadas no que concerne ao *método de definição*, método utilizado por um dos dois grupos apontados por ele como responsáveis pelo estudo dos conceitos. Segundo Vygotsky (1989), este método, à medida que lida com o produto acabado da formação dos conceitos, negligencia a dinâmica e o desenvolvimento do processo em si mesmo.

Outra crítica importante é que, ao mesmo tempo em que este método está centrado na palavra, ele renega a percepção, a elaboração mental e o ma-

terial sensorial que origina o conceito. É exatamente neste ponto que começo a iniciar uma conexão entre a fenomenologia de Peirce e o sistema de formação de conceitos desenvolvidos por Vygotsky. É exatamente do seu próprio discurso e, principalmente, de suas críticas que se percebe a importância de um estudo fenomenológico que leve em conta o processo de percepção e sua evolução para o nível conceitual.

No segundo grupo, a crítica relevante desenvolvida por Vygotsky é sobre o estudo da abstração, levando em conta apenas o papel psíquico na formação dos conceitos e negligenciando o papel fundamental da palavra (definido por ele como símbolo) na formação dos conceitos. Nas palavras de Vygotsky (1989, p. 46), “um quadro simplificado substitui a estrutura complexa total por um complexo parcial. [...] Dessa forma, cada um desses dois métodos tradicionais separa a palavra do material da percepção e opera ou com uma, ou com outro”.

Portanto, o que encontramos nas definições desses dois métodos tradicionais é a separação radical da palavra (enquanto símbolo) do material da percepção, e a operação com um ou com outro (VYGOTSKY, 1989).

Uma das definições primordiais para entendermos as relações entre os conceitos e os processos intelectuais é a teoria de que um conceito não é uma função isolada, imutável ou estagnada. De forma contrária a essas definições, é uma função eminentemente ativa, e é parte de um todo do processo intelectual. É nesse sentido que venho buscando um diálogo entre as teorias desses dois pensadores, Charles Sanders Peirce e Lev. S. Vygotsky, à medida que ambos possuem visões que confluem para uma mesma direção: *o caráter ativo e eminentemente dinâmico dos processos intelectuais e, sobretudo a visão mediadora dos conceitos, ou signos, nesse processo.*

A descoberta principal dos estudos de Vygotsky é a de que o desenvolvimento dos processos que resultam na formação dos conceitos começa na fase mais precoce da infância, porém, as funções intelectuais que formam o substrato psicológico da formação dos conceitos amadurecem somente na puberdade.

Como observou Vygotsky (1989, p. 49-50)

As descobertas principais de nossos estudos podem ser assim resumidas: o desenvolvimento dos processos que finalmente resultam na formação de conceitos começa na fase mais precoce da infância, mas as funções intelectuais que, numa combinação específica, formam a base psicológica do processo da formação de conceitos amadurece, se configura e se desenvolve somente na puberdade.

Neste sentido, o que encontramos em seus estudos são pesquisas cuja ênfase está na importância de observar todo o processo de desenvolvimen-

to do estágio inicial ao estágio final, sobretudo visto como uma atividade eminentemente ativa e complexa. Essa característica de observação por um prisma que estrutura o desenvolvimento dos conceitos em uma perspectiva de crescimento gradativo e direcionado para um ponto ou objetivo é um dos elementos que fazem da teoria de Vygotsky passível de uma análise com base nas categorias formais da experiência. As categorias fenomenológicas descrevem um processo de desenvolvimento gradativo da primeira categoria, apreendida em nível de percepção, passando por uma segunda categoria intermediária, e evoluindo para uma terceira categoria mais complexa, resultante do desenvolvimento da percepção à transformação sógnica e cognitiva. O próprio Vygotsky (1989, p. 50) nos chama a atenção para essa característica de crescimento gradativo em sua teoria da formação dos conceitos:

No que diz respeito à composição, estrutura e operação, esses equivalentes funcionais dos conceitos têm, para com os conceitos verdadeiros, uma relação semelhante à do embrião com o organismo plenamente desenvolvido. Equiparar os dois significa ignorar o prolongado processo de desenvolvimento entre o estágio mais inicial e o estágio final.

A base psicológica desse processo, como foi descrita por Vygotsky, amadurece e se desenvolve em um processo complexo e gradativo, desenvolvendo-se através de fases, especificamente três, tendo seu desenvolvimento pleno em sua última etapa. Nesse sentido, mostra o caráter essencialmente dinâmico da estrutura desenvolvida por ele para mapear a formação dos conceitos e mostrar como a mente se organiza. Essa estrutura é caracterizada por seu dinamismo e evolução, desenvolvendo-se de um ponto inicial, passando por processos complexos, até o seu pleno amadurecimento. Essas pesquisas desenvolvidas sob o método da *dupla estimulação* demonstraram que todo o processo, até a formação dos conceitos, passa por três fases básicas.

Vygotsky apresenta três fases na formação de conceitos: a primeira fase é denominada, *agregação desorganizada* ou *amontado*; a segunda fase, subdividida em várias outras fases, é denominada, *Pensamento por Complexos*, e a última fase é intitulada como, *Conceito Propriamente Dito*.

A interpretação semiótica que irei desenvolver neste capítulo sobre as fases de formação dos conceitos de Vygotsky, como já explicitiei anteriormente, não se apresenta como uma simples operacionalização dos conceitos peirceanos às teorias vigotskyanas. Vygotsky realmente desenvolveu um sistema altamente complexo que demonstra a evolução dos conceitos, porém, não teorizou um conceito de signo que explicasse o desenvolvimento

dos processos de formação dos conceitos em si mesmos. Vale ressaltar que Vygotsky ao discutir sobre o signo, apresentava sérias críticas ao tradicional conceito saussureano de signo, baseado em uma relação diádica entre um significante e um significado, em outros termos, entre o veículo e o conceito que é representado por esse veículo. Para Vygotsky, esse conceito de signo, utilizado a partir da primeira metade do século XX por diversas áreas do conhecimento que usavam e abusavam do método estrutural criado por Saussure, e atualizado pelos funcionalistas da Escola de Praga, era estático, imutável, e não demonstrava a dinâmica da evolução dos conceitos na mente dos indivíduos.³

Em busca de uma interpretação semiótica para o sistema de formação dos conceitos: desvendando as leis e regularidades do pensamento verbalizado

Em um primeiro momento pode parecer óbvia a busca de uma interpretação semiótica para os estágios de formação dos conceitos de Vygotsky, no momento em que fala de conceitos, está explicitamente falando de signos, e na literatura corrente de áreas como psicologia cognitiva e pedagogia, o termo “semiótica” é exaustivamente utilizado como sendo a função básica das representações e interpretações humanas, portanto, simbolizações.

A relação que estou estabelecendo neste capítulo vai muito além de um sentido básico do termo “semiótico” como sendo “simbólico”; nasce da questão de que o sistema de formação conceitual desenvolvido por Vygotsky descreve o desenvolvimento progressivo dos conceitos como formações psicológicas superiores, porém, este sistema não explica o desenvolvimento de singularidades e especificidades fenomenológicas dos conceitos como instrumentos e entidades essencialmente semióticas. Para um entendimento real dos conceitos como entidades semióticas, há a necessidade de entendermos a lógica do desenvolvimento dos conceitos como entidades sgnicas, que emergem de uma relação perceptiva da experiência para um nível de generalização e cognição que pode ser entendido pela teoria peirceana do signo, como uma entidade na qual os elementos estão em constante relação e interação.

³ Para uma melhor compreensão das críticas de Vygotsky ao conceito saussureano de signo, recomendo a leitura do capítulo *Bilinguismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem*, escrito por mim e por Eulalia Fernandes no livro *Surdez e Bilinguismo* (2011). Neste capítulo, fazemos uma apresentação do conceito tradicional de signo desenvolvido por Saussure e, também, das críticas desenvolvidas por Vygotsky ao conceito tradicional de signo oriundo do estruturalismo linguístico.

As categorias demonstram o desenvolvimento gradativo e fenomenológico das ferramentas cognitivas que o homem utiliza para transformar o universo da experiência em linguagem, ou seja, em signo. Assim, a linguagem, em nível de terceiridade, constituída “por” e “em” signos, carrega no seu cerne os níveis anteriores responsáveis por sua evolução. Linguagem é terceiridade e, assim, é essencialmente semiótica.

Dessa forma, os processos gradativos de formação dos conceitos, vistos em uma perspectiva semiótica, demonstram os níveis de primeiridade e de secundidade internos à terceiridade. Seguindo uma perspectiva fenomenológica, os níveis de primeiridade, secundidade e terceiridade, em outros termos, qualitativos, de ação e reação e de racionalização, podem ser observados internamente nos estágios de formação dos conceitos desenvolvidos nos estudos de Vygotsky.

A análise dos elementos de primeiridades, secundidade e terceiridade servem tanto para demonstrar o desenvolvimento das percepções imediatas em generalizações e interpretações, como para descrever especificidades semióticas nas diferentes etapas dos estágios de formação dos conceitos. Vale ressaltar que esta capacidade de simbolização é específica da espécie humana e se apresenta como uma clara demonstração dos processos cognitivos de tradução do universo da experiência em linguagem: um sistema semiótico complexo, altamente organizado e específico, responsável pela transformação do natural em cultural, do perceptível em racional e, sobretudo, do pensamento em comunicação.

A questão do desenvolvimento dos conceitos está profundamente relacionada com o próprio desenvolvimento da complexidade do pensamento humano, e, dessa forma, as categorias peirceanas da experiência se apresentam como uma forma de desenvolvimento da percepção até sua consequente transformação em signo; além de se apresentar como uma teoria profundamente satisfatória para as ciências cujo foco de estudo é o desenvolvimento cognitivo, por mostrar os processos através dos quais o pensamento humano transforma a relação com a experiência em signo. Nos termos de Peirce, estamos falando do processo gradativo de *evolução da primeiridade em terceiridade* e, numa perspectiva vygotskyana, no *desenvolvimento da experiência imediata em conceitos formais*. Vale atentar para o fato de que em ambas as teorias o núcleo de suas discussões está na busca do entendimento de como a cognição é engendrada. Dessa forma, acredito que um diálogo entre a fenomenologia de Peirce com os estágios de formação dos conceitos de Vygotsky, trarão significativas contribuições para o entendimento das traduções da experiência em generalizações e das características e especificidades semióticas que estão subjacentes aos conceitos formados pelos indivíduos nas etapas de desenvolvimento da comunicação e cognição.

Para Peirce, as experiências imediatas são apreendidas na primeiridade, enquanto que os conceitos, como formas de pensamento autocontrolado, são fenômenos de terceiridade. Assim, defendendo uma união e um diálogo entre a fenomenologia de Peirce, e sua lógica que descreve o desenvolvimento gradativo das experiências em generalizações com a teoria dos estágios de formação dos conceitos de Vygotsky, que demonstra o processo gradativo e organizado de formação dos conceitos. Seguirei neste capítulo com estes dois paradigmas para entender a evolução natural dos conceitos, em outros termos, dos signos na mente humana que dão sentido aos processos da comunicação verbal e do pensamento verbalizado.

Na medida em que para Peirce, em sua fenomenologia, o processo gradativo de desenvolvimento da primeiridade e suas percepções qualitativas evoluem para uma terceiridade simbólica, que demonstram exatamente a evolução das percepções qualitativas do homem para processos de racionalização, interpretação, simbolização e, sobretudo, generalização; para Vygotsky a formação dos conceitos se apresenta como uma forma de libertação do homem de um contexto perceptual imediato, através de processos de abstração. Vale ressaltar que os conceitos são observados pelas atividades da comunicação verbal e do pensamento dos indivíduos, portanto, através de símbolos em nível de terceiridade, e, por isso, foi escolhida a perspectiva teórica adotada por Sheriff (1994) para explicar os mecanismos de percepção do homem, baseando-se nas categorias da experiência de Peirce. Porém, Sheriff defende que a percepção humana já se apresenta como uma forma de terceiridade.

Segundo Sheriff (1994, p. 18) a primeiridade, secundidade e terceiridade são categorias que demonstram um processo evolutivo que está subjacente a todas as leis, sejam elas naturais, físicas ou mentais. O desenvolvimento do universo físico, visto pelas categorias da experiência, é apenas uma parte da história: *a tendência ao crescimento está presente em todas as leis*. E, não podemos esquecer que todas as regularidades que encontramos nos fenômenos do universo são comandadas por leis. Assim, para Sheriff, o que encontramos em todas as regularidades que organizam o caos da primeiridade monádica é a tendência para o crescimento: objetivo de todas as leis.

Ao observarmos a explicação de Sheriff, começa a ficar claro que o sistema de formação dos conceitos de Vygotsky pode ser interpretado pela teoria das categorias peirceanas da experiência, uma vez que, como um sistema que descreve o desenvolvimento e a formação dos conceitos na mente dos indivíduos, ele segue regularidades cujo objetivo é o crescimento do nível do *amontoado* até sua evolução ao *conceito propriamente dito*. Não tenho dúvidas de que o conceito de crescimento através de regularidades e leis que está no centro da fenomenologia peirceana, é o mesmo encontrado tanto

em fenômenos físicos, como em fenômenos mentais, e também no sistema de formação dos conceitos, na medida em que Vygotsky buscava em seus trabalhos entender exatamente as leis de desenvolvimento dos fenômenos psicológicos superiores, ou seja, fenômenos mentais.

Como as leis fenomenológicas da primeiridade, secundidade e terceiridade são encontradas em todos os fenômenos, elas podem ser encontradas nas manifestações psicológicas e cognitivas estudadas por Vygotsky.

Para Sheriff (1994, p. 31), na lógica evolucionária de Peirce, a primeiridade corresponde às qualidades e mônadas, ou seja, possibilidades; na secundidade encontramos as reações e díades, ou seja, as qualidades não podem emergir isoladas, mas em relação a uma outra, em algum tipo de existência; Já a terceiridade, é apresentada como sendo continuidade e tríades. Vale ressaltar que para Sheriff as leis fundamentais que regem a mente são as mesmas leis que regem o universo. Assim, não há uma separação entre o ontológico e o fenomenológico; porém, sempre há a predominância de uma das categorias em um determinado fenômeno.

A importância desta discussão para o entendimento da interpretação que será realizada neste capítulo está no fato de que, na análise da formação dos conceitos, não há a gradação da primeiridade, secundidade e terceiridade de forma totalmente linear. Nenhum processo interpretativo, por mais rudimentar que seja (como os que ocorrem na fase dos *amontoados*) são formas de primeiridade: por serem formas rudimentares de interpretação, *os amontoados* são fenômenos de terceiridade. O que existe de primeiro na experiência humana, ou seja, naquilo que iremos chamar, utilizando a terminologia vygotskyana, de “percepções imediatas”, são formas de terceiridade, ou seja, formas de representação e de relações triádicas.

Segundo Sheriff (1994, p. 31):

Even though we can never fully separate physical and psychical reality in Peirce's theory, evolution hypothetically moves from Firstness to Secondness to Thirdness (there could be no Secondness without Firstness and no Thirdness without Firstness and Secondness), but human perception is almost exclusively of the nature of Thirdness. Thus, what is first in the order of creation or evolution is Firstness, oneness, the monad, chaos; what is first in human experience is Thirdness, triadic relation, representation, continuity. This, of course, is why all treatment of anything outside of Thirdness is purely hypothetical.

Dessa forma, Sheriff (1994, p. 32) conclui que:

Or to put it in Peircean terms, our only experience or perception of Firstness or Secondness is always for us Third-Firstness or Third-Secondness [...]. What is last in the order of evolution is first in human experience. Thought is representation; it is signs of signs.

Essa interpretação é de extrema importância para a análise que pretendo realizar neste capítulo: as interpretações que emergem das percepções imediatas, que Vygotsky classifica como “fases de formação dos conceitos”, podem ser interpretadas pelas leis da fenomenologia peirceana, na medida em que seguem as leis de crescimento da primeiridade para a terceiridade. Porém, o que deve ficar claro, é que as fases de formação dos conceitos, por serem em seus estágios iniciais, rudimentos de interpretações, são formas de terceiridade com elementos de primeiridade e de secundidade.

Assim, com o objetivo de entender as leis de crescimento fenomenológico que estão subjacentes às fases de formação dos conceitos, irei analisar os níveis de *Terceira-Primeiridade*, de *Terceira-Secundidade* e de *Terceiridade*, que estão presentes na teoria da formação dos conceitos desenvolvidas por Vygotsky para explicar o crescimento das funções psicológicas superiores e os mecanismos de mediação utilizados pela criança para traduzir o universo da experiência imediata.

Elementos formais das categorias universais de Peirce no sistema de formação dos conceitos de Vygotsky

Como foi discutido no subitem anterior, a proposta de união das duas teorias, a saber, a fenomenologia de Peirce e a formação dos conceitos de Vygotsky, servirá para demonstrar como modalidades de pensamento são geradas a partir da relação eminentemente direta com a experiência, demonstrando que características podem ser encontradas, e que demonstrem o processo fenomenológico de apreensão da experiência em signo, ou seja, qualidades, relações factuais e racionalizações, nas distintas etapas de formação dos conceitos.

Iremos seguir na análise com os conceitos de *Terceira-Primeiridade*, *Terceira-Secundidade* e *Terceiridade*, à medida que, entendemos que os processos de percepção e de conceituação observados por Vygotsky para desenvolver seu sistema de formação dos conceitos se apresentam como percepções com rudimentos de interpretação; rudimentos de interpretações com ênfase na factualidade e na relação direta com a experiência, e interpretações racionais e conceituais, mais completas e desenvolvidas que se assemelham ao conceito de terceiridade. Vale observar que em todas as fases de evolução dos

conceitos encontramos relações triádicas, ou seja, terceiridade, com a predominância da primeira, da segunda ou terceira categoria formal da experiência.

Vygotsky, ao apresentar as fases de formação de conceitos, já citadas anteriormente, afirma que é exatamente na primeira fase, no *amontoado*, que a criança dá seu primeiro passo para a formação de conceitos, agrupando objetos desiguais, agrupados sem qualquer fundamento, revelando uma extensão difusa e não direcionada do significado do signo. Este processo foi assim, descrito por Vygotsky (1989, p. 51):

Neste estágio, o significado das palavras denota, para a criança, nada mais do que um conglomerado vago e sincrético de objetos isolados que, de uma forma ou outra, aglutinaram-se numa imagem em sua mente. Devido à sua origem sincrética, essa imagem é extremamente instável.

Nesse estágio, a palavra começa a ter significado, porém, tudo em termos cognitivos está instável na criança; ela começa a *agregar* o significado das palavras ao seu mundo, ou seja, a sua experiência que está ainda desorganizada.

Assim, a palavra começa a tomar forma, apesar de seu significado vago, que leva ao uso de recursos extralinguísticos no decorrer desse processo. Devemos observar que nessa etapa da formação dos conceitos, as primeiras palavras estão *nubladas*, porque o pensamento e a linguagem estão ainda em processos separados de desenvolvimento.

Se analisarmos o que Peirce conceituou em sua Fenomenologia como *Primeiridade*, encontraremos profundas relações com o primeiro estágio de formação dos conceitos apresentados por Vygotsky.

Na *Primeiridade* encontramos as sensações, qualidades, percepções eminentemente subjetivas e independentes de qualquer juízo, ou percepção objetiva. É a característica da liberdade e simplicidade que dá o ponta pé inicial no processo de apreensão dos fenômenos. Nesse sentido, é uma *percepção vaga*, definida somente por sua subjetividade e independente de qualquer outra categoria.

Nesse sentido, o primeiro estágio de formação dos conceitos, a *agregação desorganizada* ou *amontoado*, equivale à primeira categoria fenomenológica de Peirce, a *Primeiridade*, devido ao seu caráter instável, qualitativo, nublado e, sobretudo, inicial e vago. Porém, como foi discutido no subitem anterior, as percepções humanas são formas de terceiridade, de relações triádicas, com a predominância da primeira, segunda ou terceira categoria. Nesse caso, a fase da *agregação desorganizada* ou *amontoado* é para a criança uma forma de *Terceira-Primeiridade*.

No segundo estágio do processo de formação dos conceitos, encontramos muitas variações de um tipo específico de pensamento que Vygotsky (1989, p. 53) intitulou de “*pensamento por complexos*”.

No que concerne a esse estágio, o que deve ser observado é que, os objetos isolados associam-se na mente da criança não apenas devido às impressões subjetivas da criança, porém, devido “às relações que de fato existem entre esses objetos” (VYGOTSKY, 1989, p. 53). Trata-se de uma nova aquisição, uma passagem para um nível ou estágio mais elevado. Nesse estágio, a palavra começa a tomar forma mais nítida no processo. Esse estágio, como já foi discutido, é dividido em diversas subfases que visam descrever as formas como o pensamento é organizado.

Vygotsky observou em suas pesquisas cinco tipos básicos de complexos que se sucedem uns aos outros durante o estágio do *pensamento por complexos*. O primeiro tipo, ele chamou de *associativo*, o segundo de *coleções*, o terceiro, o *complexo em cadeia*, o quarto foi o *complexo difuso* e o quinto de *pseudoconceito*.

Ao longo da teorização sobre o *pensamento em complexos* e suas subfases, uma questão parece bastante clara nas definições de Vygotsky sobre esse segundo estágio da formação dos conceitos: seu *caráter factual*, sua *natureza ativa*, caracterizada por *ações*, *reações* e, sobretudo, *conexões* e *associações* que não possuem a lógica de um conceito propriamente dito, mas, funciona como estágio de mediação, através de suas conexões e associações para o estágio final e fundamental dos conceitos lógicos.

Vygotsky deixa claro em sua segunda fase, diversas características que a aproximam da categoria peirceana da *secundidade*, de relação direta com a experiência, de choque e reação. Vale ressaltar algumas das características dessa categoria universal, como: ação de um sentimento, reação específica a esse sentimento, reação do indivíduo a um estímulo. É a categoria da *Secundidade* que dá à experiência seu caráter factual, de ação e reação, de luta e de confronto.

Vygotsky (1989) nos deixa diversos exemplos de características factuais e concretas (características da *secundidade*) que fazem parte de seu pensamento por complexos, tais como a natureza diádica e dual do pseudoconceito; fazendo a ponte entre o estágio inicial e o estágio final. Em outros termos, o pensamento em complexos é a fase que realiza a mediação entre dois estágios, um inicial e o outro final, lógico e abstrato:

Em um complexo, as ligações entre seus componentes são concretas e factuais, e não abstratas e lógicas, da mesma forma que não classificamos uma pessoa como membro da família Petrov por causa de qualquer relação lógica entre ela e os outros portadores do mesmo nome. A questão nos

é resolvida pelos fatos. [...] As ligações factuais subjacentes aos complexos são descobertas por meio da experiência direta. Portanto, um complexo é, antes de mais nada, um agrupamento concreto de objetos unidos por ligações factuais. Uma vez que um complexo não é formado no plano do pensamento lógico abstrato, as ligações que o criam, assim como as que ele ajuda a criar, carecem de unidade lógica; podem ser de muitos tipos diferentes. Qualquer conexão factualmente presente pode levar à inclusão de um determinado elemento em um complexo. É esta a diferença principal entre um complexo e um conceito.

Outro exemplo que Vygotsky (1989, p. 55) aponta é que, “a formação em cadeia demonstra claramente a natureza factual e perceptivamente concreta do pensamento por complexos”.

Nesses exemplos está explicado e claramente definido o caráter de secundidade intrínseco ao estágio do pensamento por complexos, a saber, as ligações são *factuais*, dependentes da *experiência direta*, típicas das *relações diádicas* que caracterizam o plano da secundidade, não sendo formado no plano “conceitual”, ou seja, do pensamento lógico abstrato. Desta forma, os complexos possuem, devido ao seu substrato factual, características de secundidade, enquanto que os conceitos, definitivamente, lógicos e abstratos (devido ao seu caráter simbólico) pertencem ao universo da terceiridade.

Assim, devido aos diversos exemplos que Vygotsky utiliza para classificar a fase do *pensamento por complexos*, irei classificá-la como uma forma de *Terceira-Secundidade*, uma vez que, todos os subníveis desta fase apresentam como característica básica a relação direta com os elementos da experiência, de conexão e factualidade típicas da categoria da secundidade. No entanto, como estou falando de formação de “conceitos”, estou, simultaneamente, falando de “signos”, de formas de percepções que carregam características de representatividade e objetivação típicas da categoria da terceiridade, assim, não estou falando de percepções imediatas, e, dessa forma, posso concluir que essa fase pode ser interpretada como uma *Terceira-Secundidade*.

A última fase da formação dos conceitos, descrito por Vygotsky como *conceito propriamente dito*, define-se por ser um estágio maduro e experiente; com natureza *analítica*, *sintética* e *lógica*. É uma etapa caracterizada por sua *abstração* e por combinações somente passíveis de serem feitas devido ao seu nível intelectualmente e logicamente superior aos dos outros estágios.

Fernandes (1993, p. 13) assim a definiu “As funções mentais elementares participam de uma combinação específica. O desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar”.

A partir dessas observações sobre o último estágio de formação dos conceitos posso fazer um paralelo das características básicas com os conceitos da terceira categoria universal de Peirce: a *Terceiridade*. Nestes termos, a fase do *conceito propriamente dito* pode ser interpretada como uma Terceiridade propriamente dita, pelo seu alto nível de abstração, generalização e racionalização. Além de ser a fase final, ou seja, o objetivo e dir,pa que caracteriza o último estágio de formação dos conceitos.

Assim como na fenomenologia de Peirce, onde a *Primeiridade* evolui para a *Secundidade*, até a *Terceiridade*; nas fases de Vygotsky, também temos um processo evolutivo semelhante, onde o *Amontoado* evolui para o *Pensamento por Complexos*, até o *Conceito propriamente dito*. Em minha interpretação semiótica para os estágios de formação dos conceitos de Vygotsky, o Amontoado, como uma Terceira-Primeiridade, evolui para o Pensamento por Complexos, uma Terceira-Secundidade, até seu objetivo final, o Conceito propriamente dito, que classificamos como Terceiridade, ou Terceira-Terceiridade.

Todo este processo pode ser exemplificado através da seguinte figura:

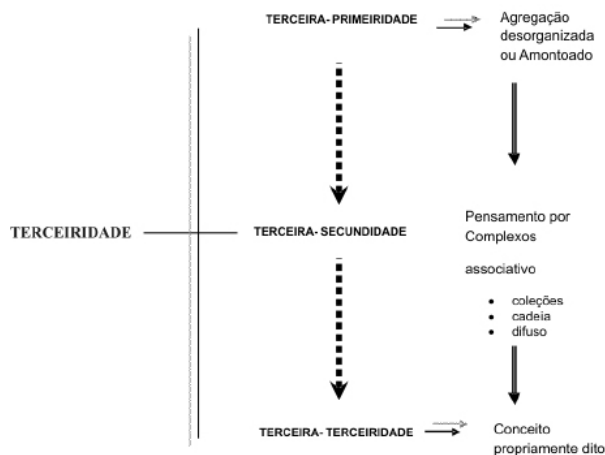


FIGURA 1 – O Processo evolutivo das Categorias da Experiência e a Formação Gradativa dos Conceitos.

Sob a perspectiva fenomenológica peirceana das três categorias universais, a estrutura postulada por Vygotsky para descrever o desenvolvimento da formação dos conceitos em três estágios ou fases, ganha um sentido evolutivo, um caráter de progressão em direção à complexidade lógica, responsável pelas diversidades e variedades cognitivas e linguísticas. Nesses termos, as categorias em seu processo contínuo de expansão servem para explicar

semioticamente a teoria das três fases que estão em um processo gradativo de evolução, em direção ao desenvolvimento da formação dos conceitos.

Para Vygotsky e Peirce, ou seja, tanto na teoria da formação dos conceitos, como na teoria peirceana do signo, o que encontramos são teorias altamente complexas que buscam explicar as formas como classificamos a experiência através de nossas percepções imediatas. Os objetivos de ambas as teorias são muito próximas, porém suas diferenças estão no fato de Vygotsky ter se preocupado com a explicação do desenvolvimento deste processo numa perspectiva psicológica e com ênfase na análise de sujeitos empíricos; enquanto que para Peirce, seu objetivo era o de buscar categorias universais, aplicáveis a qualquer fenômeno. Vygotsky se preocupou com a observação psicológica, já Peirce, se preocupou em buscar uma lógica de engendramento das significações. O ponto de união de ambas as teorias está no fato de que elas se complementam enquanto arcabouços teóricos, permitindo a criação de arcabouços teórico-metodológicos aplicáveis às manifestações cognitivas.

Segundo Oliveira (2005, p. 68) “a libertação do mundo das impressões imediatas remete, inicialmente, à distinção entre homem e animal e à transposição entre sensação e pensamento, e relaciona-se, historicamente, à intervenção e uso de instrumentos e de signos mediadores”.

Dessa forma, o desenvolvimento dos conceitos, ou seja, dos signos, se apresenta como uma forma de evolução de uma percepção da experiência em nível de primeiridade, questão discutida por Vygotsky como sendo uma forma de descontextualização da realidade imediata que demonstra uma mudança evolutiva de fundamental importância para os seres humanos. A formação dos conceitos, na perspectiva de Vygotsky, e a terceiridade na perspectiva de Peirce, são formas de níveis superiores de generalização e de abstração altamente organizados como formas superiores de conhecimento que transformam a experiência em cognição.

Considerações finais

Neste capítulo realizei uma análise dos estágios de formação dos conceitos de Vygotsky sob uma interpretação fenomenológica peirceana. Como pôde ser observado, a análise fenomenológica fundamentada na teoria de Peirce sobre as categorias universais da experiência constitui um arcabouço teórico importante para os estudos da linguagem e da cognição, porque, como observou Fernandes (1993, p. 12): “A partir das generalizações primitivas o pensamento verbal desenvolve-se até o nível dos conceitos mais abstratos”. Dessa forma, o nível vago e inicial, a *primeiridade*, evolui, desenvolve-se, como é característico às teorias de Peirce, ao nível da *terceiridade*, da raciona-

lização, interpretação, cognição. Porém, todo esse processo, em seu percurso evolutivo, passa pela mediação da *secundidade*, da ação e reação, causa e efeito.

Assim, posso concluir que na primeira fase descrita por Vygotsky, *agregação desorganizada* ou *amontoado*, encontramos características inerentes à primeira categoria fenomenológica de Peirce, a *primeiridade*; na segunda fase de formação dos conceitos, isto é, o *pensamento por complexos* e em suas cinco subdivisões, encontramos fundamentos da segunda categoria peirceana, a *secundidade*; e na terceira e última fase de formação dos conceitos, *conceito propriamente dito*, há, elementos singulares a terceira, mais racional e lógica, sobretudo, a mais complexa das categorias fenomenológicas peirceanas, a *terceiridade*.

Meu objetivo ao articular a fenomenologia de Peirce aos estágios de formação dos conceitos de Vygotsky está relacionado ao fato de que através das categorias fenomenológicas, categorias formais que demonstram as formas como as percepções imediatas evoluem para níveis superiores de generalização, podemos perceber uma lógica fenomenológica que está internamente presente nos estágios de formação dos conceitos, mostrando singularidades e especificidades, como a predominância de elementos qualitativos, existenciais e de generalização que são observáveis nos processos de comunicação verbal infantil.

Neste trabalho, defendo o argumento de que há um processo gerativo e sistêmico de desenvolvimento da comunicação verbal que interrelaciona os sistemas cognitivos da mente infantil com o sistema linguístico em desenvolvimento com vistas à comunicação efetiva. O estudo realizado neste capítulo sobre as bases fenomenológicas e formais das *Categorias da Experiência* de Charles Sanders Peirce permite observar os princípios de organização sistêmica da comunicação verbal da criança como um processo gerativo, que relaciona cognição e linguagem, tendo como resultado a emergência das representações do mundo da experiência na comunicação verbal infantil.

Referências

FERNANDES, Eulalia. Desenvolvimento do Comportamento Linguístico da Criança. *Saúde, Sexo e Educação*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 2, mar, 1993, p. 6-16.

FERNANDES, Eulália; CORREIA, Claudio Manoel de Carvalho. Bilinguismo e surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem. In: FERNANDES, Eulália (Org.). *Surdez e bilinguismo*. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011, p. 7-25.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Escola e desenvolvimento conceitual. *Lev Semenovich Vygotsky: uma educação dialética*. São Paulo: Segmento-Duetto, n. 2, 2005, p. 68-75.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SHERIFF, John K. *Charles Peirce's guess at the riddle: grounds for human significance*. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

As redes sociais e a liquidez na sociedade 140 bytes: sob os olhos da coruja de Minerva

Sérgio Augusto Freire¹ de Souza

Resumo: As Tecnologias de Informação e Comunicação estão reconfigurando o sujeito contemporâneo, lhe possibilitando novas características. Com as mudanças do sujeito, vem junto uma nova estruturação social, com características que podem ser metaforizadas pelo Twitter. As novas reconfigurações alteram a forma da sociedade se organizar e as próprias relações entre os sujeitos, deslocando significativamente os processos de linguagem e de comunicação, que se apresentam líquidos.

Palavras-chave: Redes Sociais. Sujeito. Comunicação. Linguagem.

As novas tecnologias alteram a estrutura dos nossos interesses: as coisas *sobre* as quais pensamos. Alteram o caráter de nossos símbolos: as coisas *com* que pensamos. E alteram a natureza da comunidade: a arena na qual os pensamentos se desenvolvem. Neil Postman, *Tecnopólio*.

Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar e caracterizar a Internet como possibilitadora de redes sociais digitais e suas implicações para a redefinição do sujeito contemporâneo, para a linguagem e para a formatação de um paradigma epistemológico social emergente.

Buscaremos atingir o objetivo seguindo um roteiro. Primeiramente, circunscreveremos o cenário. Em seguida, nos aproximaremos dos conceitos de sujeito, sociedade e linguagem, centrais para a análise e a caracterização propostas. Na sequência, apresentaremos o Twitter como exemplo da metáfora de nosso tempo. Por fim, compartilharemos algumas inquietações decorrentes da abordagem dos conceitos-chave, fundamentais para a compreensão do momento conceitual pelo que passa a sociedade contemporânea.

¹ Doutor em Língua Portuguesa (Unicamp), professor do Mestrado em Letras (Ufam) e Mestrado em Ciências da Comunicação (Ufam). Líder de Pesquisa do Grupo Discurso e Práticas Sociais (Ufam/CNPq). E-mail: sergiofreire@ufam.edu.br.

Com o roteiro estabelecido, iniciamos as considerações delimitando o espaço do objeto escolhido.

Estabelecendo o cenário

Já há algum tempo temos pensado a Internet e seus desdobramentos como objeto de estudo (SOUZA, 1996, 1998, 1999, 2000, 2008). Mais de uma década se passou desde o primeiro texto publicado. Uma década é um tempo infinito para transformações estruturais na relação entre a informática, a Internet e a sociedade.

O tempo em que vivemos se sustenta em paradigmas diferentes dos das décadas de 1970 e 1980. Esses novos paradigmas são novos para nós que os vimos surgir, mas são referenciais dominantes para os que já nasceram e vivem em sua plena vigência. Porque a sociedade é dinâmica e movente e está em constante transformação, esses novos referenciais tendem a se reconfigurar, tornando-se igualmente anacrônicos para a geração seguinte, em um ciclo infinito.

Uma diferença entre o paradigma em que as gerações de 1960 e de 1970 viveram como iniciais e que são constitutivos de sua formação individual e social é o paradigma do átomo (NEGROPONTE, 1995). Para essas gerações, o acesso à informação era feito exclusivamente por meio de impressos, jornais, revistas etc., exigindo a produção de um objeto concreto, palpável, a ser manuseado.

Uma consequência decorrente do mundo impresso é a de que, por necessidade, o conhecimento precisa ser buscado nas fontes materiais. Isso tornava a tarefa de aprender necessariamente planejada, dispendiosa de esforços e, por isso, valorizada. Por outro lado, uma desvantagem de se viver sob o paradigma do átomo é a necessária exploração de recursos naturais renováveis e não renováveis para a produção da informação. Para produzir o LP, o ancestral do CD, é preciso petróleo; a produção de livros era e ainda dependente de celulose e, portanto, da derrubada de árvores. O paradigma do átomo envolve deslocamento no espaço e consumo de tempo, pois a locomoção dos átomos, sejam pessoas ou objetos, assim o requer.

Hoje, estamos vendo o advento do paradigma do *bit*. *Bit* é uma palavra em inglês formada pela união do sintagma “BInary digIT”, ou dígito binário, fazendo referência ao mundo digital, à vida digital. *Bit*, por extensão, significa uma pequena porção de informação. Assim, ainda que para muitos não seja totalmente perceptível, estamos nos movendo de uma era do concreto para uma era do abstrato, de uma era da indústria de manufatura para a uma era da indústria da informação. Schaff (1990) chama a sociedade contemporânea

de “Sociedade Informática”. Lévy (1996, 1999) chama a atenção em seus trabalhos para o modelo virtual emergente e para essa nova mentalidade a que chama de “cibercultura”. Castells (2003) nomeia esse espaço de discursividade como “A galáxia da Internet”, fazendo um claro paralelo com o que McLuhan (1972) chamou de “A galáxia de Gutenberg”.

Independente do rótulo, que mais aponta o recorte dado por quem rotula do que altera o caráter constitutivo do fato rotulado, é certo que a sociedade atual está em pleno processo de reestruturação conceitual. Mais do que uma era de mudanças, estamos protagonizando uma mudança de era, com tudo que isso implica.

Assim, são várias as formas de recortar esse momento como objeto de estudo. À já citada reflexão do percurso que fizemos até aqui juntamos os referenciais teóricos da Análise de Discurso (AD) (PÊCHEUX, 1997; ORLANDI, 1999). Com a AD, a forma de pensar o simbólico na linguagem nos ajuda a compreender a história das ideias, para definir os limites e explicitar nossos olhares sobre a questão.

Começemos, pois, nossa pequena jornada pela construção conceitual. Ela nos permitirá compreender nossa reflexão de forma mais consistente.

O Sujeito

A noção de sujeito é indispensável para pensar a sociedade. Destarte, começemos pensando em duas configurações históricas por que a sociedade ocidental passou quanto à subjetividade.

A primeira deu-se na Idade Média, quando o sujeito podia ser caracterizado pelo teocentrismo. Naqueles tempos, a Igreja Católica determinava tudo, inclusive as verdades. No entanto, como afirma Kuhn (2003), todo paradigma se desgasta. O discurso religioso católico prevaleceu até o fim do Séc. XVII, sofrendo abalos, entre eles os causados pela Reforma luterana. Esse enfraquecimento fez com que aquele fim de século ficasse conhecido como a Era das Trevas, exatamente pelo definhamento das referências teocentradas.

Com René Descartes, no início do Séc. XVIII, o homem encontra novamente um rumo, perdido com o enfraquecimento do teocentrismo como referência. Com seu *cogito* – “Penso! Logo existo!” –, Descartes apresenta a razão como a nova referência. A Ciência, que dela derivava, passa a se constituir como o novo paradigma para o sujeito. O sujeito, antes teocêntrico, agora era logocêntrico, fundado e alicerçado no *logos*. Pela razão, o sujeito cartesiano iluminou-se, dando origem ao Iluminismo.

A passagem do teocentrismo para o logocentrismo se deu sem rupturas, num contínuo. Da mesma forma, estamos vivendo sem rupturas um

novo deslocamento conceitual. Autores como Marx (1988), Freud (1996) e Foucault (1987, 1999), nos seus campos específicos, minaram o sujeito cartesiano, super-homem da razão. Marx mostrou que ainda que seja um determinador dos fatos do mundo, o homem é também produto de sua história. Freud propôs que a subjetividade não está na consciência ou na razão, mas no inconsciente. Foucault afirmou que estamos sujeitos às nossas práticas de pensamento, sendo, portanto, determinados mais de fora para dentro do que de dentro para fora. Um corte narcisístico e tanto.

Claramente, o sujeito se desloca do logocentrismo para outro lugar. Esse lugar é caracterizado pela determinação histórica, pelo inconsciente e pela ideológica. De um sujeito agente, tem-se um sujeito contingente, determinado pela alteridade e disperso, ainda que na ilusão de ser um só. É o sujeito pós-moderno, que se define pelas conjunturas.² Com essa noção operacional de sujeito pós-moderno trabalharemos para pensar a organização da sociedade.

A Sociedade

Aproximar-se de dois conceitos tão complexos quanto o de sujeito e o de sociedade no escopo de um artigo é um risco grande que estamos usando correr. Tais riscos na ciência se minimizam por meio do recorte para se aproximar do objeto. Aqui, o conceito de sociedade será compreendido a partir dos efeitos gerados pela noção de sujeito numa visada pós-moderna.

Dizer que o sujeito é pós-moderno é defini-lo de fora para dentro. A alteridade que lhe constitui se caracteriza pela construção valorativa e ideológica, historicamente determinada, que lhe funda a subjetividade via linguagem. Somos produtos do processo de ser, resultados do que temos sido. Além do sujeito contingente, a pós-modernidade se caracteriza pelo fim das certezas, pelo esgotamento das grandes receitas ou das grandes narrativas, no dizer de Lyotard (1998). Essa combinação entre o sujeito e seu cenário reconfigura a dinâmica social.

Um sujeito contingente que tem de responder às vicissitudes da realidade dinâmica, sem receitas prontas *a priori*, e que tem, por isso mesmo, de construir *on the fly* suas pequenas narrativas para poder lidar com o cotidiano é um sujeito bem distinto do sujeito cartesiano logocêntrico. Trata-se aqui de um sujeito movente, ágil, fragmentado, cuja identidade antes fixa e identificável compõe-se agora por processos de identificação voláteis, circulantes e dinâmicos.

²Em outro texto, vamos mais a fundo na diferença entre modernidade e pós-modernidade (SOUZA, inédito).

A rigidez de papéis que esse sujeito ocupa se flexibiliza. Resiliência é a palavra. Como peça-chave da organização social, o sujeito pós-moderno engendra novas configurações sociais. Esses deslocamentos e essa reorganização se fazem visíveis em várias áreas.

A Escola, por exemplo, com um modelo herdado do taylorismo, não mais atende às necessidades do aluno que a ela chega. A Escola tradicional privilegia a competência memorística e desconsidera a competência relacional de que tanto o aluno de hoje necessita para não se afogar em informações. Ao fazer isso, carimba-se anacrônica e se torna dispensável. Não é mais de provimento de informação que o aluno precisa. A informação está fluando ao alcance das mãos na Internet, nas TVs, nas rádios, nas revistas. O que o aluno necessita é saber como lidar com esse volume imenso de informação, separar as informações relevantes das irrelevantes, relacioná-las entre si e produzir novas informações, sem sucumbir ao excesso de oferta. Ou a Escola dá isso ao aluno ou ele se vai.

No jornalismo, outro exemplo, o monopólio de comentadores e atravessadores da informação espatifou-se. Vivemos uma época em que as pessoas comuns têm o poder de conduzir informações para as massas como nunca antes conduziram. Os grandes conglomerados de mídia não conseguem noticiar tão rapidamente nem com tanta precisão como aqueles que estão na cena em que tudo está acontecendo. Já é clássico o furo dado sobre a queda do avião da US Airways na Baía de Hudson, em Nova Iorque, por um usuário que estava numa das barcas que ali atravessam. Momentos após a queda, ele postou a foto do avião na água no site Twitpic, via Twitter, pelo seu telefone celular.³

Nas relações públicas, ainda outro exemplo, o vetor se inverteu. Em vez dos clientes buscarem as empresas, as empresas é que vão atrás dos clientes, em uma espécie de *push selling*. O bordão “O cliente sempre tem razão” adquire novos significados com esse deslocamento nos papéis.

Os exemplos nas várias áreas poderiam se expandir por páginas. Não é preciso. A velocidade das reconfigurações sociais e o nomadismo do sujeito pós-moderno deixam clara a urgência de olhar cada área e se perguntar que alterações se apresentam, que papéis criam, apagam ou recriam. Não dá para ignorar indagações sobre como as relações entre os protagonistas se dão nessa nova ordem.

Sejam quais forem as arenas para a análise social, dois conceitos se apresentam como transversais para a compreensão: o conceito de informação e o conceito de conexão. Se antes o ser humano se caracterizava por ser um *sujeito coletivo*, hoje ele se expande para se caracterizar como um *sujeito*

³ Cf. reportagem em <http://tinyurl.com/a7zkwh> e a foto em <http://twitpic.com/135xa>.

conectivo. A exclusão social se amplia quando a má distribuição de renda não impede somente o acesso aos aparelhos sociais, mas impede antes, o que é mais grave, o acesso à circulação do sujeito pelas esferas da informação e seu acesso às ferramentas cognitivas para lidar com elas. Assim como na cultura escrita, o conceito de analfabeto digital já é insuficiente. Não basta ter acesso às informações online. É preciso saber o que fazer com elas. O letramento digital é a mais recente bandeira a ser desfraldada.

Informação e conexão se inter-relacionam em um espaço específico. A arena do exercício da subjetividade conectiva é a rede social. Por isso, abordaremos o conceito a seguir.

A Internet e as Redes Sociais

Não é preciso para os nossos propósitos relatar a história da Internet. Há vários bons trabalhos sobre isso. Exemplos são Ercilia & Graeff (2008), Castells (2003) e Hafner & Lyon (1996). Esse último, inclusive, desfazendo o mito de que a Internet teria sido criada em nós pensando na sobrevivência da Rede a um ataque. O que nos interessa aqui é o desdobramento da Internet como um espaço de fomento para as redes sociais.

No prefácio de *Elementos para uma história das ciências*, Michel Serres (1995) nos ensina que os olhares humanos em cada época não descobrem os conceitos, mas os recriam. Apesar de bastante utilizada, a noção de redes sociais não constitui uma forma recente e original de representar a realidade. Sua ideia já existia desde a mitologia, através do imaginário da tecelagem e do labirinto. A rede tornou-se uma forma privilegiada de representar a realidade contemporânea – o ‘teatro das circulações’, na fórmula de Parrochia (2001, p. 17).

A complexidade das redes foi esboçada também por Dürkheim. Ao tratar da função da divisão social do trabalho, o autor diz que “cada um depende tanto mais estreitamente da sociedade quanto mais dividido for o trabalho nela e [...] a atividade de cada um é tanto mais pessoal quanto mais for especializada” (DÜRKHEIM, 1999, p. 108).

Ampliando o conceito de Dürkheim para além da divisão social do trabalho, Castells (2003) formula a concepção da sociedade em rede ou da sociedade informacional. Para ele, a sociedade contemporânea é caracterizada pela predominância da forma organizacional da rede em todos os campos da vida econômica e sociocultural. Essa forma de estabelecimento de relações sociais por meio de redes, a que chama de “sociabilidade”, permite a formação de comunidades, de grupos constituídos a partir de identidades construídas por interesses comuns. Ainda segundo Castells, os grupos sociais mais fortes adaptam-se às novas condições da sociedade informacional, permeada por fluxos e

redes de comunicação-informação, utilizando as novas potencialidades abertas pelo acesso às novas tecnologias de informação e comunicação.

Essa adaptação contrasta fortemente com os processos da fragmentação e de segmentação que se observa entre os setores sociais mais fragilizados da sociedade. Há os “espaços de lugares” dos fragilizados contrapostos aos “espaços de fluxos” dos dominantes. Nesse contexto, as redes sociais surgem reinventando novas formas de democratização e de construção da cidadania nos níveis local, nacional e global. A geografia deixa de ser espacial e passa a ser semântica.

Um pressuposto deste trabalho é de que nossa qualidade de vida está ligada à qualidade de nossos relacionamentos. “Quando duas pessoas se encontram um terceiro mundo é criado” (ROBBINS, 2009). A interação bidirecional torna-se rapidamente uma interação multidirecional, que, por sua vez, cria conversações, que criam as redes sociais.

Redes sociais partem do conceito básico de horizontalidade, como uma malha, fios ligados horizontalmente, sem ganchos de sustentação. As redes são importantes porque nela todos que participam o fazem por motivação própria, não por obrigação ou hierarquia. As redes sociais são organizadas em nós por algum liame: amizade, parentesco, interesses econômicos, interesses afetivos, interesses políticos etc. O que caracteriza uma rede social são os nós e não o suporte.

As redes sociais têm a função de criar um corpo coletivo, “de modular um *ethos*”, nas palavras de Maffesoli (2000, p. 2). O autor diz ainda que “sobre alguns assuntos nós vibramos em uníssono” (op. cit., p. iv) e segue advogando que estamos vivendo uma espécie de neotribalismo: “De fato, contrariando a estabilidade induzida pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, as reuniões pontuais e a dispersão” (idem). Maffesoli não se refere às redes sociais digitais, mas suas afirmações descrevem surpreendentemente bem o que acontece nessas redes, proporcionadas pela popularização e ampliação de uso da Internet.

As redes sociais digitais consistem num fenômeno de massa que está mudando a forma como todos nós criamos e usamos conteúdos publicados e circulados na Internet. Toda a teorização sobre redes sociais se redesenha e ganha nova materialidade com os recursos da Internet. E devido à dinâmica do sujeito contingente e movente, as redes são voláteis, líquidas, mas espessas e consistentes. Assim, ainda que comumente sejam nomeadas como tais, conceitualmente Orkut, Facebook e Twitter não são redes sociais digitais, mas suportes digitais para redes sociais. Nesses suportes digitais, as redes sociais se fazem, se desfazem e se refazem. Nelas acontecem “a realocação dos *poderes do derretimento* da modernidade”, como afirma Bauman (2001, p. 13).

Dentre os deslocamentos causados pelas redes sociais digitais, e corroborados pelo sujeito contingente da pós-modernidade, está a mudança de direcionalidade do processo de informação social. O que antes era um processo verticalizado, de cima para baixo, dos sujeitos autorizados para o público consumidor, hoje é um processo horizontalizado e distribuído. A informação circula entre os nós da malha da rede de forma igual e rápida. Quando estávamos começando a nos acostumar com a ideia de que ter informação era ter poder, nos vemos diante da necessidade de rever o conceito porque o poder não está mais em acumular a informação, mas em distribuí-la de forma significativa.

Quando falamos de informação, não é de qualquer informação que falamos. Mas de uma informação *commodity*, isto é, uma informação com características funcionais para o tempo atual. Para ter valor, essa informação tem de ser acessível, rápida, concisa, clara e relevante. Informação inacessível é informação inexistente. Mesmo acessível, uma informação que demande muito tempo para ser processada é descartada. Acessível e rápida, a informação não pode ser rasa, tendo que trazer o máximo semântico no mínimo linguístico, daí a necessidade de concisão. Passadas essas etapas de escrutínio, avalia-se sua relevância para sua utilização ou seu descarte. A informação na Rede é autorregulada pelo princípio da relevância. O conteúdo significativo é critério soberano e o não-significativo torna-se marginal. Todos os que acessam a Internet são consumidores e produtores ao mesmo tempo. Os intermediários da informação estão sendo eliminados. Os advogados (*ad vocare*, falar por) do conteúdo agonizam.

Segundo dados da IDC's Digital Marketplace Model and Forecast,⁴ quase um quarto da população mundial acessa a Internet, sendo esse quarto responsável por todo o deslocamento que a Rede traz. Nas redes sociais digitais, o princípio de Pareto⁵ toma corpo e se permite visualizar.

Além de todas essas características, a Internet ainda valoriza duas outras: a simplicidade e a massa crítica. Simplicidade é autoexplicativa e massa crítica é um sintagma utilizado para descrever a existência de um momento em um sistema social suficiente de tal forma a dar a esse sistema autossustentabilidade para crescimento autônomo. A Massa Crítica é que torna possível a exclamação popular: “Isso pegou!”.

Assim, fechamos a abordagem aos conceitos de sujeito e de sociedade. A subjetividade pós-moderna é caleidoscópica. A identidade é fragmentada

⁴ Cf. <http://tinyurl.com/paretonet>.

⁵ A lei de Pareto, também conhecida como princípio 80-20, afirma que para muitos fenômenos, 80% das consequências advêm de 20% das causas. A lei foi sugerida por Joseph M. Juran, que deu o nome em homenagem ao economista italiano Vilfredo Pareto.

em processos de identificação móveis de um sujeito contingente que, embora seja um só empiricamente, se constitui pela pluralidade. A sociedade pós-moderna não se sustenta mais em grandes e duradouras receitas, mas em microconjunturas reais organizadas pela informação acessível, rápida, concisa, clara e relevante. Essa reconceituação do tempo, muito mais fugaz do que antes, e do espaço, muito mais semântico do que geográfico, trouxe a liquidez como um conceito atravessado nas práticas cotidianas.

A liquidez e a linguagem líquida

O conceito de liquidez que usamos nesta reflexão é tributário a Bauman (2001, 2004, 2007, 2007b, 2008). Em suas várias obras, o sociólogo polonês usa o conceito de liquidez para se referir à rapidez e resiliência com que valores, afetos, conceitos, tudo enfim, se modifica no que chama de modernidade líquida.

Bauman diz que a modernidade em que vivemos hoje é líquida, diferente da modernidade sólida do passado. Nos primeiros estágios da modernidade sólida, o sólido foi derretido apenas para que fosse substituído por sólidos mais sólidos. Hoje essa intenção foi anulada, e espera-se que os novos sólidos sejam temporários, que eles durem o tempo que precisem durar, até chegar a notícia de que novos vieram para substituí-los. Não se espera que eles sejam perfeitos e durem para sempre. Espera-se somente que sejam melhores do que os anteriores, mas piores do que aqueles que, no tempo exato, chegarão para substituí-los. Todas as substituições precisam ser vistas como uma solução momentânea, esperadas para durar, e não mais que isso, até as próximas soluções mais satisfatórias sejam encontradas e ocupem o seu lugar.

Para o Bauman ainda, os sólidos da sólida era moderna derretem. Não porque foram rejeitados, mas porque não pareciam sólidos o suficiente. Eram espécies de produtos defeituosos que se esperava que fossem consertados pelos avanços da ciência e da tecnologia para melhor servir às relações humanas. Nos tempos atuais, ao contrário, os sólidos derretem simplesmente porque o sólido não é mais bem-vindo. Tudo é feito para durar pouco. O que antes parecia possuir encanto, pela novidade prometida e inexplorada, perdeu o fascínio. O sólido atrapalha o local, que precisa ficar livre para o novo chegar, novo sempre mais atraente, prometendo sensações ainda não experimentadas, prazeres ainda não vividos. O perigo, na forma de hipotecar o futuro e limitar as escolhas, está no que é sólido, não no que é líquido. Na liquidez, todas as escolhas e formas de vida parecem possíveis.

Bauman não aborda a questão da linguagem. Mas inevitavelmente o conceito de liquidez atravessa também as questões linguísticas. Além de su-

jeito e de sociedade, acreditamos ser esse um terceiro conceito-chave para a compreensão dos tempos em vivemos. Vamos tentar explicitar o que seria essa liquidez na linguagem revisitando algumas referências da linguística.

As três concepções de linguagem

Há três formas de compreender a linguagem, segundo Bakhtin (1999). A primeira entende a língua como um sistema de regras abstrato e objetivo. A segunda a define como um ato de vontade subjetiva do sujeito. A terceira a pensa como um processo material e dialético entre seres falantes no mundo.

Bakhtin chamou a primeira orientação de objetivismo abstrato. A ela se filia a visão gramatical e a saussuriana (SAUSSURE, 1969). O autor chamou a segunda de subjetivismo idealista. Nela estão as vertentes da estética e da arte. Criticando as duas por não darem conta da linguagem, Bakhtin propôs uma terceira forma, o dialogismo. No dialogismo a linguagem é ideológica e o sentido se produz na enunciação.

Desenvolvido no começo do século passado, o desenho bakhtiniano das três concepções é um ponto de partida. No entanto, carece, para nossos propósitos, de algumas ampliações conceituais. Para melhor entender as concepções bakhtinianas, recorreremos ao trabalho de Gallo (1992).

Gallo desenvolve os conceitos de Discurso da Escrita (DE) e de Discurso da Oralidade (DO). A autora afirma que a materialidade linguística foge ao suporte da oralidade e da escrita para sua caracterização. Dito de outra forma: é possível que textos escritos sejam filiados ao DO e textos falados filiados ao DE. Um bilhete seria exemplo do primeiro e a leitura da Bíblia numa missa exemplo do segundo. De novo: não é o suporte que caracteriza se o discurso é oral ou escrito, mas suas propriedades discursivas.

Abordando o discurso indígena, Orlandi & Souza trazem outras noções fundamentais para nossos propósitos: os conceitos de língua imaginária e o de língua fluida. Dizem as autoras: “se a língua imaginária é a que os analistas fixam na sua sistematização, a língua fluida é a que não pode ser contida no arcabouço dos sistemas e fórmulas” (ORLANDI; SOUZA, 1988, p. 34).

Unindo os conceitos acima apresentados, podemos definir o que vem a ser linguagem líquida. A linguagem líquida é o produto de sujeitos em contextos dialógicos de enunciação, por meio do discurso da escrita ou do discurso da oralidade, que atualiza a língua imaginária por meio de sua vertente fluida. Isso significa dizer que o sujeito fragmentado da pós-modernidade, organizado em redes sociais por meio da informação significativa, liquidifica a linguagem sólida (a língua imaginária do objetivismo abstrato e da gramáti-

ca) de forma a dar conta das contingências do tempo. Diz-se para significar. O sentido foge às tentativas de contê-lo, escorrendo para se fazer presente de outra forma em outro lugar.

Resumindo nosso percurso até aqui: a subjetividade se constroi a partir das contingências. O sujeito se organiza socialmente por meio de redes sociais em torno da informação, que deve ser acessível, rápida, concisa e relevante. A Internet trouxe novos suportes para a organização das redes sociais, possibilitando as redes sociais digitais. Nelas, a linguagem é líquida e fluida e sempre significa em formulações demandadas pelo suporte, criando um sujeito impaciente com tempo infinito.

Não por acaso, esse cenário e suas propriedades casam muito mais com os mais jovens do que com as pessoas nascidas antes de 1980. Os mais jovens, conhecidos pela denominação de Geração Y,⁶ nascidos entre 1980 e 2000, vivenciaram a Internet como parte de sua adolescência. As pessoas da Geração Z, que vem depois das da Geração Y, já nascem com o @ antes do nome, sendo a Internet para eles algo tão naturalizado nas suas práticas cotidianas quanto a televisão e o telefone eram naturalizados para os da Geração X. Quanto mais para trás, maior a necessidade de se aprender a tecnologia. Quanto mais para frente, mais se apreende a tecnologia como parte integrante da existência até o ponto de ela ficar transparente. Até porque tecnologia é tecnologia somente para quem nasce antes dela ser inventada. Quanto mais recentes, mais líquidos os processos, as subjetividades, a linguagem. Enquanto os mais jovens são nativos, os mais velhos são no máximo naturalizados, guardando seu sotaque original.

Uma metáfora desse cenário descrito é o Twitter.⁷

O Twitter: metáfora do nosso tempo

Perguntamos com Siqueira (2009, p. 15):

Mas o que é o Twitter? Conceitualmente, esse novo instrumento de comunicação e aproximação de pessoas é constituído, antes de tudo, de uma rede social e de um servidor para o que chamado de *microblogging*, de modo a permitir aos usuários o envio e a leitura de atualizações pessoais de outros indivíduos de seu contato, por meio de textos com

⁶ Apesar de não haver consenso, normalmente para fins de análise define-se a Geração X como a que compreende os nascidos entre 1960 e 1980, a Geração Y os nascidos entre 1980 e 2000 e a Geração Z a partir de 2000.

⁷ <http://www.twitter.com>.

o máximo de 140 caracteres, os *tweets*, pelo internet ou pelo celular, sob o formato de mensagens curtas, ou seja, os nossos populares torpedos ou SMS – sigla de *short messages service*. Por isso, poderíamos chamar o Twitter de ‘torpedo ou SMS da Internet’.

Tudo que ocorre na vida dos participantes pode ser atualizado e aparecer no perfil do usuário em tempo real, além de ser enviado a outros usuários que participam da rede social e que tenham assinado para receber.

Se retomarmos as propriedades da subjetividade, da sociedade e da linguagem abordados até aqui, podemos compreender o Twitter como a metáfora do nosso tempo. O sucesso do Twitter para a formação de redes sociais digitais pode ser atribuído à coincidência de suas características com as características da sociedade atual. Vejamos.

O Twitter se organiza em torno da informação horizontal acessível, rápida, concisa e relevante. Sua instantaneidade informativa faz com que muitos busquem as *buzzwords*⁸ consultando sua *timeline*, onde aparecem as mensagens dos usuários que se escolhe acompanhar. Por ser limitada a 140 caracteres, o que traz uma leitura rápida, a mensagem postada no Twitter (o *tweet*) tem de ser concisa.

No Twitter, as redes sociais se organizam a partir do interesse comum e da avaliação de relevância das informações “tuitadas” por quem se acompanha. Assim, quando alguém perde a relevância, ele deixa de ser seguido, reconfigurando-se as redes sociais das quais fazem parte quem deixa de seguir e quem deixa de ser seguido. As redes sociais digitais proporcionadas pelo Twitter são dinâmicas, flutuantes, líquidas. Pessoas com necessidade de controle sobre a realidade acabam se angustiando com o ambiente e muitas vezes racionalizam acusando o serviço de inútil perda de tempo.

No Twitter, o sujeito que melhor se adapta ao serviço é o sujeito fragmentado. É aquele que circula nos papéis sociais que ocupa em suas variadas enunciações. É o sujeito que é profissional, é pai, é o cliente, é amigo, enfim, um sujeito que exercita sua dispersão subjetiva, manifestando essa dispersão por meio da variação de seus *tweets*. Nas redes sociais digitais, como nas redes sociais analógicas, ninguém aguenta o sujeito monotemático por muito tempo.

Outra característica da sociedade contemporânea mimetizada pelo Twitter é a multisseiosidade, a hipertextualidade e a multidirecionalidade. De dentro do Twitter, explodem as ligações para vídeos, áudios e outras semioses típicas da Web 2.0.⁹

⁸ Assuntos quentes sobre os quais todos estão falando.

⁹ Segundo a Wikipédia, “Web 2.0” é um termo criado em 2004 pela empresa estadunidense O’Reilly Media para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a

Em consonância com o espaço da cibercultura e subvertendo os sentidos do espaço, podemos dizer que o Twitter amplifica em 140 caracteres as características e contradições constitutivas da sociedade. A questão de fundo não é pensar o Twitter como uma ferramenta de redes sociais, mas pensar como as redes sociais de sujeitos contemporâneos se subjetivam e organizam a discursividade atual naquele espaço virtual.

Segundo dados da consultoria Ibope Nielsen Online,¹⁰ o Orkut foi acessado em setembro por 26 milhões de brasileiros. O segundo serviço mais acessado no período, segundo os dados da consultoria, foi o Twitter. O serviço atingiu 9,2 milhões de brasileiros. O Facebook aparece na terceira posição, com 5,3 milhões de usuários no país. Enquanto o Orkut desaceleram suas taxas de acessos, o Twitter e o Facebook crescem exponencialmente, sendo que o Facebook tem apresentado um crescimento significativo.¹¹ Isso talvez se explique pelo fato de o Twitter e o Facebook serem o que mais se aproxima do modelo paradigmático de sociedade aqui apresentado. Há um encontro entre o paradigma e o ambiente virtual.

Concluindo de forma líquida

Começamos dizendo que este artigo tinha por objetivo analisar e caracterizar a Internet como possibilitadora de redes sociais digitais e suas implicações para a redefinição do sujeito contemporâneo, da linguagem e da formatação de um paradigma social emergente. Esse paradigma, aqui delineado por meio dos conceitos de sujeito, sociedade e linguagem, nos permite colocar algumas questões à guisa de conclusão.

A primeira é a de que se vivemos um momento de liquidez, essa liquidez não significa falta de consistência. Ao contrário, a liquidez que caracteriza a sociedade de forma transversal é viscosa, densa. Como diz Bauman (2001, p. 11, grifo do autor), “a situação presente emergiu do derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e de agir. *A rigidez da ordem é o artefato e o sedimento da liberdade dos agentes humanos*”. Liquidez não é problema: é constituição.

“Web como plataforma”, envolvendo wikis, aplicações baseadas em folksonomia, redes sociais e Tecnologia da Informação. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação que hoje engloba inúmeras linguagens e motivações. http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0.

¹⁰ <http://www.ibope.com.br>.

¹¹ O Facebook, sintomaticamente, apresenta as mesmas características metafóricas que levaram à escolha do Twitter como exemplo de suporte para este texto. A tendência parece apontar para substituições de suportes, sem alterações constitutivas. Muda-se a roupagem, mas não o discurso.

Uma segunda conclusão é a de que as características da sociedade de hoje, organizada em torno da informação acessível, rápida, concisa e significativa, requerem movimentos dos sujeitos protagonistas das mais variadas áreas sociais. A Escola, por exemplo, precisa se repensar a partir desses parâmetros, assim como também têm de fazê-lo as relações empresas-clientes, jornalistas-públicos e outras, sob o risco do anacronismo e de ver o bonde da história dobrar a esquina. Em outras palavras, os sujeitos devem ir ao encontro da sociedade líquida e não de encontro a ela. Quem melhor entrar nessa discursividade da “Sociedade 140 bytes” maiores chances terá de ser significativo.

Um terceiro ponto a ser considerado é o de que a configuração que apresentamos aqui para a sociedade é uma construção epistemológica. Assim, como a ciência também é líquida, essa construção pode e deve ser questionada para que outros recortes e outras percepções ajudem a descrever e explicar a contemporaneidade em outras áreas. Aliás, descrever e explicar são tarefas de qualquer teoria. Essas outras inquietações e formulações conceituais certamente revelarão mais detalhes se forem recortadas e analisadas em campos específicos, como a educação, as relações sociais, as relações pessoais, o jornalismo, as relações públicas, a economia, o marketing etc. São muitas as esferas que clamam um olhar mais sistemático para seus deslocamentos. O campo é aberto e sedento.

Uma quarta observação que fazemos diz respeito à resistência a tudo isso. Não há mudanças sem alterações em zonas de confortos. Desde o surgimento da Internet, autores alertam sobre seus temores e seus perigos.

Em um trabalho de 1992, Postman já apontava os problemas da sociedade e da cultura se renderem à tecnologia. Diz ele que “uma vez que uma tecnologia é aceita, ela atua de imediato; faz o que está destinada a fazer. Nossa tarefa é compreender o que é esse desígnio; vale dizer que, quando aceitamos uma tecnologia nova, devemos fazê-lo com os olhos bem abertos” (POSTMAN, 1994, p. 17). Render-se aos desígnios é se conformar a um papel de assujeitamento à história, diz Postman.

Keen (2009) é outro autor contundente em suas críticas à cultura da Internet. Em *O culto do amador*, ele acusa blogs, suportes sociais digitais e outras ferramentas da Web de destruir a economia, a cultura e os valores. Seus argumentos são os de que estamos passando por uma desordem moral, vivendo uma reedição de *1984*, de Orwell, empobrecendo culturalmente pelo acesso de amadores em todas as áreas ocupando espaço dos profissionais. Sua crítica, fundamentada no enraizamento de um modelo como origem, é, no entanto, inquietante.

Lipovestky (2007) também aborda acidamente esse modelo de sociedade. O autor, que a nomeia “sociedade da decepção”, aponta que estamos

na era da midiaticização da vida, em que as novas tecnologias invadem tudo e geram uma obsessão pela interatividade e a necessidade de se estar sempre conectado. Nessa sociedade, público e privado se confundem, numa evasão de privacidade, em que as pessoas levam suas privacidades para o mundo. Diz Lipovetsky que se por um lado estamos cada vez mais livres dos pecados e dos moralismos, por outro estamos também cada vez mais escravos de novas e terríveis obrigações terrenas. O autor, com um humor que lhe é peculiar, diz que cada um pode fazer o que bem entender e fazer o que bem quiser, mas é quase impossível encontrar uma mulher que queira ser gorda.

De certa forma, quase todos os autores que apresentam ressalvas à sociedade da informação sugerem alguma forma de controle. Postman sugere que é preciso controlar a informação desenfreada como o sistema imunológico controla o crescimento descontrolado das células do corpo. Keen sugere uma regulação urgente e necessária. Lipovetsky diz que não há muito a fazer, que o controle existe pela autorregulamentação dos desejos, mas que, como consequência do esgotamento natural desta sociedade, “novos objetivos empolgantes inflamarão o sentido da existência e traçarão outros caminhos para a felicidade” (LIPOVETSKY, 2007, p. 84).

A questão do controle social merece um artigo específico. Concordamos com Lipovetsky e com Santos, quanto às reconfigurações das formas de controle. Elas não sumiram, mas se recrudesceram e têm achado outras formas, porque também são líquidas. Santos (2000, p. 275): “Ao contrário do imaginário que a acompanha, a desregulação não suprime as normas. Na verdade, desregular significa multiplicar o número de normas”.

Independente das visões valorativas, a favor ou contra seja lá o que for, nos parece fundamental que não deixemos de indagar e tentar compreender a sociedade em que vivemos. Não basta refletir sobre a Internet como componente social. É preciso pensar em como sua presença altera nossas concepções de sociedade. Como diz Postman (1994, p. 29): “Um pregador que se confina para pensar como um meio de comunicação pode aumentar sua audiência deixará de notar a questão significativa: em que sentido um novo meio de comunicação altera o significado de religião, de igreja e até mesmo de Deus?”.

Por fim, muitas são as perspectivas por vir. Web Semântica, informações nas nuvens, economia cauda longa e muitas outras novidades estão aí. Prever para prever é uma empreitada não só possível e necessária, ainda que seja arriscada. É preciso inquietar-se, mesmo que o andar do bêbado seja imprevisível, como acertadamente nos lembra Mlodinow (2009), pois não há como desconsiderar o Efeito Borboleta. Porque a Coruja de Minerva não levanta voo somente ao entardecer, como queria Hegel (1986). Em tempos pós-modernos,

basta olhar para os lados – ou para a tela – que ela estará presente, de olhos arregalados e chalreando sobre seu ecossistema 24 horas por dia.

Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007b.
- _____. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CASTELLS, M. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *A sociedade em rede*. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DÜRKHEIM, E. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ERCILIA, M.; GRAEFF, A. *A Internet*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GALLO, S. *Discurso da escrita e ensino*. Campinas: Unicamp, 1992.
- HAFNER, K.; LYON, M. *Where wizards stay up late: the origins of the internet*. New York: Touchstone Books, 1996.
- HEGEL, G. W. *Princípios da filosofia do direito*. Lisboa: Guimarães, 1986.

KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.

LYOTARD, J-F. *A condição pós-moderna*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MARX, K. *O capital*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

McLUHAN, M. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Nacional/Editora da USP, 1972.

MLODINOW, L. *O andar do bêbado: como o acaso determina nossas vidas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

NEGROPONTE, N. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Pontes: Campinas, 1999.

ORLANDI, E.; SOUZA, T. C. A língua imaginária e a língua fluída: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, E. (org.). *Política linguística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988.

PARROCHIA, D. La rationalité réticulaire. In: PARROCHIA, D. (Org.) *Penser les réseaux*. Seyssel: Champ Vallon, 2001.

POSTMAN, N. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ROBBINS, A. Prefácio. In: COMM, J. *O poder do Twitter*. São Paulo: Gente, 2009.

- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix/USP, 1969.
- SCHAFF, A. *A Sociedade Informática*. São Paulo: Editora da Unesp, 1990.
- SIQUEIRA, E. Prefácio à edição brasileira. In: COMM, J. *O poder do Twitter*. São Paulo: Gente, 2009.
- SANTOS, B. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2000.
- SERRES, M. (Org.). *Elementos para uma história das ciências*. Lisboa: Terramar, 1994.
- SOUZA, S. A. F. Computador e educação: pressupostos falaciosos como aparelhos de resistência cultural à informática educacional. *Revista da Universidade do Amazonas*, Manaus, v. 5, n. 1/2, jan./dez., 1996, p. 33-40.
- _____. A internet como recurso múltiplo para o ensino-aprendizagem de língua inglesa. *Dissertação de Mestrado em Letras*. Manaus: Ufam, 1998.
- _____. A Internet e o ensino de línguas estrangeiras. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 2, n. 1, 1999.
- _____. Educação e Informática: temas transversais e uma proposta de implementação. In: *Conferências, estudos e palestras: o saber construído a partir de nós*. Manaus: Cenesch, 2000.
- _____. Gestão Educacional na era da informação: novas competências e competências reconfiguradas. *Novum Millenium*, Manaus, v. 6, 2008.
- _____. Educação, modernidade e pós-modernidade: o que fazer na segunda-feira de manhã?. Disponível em: <<http://www.sergiofreire.com.br>>.

Configurando mosaicos sobre cultura e arte no Amazonas

Ítala Clay de Oliveira Freitas¹

Resumo: Neste artigo, pretende-se colocar em evidência os escritos de jornalistas, artistas e intelectuais acerca da vida cultural no Amazonas, no período entre o término do ciclo da borracha e o final do século XX. Retomar o discurso destes autores e configurá-los na plasticidade de um mosaico resulta na apresentação de ambientes comunicacionais de alta complexidade, empreendendo-se uma intervenção direta na construção de um passado avesso à historiografia oficial. Uma historiografia acostuada a desqualificar e silenciar o que não lhe convém, construída no âmbito dos meios hegemônicos de poder e plenamente difundida a partir de veículos institucionais de comunicação, educação e cultura. O aporte teórico constrói-se, principalmente, a partir dos escritos de Boaventura Santos e de cientistas sociais estudiosos da região amazônica.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura. Arte. Amazonas.

Para começar, empreende-se a apresentação de diversas falas sobre a cultura amazônica e, especificamente, a manauara, viabilizando, assim, a observação da reincidência dos discursos de versão infernística – que caracterizavam os relatos dos primeiros viajantes, naturalistas e exploradores da Amazônia. Relatos nos quais se acentua uma vida penosa, sofrida, sem perspectivas, sem auto-estima, e que apresentam uma visão derrotista, posto considerarem a região como um lugar predestinado à mimese dos modelos culturais mais civilizados. Uma sensação de esgotamento e abandono, um sentimento de conformismo e mediocridade, e a confirmação de impotência frente à realidade. O resultado é a configuração de um cenário pouco otimista sobre a experiência do viver no Amazonas, o qual se reproduz por décadas, através dos lamentos, queixumes e críticas acerca da elaboração e visibilidade da produção cultural no Estado e sua consequente não participação no circuito intelectual e artístico brasileiro. Um descompasso anunciado entre os processos político e econômico por um lado, e os anseios e criações culturais e sociais, por outro.

¹Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Docente do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas. Tutora do PET-Comunicação Social.

Há inúmeros exemplos que atravessam as décadas:

Não temos nem podemos ter, por força das condições do meio, uma literatura regional [...]. O Amazonas, dizia Tavares Bastos, em 1886, é uma esperança; deixando as vizinhanças do Pará penetra-se no deserto. A sensação de profunda melancolia que se apodera do espírito nos adverte de que estamos dentro das mais densas solidões do mundo (JOBIM, 1934).

O amazonense carrega n'alma algo do russo, sob o aspecto do fatalismo. Quando estive em Manaus e Belém, pela primeira vez, contemplando a nudeza da miséria local, tive oportunidade de ouvir depoimentos das vítimas desse drama em violenta antítese com tudo quanto me estalava no peito. Não me podia subtrair à revolta do que observava e me ralava a sensibilidade. Inectivava, ao passo que o amazonense e o paraense se quedavam inertes, resignados diante do quadro de abandono em que o poder nacional os deixara, por tantos anos seguidos (CHATEAUBRIAND, 1943).

Ainda é preciso falar no isolamento em que vivemos. Os livros nos chegam atrasados; as notícias que não interessam à publicidade escandalosa das agências telegráficas (e são por assim dizer as principais para os homens de cultura!), vêm sempre envelhecidas. Isto é: não participamos em realidade do que se faz e do que se pensa no mundo! (BATISTA, 1955).

É necessário olhar a condição provinciana, este exercício de massacre da inteligência que reduz a arte a uma convenção e a informação em crônica social inflacionada. Virando as páginas de uma história aparentemente sem importância, veremos pular uma nova espécie de amortecimento: o conformismo dos centros sem importância. E Manaus é o campo ideal para a investigação. Foi sempre uma cidade isolada, com grandes chances, florescendo numa das regiões mais fantásticas do planeta (SOUZA, 1977).

Essa talvez seja a principal característica da temporalidade e espacialidade amazônicas, a espera. O espaço-tempo na Amazônia na perspectiva da sociedade nacional e da elite local é sempre inacabado, é o nunca chegar ao ponto transitório. Aqui se está sempre à espera das migalhas que se possam vir dos de fora. Isso decorre do espaço-tempo da

Amazônia caracterizar por um processo que não se conclui, ações que não chegam ao fim. Não é uma história que se faz. É uma história sempre por se fazer (MARTINS, 1994, p. 11 apud OLIVEIRA, 2003).

Para a cientista social Selda Costa a ideia vigente nas décadas posteriores à riqueza do ciclo da borracha era a de que o presente mostrava-se “sempre lastimável, contraposto à ilusão de um passado e de um futuro gloriosos e luminosos”. Trata-se de uma visão da elite que “acaba sendo repassada ao imaginário popular e até aos mais argutos defensores de sua historicidade”, citando o caso de Márcio Souza que, em 1980, ainda fala de paisagens em ruínas, como Euclides da Cunha o fizera no início do século e, antes dele, outros visitantes. Para ela existe uma “deformação ideológica dos intérpretes da Amazônia”, na qual as transformações ocorridas na região parecem terminar sempre em períodos de decadência, derrota e declínio. Uma deformação que pode ocultar “uma visão particular das elites, ressentidas com as perdas sociais e políticas adquiridas durante o apogeu econômico”. No entanto, segundo a autora, o período pode ser interpretado de outra forma: no qual a população em geral respira com um certo alívio, posto que “a agricultura se diversifica com a liberação da mão-de-obra dos seringais e buscam-se as raízes e a identidade regional que os colonialismos culturais não permitem aflorar na intensidade dos ciclos econômicos” (COSTA, 2001, p. 11-12).

Duas obras podem ser destacadas na literatura da década de 1930: *A intelectualidade no extremo norte* (1934), de Anísio Jobim, e *Letras da Amazônia* (1938), de Djalma Batista, ambos pertencentes à Academia Amazonense de Letras, criada em 1918. De modo geral apresentam uma lista de personalidades e suas contribuições. Enquanto Anísio Jobim² restringe os seus limites ao movimento literário, Djalma Batista³ aposta em um panorama de maior amplitude e, no intento de apresentar suas impressões acerca dos intelectuais e dos artistas da Amazônia, elenca um inventário de intérpretes, desde os relatos dos primeiros cronistas, as pesquisas dos exploradores e naturalistas, até os interesses específicos dos folcloristas e dos reveladores da Amazônia, e

²Manoel Anísio Jobim. Nasceu em Anadia-Alagoas, em 27/03/1877. Em Manaus foi Procurador Geral do Estado, Chefe de Polícia, desembargador do Tribunal de Apelação, e tornou-se sócio-efetivo da Academia Amazonense de Letras desde 1932. Seus escritos permeiam a história e a geografia dos municípios amazonenses. Disponível em: <http://portalamazonia.globo.com/pscript/amazoniadeaaz/artigoAZ.php?idAz=397> Acesso em: 29/05/2010.

³Djalma da Cunha Batista. Nasceu em Tarauacá-Acre, em 20/02/1916. Médico e membro destacado da Academia Amazonense de Letras. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Djalma_Batista Acesso em: 29/05/2010.

aqueles que viveram transitoriamente no extremo norte e deixaram suas contribuições. Chama a atenção para a situação de bravura desses escritores mediante um ambiente inapropriado à criação. Os textos apontam as questões sobre o isolamento geográfico e o abandono da região pelo governo federal e suas consequências em termos de desenvolvimento das ciências, das letras e das artes. Contudo, o desenvolvimento dos problemas identificados ocorrerá somente em publicações posteriores.

Nos jornais dos anos de 1930, apesar da depressão econômica, não faltam as festas nos salões elegantes da sociedade, tampouco as festas populares; e o cinema que se constitui em prática cultural intensa na primeira metade do século XX nas metrópoles brasileiras, não é diferente em Manaus, pois se apresentava enquanto elemento lúdico, empreendimento comercial e lugar privilegiado do encontro da população manauara, que tinha o intuito não apenas de assistir aos filmes, mas de ouvir as orquestras e trocar gibis (OLIVEIRA, 2003, p. 158). É constante o anúncio da projeção de filmes nos cinemas locais, inclusive os que possuíam referências à dança, tais como o que foi encontrado no jornal “Diário da Tarde” (11/01/1938), sobre a apresentação no Cine Manáos dos “soberanos da dança Fred Astaire e Ginger Rogers”, ou o anúncio de sessão no Cinema Odeon sobre o primeiro filme estrelado pela dupla Robert Cumming e Eleonor Whitney, “aclamada a melhor sapateadora do mundo, com os mais recentes passos de dança de Hollywood”. Encontram-se ainda matérias no “Diário da Tarde” (29/07/1938) sobre a chegada e a apresentação de profissionais de fora, como é o caso da bailarina e atriz Maria Caetana, em que se relata sua homenagem ao então governador da cidade, Dr. Botelho Maia, com um bailado inédito ao final da apresentação da peça “Divino Perfume” de Renato Vianna. O texto, além de apresentar elogios à artista como intérprete de teatro e dança, expõe como item relevante do seu currículo os estudos com Chinita Ulmann⁴ e Kitty Bodenheim⁵.

A historiografia aponta, de modo geral, os primeiros anos da década de 1930 como um período de acentuada instabilidade política, mediante a incapacidade de qualquer dos grupos dominantes em assumir o controle das funções políticas. É o período áureo de crise das ideologias liberais e da ascensão das ideias e valores autoritários. No entanto, a historiadora Marialva Barbosa (2007, p. 104-107) chama a atenção para o fato de que não se trata de um fenômeno

⁴Nasceu em Porto Alegre e se formou na escola de Mary Wigman, em Dresden, na Alemanha. Após excursionar pela Europa, Estados Unidos e América Latina, retornou ao Brasil, em 1932, fixando residência em São Paulo. Chinita Ulmann esteve em Manaus. Sua apresentação, no Teatro Amazonas, foi noticiada pelo jornal “A Tarde” (19/02/1938).

⁵Ex-aluna de Chinita Ulmann, tornou-se responsável pelas aulas de balé na escola implantada em São Paulo.

eminentemente brasileiro, mas de uma tendência da Europa, crescente desde a década de 1920, na qual se teve o êxito de movimentos de caráter totalitário de direita, levando à eliminação do sistema pluripartidário, da competição política, da liberdade de imprensa, ao mesmo tempo em que se edificava a supremacia do executivo. Para estas ideias que surgem na década de 1920 e que tomam corpo na configuração institucional dos anos 1930, é fundamental traçar um programa que atinja a todos através da educação e da massificação das informações. Isto orienta a criação de instituições fortes, porque baseadas nas tradições, nos valores, na disciplina, na autoridade e na hierarquia, as quais dariam, através de uma política nacional, direção ao povo brasileiro, agora classificado como massa. Todas essas concepções sintetizarão o projeto institucional implantado a partir da Revolução de 1930 e com mais intensidade a partir da instauração do período autoritário, em 1937.

No caso do estado do Amazonas, esta política nacional se posiciona com a intenção de intervir diretamente a fim de eliminar a crise econômica e retirar a região de seu atraso. Entretanto, apesar das transformações ocorridas com a Revolução, pouco ou nada foi realizado com o intuito de reverter a situação. Isto se deve, em parte, ao fato de que a primeira metade da década foi assinalada por intensa instabilidade política, havendo mudanças constantes de governadores nomeados pelo poder central, pouco articulados com os problemas locais. Para o geógrafo José Aldemir de Oliveira (2003, p. 52-53), do ponto de vista econômico e político, nenhuma ação realmente significativa ocorreu para amainar a crise que atingia o estado do Amazonas desde os anos dez, pois, mesmo com o bloqueio dos seringais asiáticos devido à Segunda Guerra Mundial – trazendo uma certa euforia com a reativação da produção local e a expectativa de se reviver os tempos fastigosos do boom da borracha –, a situação foi passageira e pouco contribuiu para resolver a estagnação econômica.

O Teatro Amazonas, símbolo maior da expressão cultural e artística de Manaus, em seus tempos de prosperidade econômica e intensa importação de manifestações culturais europeias, sendo até hoje um dos cartões postais da cidade, tornou-se durante este período o depósito de borracha e gasolina da Rubber Development and Corporation (RDC) e nos anos vindouros constante vítima de inúmeros saques institucionalizados pelos governos e autoridades. Situação denunciada em vários momentos, através de diversos veículos de comunicação.

Depois de 1910, a incúria de certos governos facilitou o paulatino desaparecimento de valiosos objetos pertencentes à grande casa de Arte: - espelhos de Venêza, divãs, halabardas e espadins, cabeleiras e peças de vestuário, jarras de

porcelana e até estátuas foram levadas sem que se apurasse a responsabilidade dos seus condutores [...]. No começo da última guerra serviram suas galerias para escritórios e depósito de poderosa emprêsa estrangeira compradora de borracha. Uma grande estátua de Apolo pesando duas toneladas de bronze que deveria ser colocada no zimbório foi presenteada à municipalidade de Fortaleza. Atualmente os esforços conjugados da prefeitura municipal e dos componentes do teatro Escola, vêm reanimando o tradicional prestígio artístico e material do majestoso edifício, justificado o orgulho da terra amazonense (CASTRO, [s. d.], p. 40-43).

Em 1944, uma solicitação do alagoano Gebes Medeiros ao então governador do estado vem possibilitar a criação do Teatro Escola de Amadores, com o objetivo de formação artística de atores e atrizes, bem como a reativação do Teatro Amazonas em sua função artística de origem. Há que se destacar que Medeiros possuía relações de amizade com a elite política da época e, portanto, o grupo nasce vinculado ao Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (Deip). Paradoxalmente, o órgão de censura e repressão cultural do Estado.

Essas relações com o poder acompanham certas tendências de época em nível nacional. Segundo Marialva Barbosa (2007, p. 103-124), ao analisar a imprensa do Rio de Janeiro na década de 1930, “há mais proximidades, acordos e relações conjuntas entre os homens de governo e os homens de imprensa do que divergências”. Nesse período, o governo se encarregava de, através da criação de múltiplos aparelhos burocráticos, e com o concurso de intelectuais orgânicos dos grupos dirigentes, desempenhar funções cada vez mais complexas, inclusive a de dar orientação ao povo, que era considerado massa amorfa, anônima, uniforme e indiferenciada. Apresenta-se então, a necessidade de difundir conhecimentos e noções elementares, tornando fundamental o papel dos intelectuais e dos veículos de difusão, isto é, a imprensa.

É bom lembrar que no projeto político estadonovista há lugar tanto para a pedagogia como para o controle, cabendo ao Estado a responsabilidade de tutelar a população, pois a formação do Estado Nacional se materializaria por meio da homogeneização da cultura, dos costumes, da língua e da ideologia. A Nação se transformaria em uma entidade moral, política e econômica que só se realizaria via ação do Estado. Nação e Estado construindo a um só tempo a nacionalidade (SCHWARTZMAN, 1984, p. 167 apud BARBOSA, 2007, p. 117) e a ideia de identidade com base nas raízes regionais. No Amazonas, esta orientação ideológica irá se configurar fortemente nos veículos impressos e radiofônicos.

Essa busca de identidade regional nos anos 40-50, é reivindicada através das emissoras de rádio, a Rádio Baré e Difusora, pela intelectualidade que se utiliza das colunas de jornais, para eclodir em grito de rebeldia e originalidade na criação do Clube da Madrugada, em 1954. Nas artes cênicas, o movimento também ressoa, mas estranhamente, com menos ousadia, com um certo acanhamento (COSTA, 2001, p. 12).

Na década de 1950, verifica-se a expressão de um pensamento crítico acerca de assuntos sobre a história e a cultura da cidade. Isto ocorre em diversas perspectivas, seja no ambiente formalizado da Academia Amazonense de Letras, seja nos espaços públicos (Praça Heliodoro Balbi, cemitério São João Batista, praia da Ponta Negra) utilizados pelo Clube da Madrugada. Um ano após a criação do Clube, Djalma Batista publica pela Revista da Academia Amazonense de Letras, o artigo “Cultura Amazônica”,⁶ no qual aponta uma deficiência geral dos meios intelectuais em Manaus, ao empreender uma nova tentativa de escrever sobre a produção intelectual e artística do Amazonas. Faz isso sob uma perspectiva abrangente de cultura, na qual relaciona juntamente à área das artes outros itens como economia, comércio, saúde e educação. Diferentemente da lista de figuras proeminentes, no texto de 1938, apresenta um ensaio analítico e crítico, a partir do ciclo econômico da borracha, externando sua decepção frente a um alvorecer cultural promissor, anunciado, porém, não consolidado. Em seus escritos expõe, de modo didático, os propulsores deste “borbulhar intelectual e artístico” durante o surto gomífero, apresentando uma avaliação negativa sobre os reflexos deste para o desenvolvimento cultural da região, empreendendo análise de suas causas contemporâneas, bem como oferece o que ele denominará de um programa de reação. Em resumo, Djalma Batista levanta os mesmos problemas denunciados pelo Clube da Madrugada.

Em todas as madrugadas do mundo

O Clube da Madrugada consistiu em um movimento artístico, literário e cultural, criado no dia 22 de novembro de 1954. O Clube estabeleceu como ponto de partida repensar a Semana de Arte Moderna de 1922 e produziu um

⁶ *Letras da Amazônia* (citado anteriormente,) foi publicado originalmente pela Gráfica César e, *Cultura amazônica* pela Revista da Academia Amazonense de Letras, n. 2, maio, n. 3 setembro, n. 4 dezembro, de 1955. Em 2006, estes ensaios foram reunidos e publicados pela Editora Valer sob o título *Amazônia – cultura e sociedade*.

manifesto no qual os seus integrantes denunciavam as condições precárias de vida intelectual na cidade de Manaus. A repercussão foi enorme. O grupo provocou o aparecimento de uma série de publicações na imprensa diária (assinadas por um número considerável de poetas e contistas), desenvolveu um intenso intercâmbio cultural com os Estados do Pará, Maranhão e Rio de Janeiro e, promoveu conferências célebres como a de Saul Benchimol, sobre “A Economia Financeira no Estado Moderno”, e a de Francisco Batista, sobre a “Conceituação do Modernismo no Amazonas”, ambas pronunciadas na Escola de Serviço Social.

Para Jorge Tufic (1984, p. 23-24), no princípio de suas atividades os Clubistas buscavam distanciar-se de qualquer formalismo institucional, a começar pelo nome, pois não queriam ser um grêmio, uma associação, ou uma academia. Bastava ser um Clube. As reuniões semanais eram realizadas ao ar livre no “banco dos patos”⁷ ou no cemitério.

Esta fase boêmia do Clube da Madrugada atingiu, efetivamente, o seu auge com as sessões literárias promovidas no cemitério São João Batista, depois de soar a meia-noite. Por um ferro quebrado das grades que davam para o Boulevard Amazonas, entravam os seresteiros levando consigo a garrafa de pinga, o violão e quase sempre livros que eram lidos e discutidos nos bares. Aproveitando esse clima favorável, conferiam-se títulos e honrarias a intelectuais de renomes e sagravam-se os novos de ‘Cavaleiros Iniciados em Todas as Madrugadas do Universo’.

Mas, após três anos de existência, o Clube da Madrugada é acometido por um certo desânimo em virtude da saída de alguns de seus fundadores, deixando esvaziadas as sessões de sábado à noite. Sentia-se uma espécie de pânico, segundo Tufic (1984, p. 24), um enorme receio de se repetir um fracasso. Para ele, coube a Benedito Nunes analisar esse fenômeno, em seu artigo no jornal *Para Todos*, em 1957, intitulado “Inventário e Planejamento”.

De quando em vez formam-se colônias de intelectuais que irrompem na tranqüilidade estéril da vida que nos circunda. Aguentam-se por algum tempo, graças ao poder de coesão do entusiasmo, mas não resistem ao primeiro contra-golpe. E se desaparecem as circunstâncias felizes e ocasionais que se fizeram surgir, desagregam-se rapidamente voltando tudo ao marasmo, à sesta constante e ao fundo melancólico das redes que é, na Amazônia, o abrigo

⁷ Denominação alusiva aos patos que se encontravam no lago da Praça da Polícia (Heliodoro Balbi), à sombra de um mulateiro.

maternal dos desencantados. As tentativas frustradas, a desesperança, a certeza prévia de que o esforço, as idéias, o talento e a coragem são sacrificados pela vida vegetativa, adormecem a sensibilidade e retardam a Inteligência. A desagregação não é aqui um acidente, mas quase um imperativo (TUFIC, 1984, p. 24).

Lançaram um manifesto em novembro de 1955: a Revista *Madrugada*, que seria a base conceitual a servir de orientação para o grupo. Mas, apesar de projetos para novas edições, devido às dificuldades financeiras a Revista não voltou a circular. Só em 1961 (ano em que foram publicados os estatutos), o Clube iria restaurar suas atividades jornalísticas mantendo uma página suplementar no *O Jornal* de domingo, que durou mais de dez anos, divulgando contos, poemas, eventos culturais e promovendo as artes plásticas através das Feiras de 1963 e 1966. Naquele momento, a tônica era a ideia de vanguarda, o que compreensivelmente ligava-se, antes de tudo, ao pioneirismo do grupo, em áreas tão diversificadas, contudo, integradas na busca de soluções estéticas, sociais e econômicas.

As feiras de arte nos deram uma prova inequívoca do interesse da grande massa pelo trabalho dos nossos artistas, atraindo milhares de pessoas que, de repente, se viam diante de uma ‘coisa estranha, a que de certo não estavam habituadas, mas capaz de produzir a satisfação de um intercâmbio de valores entre o gosto popular e a experiência criadora (TUFIC, 1984, p. 31).

No mesmo ano da II Feira de Artes Plásticas (1966), realizada no Teatro Amazonas, ocorre a estreia do Teatro Universitário do Amazonas (TUA), com a peça “Toda Donzela Tem um Pai que é uma Fera”. A crítica é favorável no *Jornal do Comércio*, do mês de dezembro, com o jornalista João Roque reconhecendo o esforço dos jovens universitários como um “trabalho sério, honesto, responsável e, acima de tudo, participante”. No ano seguinte o TUA montaria “A Exceção e a Regra”, de Bertolt Brecht e se apresentaria em janeiro de 1968 no V Festival de Teatro de Estudantes, com a mesma peça, no Teatro Nacional de Comédias. Em seguida montaram “O Homem da Flor na Boca”, de Pirandello, e “O Diário de um Louco”, de Gogol. A última montagem foi “O Espião”, de Brecht, com a qual receberam o prêmio de melhor espetáculo do II Festival de Cultura, de 1968, promovido pela Fundação Cultural do Amazonas (AZANCOITH, 2001).

Após o término do TUA, alguns de seus integrantes viriam a participar de outra história teatral, a história do Teatro Experimental do Sesc (Tesc),

que no dia primeiro de maio de 1969 estreava com a peça “Eles não Usam Black-tie”, de Gianfrancesco Guarnieri. A história do Tesc é contada por Márcio Souza, em “O Palco Verde” (1984), no qual descreve sua experiência no grupo e as opções estéticas e políticas pelo regionalismo e pela crítica social no período de 1968 a 1982; e pelos pesquisadores Ednei Azanchoth e Selda Costa (2009) unindo o tom memorialista do primeiro à experiência com a pesquisa social da segunda.

Eram tempos de integração, de perdas identitárias. A região amazônica e Manaus entram na marra, com a Zona Franca, na tal de globalização [...]. O Tesc era assim, um espaço sério, que responde com muito humor ao sufoco geral. Que zomba de uma elite passadista e anuncia, denunciando, com agressiva alegria, uma nova consciência: ‘somos todos aculturados’, mas ainda é tempo de nos despirmos e confeccionarmos nova roupa. Ajuricaba, Jurupari, o canto livre dos Dessana aí estão para abrir os caminhos (COSTA, 2009, p. 10).

Além das experiências de Teatro Universitário e do Tesc, Manaus terá o “Gruta, a flecha do Teatro Cabocão” que, segundo o diretor Marcos José (1993), apresentava anseios de um teatro fortemente popular completamente diferenciado dos princípios ideológicos e estéticos do Tesc, optando por espaços públicos mais condizentes com sua proposta de tornar-se um diferencial na história da cidade.

Deixando de lado a nostalgia do cabaço, eu quero te dizer que os traços que deram ao GRUTA a sua identidade original que o diferenciaram dos outros grupos de teatro que existiram antes e depois dele aqui em Manaus, foram exatamente o método de interpretação, o despojamento da encenação e a relação estreita da experiência-cênica com o público. Em outras palavras: o GRUTA foi o primeiro – por isso a alusão à nostalgia do cabaço – grupo teatral de Manaus, a criar uma metodologia cênica organizada nas nuances da Comédia dell’Arte que lhe permitiu um estudo psico-social da gesticulação-natural da cabocada que o afastou da pretensão estúpida de imitar uma dramaturgia colonizadora. Ao fugir deste Demiurgo foi possível entender a nascente e o compromisso do Teatro Cabocão (JOSÉ, 1993, p. 22-23).

Nos anos 60, evidencia-se que a literatura, as artes plásticas, o teatro e o cinema, por meio de artistas e intelectuais construía espaços de discus-

são e produção cultural apesar do olhar vigilante da ditadura e dos resíduos da política populista. As atividades relacionadas ao cinema, que haviam sido extintas no ciclo da borracha, retornam a partir dos anos 50 com um programa de crítica cinematográfica, o ‘Cinemascope no Ar’, da Rádio Rio Mar (1954), e a página de cinema no jornal “Diário da Tarde”, escrita por Joaquim Marinho. Em 1962, decorrente de um curso sobre cinema surge o Grupo de Estudos Cinematográficos (GEC). Eram cinéfilos e, em princípio, queriam somente apreciar os filmes, e no processo começaram a estudar, pesquisar e promover debates. Assistiam a tudo: René Clair, Eisenstein, filmes de bang-bang, cinema fantástico, Hitchcock. Os participantes do GEC, tal qual os integrantes do Tesc também tiveram problemas com a censura e foram obrigados em 1967, a explicar um trecho do filme de Buñuel para os policiais de Manaus. Em 1967 ocorre o I Festival de Cinema Amador do Amazonas, apoiado pelo Clube da Madrugada e, em 1969 realizou-se o I Festival Norte de Cinema Brasileiro, promovido pelo Departamento de Propaganda e Turismo do Amazonas – Depro. Este Festival de Cinema, parece ter sido um divisor de águas, visto orientar alguns participantes para a realização cinematográfica local e outros para a pesquisa histórica. Contudo, apesar desse movimento, verifica-se que em 1974 só existia um cinema em Manaus, e em 1975, não existia mais nenhum (COSTA, 1987; LOBO, 1988; COSTA, 1996).

Para Jorge Tufic (1984), com o advento da Zona Franca de Manaus, a noção de progresso misturava-se com a senha do lucro, e uma outra mentalidade instalava-se no meio provinciano, empolgado e cego às intenções do capital estrangeiro. Isto se refletiu no espaço cultural, na medida em que se via saturado pelos gráficos estatísticos de importação e exportação, deixando passar alguns anos de inércia, sem páginas ou suplementos literários para a imprensa manauara ou ações inócuas dos órgãos culturais.

A partir de 1970, a Fundação Cultural do Amazonas e o Conselho de Cultura absorviam uma boa parcela de valores do Clube, tendo-se iniciado a execução dos Planos de Política Cultural do Governo. Instituição de Concursos e apoio aos artistas plásticos, faziam parecer inócua a iniciativa particular. Pelo menos até onde a descontinuidade na política cultural do Governo chegara ao clímax de fechar a questão, tornando igualmente inócuos os órgãos culturais do Estado. [...] Esta pois, a situação que se enfrenta trinta anos depois, como se ainda estivéssemos há trinta anos antes (TUFIC, 1984, p. 62).

Em relação à dança, embora não tenham sido encontrados estudos específicos, pode-se arriscar uma dedução preliminar de que a atuação dos

artistas e professores realizava-se à parte dos questionamentos do Clube da Madrugada e do Grupo de Estudos Cinematográficos, ou mesmo, da movimentação teatral da época. Nas fontes consultadas é inexistente a referência a qualquer tipo de aproximação. Um exemplo disso pode-se considerar a realização do III Festival de Cultura do Estado (1969), no qual o único grupo de dança a concorrer foi eliminado pela comissão examinadora, que afirmou desconhecer a procedência folclórica da proposta, embora o Tesc tivesse declarado serem danças inspiradas no folclore dos Urais (AZANCOTH, 2009, p. 33). Mas, através dos jornais, verifica-se que neste mesmo ano ocorre o II Festival de Danças Clássicas e Danças Modernas, bem como são realizadas as atividades da Escola de Dança do Teatro Amazonas, mantida pela Fundação Cultural. Os nomes em voga nas décadas de 1950 e 1960 são de Beatriz d'Agostinho, Glória Velasquez, e Zenira Ferreira da Silva, como professoras de balé.

Já no início da década de 1970, Adair de Palma⁸ abre uma escola de dança na Associação dos Sargentos da Amazônia (ASA), ministrando balé, danças folclóricas e jazz. No entanto a escola viria a funcionar somente durante alguns anos. Em 1978, o professor muda-se para a capital do estado de Rondônia onde implanta a Escola Municipal de Dança.

Jeanne Chaves⁹ (2009), integrante da primeira turma, relembra o período:

Já haviam passado outros professores que não se fixaram. Já tinha passado uma, no próprio Teatro Amazonas, eu não sei da época [...] uma portuguesa, se eu não me engano, outra no Ideal Clube. Mas eles passaram muito rapidamente por aqui e aí quem ficou mais tempo na realidade foi ele. E em relação à receptividade dele, foi muito grande, porque a cidade carecia disso, tanto que a maioria das alunas dele eram moças da sociedade. [...] Ele vinha do Rio de Janeiro, do Municipal do Rio de Janeiro. Ele falava que ele

⁸ Adair de Castro Palma. Nasceu no Rio de Janeiro. Diplomou-se em música e balé, registrado na Secretaria de Educação do Estado da Guanabara. Atuou como bailarino do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e integrou o corpo de balé das TVs Tupi, Excelsior e Globo. Lecionou balé no Conservatório Brasileiro de Música no Rio de Janeiro. Em São Paulo, no Conservatório de Ciências e em Vassouras lecionou para as princesas da família real de Orleans e Bragança. Contratado pelo Governo do estado da Paraíba fundou o Ballet do Centenário e simultaneamente coreografou para a TV Borborema, das Associadas. Em 1965 a revista "Querida" lhe dedicou uma reportagem que lhe valeu convite para dançar no Ballet de Lisboa. Fonte: Programação de espetáculo do acervo pessoal de Jeanne Chaves.

⁹ Jeanne Chaves de Abreu. Proprietária da Academia Dance Hall, em Manaus. Foi aluna de Adair de Palma e de Arnaldo Peduto. Graduou-se em Educação Física pela Universidade do Amazonas e exerceu o cargo de coordenação do Curso de Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no período de outubro/2007 a janeiro/2009. Entrevista concedida em 18 de abril de 2009.

tinha sido aluno da Nina Verchinina e da Dona Eugenia Feodorova. Eu me lembro que ele falava muito nas duas, na Nina e na Eugenia. Falava bastante e com enorme respeito.

Em 1976, José Rezende implanta uma academia de balé clássico em Manaus e será o responsável pela formação de diversos bailarinos. Sua rede de contatos propiciou a apresentação de espetáculos e cursos ministrados por bailarinos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A trajetória de Rezende constitui-se em uma história à parte devido à intensa atividade de sua academia e às fortes influências exercidas na dança local. Do mesmo modo, pode-se apresentar o carioca Arnaldo Peduto, que abriu uma academia de Jazz em Manaus (1978) e viria a ser o responsável pela propagação do gênero nesta cidade.

Contudo, faz-se necessário um esclarecimento. O panorama aqui desenhado, ora entre a literatura crítica, ora entre os movimentos sociais e as matérias jornalísticas como fontes, só começou a adquirir visibilidade a partir dos anos 1980 – pelo menos no meio universitário –, pois na falta de informações (organizadas em formatos de publicação) a leitura orientava-se conforme o quadro esboçado no livro *A Expressão Amazonense* (1977), escrito por Márcio Souza. Esta obra, embora tenha exercido papel fundamental para o contexto histórico da época, imprimiu um teor ácido e pouco otimista à interpretação das artes, do jornalismo e da vida cotidiana em Manaus. Somente a partir da década de 80, as dissertações e teses de professores da Universidade do Amazonas, e a produção de escritores-testemunhas-participantes dos grupos sociais citados anteriormente proporcionaram outras possibilidades de leitura. Desta forma, observa-se a emergência da construção de outro olhar para Manaus, no qual, durante determinados períodos históricos, artistas e intelectuais de diversas áreas se reuniam para discutir a cultura e a arte no Amazonas, além do contexto político que lhe permeava.

Para os artistas e intelectuais os anos 80, como expectativa, seriam os anos libertadores. E de fato o foram. Transição política no mundo. Transição política no Brasil. Em Manaus, surgem, a partir desta década (mesmo em número reduzido), publicações relacionadas ao viver cultural e artístico da cidade: histórias de teatro, cinema, aspectos urbanos, rebeliões, economia e ecologia. Os escritos, em sua maioria, abordam, como tema principal, sobre a historiografia oficial e os silenciamentos provenientes do poder e da falta de registros. Acompanham uma tendência à proliferação de estudos sobre a Amazônia, iniciada na década de 70. Trabalhos que decorrem tanto de pesquisas acadêmicas da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), quanto das iniciativas de artistas, de diversas áreas, em registrar suas experi-

ências. Apresentam um tom denunciante de “já tivemos” e do abandono do poder público com relação ao patrimônio material e imaterial do Estado e do Município, com políticas de centralização e descontinuidade. E no final dos anos 80 (1989) paira no ar o discurso do desenvolvimento sustentável em artes, através de um sistema de fundos e conselhos. O que, segundo Mito (2004), é reforçado no II Seminário de Revisão Crítica da Cultura Amazonense (1992) e se consolida institucionalmente em audiência pública na Assembléia Legislativa do Estado, em 2003.

Verifica-se, no início desta década, que o surgimento dos grupos Dançaviva e Núcleo Universitário de Dança Contemporânea (Nudac) contribuem para uma nova configuração cultural e artística. As questões da cena, por um lado, seguem o rastro do regionalismo e da crítica social, e por outro, uma visão de corpo e de cena orientada para procedimentos de improvisação. No Dançaviva – e seus desdobramentos nos grupos Movimento, Grupo Experimental de Dança do Teatro Amazonas, Origem e Gedam –, as referências conceituais encontram-se, principalmente, no Ballet Stagium;¹⁰ enquanto o Nudac externa suas relações com o curso de graduação da Universidade Federal da Bahia (Ufba), onde a coreógrafa e diretora Lia Sampaio havia feito sua formação. No Teatro Amazonas a circulação de espetáculos de dança é incipiente, com passagens ligeiras tanto de companhias de balé clássico, quanto de grupos folclóricos de outros países, apresentações esporádicas de grupos nacionais e espetáculos de final de ano promovidos pelas academias.

O balanço histórico e social com as artes continua nos escritos dos anos de 1990. Surgem novas publicações sobre diversas linguagens – tais como o teatro, cinema, música, arquitetura – em períodos distintos, como a Amazônia colonial, o ciclo da borracha e a posterior depressão econômica. Na literatura, a publicação de Neide Gondim, em 1994, torna-se obra de referência, pois sua *A invenção da Amazônia*, será leitura obrigatória no programa de pós-graduação em Natureza e Cultura da Amazônia, na Ufam. Nela, a autora propõe demonstrar “de que maneira e por quais artifícios a Amazônia é inventada pelos europeus”, oferecendo um passeio por filósofos como Montaigne, Hobbes e Locke, e prosadores como Jules Verne, Conan Doyle e Vicki Baum. Já em 1997 surge outra obra de referência, agora no campo da música erudita. Márcio Páscoa publica *A vida musical em Manaus na época da borracha (1850-1920)*, e em seguida organiza uma Cronologia Lírica de Manaus, em 2000. Em 2001, o jornalista Adalto

¹⁰ O Ballet Stagium foi criado no início da década de 1970, em São Paulo. Esta companhia de dança causou grande impacto na região norte do Brasil, principalmente, devido às suas viagens frequentes e por apresentar temas de interesse local. No subcapítulo 2.2 serão detalhadas suas relações com os grupos da capital amazonense.

Xavier publica *Dançando conforme a música*, obra na qual intenta apresentar a trajetória do movimento artístico de dança no Estado, abrangendo um recorte temporal de três décadas.

Além destes campos artísticos, os pesquisadores buscam investigar a cidade em suas diversas correlações sociais, econômicas e políticas, seja no estudo desenvolvido pela historiadora Edineia Dias, em *A ilusão do Fausto. Manaus: 1890-1920*, publicado em 1999, através do qual a autora expõe o urbanismo enquanto modo de organização do espaço e estratégia política; seja no olhar do geógrafo José Aldemir de Oliveira, em *Manaus de 1920-1967. A cidade doce e dura em excesso*, publicado em 2003, buscando reescrever a imagem de Manaus no período da depressão econômica. Soma-se ainda a estes exemplos a pesquisa meticulosa do artista plástico e historiador, Otoni Mesquita, na escrita de *Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910*, em 2006, e os movimentos de organização política instituídos por um coletivo artístico, na perspectiva de José Ribamar Mitozo, em *Os artistas de março. Um movimento artístico na Amazônia*, publicado em 2004.

Essas obras podem ser consideradas como modos de resistência às forças políticas e ideológicas, historicamente constituídas, posto que apresentem o exercício da denúncia das manobras do poder instituído, e a disponibilização de informações antes esquecidas, marginalizadas ou completamente censuradas. Tais publicações são de extrema relevância na medida em que seguem na contramão dos discursos de desqualificação da vida cultural local e que estimulam indagações acerca de outras aventuras epistemológicas, que possam incluir, por exemplo, as mestiçagens culturais.

Conforme Pinheiro, em *Comunicação & cultura: barroco e mestiçagem* (2006, p. 10), os modos de abordagem das mestiçagens desconhecem o dilema entre identidade e oposição, e se apresentam na condição de tramas conectivas que festejam a tensão relacional nas quais

Os componentes já não podem ser vistos monadicamente, como dígitos sucessivos discretos, nem encaminham-se na direção de uma futura unidade sintética salvadora: persistem bravamente nessa trama de confluências, nesse vitral ou palimpsesto de séries e linguagens. O prazer do componente está na festa da composição para a qual contribui, não no narcisismo isolado da sua especial participação competitiva. Isto vale para os ingredientes de um bom prato de comida, para uma obra poética e para as grandes catedrais.

O viver amazônico e mais especificamente a vida cultural e artística em Manaus, ainda ressentem-se de abordagens de mestiçagens, as quais possam apresentar outras formas de articulação cultural, outros nexos de sentido, ou-

tras teias de significado. Teias nas quais a Amazônia colonial possa ser vista a partir de convivências e negociações de poder; o período do ciclo da borracha não seja apenas sinônimo de opulência e esbanjamento frívolos; e a depressão econômica não necessariamente tenha impossibilitado a vida cultural da cidade. Procedimentos que auxiliariam na transformação do passado, na mudança de perspectivas e, na ampliação dos questionamentos e, permitiriam o restabelecimento da função memória deste sistema, possibilitando otimizar a elaboração das informações do ambiente e a conseqüente produção de autonomia.

Considerações finais

O cientista político Boaventura de Sousa Santos (2006, p. 51-135), propõe a construção de uma Epistemologia do Sul que se baseia na ideia central de que “não há justiça social global sem justiça cognitiva global, ou seja, sem justiça entre os conhecimentos”. Transformar o passado, ampliando os seus questionamentos e alterando suas perspectivas é retirá-lo de sua indisponibilidade. A ideia é recuperar experiências sociais desperdiçadas. O passado, neste sentido, ao invés de um mero relato, deve apresentar-se como um recurso, uma alternativa para o presente. Trata-se de um conhecimento novo, ou melhor, um novo modo de produzir conhecimento. Algo que se fundamenta a partir de uma sociologia das ausências e de uma sociologia das emergências, nas quais se objetiva tanto a identificação de experiências sociais ausentes – erigidas por monoculturas que precisam ser substituídas por uma ecologia dos saberes –, quanto a busca de uma ampliação simbólica e da credibilização destas novas realidades encontradas.

Sendo assim, pensar Manaus, sua cultura, e seus ecossistemas comunicacionais, pode configurar-se em exercício destas sociologias transgressoras propostas por Boaventura, no sentido de propiciar a construção de uma realidade mais rica, não subsumida apenas às narrativas já existentes, moldadas por determinação ideológica de hegemonias. Narrativas com bases epistemológicas dualistas, operacionalizadas por uma razão metonímica, na qual se constroem a imagem do ignorante, do residual, do inferior e improdutivo. Narrativas que propiciaram uma série de conseqüências para o contexto local, tais como as práticas de exclusão e equívocos de informações (seja em revistas acadêmicas, livros de história, ou matérias de jornais), a inexistência de acervos e espaços institucionais que possibilitassem o exercício da investigação e da pesquisa artística, além da revitalização de propostas estético-políticas dos grupos e artistas independentes ou subsidiados.

A substituição dessas narrativas-discursos-pensamentos, certamente pode vir a gerar outros desdobramentos socioculturais ativando pontos in-

tocados nos campos dos saberes, das temporalidades, dos reconhecimentos, das trans-escalas, e das produtividades. Tal procedimento pode tornar realizável então não apenas a divulgação dos lugares silenciados ou a liberação de uso dos temas menos nobres, mas a possibilidade da construção de leituras alternativas as já existentes, abrindo caminho para o exercício de auto-reflexão e das transformações sociais.

Referências

AZANCOTH, Ediney. *No palco nem tudo é verdade: memórias de um ator amazonense*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993.

_____.; VALE, Selda. *Tesc: nos bastidores da lenda*. Manaus: Valer/Sesc, 2009.

_____. *Cenário de memórias: movimento teatral em Manaus (1944-1968)*. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BATISTA, Djalma. *Amazônia: cultura e sociedade*. 3. ed. [S. l.]: Organização de Tenório Telles, (1955), Manaus: Valer, 2006.

CASTRO, Mavignier de. *Síntese histórica da evolução de Manaus*. 2. ed. Manaus: Umberto Calderaro, 1948c.

COSTA, Selda Vale. *Eldorado das ilusões. Cinema & sociedade: Manaus (1897/1935)*, Manaus: Edua, 1996.

_____.; LOBO, Narciso Júlio Freire. *No Rastro de Silvino Santos*. Manaus: Edições Governo do Estado, 1987.

COUTINHO, Carlos Augusto. *Manaus: aspectos históricos e culturais*. Manaus: [s. n.], 2006.

DIAS, Edineia Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999.

FREIRE, José Ribamar Bessa (coordenador). *A Amazônia colonial (1616-1798)*. Manaus: Metro Cúbico, 1994.

FREITAS, Ítala Clay de Oliveira. *Tramas Comunicativas da Cultura: a dança no jornalismo impresso em Manaus (1980-2000)*. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

JOBIM, Anísio. *A intelectualidade no extremo norte* (contribuições para a História da Literatura no Amazonas). Manaus: Livraria Clássica; J. J da Camara, 1934.

JOSÉ, Marcos. *Gruta, a flecha do teatro cabocão*. Manaus: Ufam, 1993.

LOBO, Narciso Júlio Freire. Manaus, anos 60: a política através do cinema. *Dissertação* (Mestrado em Comunicação), Escola de Comunicação e Arte, São Paulo, 1988.

MAIA, Álvaro. *Na vanguarda da reatuarda*. Divulgação do D.E.I.P. Manaus, 1943.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Prefácio: Néstor García Canclini. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: história e arquitetura – 1852-1910*. 3. ed. Manaus: Valer/Prefeitura de Manaus/Uninorte, 2006.

MITOSO, José Ribamar. *Os artistas de março*. Um movimento artístico na Amazônia. Manaus: G, 2004.

OLIVEIRA, José Aldemir. *Manaus de 1920-1967*. A cidade doce e dura em excesso. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas/Edua, 2003.

PÁSCOA, Márcio. *A vida musical em Manaus na época da borracha (1850-1910)*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1997.

_____. *Cronologia Lírica de Manaus*. Manaus: Valer, 2000.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. A reinvenção do lugar-comum. *Revista Língua Portuguesa*, ano 4, n. 54, abril, 2010.

PINHEIRO, Amálio (org.). *Comunicação & Cultura: Barroco e mestiçagem*. Campo Grande/MS: Ed. Uniderp, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006 (Coleção para um novo senso comum, 4).

_____. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. Tradução: Mouzar Bedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

SOUZA, Márcio. *A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

_____. *O palco verde*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

TUFIC, Jorge. *Clube da Madrugada: 30 anos*. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.

XAVIER, Adalto. *Dançando conforme a música*. Manaus: Valer/Governo do Amazonas, 2002.

A influência da televisão nos hábitos alimentares dos adolescentes

Maria Emilia de Oliveira Pereira Abbud¹
Sebastião de Sousa Almeida²

Resumo: A inatividade física, associada ao aumento do consumo de alimentos energéticos consumidos frente à televisão, ou em decorrência da influência de comerciais de produtos alimentícios veiculados, tem sido apresentada como fator determinante para o aumento de peso corporal no período da adolescência nos mais diversos países do mundo. Assim, o presente estudo tem como objetivo principal apresentar fundamentos teóricos capazes de promover uma reflexão sobre essa temática.

Palavras-chave: Propaganda Televisiva. Obesidade. Alimentos. Televisão. Adolescentes.

A propaganda televisiva

Nos dizeres de Rabaça e Barbosa (2002), propaganda é qualquer forma de divulgação, de produtos ou serviços através de anúncios geralmente pagos e veiculados sob a responsabilidade de um anunciante identificado, com o objetivo de interesse comercial.

Na mesma direção, Kotler e Armstrong (1993) definem publicidade e propaganda como qualquer forma paga de apresentação e promoção não-pessoal de ideias, produtos ou serviços efetuados por um patrocinador identificado. De acordo com os autores, o objetivo da propaganda é uma tarefa específica de comunicação a ser realizada com um público-alvo específico, durante um determinado período.

¹ Doutora em Ciências, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas, docente credenciada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – PPGCCOM / Ufam, Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas – Fapeam.

² Doutor em Farmacologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Pós-doutorado pela Boston Medical School – USA e Livre-Docente pela Universidade de São Paulo. Professor Titular e Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Professor credenciado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Segundo Sant'Anna (2002), a palavra publicidade significa, genericamente, divulgar, tornar público e a propaganda compreende a ideia de implantar, de incluir um conceito, uma crença na mente alheia. Para Carvalho (2004), o termo propaganda está relacionado à mensagem política, religiosa, institucional e comercial, enquanto o termo publicidade seria voltado apenas para mensagens comerciais.

Conforme explicam Presas, Costa e Maffezzoli (2008), os vocábulo publicidade e propaganda foram incorporados ao dia-a-dia dos profissionais da comunicação publicitária, e, conseqüentemente, repassados sem levar em conta uma tradução equivocada dos conceitos, o que permitiu a utilização dos termos como sinônimos. Essa falta de definição e conceituação própria para cada um dos vocábulo levou à aceitação desse uso comum.

Ao tecer considerações sobre os termos publicidade e propaganda, alguns autores diferenciam esses dois vocábulo, ainda que outros julguem quase imperceptíveis as diferenças e que, por muitas vezes, podem ser tratados como termos semelhantes, o que facilitará o seu entendimento. Desse ponto de vista, para evitar longas discussões sobre a temática, o que foge de nosso propósito, afirma-se que essa compreensão será compartilhada no presente estudo.

Cabe assinalar que tanto para os anunciantes (clientes das agências) quanto para os profissionais que atuam nas agências publicitárias, a televisão é um veículo de entretenimento e ao mesmo tempo fonte de informação e conhecimento. Apresenta-se como meio audiovisual dos mais completos uma vez que é capaz de integrar texto, imagem e som.

Neste sentido, diante da escolha da televisão como veículo para divulgação de produtos e serviços, cabe à mensagem publicitária, concebida por profissionais cada vez mais qualificados, tornar familiar o produto que está vendendo, ao mesmo tempo valorizá-lo com certa dose de diferenciação a fim de destacá-lo da ala comum (CARVALHO, 2004).

Segundo Fischer (2007), as empresas especializadas em publicidade e propaganda responsáveis pela criação, produção e inserção de grande parte dos materiais promocionais publicitários veiculados na mídia de massa, oferecem uma ampla gama de produtos e serviços. Estes voltados para a finalidade de persuadir, convencer para a adoção de atitudes convergentes com a intenção do emissor sejam estas de conduzir à compra ou à adesão de ideias.

As linguagens da propaganda e da publicidade são recorrentemente reconhecidas como indícios expoentes da consolidação da cultura de mercado (MACHADO, 2009). Trabalhos publicados comprovam que os anunciantes têm investido grande volume de recursos financeiros em estratégias publicitárias, especialmente os empresários anunciantes das indústrias de alimentos.

Segundo French, Story e Jeffery (2001), nos Estados Unidos, no ano de 1997, os restaurantes *fast food* gastaram 95,0% de suas verbas publicitárias com propagandas na televisão, sendo que o volume de dólares gastos pela indústria de alimentos e por serviços de alimentação com publicidade só ficou atrás daqueles utilizados pela indústria automobilística, considerada a primeira do *ranking*. A embalagem e o *marketing* estão entre os principais componentes na estrutura de custos dos produtos atualmente no Brasil (BELIK, 1996). Deve-se ainda acrescentar que a televisão contribui para a delimitação do estilo de vida ocidental mediante ampliação do incentivo ao consumo difundido pelo *marketing* (MENDONÇA; ANJOS, 2004).

De acordo com Andrade (1996), *marketing* é o conjunto de operações que envolvem a vida do produto, desde a planificação de sua produção até o momento em que é adquirido pelo consumidor. Tem o propósito de detectar, prognosticar, servir e satisfazer as necessidades do consumidor, sem comprometimento da lucratividade dos negócios (FORTES, 1999).

Para Hawkes (2004), a publicidade e propaganda são técnicas que têm sido amplamente utilizadas pelas empresas para encorajar o consumo de seus produtos alimentícios. Nos últimos tempos a publicidade televisiva infantil tem sido foco de discussões internacionais, uma vez que as indústrias de alimentos têm investido pesadamente divulgando *fast-food* ricos em calorias, bebidas carbonatadas, cereais açucarados matinais e *snacks*, alimentos os quais tendem a ser ricos em gordura, açúcar e sal, bem como pobres em nutrientes.

De acordo com o Vasconcellos et al. (2009) no ano de 2001 o orçamento publicitário das indústrias de alimentos mundial foi estimado em torno de 40 bilhões de dólares. Constatou-se que para cada dólar gasto pela Organização Mundial de Saúde – OMS tentando promover a nutrição saudável, 500 dólares são gastos pela indústria de alimentos na promoção de alimentos processados. De acordo com a Secretaria de Atenção à Saúde, no Brasil, no ano de 2005 foram investidos cerca de um bilhão de dólares no mercado publicitário de alimentos (VASCONCELLOS et al., 2009).

Diante disso, com os crescentes investimentos de *marketing* dirigido ao público infantil como mercado consumidor promissor, a sociedade preocupa-se cada vez mais com a exploração da criança pela mídia, renovando-se as discussões sobre as influências e danos que a propaganda pode causar (LAURINDO; LEAL, 2008). Os autores reportam-se a Karsaklian (2002) ao explicar que não pode ser considerada somente a idade para avaliar a influência da propaganda. A maturidade e a personalidade, somadas à amplitude do contato dela com a propaganda, participam do processo.

Em síntese, as crianças e adolescentes são considerados integrantes de um público alvo mais susceptível às inovações e às mudanças de comporta-

mento. A televisão pode influenciar não apenas nas horas dedicadas ao lazer, mas, sobretudo, no comportamento alimentar (MAESTRO, 2002).

A obesidade

A obesidade é um distúrbio nutricional metabólico caracterizado pelo aumento da massa adiposa do organismo, que se reflete no aumento do peso corpóreo (RAMOS; BARROS FILHO, 2003). Pode ser classificada como endógena ou primária, quando derivada de problemas hormonais, tais como, alterações provenientes do metabolismo tireoideano, gonadal, hipotálamo-hipofisário, tumores como o craniofaringeoma e as síndromes genéticas; exógena ou nutricional ou secundária, quando é derivada do desequilíbrio entre a ingestão alimentar e o gasto calórico (SILVA; COSTA; RIBEIRO, 2008; FISBERG, 2005; MELLO; LUFT; MEYER, 2004). De acordo com a literatura 95% dos casos de obesidade diagnosticados são do tipo exógena, os demais 5% são do tipo endógena (SILVA; COSTA; RIBEIRO, 2008).

Estudos identificam ainda como agentes causadores da obesidade alterações sócio-culturais, psicológicas, diminuição de gasto energético, aumento de ingestão alimentar e sedentarismo. A Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS afirma que, além do desequilíbrio alimentar causado por dietas hipercalóricas, o sedentarismo ou a atividade física reduzida também são considerados fatores desencadeantes do excesso de peso (OPAS, 2003a).

Quanto ao aspecto psicológico, há algumas décadas a obesidade tem sido apontada como um dos fatores contribuintes para a baixa estima, o isolamento social e a depressão. Alguns estudos assinalam que dependendo das características do caso, pode ser vista como sintoma de grande ansiedade, apontando para dificuldades internas, afetivas e relacionais, o que requer um tratamento psicoterápico (SOIFER, 1987).

Muitos trabalhos salientam que a obesidade causa problemas psicossociais como a discriminação sofrida pelos obesos na sociedade. É capaz de reduzir a autoestima, conduzindo-os a uma maior vulnerabilidade à depressão e insistente busca pelo alimento, além de afastamento do círculo social. Enfatiza-se que na idade pré-escolar tem início o processo de estigmatização e rejeição, que, com toda a certeza, poderão afetar o desempenho escolar e os relacionamentos futuros (FISBERG, 2005; ABRANTES; LAMOUNIER; COLOSIMO, 2002; FERREIRA, 2005; SILVA; COSTA; RIBEIRO, 2008).

Os fatores genéticos também são apresentados como agentes influenciadores diretos nas características do desenvolvimento do tecido adiposo, bem como na determinação da taxa metabólica basal – TMB do indivíduo obeso (RODRIGUES, 1998; SILVA; COSTA; RIBEIRO, 2008). Tem sido

amplamente investigada pela literatura a relação entre os pesos dos pais e de seus filhos. A obesidade materna tem sido percebida como um preditor positivo da obesidade na infância. O trabalho apresentado por Ferreira (2005), citado por Silva, Costa e Ribeiro (2008) assinala que 80% das crianças entre 10 e 14 anos, com um dos pais com sobrepeso ou obesidade, também são obesas.

Para Barbosa et al. (2009), o nível socioeconômico constitui-se também fator determinante da prevalência de sobrepeso e obesidade, uma vez que é capaz de interferir na disponibilidade de alimentos, no acesso à informação, pode estar associado ao estilo de vida e a determinados padrões de atividade física. Entre os indicadores de condições socioeconômicas mais frequentemente utilizados, descritos no estudo, apresentado por Barbosa et al. (2009), figuram a educação, a ocupação e a renda.

Resultados apresentados por Mc Laren (2007), citado por Barbosa et al. (2009), mostram que entre as mulheres de países de médio a baixo índice de desenvolvimento humano, a associação positiva entre condições socioeconômicas e obesidade foram mais comuns, enquanto para o sexo masculino as associações não foram significativas. O estudo verificou que para indicadores como educação e ocupação, a associação foi mais negativa que positiva, sugerindo que talvez o padrão social de distribuição de peso estivesse em transição.

De acordo com o estudo de Barbosa et al. (2009), a prevalência mundial de sobrepeso e obesidade vem apresentando um aumento acelerado nas últimas décadas, sendo caracterizada como uma epidemia mundial. Na percepção dos autores, a ocorrência da obesidade, tanto em adultos como em crianças, é merecedora de preocupação, uma vez que o excesso de peso, definido como $IMC \geq 25 \text{Kg/m}^2$, deve ser considerado fator de risco para desenvolvimento de diabetes mellitus – DM, dislipidemia e hipertensão arterial, que favorecem o desenvolvimento de doenças cardiovasculares (BARBOSA et al., 2009).

Alguns estudos mostram que os indivíduos obesos apresentam pelo menos o dobro da chance de desenvolver diabetes, resistência à insulina, doença da vesícula, dislipidemia, apneia, hipertensão, doença coronariana, osteoartrite e gota (WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO), 2002; GIGANTE; MOURA; SARDINHA, 2009).

De acordo com Souza et al. (2007) nos Estados Unidos a obesidade acomete cerca de 27% da população adulta entre 20 e 74 anos e entre 20% a 27% das crianças e adolescentes. Silva, Costa e Ribeiro (2008), ao tecerem considerações sobre a obesidade nos Estados Unidos, chamam a atenção sobre o interesse na temática em função de seu crescimento exacerbado entre as

crianças. Os autores mencionam no estudo apresentado que a obesidade chega a atingir cerca de um quarto da população infantil do país. Yepez, Carrasco e Baldeón (2008) afirmam que atualmente existem duas vezes mais crianças com sobrepeso nos Estados Unidos que nas duas décadas anteriores.

Destaca-se que nas crianças e nos adolescentes, entre 6 e 17 anos, tem havido acentuada diferença quanto à sua origem, os hispânicos/mexicanos são mais obesos (17%) do que os negros (12%) e estes mais que os brancos (10%) (YEPEZ; CARRASCO; BALDÉON, 2008; YEPEZ, 2005).

A preocupação acerca da obesidade é compartilhada em vários países latino-americanos. Na Argentina, México, Paraguai e Uruguai estima-se que 50% da população apresentam sobrepeso e 15% está obesa (EBERWINE, 2002; YEPEZ; CARRASCO; BALDÉON, 2008).

No Chile, a obesidade é reconhecida como o problema nutricional mais importante em todas as idades e estratos socioeconômicos e seu declínio é um dos objetivos do Ministério da Saúde para o período 2000-2010 (GUTIERREZ-GOMEZ et al., 2009). Segundo Mardones et al. (2009), desde meados dos anos oitenta, a população chilena vivenciou uma rápida transição epidemiológica, parte de uma alta prevalência de desnutrição infantil na década de setenta, para um aumento contínuo da obesidade e fatores de risco relacionados com doenças crônicas e falta de atividade física. O *National Health Interview Survey* – SNIS, realizado no ano de 2003, identificou uma prevalência de sobrepeso e obesidade populacional de 61% entre os 17 e 65 anos, 55% dos quais com risco cardiovascular elevado ou muito elevado. Na juventude, com idade que varia entre 17 e 24 anos, essa prevalência chegou a 25,4%. O sedentarismo atinge 90% da população em geral e 82% dos jovens chilenos (MARDONES et. al., 2009).

No México, verifica-se que uma em cada quatro crianças com idade compreendida entre quatro e dez anos está com sobrepeso (INTA, 2005; OPAS, 2003a; YEPEZ, 2005; YEPEZ; CARRASCO; BALDÉON, 2008). Na Venezuela encontra-se um excesso de peso predominantemente nos habitantes das áreas urbanas, particularmente nas áreas metropolitanas de Caracas e Zulia. Comprova-se que, aproximadamente, 15% dos adolescentes venezuelanos apresentam sobrepeso. O maior índice de excesso de peso é encontrado entre as meninas, com 16%, e 14% entre os meninos. Dados registrados nos estudos mostram que na Colômbia, no ano de 2005, o excesso de peso entre os adolescentes de dez a 17 anos atingiu 10,3%. Comprova-se também um excesso de peso maior nas áreas urbanas colombianas (11,6%) que nas áreas rurais (7,2%). Verifica-se que o excesso de peso é mais comum entre as meninas, com 12,3%, já entre os meninos é de 8,1%. No Peru, um estudo publicado no ano de 2003 mostrou que o sobrepeso e a obesidade

são maiores nas cidades da costa peruana e nas cidades de região andina e amazônica. Na cidade de Lima foi registrado o maior índice de sobrepeso, sendo que 31,6% dos adolescentes do sexo masculino tinham sobrepeso e 7,2% estavam obesos (YEPEZ; CARRASCO; BALDÉON, 2008).

Ao retratar a realidade brasileira, os estudos enfatizam que somente a partir do ano de 1975 o Brasil passou a dispor de inquéritos representativos da situação nutricional do país (BATISTA FILHO; RISSIN, 2003). Dentre os inquéritos amplamente citados nos trabalhos apresentados estão: o Estudo Nacional de Despesa Familiar – Endef, a Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição – PNSN, a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde – PNDS e, mais recentemente, as Pesquisas de Orçamentos Familiares – POF e a Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico – Vigitel. Inquéritos, que quando realizados a cada década, são capazes de favorecer uma análise representativa das tendências do cenário nutricional do país (HAMACEK; NOBRE, 2009).

Os resultados obtidos nos inquéritos mostram um acelerado declínio na ocorrência da desnutrição e um aumento na prevalência de sobrepeso e obesidade da população, o que caracteriza o processo de transição nutricional (BATISTA FILHO; RISSIN, 2003; HAMACEK; NOBRE, 2009).

A literatura especializada salienta que o processo de transição nutricional, embora atinja toda a população, apresenta diferenciação de acordo com o gênero e o grupo socioeconômico considerado no estudo. Os resultados apresentados em uma diversidade de trabalhos sobre o tema apontam que a prevalência de obesidade tende a ser maior no gênero masculino pertencente à população de renda mais elevada, enquanto na população feminina a frequência de excesso de peso encontrada é mais expressiva nos estratos de menor renda (FERREIRA, 2006; HAMACEK; NOBRE, 2009).

As tendências observadas por Monteiro et al. (2004), ao realizar um acompanhamento histórico de indicadores do estado nutricional da população feminina brasileira, apontam a indicação de mulheres com IMC= 18,5 Kg/m²(magras) e =30Kg/m² (obesas) entre as 25% mais pobres e mais ricas nos anos de 1975, 1989 e 1997. A prevalência de baixo peso, identificada entre as mulheres mais pobres, passou de 17,1% para 9,5% entre 1975 e 1997, enquanto a prevalência de obesas identificada no mesmo grupo passou de 4,7% para 12,6%. A prevalência de baixo peso identificada no inquérito realizado no ano de 2004 foi de 6% enquanto a obesidade identificada foi de 12,7% (COUTINHO; LUCATELLI, 2006).

As revisões sistemáticas que têm sido apresentadas indicam que nos países desenvolvidos a obesidade tende a ser mais frequente entre os indivíduos de menor renda, com menor escolarização e com ocupação consi-

derada de menor prestígio social. Enquanto que nos países em desenvolvimento os estudos evidenciam a existência de uma tendência inversa, ou seja, maior frequência de obesidade nos estratos de melhor nível socioeconômico (BARBOSA et al., 2009).

O estudo de Monteiro et al. (2004), realizado com populações dos países em desenvolvimento, apresenta resultados similares aos estudos obtidos nos países em desenvolvimento. Uma análise comparativa realizada no período de 1974 e 1997 já evidenciava um aumento da obesidade em todas as regiões e em todos os estratos de renda (BARBOSA et al., 2009).

A Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF (2002-2003), que englobou as cinco macrorregiões brasileiras, revela a tendência no aumento de sobrepeso e obesidade. Para o sexo masculino o aumento ocorre em todas as regiões brasileiras em todas as classes de rendimento. Na população feminina, o excesso de peso tende a deslocar-se para a região nordeste e para as classes de menor renda (BARBOSA et al., 2009).

De acordo com Bensenõr e Lotufo (2007), os dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (2002-2003) revelam que o excesso de peso em adultos excede em oito vezes o *déficit* de peso na população feminina e em quinze vezes na população masculina. Entre os adultos maiores de 20 anos participantes do estudo, verifica-se que 4% apresentam baixo peso enquanto 40,6% da população são considerados com excesso de peso e dentre estes, aproximadamente 20%, foram diagnosticados como obesos. A frequência de obesidade diagnosticada nos homens é de 8,9% e nas mulheres 13%.

Os dados revelados pela pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico, Vigitel 2008, realizado por amostragem com 54 mil pessoas residentes nas capitais e no Distrito Federal, mostram que a cidade com menor número de obesos é Teresina, com 36,6%. A capital do Piauí também é a melhor colocada entre os homens (38,7%). Entre as mulheres adultas, as menores taxas de obesidade encontradas ocorreram entre as mulheres de Teresina (9,3%), de Palmas (10,2%) e na cidade de Vitória (10,3%) capital do Espírito Santo.

Lima, Arrais e Pedrosa (2004), reportam-se a Wang, Monteiro e Popkin (2002) ao afirmarem que no Brasil, comparando-se os dados do Estudo Nacional da Despesa Familiar – Endef, realizado em 1974/75, com os dados da Pesquisa sobre Padrões de Vida – PPV, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, entre março de 1996 e março de 1997, verificou-se um aumento na prevalência de sobrepeso e obesidade de 4,1% para 13,9% em crianças e adolescentes de seis a 18 anos.

Philippi e Alvarenga (2009) salientam em seu trabalho de pesquisa que os dados da Pesquisa de Orçamento Familiares – POF (2002-2003) mostram

uma prevalência de excesso de peso nos adolescentes brasileiros de 16,7% (nos meninos 17,9 e nas meninas 15,4). O inquérito indica que 2% dos adolescentes brasileiros apresentam obesidade, as meninas 2,9% e os meninos 1,8%.

O estudo de Kunkel, Oliveira e Peres (2009) destaca o resultado obtido na pesquisa de Veiga, Cunha e Sichieri (2004) quando afirmam que o excesso de peso em adolescentes aumentou de 2,6% para 11,8% nos meninos e de 5,8% para 15,3% nas meninas no período compreendido entre 1975 e 1997. De acordo com o estudo dos autores a Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF (2002-2003) mostrou uma prevalência de 23,6% de sobrepeso e 3,3% de obesidade em adolescentes do sexo masculino e 17,1% de sobrepeso e 2,9% de obesidade entre as meninas na mesma faixa etária nas regiões urbanas do sul do país.

Na cidade de Manaus, estudo realizado por Abbud (2010) com 94 adolescentes, alunos de uma instituição pública de ensino, demonstrou que quanto à classificação por percentil, foi diagnosticado que 11,7% apresentaram sobrepeso e 7,4% apresentaram prevalência de obesidade. Efetuada a soma entre os adolescentes com sobrepeso e obesidade verifica-se que 19,1% dos estudantes estão com excesso de peso.

Os índices de sobrepeso e obesidade encontrados no estudo realizado na região norte, quando comparados com outros estudos internacionais e nacionais, realizados recentemente com adolescentes, embora mais baixos que em países desenvolvidos e mais reduzidos que em algumas regiões brasileiras, são considerados elevados. Até bem pouco tempo atrás esses índices seriam registrados apenas nas regiões brasileiras, consideradas economicamente mais desenvolvidas (Sul, Sudeste e Centro-Oeste) e indicadores mais baixos seriam registrados nas regiões economicamente emergentes (Norte e Nordeste).

Foi possível observar que muitos trabalhos realizados com crianças e adolescentes destacaram a possibilidade desses resultados obtidos estarem relacionados ao maior acesso aos alimentos industrializados, por serem decorrentes dos hábitos alimentares oriundos da urbanização, que, associados à falta de informação adequada sobre os alimentos consumidos, provocou a indução de equívocos alimentares, como o aumento do consumo de alimentos ricos em sal e gorduras (LIMA; ARRAIS; PEDROSA, 2004; SILVA; COSTA; RIBEIRO, 2008) doces e bebidas açucaradas e a uma redução da ingestão de cereais e/ou produtos integrais, frutas e verduras. Essa alimentação, considerada equivocada na totalidade dos estudos, certamente irá ocasionar repercussões metabólicas que poderão se manifestar ao longo da vida adulta.

O hábito de assistir à televisão

Salienta-se que a inatividade física é considerada um dos maiores vilões na gênese da obesidade na infância e na adolescência (SILVA; COSTA; RIBEIRO, 2008). Segundo Fin e Marchese (2009), as crianças e adolescentes têm gasto cada vez menos tempo com a prática de atividade física intensa ou moderada, além de optarem por atividades de reduzida intensidade, de baixo gasto energético como: assistir à televisão, acessar a *internet*, jogar videogame ou jogos eletrônicos durante os momentos de lazer.

Comprovadamente essa não é uma discussão recente. Em Portugal, um estudo realizado em 1992, com crianças do 1.º, 2.º e 3.º ciclos, evidenciava essa realidade e revelava que o tempo gasto diante do aparelho de televisão era em média de 2 horas/dia durante a semana e 3,5 horas/dia no fim de semana. Os dados obtidos comprovaram que quando a criança concluía o ensino secundário passava cerca de três anos assistindo à televisão (MONTEIRO, 1999).

É considerada de imensa importância em saúde pública a relação entre o número de horas diárias destinadas a assistir à televisão e a obesidade infanto-juvenil (FRUTUOSO; BISMARCK-NASR; GAMBARDELLA, 2003). Uma diversidade de estudos há muito tempo estabelece uma relação entre o número de horas diárias despendidas em frente ao aparelho de televisão aos índices de sobrepeso e obesidade na infância e adolescência (FORMENTIN et al., 2008; BORGES et al., 2007).

Uma pesquisa realizada há mais de duas décadas pela *National Children and Youth Fitness Study* indicou que metade das crianças nos Estados Unidos não se ocupava com atividades físicas e gastava em média dezessete horas por dia assistindo à televisão, além do tempo que passavam jogando videogame e em frente ao computador. O estudo realizado no fim dos anos oitenta mostrou que as crianças estavam se exercitando cada vez menos. Comprovou-se, porém, que assistiam mais à televisão, especialmente, à medida em que ficavam mais velhas (ROSS et al., 1987).

O estudo de Damiani, Carvalho e Oliveira (2000) estabeleceu uma nítida relação entre a obesidade e o hábito de assistir à televisão. De acordo com trabalho apresentado pelos pesquisadores o risco de uma criança tornar-se obesa é diretamente proporcional ao número de horas diárias em que ela vê televisão.

No mesmo sentido Crespo (2001) mostrou em estudo realizado pela Universidade Estadual de Nova York em Buffalo, que, à medida que o tempo das crianças na frente da televisão aumentava, também aumentava sua gordura corporal. Quando analisaram dados nacionais de saúde

e nutrição de mais de 4.000 crianças e adolescentes, constatou-se que a obesidade era menor entre crianças que viam TV por uma hora ou menos por dia e que aumentava, proporcionalmente, o número de crianças obesas.

Diante do exposto é possível perceber que há muitas décadas os estudos já relacionavam à obesidade de crianças e adolescentes ao hábito de ver televisão várias horas por dia. Porém, observou-se também que muitos trabalhos relacionam a obesidade a um conjunto de outras práticas, dentre elas o consumo de alimentos enquanto assiste à televisão (COTUGNA, 1988; RUANO; PUJOL, 1997; PASSAMAI, 1999; PIOVESAN et al., 2002, FRUTUOSO; BISMARCK- NASR; GAMBARDELLA, 2003).

Resultados apresentados por Jeffery e French (1998) referentes à população adulta feminina, condizem com a hipótese de que atitudes como assistir TV e consumir lanches rápidos com elevado conteúdo em gordura poderiam ter colaborado para a prevalência de obesidade nos Estados Unidos.

Outra diversidade de estudos relata que a obesidade em crianças e adolescentes pode ser resultado do desequilíbrio entre atividade física reduzida e excesso de consumo de alimentos densamente calóricos divulgados durante as propagandas comerciais veiculadas na televisão (DIETZ, 1994; BRAY; POPKIN, 1998; ROBINSON, 1998).

Há duas décadas Story e Faulkner (1990) observaram os anúncios veiculados na TV norte-americana relacionada à alimentação, transmitidos entre 20 e 23 horas e identificaram que 60% destes referiam-se a refrigerantes e outros produtos alimentícios açucarados, com baixa qualidade nutricional (FRUTUOSO; BISMARCK- NASR; GAMBARDELLA, 2003).

Doyle e Feldman (1997) mostraram que 83% dos adolescentes residentes na região Norte do Brasil apontaram a televisão como responsável por suas escolhas alimentares.

De acordo com a Organização Pan-Americana (2003b), uma exposição de apenas 30 segundos a comerciais sobre alimentos é capaz de influenciar as escolhas das crianças por determinado produto (FIN; MARCHESE, 2009).

Uma diversidade de trabalhos evidencia que as crianças e os adolescentes, frequentemente, têm o hábito de ingerir alimentos ricos em monossacarídeos e lipídios enquanto veem TV. Existem evidências sugerindo que as propagandas de alimentos veiculadas na televisão induzem crianças e adolescentes à obesidade uma vez que a publicidade veiculada na televisão estimula o consumo de alimentos com elevado grau de processamento e expressivos teores de gorduras, óleos, açúcares e sal (RODRIGUES, 1998; GAMBARDELLA; FRUTUOSO; FRANCH, 1999; MELLO; LUFT; MEYER, 2004; ALMEIDA;

NASCIMENTO; QUAIOTI, 2002; NASCIMENTO, 2007; SILVA; COSTA; RIBEIRO, 2008; FIN; MARCHESE, 2009).

Nesse sentido, alguns pesquisadores têm tentado mensurar o quanto a prevalência da obesidade pode ser atribuída à propaganda televisiva veiculada durante a programação exibida. Na Universidade de Queensland, na Austrália, o pesquisador Lennert Veerman utilizou modelos matemáticos de simulação para estimar os efeitos potenciais da redução de exposição de crianças norte americanas entre seis e doze anos à propaganda de alimentos na televisão para avaliar a prevalência de sobrepeso e obesidade. Os resultados mostraram que reduzindo a exposição à propaganda a zero, diminui a prevalência de obesidade de 17,8% para 15,2% entre os meninos e de 15,9% para 13,5% entre as meninas. O estudo realizado comprovou que entre um em sete, até uma em três crianças obesas nos Estados Unidos poderiam não ter adquirido obesidade se não tivessem sido expostas à propaganda de alimentos não saudáveis na televisão (SOCIEDADE MÉDICA PAULISTA DE SAÚDE, 2009).

No Brasil, ainda existem poucos trabalhos sobre a propaganda e a promoção de alimentos divulgados na televisão. Uma pesquisa apresentada pelo Ministério da Saúde no ano de 2008 apontou que mais de 70% de peças publicitárias veiculadas em revistas e canais de televisão são de alimentos não saudáveis. O estudo realizado por pesquisadores da Universidade de Brasília foi financiado pelo Ministério da Saúde e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Durante um ano foram analisadas propagandas televisivas em desenhos, programas infantis, femininos destinados ao público jovem, novelas e filmes veiculados em dois canais da televisão aberta e em dois canais a cabo, além de propagandas impressas em 18 tipos diferentes de revistas femininas, adultas e destinadas ao público infante-juvenil. O resultado do estudo mostra que o tipo de publicidade mais frequente de alimentos é de *fast-food* (um termo inglês que significa comida rápida). Este tipo de alimentação, surgida nos Estados Unidos, tem como característica principal a produção de lanches e acompanhamentos (lanches, batatas fritas, empanados, *milk shakes*) de forma rápida. As grandes cadeias de lanchonete são as maiores representantes deste tipo de alimentação, que se espalhou pelo mundo a partir da década de 1970.

Em seguida aparecem as propagandas sobre guloseimas e sorvetes, refrigerantes e sucos artificiais, salgadinhos de pacote e biscoitos doces e bolos. Afirmar-se, com base nos dados obtidos, que as propagandas predominantes são as de alimentos com alto teor de gorduras, sal e açúcar. Os anúncios de alimentos correspondem a 9,7% do total, e sua maior frequência ocorre no período das 14h30m às 18h30m, com maior prevalência na rede de televisão a cabo.

Estudo realizado na cidade de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, indicou que a categoria alimentos foi a mais anunciada nas emissoras de

televisão, independente do dia e do horário em que foram divulgadas. A propaganda foi um fator associado à tomada de decisão de compra de alimentos. A maioria dos alunos apresentou hábitos alimentares inadequados, com elevado consumo de açúcar e sal. Evidenciou-se que a televisão divulga elevada frequência de propagandas de alimentos, a maioria com reduzido valor nutricional, associando o consumo de alimentos a aspectos positivos e agradáveis, fatores que poderiam estar influenciando os hábitos alimentares dos adolescentes (NASCIMENTO, 2007).

No estado do Amazonas, estudo realizado por Abbud (2010) comprova que a categoria alimentos foi uma das mais veiculadas nas propagandas de três emissoras de maior audiência na cidade de Manaus. Dos alimentos veiculados cerca de 40% foram classificados como alimentos densamente calóricos, compostos de óleos, gorduras e açúcares. Foi possível verificar que a maior parte das propagandas veiculadas nas emissoras anunciou produtos alimentícios que deveriam ser consumidos no café da manhã ou no lanche, sugeriu alimentos de consumo imediato, contou com a presença de desenho animado e utilizou alguma imagem que retratasse o cotidiano. O estudo demonstra que assistir às propagandas veiculadas na televisão é um fator que está relacionado à decisão de compra e consumo dos adolescentes (ABBUD, 2010).

Considerações finais

Segundo o Ministério da Saúde no Brasil, o diálogo com o setor das indústrias de alimentação e os veículos de comunicação e *marketing* precisa ser aprofundado para que seja possível mudar progressivamente a demanda e eliminar a promoção de produtos alimentícios e de bebidas que contribuem para dietas que levam à má saúde na infância e na adolescência. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa tem discutido com os representantes do mercado publicitário, da indústria alimentícia e sociedade civil uma nova regulamentação sobre a publicidade de alimentos.

Verifica-se que desde o ano de 2006 a Coordenação Geral da Política de Alimentação e Nutrição do Ministério da Saúde Brasileiro tem discutido a oferta, propaganda e publicidade de alimentos com quantidades elevadas de açúcar e gordura. Sabe-se que no ano de 2008 decidiu-se a realização de campanhas de alimentação adequadas para executar uma mudança nos hábitos da população, na intenção de reduzir o consumo desses alimentos. Entretanto, parece-nos que a meta principal ainda não foi cumprida. Ainda não foi possível efetuar revisões das políticas legislativas que estão no Congresso Nacional, relacionadas a esse tipo de propaganda.

Diante da vasta gama de propaganda de alimentos, da frequência e intensidade de inserção das propagandas comerciais de televisão, torna-se necessária a elaboração de uma regulamentação específica sobre a publicidade em torno dos alimentos divulgados na televisão.

Torna-se essencial ampliar essa discussão. É de suma importância que os governos e os atores não-governamentais participem e reconheçam sua responsabilidade conjunta. A população de nosso país, constituída de crianças, adolescentes, jovens e idosos têm o direito à alimentação adequada e a um melhor padrão de saúde (COSTA, 2009).

Referências

ABBUD, M. E. O. P. *A influência da televisão nos hábitos alimentares de uma população de adolescentes da região norte brasileira*. Tese de Doutorado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2010.

ABRANTES, M. M.; LAMOUNIER, J. A.; COLOSIMO, E. A. Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes das regiões sudeste e nordeste. *Jornal da Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 78, n. 4, 2002, p. 337.

ALMEIDA, S. S.; NASCIMENTO, P. C. B. D.; QUAIOTI, T. C. B. Quantidade e qualidade de produtos alimentícios anunciados na televisão brasileira. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 36, n. 3, 2002, p. 353-355.

ANDRADE, C. T. S. *Dicionário profissional de Relações Públicas e comunicação e glossário de termos Anglo-Americanos*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1996.

BATISTA FILHO, M.; RISSIN, A. A transição nutricional no Brasil: tendências regionais e temporais. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, 2003, Suplemento 1, p. S181-S191.

BARBOSA, J. M.; CABRAL, P. C.; LIRA, P. I. C. de.; FLORÊNCIO, T. M. de M. T. Fatores socioeconômicos associados ao excesso de peso em população de baixa renda do Nordeste brasileiro. *Archivos Latinoamericanos de Nutricion* - Alan, Venezuela, v. 59, n.1, 2009, p. 22-29.

BELIK, W. A reestruturação da indústria agroalimentar e abastecimento: uma nova agenda para discussão. In: GALEAZZI, M. A. M. (Org.). *Segurança alimentar e cidadania*. Campinas: Mercado das Letras, 1996, p. 295-300.

BENSENÖR I.; LOTUFO, P. *How Stuff Works*: como funcionam a obesidade e a desnutrição no Brasil. 2007, Disponível em: <<http://saude.hsw.uol.com.br/obesidade-e-desnutricao1.htm>>, acesso em: 25 mar. 2010.

BORGES, C. R.; KÖHLER, M. L. K.; LEITE, M. L.; SILVA, A. B. F.; CAMARGO, A. T. C.; KANUNFRE, C. C. Influência da televisão na prevalência de obesidade infantil em Ponta Grossa, Paraná. *Ciência Cuidado e Saúde*, Maringá, v. 6, n. 3, 2007, p. 305-311.

BRAY, G. A.; POPKIN, B. M. Dietary fat intake does affect obesity. *American Journal of Clinical Nutrition*, Bethesda, v. 68, 1998, p. 1157-1173.

CARVALHO, N. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 2004.

COTUGNA, N. TV ads on Saturday morning children's programming – what's new? *Journal Nutrition Education*, New York, v. 20, n. 3, 1988, p. 125-127.

COUTINHO, M.; LUCATELLI, M. Produção científica em nutrição e percepção pública da fome e alimentação no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 40, n. esp., 2006, p. 86-92.

COSTA, J. R. V. *Publicidade, crise e novas demandas*. São Paulo, 2009, disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/.../conteudo_419576>, acesso em: 11 maio 2009.

CRESPO, C. J.; SMIT, E.; TROIANO, R. P.; BARTLETT, S. J.; MACERA, C. A.; ANDERSEN, R. E. Television watching, energy intake and obesity in U.S. children: results from the Third National Health and Nutrition Examination Survey, 1988-1994. *Archives of Pediatrics Adolescence Medicine*, Chicago, v. 13, 2001, p. 202-209.

DAMIANI, D.; CARVALHO, D. P.; OLIVEIRA, R. G. Obesidade na infância: um grande desafio. *Pediatria Moderna*, 2000, disponível em: <http://www.sbp.com.br/img/documentos/doc_obesidade_infancia>, acesso em: 12 maio 2009.

DIETZ, W. H. Critical periods in childhood for the development of obesity. *American Journal of Clinical Nutrition*, Bethesda, v. 59, 1994, p. 955-959.

_____.; GORTMAKER, S. L. Do we fatten our children at the television set? Obesity and television viewing in children and adolescents. *Pediatrics*, Carlton, v. 75, 1985, p. 807-812.

DOYLE, E. I.; FELDMAN, R. H. L. Factors affecting nutrition behavior among middle-class adolescents in urban area of Northern region of Brazil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 31, n. 4, 1997, p. 342-350.

EBERWINE, D. Perspectivas de salud, Globesidad: una epidemia en apogeo?, *Perspectivas de Salud*, v. 7, n. 3, 2002, disponível em: <http://www.paho.org/Spanish/dpi/Numero15_article2_5>, acesso em: 12 maio 2009.

ESTIMA, C. de C. P.; PHILIPPI, S. T.; ALVARENGA, M. dos S. Fatores determinantes do consumo alimentar: por que os indivíduos comem o que comem? *Revista Brasileira de Nutrição Clínica*, Porto Alegre, v. 24, n. 4, 2009, p. 263-268.

FERREIRA, S. R. G. A obesidade como epidemia: o que pode ser feito em termos de saúde pública? *Einstein*, 2006, Suplemento 1, p. 1-6. disponível em <apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/113-1-6>, acesso em: 20 maio 2006.

FERREIRA, J. P. *Diagnóstico e tratamento*. Porto Alegre: Artemed, 2005, p. 161-165.

FIN, C. A.; MARCHESI, M. C. *Conhecer os hábitos alimentares, o estado nutricional e o nível de atividade física para a educação nutricional de adolescentes*. Londrina, 2009, disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/551-4>, acesso em: 10 dez. 2009.

FISBERG, M. *Atualização em obesidade na infância e na adolescência*. São Paulo: Atheneu, 2005.

FISCHER, M. E. A persuasão na perspectiva da publicidade: algumas aproximações iniciais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 30., 2007, Santos. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2007, disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/.../R0937-1>>, acesso em: 14 abr. 2009.

FORMENTIM, C. M.; FONTOURA, A. S.; DIAS, L.; ALONSO, J. L.; MEYER, F. Perfil nutricional, maturacional e nível de atividade física de crianças e adolescentes do ensino público e privado de Porto Alegre – RS. *Revista de Nutrologia*, v. 1, n. 2, 2008, p. 62-67.

FORTES, W. G. *Transmarketing: estratégias avançadas de Relações Públicas no campo do marketing*. São Paulo: Summus, 1999.

FRENCH, S.; STORY, M.; JEFFERY, R. Environmental influences on eating and physical activity. *Annual Review of Public Health*, Palo Alto, v. 22, 2001, p. 309-335.

FRUTUOSO, M. F. P.; BISMARCK-NASR, E. M.; GAMBARDELLA, A. M. D. Redução do dispêndio energético e excesso de peso corporal em adolescentes. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 16, n. 3, 2003, p. 257-263.

GAMBARDELLA, A. M. D. ; FRUTUOSO, M. F. P.; FRANCH, C. Prática alimentares de adolescentes. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 12, n. 1, 1999, p. 5-19.

GIGANTE, D. P.; MOURA, E. C. de M.; SARDINHA, L. M. V. Prevalência de excesso de peso e obesidade e fatores associados, Brasil, 2006. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, 2009, Supplement 2, p. 83-89.

GUTIERREZ-GOMES, Y.; KAIN, J.; UAUY, R.; GALVAN, M.; CORVALAN, C. Estado nutricional de preescolares asistentes a la Junta Nacional de Jardines Infantiles de Chile: evaluación de la concordancia entre indicadores antropométricos de obesidad y obesidad central. *Archivos Latinoamericanos de Nutrición – Alan*, Venezuela, v. 59, n. 1, 2009.

HAMACEK, F. R.; NOBRE, L. N. Caracterização do estado nutricional, condições socioeconômicas e alimentares de uma comunidade rural no Alto Vale do Jequitinhonha – MG. *Comunicação em Ciências da Saúde*, Brasília, v. 20, n. 1, 2009, p. 45-54.

HAWKES, C. *Marketing food to children: the global regulatory environment*. Geneva: World Health Organization, 2004.

INSTITUTO DE NUTRIÇÃO E TECNOLOGIA DOS ALIMENTOS. *Obesidade na infância*. INTA, 2005. Disponível em: <[http://inta.cl/revista/detalle.Asp?_revista code =2& id](http://inta.cl/revista/detalle.Asp?_revista%20code=2&id=)>. Acesso em 12 mar. 2008.

INTERCOM, 31. Natal. *Anais ...* São Paulo: INTERCOM, 2008, disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1596-1>>, acesso em: 19 maio 2009.

JEFERRY, R. W.; FRENCH, S. A. Epidemic obesity in the United States: are fast foods and television viewing contributing? *American Journal of Public Health*, Washington, v. 88, 1998, p. 277-280.

- KARSAKLIAN, E. *Comportamento do consumidor*. São Paulo: Atlas, 2002.
- KOTLER, P.; ARMSTRONG, G. *Princípios de marketing*. Rio de Janeiro: Prentice – Hall do Brasil, 1993.
- KUNKEL, N.; OLIVEIRA, W. F. de.; PERES, M. A. Excesso de peso e qualidade de vida relacionada à saúde em adolescentes de Florianópolis, SC. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, n. 2, 2009, p. 226-235.
- LAURINDO, R.; LEAL, A. A recepção da publicidade na TV entre crianças de cinco anos. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 5, n. 13, jul., 2008, p. 139-157.
- LIMA, S. C. V. C.; ARRAIS, R. F.; PEDROSA, L. F. C. A avaliação da dieta habitual de crianças e adolescentes com sobrepeso e obesidade. *Revista Nutrição*, Campinas, v. 17, n. 4, out./dez., 2004, p. 469-477.
- MACHADO, M. É possível se falar em política no consumo como recurso na promoção de marcas juvenis? Considerações a partir da campanha: Oi, bloqueio não! *Revista signos do Consumo*, v. 1, n. 2, 2009, p. 50-66.
- MAESTRO, V. *Padrão alimentar e estado nutricional: caracterização de escolares de município paulista*. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2002.
- MARDONES, A. M.; OLIVARES, S. C.; ARANEDA, J. F.; GOMEZ, N. F. Etapas del cambio relacionadas con el consumo de frutas y verduras, actividad física y control del peso en estudiantes universitarios chilenos. *Archivos Latinoamericanos de Nutrición* – Alan, Venezuela, v. 59, n. 3, 2009, p. 304-309.
- Mc LAREN, L. Socioeconomic status and Obesity. *Epidemiologic Reviews*, Baltimore, 2007, p. 29-48.
- MELLO, E. D.; LUFT, V. C.; MEYER, F. Obesidade infantil: como podemos ser eficazes? *Jornal da Pediatria*, Porto Alegre, v. 80, n. 3, 2004.
- MENDONÇA, C. P.; ANJOS, L. A. Aspectos das práticas alimentares e da atividade física como determinantes do crescimento do sobrepeso no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, maio/jun, 2004, p. 698-709.

MONTEIRO, C.A.; MOURA, E.C.; CONDE, W.L.; POPKIN B. M. Socioeconomic status and obesity in adult populations of developing countries: a review. *Bull World Health Organ*, Geneva, v. 82, 2004, p. 940-946.

MONTEIRO, M. B. Meios de Comunicação Social (MCS) e construção da realidade social: crescer com a violência televisiva. In: GOMES, J. P. *Stress e violência na criança e no jovem*. Lisboa, 1999.

NASCIMENTO, P. C. B. D. N. *A influência da televisão nos hábitos alimentares de crianças e adolescentes*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP, 2007.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. *Dieta, nutrição e atividade física*. Washington DC: OPAS, 2003a.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. *Doenças crônico-degenerativas e obesidade: estratégia mundial sobre alimentação saudável, atividade física e saúde*. Brasília: OPAS/OMS, 2003b.

PASSAMAI, M. P. B. *Estado nutricional, conhecimentos de nutrição em saúde e práticas alimentares de adolescentes de uma rede particular de ensino em Fortaleza-Ceará*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1999.

PRESAS, P. P.; COSTA, B. R. L.; MAFEZZOLLI, E. C. F. Publicidade, propaganda ou marketing? Notas para um debate. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, 31., Natal. *Anais ...* São Paulo: INTERCOM, 2008. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1596-1>>. Acesso em: 19 maio 2009.

PIOVESAN, A. J. et al. Adiposidade corpórea e tempo de assistência à TV em escolares de 11 a 14 anos de duas regiões geográficas do município de Campo Grande - MS. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desenho Humano*, v. 4, n. 1, p. 17-24, 2002. Disponível em: < <http://www.rbcdh.ufsc.br/>>. Acesso em: 23 mar. 2010.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

RAMOS, A. M. P. P.; BARROS FILHO, A. A. Prevalência da obesidade em adolescentes de Bragança Paulista e sua relação com a obesidade dos

pais. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia Metabólica*, São Paulo, v. 47, n. 6, dez. 2003.

ROBINSON, T. N. Does television cause childhood obesity? *Journal of American Medicine Association*, v. 279, n. 12, p. 959-960, 1998.

RODRIGUES, L. G. *Obesidade infantil: associação do grau de adiposidade com fatores de risco para doenças cardiovasculares*. Dissertação (Mestrado) – Instituto Fernandes Figueira, Fiocruz, Rio de Janeiro, 1998.

ROSS, J. G. Home and community in children's exercises habits. The National Children and Youth Fitness Study II. *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*, Reston, v. 58, p. 37-44, 1987.

RUANO I. R.; PUJOL, M. S. S. Hábitos de vida em una población escolar de Mataró (Barcelona) asociados al número de veces diárias que vê television y al consumo de azúcares. *Revista Española de Salud Pública*, Madri, v. 71, n. 5, p. 487-498, 1997.

SANT'ANNA, A. *Propaganda: teoria, técnica e prática*. São Paulo: Thomson Learning, 2002.

SILVA, Y. M. P. da.; COSTA, R. G.; RIBEIRO, R. L. Obesidade infantil: uma revisão bibliográfica. *Saúde & Ambiente em Revista*, Duque de Caxias, v. 3, n.1, p. 1-15, jan./jun. 2008.

SOCIEDADE MÉDICA PAULISTA DE ADMINISTRAÇÃO EM SAÚDE. Limitação da propaganda de alimentos na TV reduz obesidade? 2009. Disponível em:< [http:// www.cqh.org.br/?q=node/1074](http://www.cqh.org.br/?q=node/1074)>. Acesso em: 4 jul. 2009.

SOIFER, R. *Psiquiatria infantil operativa*. Porto Alegre: Artes Médicas, v. 1, v. 2, 1987.

STORY, M.; FAULKNER, P. The prime time diet: a content analysis of eating behavior and food messages in television program content and commercials. *American Journal of Public Health*, Washington, v. 80, 1990, p. 738-740.

SOUZA, D. P. de.; SILVA, G. S.; OLIVEIRA, A. de M.; SHINOHARA, N. K. S. Etiologia da obesidade em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Nutrição Clínica*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 2007, p. 72-76.

VASCONCELLOS, A. B.; GOULART, D.; GENTIL, P.C; OLIVEIRA, T. P. *A saúde Pública e a regulamentação da publicidade de alimentos*. Brasília: Ministério da Saúde, Ano. Disponível em:<[http:// 200.214.130.35/nutricao/docs/general/regulamentapublicidadealimentos](http://200.214.130.35/nutricao/docs/general/regulamentapublicidadealimentos)>. Acesso em: 2 maio 2009.

VEIGA, G. V.; CUNHA, A. S.; SICHIERI, R. Trends in overweight among adolescents living in the poorest and richest regions of Brazil. *American Journal of Public Health*, Washington, v. 94, n. 9, 2004, p. 1544-1548.

WONG, N. D.; HEI, T. K.; QAQUNDAH, P. Y.; DAVIDSON, D. M.; BASSIN, S. L.; GOLD, K. V. Television viewing and pediatric hypercholesterolemia. *Pediatrics*, Carlton, v. 90, n. 1, 1992, p. 75-79.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Diet, nutrition and the prevention of chronic diseases*. Geneva, 2002 (WHO Technical Report Series, 916).

YEPEZ, R.; CARRASCO, F.; BALDEON, M. E. Prevalência de sobrepeso Y obesidad em estudantes adolescentes e equatorianos del área urbana. *Archivos Latinoamericanos de Nutrición – Alan*, Venezuela, v. 58, n. 2, ago. 2008, p. 139-142.

YEPEZ, R. Obesidade no Equador, em fases iniciais da vida. *Revista de La Facultad de Ciencias Médicas*, v. 30, 2005, p. 20-24.





Segunda parte

Gênese da obra: Turenko Beça e a mídia digital

Denise Bezerra Rodrigues¹
Jonas da Silva Gomes Júnior²
Denize Piccolotto Carvalho Levy³

Resumo: Este trabalho tem por objetivo compreender como o artista Turenko Beça modifica seu processo criativo e obra ao mudar para o suporte em mídias digitais. A partir de um estudo mais aprofundado de observação, transcrição e análise dos documentos de processo do artista, tentamos estabelecer uma análise teórica e interpretativa acerca de como ocorre o processo de criação digital. O viés escolhido para essa abordagem de processo tem o aporte teórico da Semiótica e da Crítica Genética. Nesse sentido, mencionamos a teoria da Crítica Genética com o intuito de compreender a presença das mídias digitais e de seus efeitos no processo de criação na obra de Turenko Beça, em sua gênese. Com este artigo espera-se apontar elementos sobre a mídia digital no processo criativo do artista, assim como compreender a convergência da arte e da comunicação no espaço artístico-cultural manauara.

Palavras-chave: 1. Arte-mídia 2. Mídia digital 3. Processo criativo.

Introdução

Os ambientes comunicacionais do espaço artístico-cultural do Amazonas têm sido alterados por meio da crescente digitalização de obras e da criação em meios virtuais. Artistas das mais diversas correntes têm se preocupado em criar artes digitais, demonstrando uma convergência entre arte e comunicação, pois os meios de comunicação, em especial as mídias digitais, não são apenas o veículo de difusão, mas também o local onde a arte é criada.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Bolsista da Fapeam. E-mail: bezerra.denise@gmail.com.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação – PPGCCOM – Universidade Federal do Amazonas. Bolsista Capes. Profissional de Relações Públicas e Publicitário. E-mail: jonasjr1@gmail.com / site: www.jonasjr.com

³ Orientadora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM-Ufam). Pós-doutorada em Tecnologia Educacional – *Universitat de les Illes Balears* (2007). E-mail: piccolottolevy@gmail.com.

Após o mapeamento dos artistas manauaras que utilizam mídias digitais em suas obras, chamou-nos a atenção as “gravuras digitais” (obras feitas em ambiente virtual) feitas pelo artista plástico Turenko Beça no seu blog *Tudo é Arte ou Não*. Ao acessar o site teve-se a ideia de analisá-lo teoricamente, pois as obras se diferenciavam esteticamente. Além de ter sido o pioneiro na utilização das mídias digitais em suas obras (desde 1995), o artista está em uma fase de maturação do hibridismo entre as artes plásticas e as artes multimídias.

Após alguns acessos ao blog do artista, surgiram dúvidas sobre seu processo de criação: como tais obras eram feitas? O que estava envolvido naquele processo de criação? O que o levava a criar em ambientes virtuais? Há alguma diferença entre o processo de criação em ambiente digital em relação ao físico (pintura em tela, por exemplo)?

Além de compreender uma obra artística, tais questionamentos nos possibilitam abrir as janelas do mundo para uma pesquisa significativa na interface arte-comunicação. É sempre interessante estudar obras de arte, contudo, seu percurso de construção nem sempre é apreciado. Esse artigo propõe-se a compreender elementos artísticos-comunicacionais do processo criativo e obra do artista plástico Turenko Beça ao utilizar o suporte em mídias digitais.

Partimos para um estudo mais aprofundado de observação, transcrição e análise dos documentos de processo do artista, buscando cumprir os seguintes objetivos: relacionar aspectos contextuais da vida do artista Turenko Beça à utilização do suporte das mídias digitais; identificar os elementos artísticos-comunicacionais que compõem o processo de criação do artista Turenko Beça nas mídias digitais; e analisar a obra do artista Turenko Beça nas mídias digitais a partir da Teoria da Criação Semiótica.

Tais objetivos desvelam inquietações sobre o processo de criação artística digital de Beça e nos levaram a buscar uma sustentação teórica que possibilitasse conhecer os caminhos da sua criação, o percurso do ato criador em sua essência. Em novembro de 2010, ao participar do 6. Interprogramas, realizado na Faculdade Casper Líbero, tivemos contato com a Crítica Genética. Teoria essa que se predispõe sinteticamente em reconhecer, a partir das marcas deixadas pelo artista, os bastidores de sua criação.

Percorrendo as marcas, deixadas pelo artista em seus registros, tentamos nos aproximar das possíveis estratégias de sua criação da gravura digital. Ao montar um arcabouço teórico que pudesse compreender todos os indícios, nos encontramos ainda com a necessidade de apresentar elementos fundamentais sobre o artista Turenko Beça. Desta forma, na primeira parte do artigo apresentamos seu projeto poético, bem como alguns elementos sobre sua vida e obra.

Em seguida, apresentamos um breve quadro teórico elucidando aspectos sobre a migração da arte tecnológica assumindo uma relação direta com a vida, gerando novas produções que o levam a repensar sobre sua própria condição humana. Posteriormente, mencionamos a teoria da Crítica Genética com o intuito de compreender a presença, desde a gênese, das mídias digitais e de seus efeitos no processo de criação da obra do artista.

E por fim, apresentamos alguns resultados alcançados, explicitados com o intuito de montar um cenário sobre os experimentos tecnológicos existentes no ambiente artístico-cultural manauara.

Turenko: projeto poético e obra

Eu gosto do que faço. Independente de qualquer rótulo ou objetivo exterior, é algo mais forte que eu e que me motiva nesse movimento incessante.

Turenko Beça

Primeiramente, cabe esclarecer o que se entende por projeto poético (SALLES, 2000). Tal variante corresponde às marcas que o artista traz de sua vivência, que são expressas em gostos, crenças e valores. Pode-se ainda compreender como são as formas pelas quais o artista escolhe representar o mundo, isto é, sua lente para observar os fenômenos.

“Artista de uma verve fantástica, um dos mais proficuos entre todos nós sob a linha equatorial”. É dessa forma que Roberto Evangelista sintetiza o potencial criativo de seu amigo Aníbal Augusto Turenko Beça, descrevendo-o como uma vontade de prosseguir seu objeto de vida com ânimo e compromisso artístico. Turenko Beça, também conhecido como Nibito por seus familiares, faz parte da quarta geração de artistas plásticos do Amazonas, participando e representando o Estado em eventos nacionais e internacionais.

O artista nasceu em Manaus no dia 28 de setembro de 1970 e é filho de Eugênia Turenko Beça e Anibal Augusto Ferro de Madureira Beça Neto. A mãe era psicóloga e professora da Faculdade de Saúde da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), já o pai foi um importante poeta, literato, imortal da Academia Amazonense de Letras e jornalista.

A primeira exposição de Turenko Beça, denominada *Impressões*, foi em 1990, na Casa da Cultura. A partir daí ele passou a produzir muito, realizando uma média de três exposições por ano. “Os artistas e escritores que frequentavam a casa do meu pai me incentivaram muito para continuar pintando e seguir uma carreira dentro das artes plásticas [...] Meu pai, empolgado mandou emoldurar todos os trabalhos que eu havia pintado” (BEÇA, 2011).

O artista possui, hoje, uma linguagem visual que abrange o expressionismo, o abstracionismo e o figurativo. A obra de Turenko Beça procura uma nova forma de expressão na gravura digital, da sociedade artística manauara, que parece, hoje, ser bastante enigmática, incoerente, assim como as obras abstracionistas. Segundo Ostrower (2004), a temática da abstração, autonomia da forma em que aspectos sensoriais se destacam, pertence ao século XX, sendo Wassily Kandinsky um dos principais artistas deste movimento.

Em novembro de 1995, durante a exposição *Grav Duo*, o artista plástico expõe pela primeira vez seus trabalhos relacionados ao meio digital. Beça enveredou pela arte cibernética apresentando onze gravuras feitas em computador, então batizadas pelo próprio artista como “tecnogravuras”. Contudo, a descoberta pelas mídias digitais se deu em 1991. O artista relatou que ficou fascinado quando conseguiu desenhar com o *mouse* e depois imprimir cópias, em seguida modificar a idéia original e reimprimi-las, pintando sobre as impressões e descobrindo novas possibilidades.

Turenko Beça possui um projeto poético, que não pode ser definido ou definitivo, pois se trata de algo processual e mutável. O que se nota é que o seu fazer artístico é conduzido por três itens que estão presentes no material coletado. Nota-se que na prática criadora de Beça os fios condutores se encontram em interface com: a) elementos amazônicos, b) traços antropológicos, c) estilos arqueológicos.

A genética de sua criação tem alicerces amazônicos, pois é possível encontrar em suas obras diversas figuras de animais estilizados: peixes de diversas espécies, tamanhos e formatos; cobras com diversos aspectos, sapos, aves típicas da região; tartarugas, botos, jacarés e tatus. A diversidade de animais é algo factível em seus cadernos de estudo. Trata-se de uma miríade de reproduções feitas, quase sempre com traços finos, curtos, mostrando a singularidade de seu trabalho.

Convergência multimídia no ambiente artístico-cultural

A convergência entre arte e comunicação é um assunto que levanta grandes questões, pois se pode dizer que não existem mais limites entre o que é arte e o que é meio de comunicação. De acordo com Santaella (2005) os meios de comunicação, em especial as mídias digitais, não são apenas o veículo de difusão, mas o local onde a arte é criada.

Este tópico se revela a fim de melhor compreensão das transformações que ocorrem tanto no campo das artes como no campo da comunicação e que passam a convergir de forma importante, reconfigurando o panorama da arte e da comunicação no contexto manauara.

No contexto artístico atual, observarmos que alguns artistas manauaras utilizam-se de mídias digitais, como fotografia, vídeo-arte e outras formas de arte multimídia, para compor suas obras e em seus processos. As obras de arte em mídias digitais permitem parar o tempo para um segundo de reflexão, neste mundo da velocidade e do tempo real, da instantaneidade e da “falta de tempo”, produzindo um outro olhar sobre o mundo que nos rodeia.

Ao fazerem uso das novas tecnologias midiáticas, os artistas expandiram o campo das artes para as interfaces com o desenho industrial, a publicidade, o cinema, a televisão, a moda, as subculturas jovens, o vídeo, a computação gráfica etc. De outro lado, para a sua própria divulgação, a arte passou a necessitar de materiais publicitários, reproduções coloridas, catálogos, críticas jornalísticas, fotográficas e filmes de artistas, entrevistas com eles, programas de rádio e televisão sobre eles (SANTAELLA, 2005, p. 14).

A convergência entre a comunicação e a arte é um tema que suscita muitas reflexões sobre questões atuais em constante transformação e evolução, como os meios de comunicação de massa, a cultura de massa, as tecnologias de informação, a arte e os artistas nesse novo contexto.

De acordo com Ostrower (2004), o artista tem obrigação de ser claro na linguagem que usa. Se ele for pintor, não é suficiente que na imagem se possa reconhecer objetos ou figuras. É preciso que, nesses objetos ou figuras, sejam claramente reconhecíveis também a linha, as cores, os contrastes, os ritmos, enfim, todos os elementos de sua linguagem visual.

Transpassando a pintura em tela, a fotografia é uma forma de representação material que reflete vários aspectos da linguagem pictórica. A fotografia e a pintura estão ligadas intimamente, pois uma e outra são construções de imagens.

A aplicação de tecnologias cada vez mais avançadas aos meios de comunicação acaba por atingir desde os grandes veículos destinados a levar a informação ao grande público, passando pela produção artística, até as comunicações.

Lemos (2008) aponta a arte tecnológica no pós-modernismo como uma ruptura da institucionalização oficial da cultura, em que os artistas começam a descobrir as possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias a partir do vídeo-arte, da fotografia, dos satélites e dos computadores. Para Vilches,

No centro das novas imagens, a informática. Um campo de criação sem limites, no qual se fazem sentir os efeitos cada vez mais envolventes da aplicação de tecnologias [...]

as novas imagens modificam tanto o objeto representado quanto os modos de produzi-lo [...] nos meios audiovisuais tradicionais, o artista coloca-se diante do objeto, para captá-lo; na informática, o programa “entra” na linguagem (VILCHES, 2003, p. 252-253).

Na era digital, o artista busca extrair o máximo das possibilidades artísticas e utiliza extensivamente a tecnologia de seu tempo. Mas a apropriação que a arte faz do aparato tecnológico, que lhe é contemporâneo, difere significativamente daquela feita por outros setores da sociedade, como a indústria de bens de consumo.

Em geral, aparelhos, instrumentos e máquinas não são projetados para a criação de arte. Essas máquinas, na maioria dos casos, são construídas para aumentar a produtividade e diminuir custos. Machado (2010) cita a pinola, como exemplo: uma máquina que foi inventada em meados do século XIX como um recurso industrial que substituíu o intérprete, ao vivo, por um clone mecânico. Mais tarde essa invenção deu início ao projeto de reprodutibilidade que desembocaria na poderosa indústria fonográfica.

Abordagem genética no processo criativo de Turenko Beça

A importância da Crítica Genética está na busca da compreensão do processo de criação artística, a partir de registros deixados pelo artista durante o percurso. Buscar a compreensão a respeito do ato criador é também abordado por outras teorias, no entanto nosso arcabouço teórico nos fundamentou para a observação, descrição e análise das anotações do artista.

Os estudos acerca da gênese da criação artística eram de interesse somente da literatura. No entanto, em 1968, por iniciativa do pesquisador Louis Hay do *Centre National de Recherche Scientifique* (CNRS), iniciam-se pesquisas em torno dos estudos aos manuscritos de artistas. Posteriormente, o *Institut de Textes et Manuscrit Moderns* (ITEM/CNRS) também inicia pesquisas dedicadas exclusivamente aos estudos dos manuscritos.

No Brasil, somente em 1985 a Crítica Genética ficou conhecida, durante o 1. Colóquio de Crítica Textual: o manuscrito e as edições, na Universidade de São Paulo, apresentada pelo Dr. Philippe Wilemart. A partir de 1990, no Programa do COS da PUC-SP, a Dra. Cecília de Almeida Salles desenvolveu os estudos de Crítica Genética, associados à semiótica dos signos, de Peirce, através da análise dos manuscritos da obra do escritor Ignácio de Loyola Brandão.

Embora as pesquisas em Crítica Genética na França priorizem os estudos literários, para o pesquisador Ferrer *apud* Zago (2002) a “Crítica Genética

do século XXI será transdisciplinar, transartística e transsemiótica, ou não existirá”, isto porque, de acordo com Zago, para dar conta de toda a complexidade existente no interior dos manuscritos, só é possível continuar com as pesquisas a partir de uma atitude transversal nas análises de interpretações dos sistemas semióticos coexistentes.

A Crítica Genética, de linha peirceana, nos permite falar da criação. Segundo Salles (2000), é um processo de representação que dá a conhecer uma nova realidade, com características que lhe vão sendo atribuídas. O movimento desta ação processual nos mostra a criação em seu estado de constante transformação.

Para se pensar na perspectiva atual da arte, em Manaus, optamos compreender as operações das mídias digitais no processo do artista Aníbal Augusto Turenko Beça. Desde 1992, o artista realiza uma pesquisa antropológica sobre sociedades indígenas. Seu trabalho possui duas vertentes: autobiográfica e cultural. Turenko, atualmente, revela a utilização de ferramentas digitais em seu trabalho e processo, como se observa na Figura 1.



Fonte: arquivo pessoal do artista. Ano: 2010.

A Figura 1 é uma imagem digitalizada com manipulação no computador e manualmente. O artista inicia seu processo de criação na máquina, depois imprime, em seguida utiliza material pictórico como pastel, aquarela, dentre outros. Logo após, escaneia a imagem e a reedita até onde achar que deve.

Observamos a cor vermelha, como imaginamos a cor sem limites, tipicamente quente, produz interiormente efeito de uma cor muito viva, animada e inquieta. Possui caráter refletivo no amarelo, tão frequente e utilizado, mostrando, com toda sua energia e intensidade, uma nota poderosa de força imensa que parece ir direto ao objeto.

Aqui o artista revelou que seu desejo era simular faces de seres humanos, distintos, singulares. Nessa agitação de cores existe, sobretudo, um desejo de se dirigir para o interior e muito pouco para o exterior: uma espécie de maturidade masculina.

As cores agem no lugar de figuras objetos, como caracteres sobre uma cena da imagem, ativadas pela linguagem expressiva das linhas que foram marcadas pelo contorno.

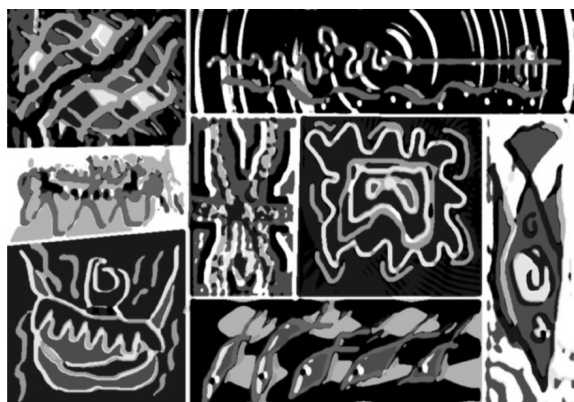


Figura 2 – Construções.

Fonte: arquivo pessoal do artista. Ano: 2010.

Já na Figura 2, os padrões artísticos adotados pelas obras têm forte influência da estética fauvista e da pop-art.⁴ As imagens de Turenko, também fazem uso da técnica de “apropriação” do *ready-made*.⁵ Essa apropriação, grosso modo, se dá pelo fato de o artista utilizar objetos de seu cotidiano para conceber suas obras, neste caso, o computador.

A partir dessas conclusões obtidas pela aplicação da Análise da referencialidade do signo, as obras de Turenko, que chamamos aqui de Figura 1 e 2, demarcam seu objeto imediato, na acepção peirceana de um recorte signico sobre um objeto dinâmico que, neste caso, é o contexto socioeconômico-cultural do Brasil dos anos 70.

Período em que tem início um processo de inserção “forçada” do país no comércio globalizado de símbolos do turbo capitalismo (SODRÉ, 2002). A fase pela qual tentamos conceituar o artista Turenko Beça é a arte-mídia.

⁴ Tendência artística com o objetivo da crítica irônica ao bombardeamento da sociedade pelos objetos de consumo. Ela operava com signos estéticos massificados da publicidade, dos quadrinhos, das ilustrações, e do design, usando, como materiais principais, tinta acrílica, ilustrações e designs.

⁵ Refere-se ao uso de objetos industrializados no âmbito da arte, desprezando noções comuns à arte histórica como estilo ou manufatura do objeto de arte, e referindo sua produção primariamente à ideia.

De acordo com Prado (2006), o processo comunicacional possui uma vertente estrutural na tecnologia e na convergência multimídia. Sua proposta compreende as transformações que ocorrem tanto no campo das artes como no campo da comunicação, já que a autora traz exemplos do rádio.

É através da Semiótica e da Crítica Genética que se encontram, no processo criativo, índices de materialidades diversas do pensamento do artista e de seu relacionamento com o mundo interior e exterior, e do diálogo com seu tempo, pois se vê, através dos mecanismos engendrados pelo artista, materiais que só sua contemporaneidade lhe foi possível oferecer.

Considerações

Levando em conta a imagem como uma mensagem visual compreendida entre expressão e comunicação, buscamos analisar imagens que são obras de arte. Através de experiências estéticas, julgamos pertinente fazer esta análise na abordagem semiótica e na abordagem da Crítica Genética.

Na análise semiótica, a reunião das cores, linhas e formas de livre fluxo, representa a linguagem das imagens e transpõe o antagonismo da matéria e do espírito. Como a obra de arte se apresenta por si mesma, chamamo-na, nesta abordagem, de ícone.

Na abordagem da Crítica Genética, a obra publicada é tomada como elemento direcionador do processo que acompanhamos: o significado de todo material brota exatamente nessa relação que pesquisador da Crítica Genética estabelece com a obra considerada final. Nas análises das imagens de Turenko, tivemos acesso ao relato de seu processo de criação, principalmente, pela internet. Julgamos que foram superficiais, tendo em vista a complexidade de se estudar esse tipo de abordagem.

E por fim, as imagens digitais de Turenko Beça, produzidas em Manaus, contribuem para uma nova forma de expressão na arte, que denominamos de arte-mídia. No entanto, os aspectos aparentes de fragmentos, que geram os elementos constitutivos nas obras desse artista, serviram como marco para nossa pesquisa. Sabemos também que ela não se esgota neste trabalho, e que os resultados obtidos nesta análise não exaurem o propósito da obra.

Como a obra é construída? De que maneira? Reconhecer o processo documentado de criação como objeto cultural contribui para o crescimento de uma política pública cultural de preservação e análise dos documentos de processo de artistas no Amazonas. Procuramos, neste trabalho, disponibilizar ao público uma pesquisa que possa agregar conservação e acesso aos documentos de processo, bem como um material intenso sobre o uso de mídias digitais no processo criativo de Turenko Beça, com seus documentos de experimentação.

Os documentos de processo, por muitas vezes, ficam guardados na casa dos artistas, outras vezes se perdem ou são destruídos. Nosso artigo propôs-se a investigar uma obra de arte a partir da sua fabricação, revelando os elementos gerativos da obra, bem como o seu processo de criação. Observando os elementos constitutivos antes da entrega da obra ao público.

No encontro entre a Teoria da Crítica Genética e a Semiótica, traçamos uma perspectiva teórica capaz de abarcar nossa proposta de estudo: consideramos que a criação artística é um signo e que os documentos de processo, e outras marcas, são índices do processo de criação.

A partir disso, fomos percorrendo os caminhos que se convergiam entre as comunicações e as artes até ser possível compreendermos as modificações neste tempo. O trabalho dialoga com autores que trazem maiores contribuições no campo da arte digital, como Santaella (2005), Arantes (2005) e Machado (2010), dentre outros, que nos ajudam a ampliar as discussões sobre o estudo da arte e da mídia, visto que este assunto abre-se para um campo de interesse entre artistas visuais, pesquisadores e estudantes de arte e comunicação.

Proporcionando um quadro teórico diferenciado que envolve autores de arte-mídia, da comunicação e da Crítica Genética, já que o artista, objeto da nossa pesquisa, se vale de ferramentas midiáticas na construção de suas obras e tem revelado a apropriação de meios tecnológicos em seus trabalhos.

A pesquisa se faz relevante por apresentar como proposta a compreensão sobre a convergência das artes e das comunicações, e, por conseguinte, o desenvolvimento da arte midiática em Manaus. Além disso, trata-se de um registro histórico e artístico da arte amazonense, contribuindo para a expansão da pesquisa em arte na nossa cidade.

Portanto, analisar o processo de criação em arte digital e pensar na arte em mídias digitais, a partir da noção de ambiente comunicacional, significa dizer que ela não é uma arte “fechada”, mas processual, ocorrendo por vertentes da arte e da comunicação.

Referências

ALVES, M. A. J.; GEWANDSNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1999.

ARANTES, P. *Arte e mídia: perspectivas da estética digital*. São Paulo: Senac, 2005.

DOMINGUES, D. *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Unesp, 1997.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1996.

LEMOS, A. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MACHADO, A. *Arte e mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

OSTROWER, F. *Universos da Arte*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

PLAZA, J.; TAVARES, M. *Processo criativo com os meios eletrônicos: poéticas digitais*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PRADO, M. *Produção de rádio: um manual prático*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

SALLES, C. A. *Crítica Genética: uma introdução*. São Paulo: Educ, 2000.

SALLE, C. A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998.

SANTAELLA, L. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* São Paulo: Paulus, 2005.

SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SODRÉ, M. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, A. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1990.

VILCHES, L. *A migração digital: comunicação contemporânea*. São Paulo: Loyola, 2003.

YIN, R. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAGO, R. *Relações culturais e comunicativas no processo de criação do compositor Gilberto Mendes*. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 2002.

Os ambientes virtuais de aprendizagem e os jogos massivos multijogador online: análise comparativa entre moodle e world of warcraft

Sylker Teles Silva¹
Cláudia Guerra Monteiro²

Resumo: Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) online representam importantes ferramentas de comunicação para a Educação a Distância, modalidade cada vez mais utilizada no Brasil e no mundo. Na outra margem tecnológica encontram-se os ambientes massivos, sob a forma de jogos digitais. Um AVA denominado Moodle e um jogo massivo multijogador online, intitulado World of Warcraft, foram escolhidos para realizar a comparação. Através do método hipotético indutivo foi possível nortear os estudos aqui representados. O resultado encontrado confirma a predileção dos jovens pelos jogos. Por outro lado, o Moodle possui ferramentas educacionais construcionistas importantes no desenvolvimento do aprendiz. Dessa forma é proposto um ambiente híbrido de aprendizagem, contendo as melhores características dos dois sistemas.

Palavras-chave: Educação a Distância. Comunicação. Moodle. Jogos On-line.

Introdução

Os jogos *on-line* massivos (MMOG) representam ambientes de integração de massa que proporcionam uma expressiva aceitação por parte dos jovens e que pouco foram explorados como ferramenta educativa. Entretanto, por seu próprio conteúdo, ainda que com fins estritamente comerciais, os jogos massivos contribuem para difundir a cultura nas comunidades virtuais que se formam.

Os simulacros lúdicos, os videogames, possuem características visuais muito atraentes aos jovens, levam milhares de pessoas ao redor do mun-

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, Brasil (PPGCCOM) e Pesquisador da Kyushu University, Japão, no Departamento de Estudos Avançados em Design.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil e Professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas, Brasil.

do a abandonar temporariamente sua realidade predominante (BERGER; LUCKMAN, 2008, p. 38) em busca de uma simulação em três dimensões, muito mais imersiva que seus equivalentes bidimensionais (KOZLAKOWSKI, 2005, p. 5). Tal fator de apelo semiótico pode ser usado para aumentar o interesse e o aprendizado de alunos em Educação a Distância? Ou ainda, seria possível utilizar um jogo massivo *on-line* como Ambiente Virtual de Aprendizagem?

Os ambientes virtuais colaborativos representam o objeto de estudo deste projeto como redes de formação e integração sociocultural e de difusão do conhecimento, mediados por recursos computacionais. Dois ambientes com características distintas foram pesquisados: os Jogos Massivos *on-line* (MMOG) e os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Para o primeiro caso, foi analisado o jogo *World of Warcraft*, por ser um dos jogos mais populares do mundo. O exemplar de AVA estudado foi o sistema *Moodle*, por ser bastante utilizado em Educação a Distância mundialmente.

Um longo caminho foi trilhado nesta pesquisa, com dois anos de estudo e análise dos ambientes investigados e dos indivíduos que neles habitam. Neste período foi necessário também habitar tais ambientes, utilizá-los, observá-los e descrevê-los sistemática e assistematicamente.

Os dados coletados são aqui expostos e verificados sob a luz do método hipotético-indutivo e a partir de um procedimento comparativo (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 92). Além da abordagem comparativa, foram também empregados métodos qualitativos e quantitativos e, em uma escala menor, o método etnográfico virtual (HINE, 2004) ou *netnografia* (GUTIERREZ, 2009). É importante salientar que esses métodos acessórios foram utilizados sempre em vistas a cumprir o método comparativo, tomado aqui como a abordagem principal da pesquisa.

No que tange ao método qualitativo, a coleta de dados se deu através da observação participante. A parte quantitativa do método contou com a aplicação de três diferentes questionários. Foram arguidos duzentos usuários de *lan houses* da cidade de Manaus, cinquenta usuários do jogo *World of Warcraft* e cinquenta usuários do sistema *Moodle*.

Com base no que foi pesquisado e observado, chegou-se a uma problematização. Foi constatado que os usuários do *Moodle* sentem-se pouco imersos no ambiente. Realizam suas tarefas e rapidamente saem do sistema, atraídos por outros ambientes virtuais, como as mídias sociais *Orkut*, *Facebook*, ou por aplicativos de mensagens instantâneas, como o MSN ou *Google Talk*, ou ainda, para navegar livremente pela Internet.

Por outro lado, a observação assistemática do jogo *World of Warcraft* revelou usuários completamente imersos no ambiente do jogo, dedicando ho-

ras ininterruptas em suas interações sociais virtuais, fazendo uso das ferramentas de comunicação dentro do próprio jogo.

Como resultado, obteve-se um modelo de conceito operatório isolado, isto é, “um conceito construído empiricamente, a partir de observações diretas ou de informações reunidas por outros” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008, p. 123). Nesta etapa as abordagens qualitativas e quantitativas passaram a operar.

O modelo considerou quatro hipóteses criadas a partir do problema: a primeira postula que os jogos são mais atraentes aos jovens do que a sala de aula; a segunda afirma que é possível aprender algum conteúdo através de um jogo de videogame, ainda que este não tenha um propósito educacional; a terceira assegura que um ambiente virtual de aprendizagem desenvolvido nos moldes de um jogo *on-line* seria mais atraente do que os AVA tradicionais; e a quarta hipótese, voltada para responder diretamente à questão norteadora, alega que é possível utilizar um jogo massivo online como um ambiente virtual de aprendizagem.

As lan-houses de Manaus

A análise teve início através dos dados colhidos nas *lan houses* da cidade de Manaus que, na verdade, não se configuram na comparação entre os sistemas *World of Warcraft* e Moodle, mas cujos resultados podem contribuir significativamente na realização da referida análise. A observação e o registro do comportamento de alguns usuários podem ajudar a esclarecer alguns pontos a respeito da relação dos indivíduos com os ambientes simulados.

Dos duzentos usuários pesquisados, 86% constituíam o público masculino, enquanto 14% restantes eram de mulheres. A faixa de idade dos usuários ficou entre 10 e 28 anos, sendo que 23,5% não estavam estudando. Esses usuários em sua maioria possuem ensino médio incompleto. É interessante notar que a maioria dos usuários, 53%, possui computador em casa, mas preferem a *lan house*, em sua maioria pela falta de internet no domicílio (Gráfico 1).

A maior parte das *lan houses* fica próxima da residência dos usuários questionados (Gráfico 2), 26% ficam próximas às escolas, enquanto 18% localizam-se nas proximidades das residências dos amigos, que costumam se reunir para jogar. 90% dos pais sabem que os filhos estão nas *lan houses* e 24,5% incentivam os filhos a irem para ao estabelecimento, contra 11% que desaprovam essa prática e 64,5% que são indiferentes.

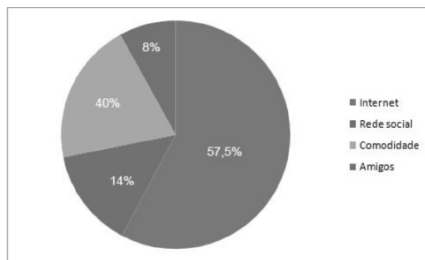


Gráfico 1 – Motivo para preferir a Lan House.

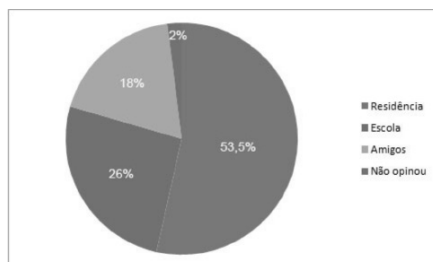


Gráfico 2 – Proximidade da Lan House.

Os usuários passam uma média de 3 horas por dia nas *lans* e gastam em média o valor de R\$ 6,00. Neste período, preferem os jogos (Gráfico 3), com 79,5% do público voltado para esse fim, contra 4,5% para navegar na Internet, 7% para bate papo virtual e 7,5% para realizar trabalhos escolares. A maioria afirmou que se sente à vontade no mundo virtual. 1,5% não opinaram.

O tipo de jogo mais encontrado nas respostas é o FPS, ou *First Person Shooter*, um tipo de jogo de tiro em que o usuário vê através do ponto de vista do avatar. O FPS mais popular foi o *Counter Strike*, com 36,8% da preferência do público. O segundo tipo preferido de jogo é o MMO, ou jogo massivo online. Os mais populares nas *lan houses* são o *World of Warcraft*, com 25,7% da preferência, e *Lineage II*, com 25%, apenas uma leve desvantagem.

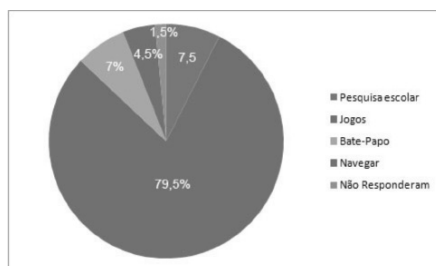


Gráfico 3 – Atividades realizadas nas Lan Houses.

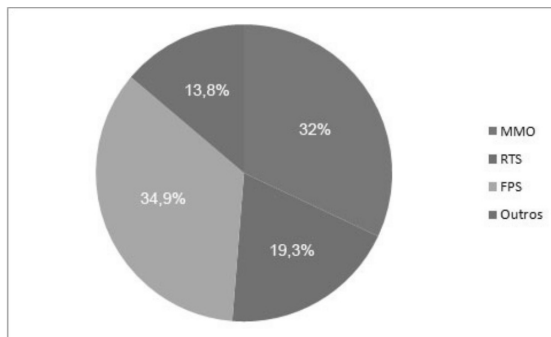


Gráfico 4 – Tipo de jogo preferido nas Lan Houses.

Enfim, as questões centrais ligadas ao problema da pesquisa nos revelam que 77,2% dos indivíduos estudam mais do que jogam videogame, enquanto 22,8% jogam mais do que estudam. Quando questionados sobre o que preferem fazer, jogar ou estudar, obtemos o resultado do Gráfico 5.

Destes usuários, 82% gostariam de estudar em um ambiente de jogo, 16% foram indiferentes e apenas 2% não aprovaram essa ideia. 7% justificam que aprenderiam mais em um jogo educacional, 25,5% achariam o aprendizado mais divertido, 11% dedicariam mais tempo aos estudos se utilizassem um jogo educacional e 56,5% se sentiriam mais motivados e interessados se sua sala de aula fosse um jogo de videogame.

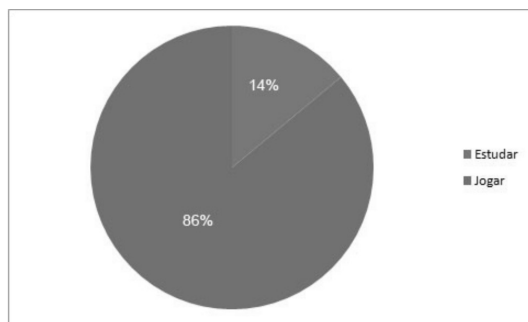


Gráfico 5 – Atividades dos usuários de Lan House.

A maioria dos usuários, 56,5%, afirmou que aprendeu algo de interessante com o jogo. A resposta que liderou foi “outro idioma”, com 39,5%, seguida por “trabalho em grupo”, 7%, “pensamento lógico e estratégico”, 6%, “informática”, com 3%, “liderança e história”, ou “mitologia do jogo”, com 0,5% cada.

Os jogadores de world of warcraft

Antes de verificarmos os dados obtidos através do questionário, vamos considerar alguns dados gerais sobre o servidor que foi o campo para a pesquisa: o *Shadowmoon*. As informações são provenientes do website *Warcraft Realms* (2010), que monitora as atividades demográficas em todos os servidores da *Blizzard*. Esses dados estão de acordo com a atualização do site em 20 de Setembro de 2010.

O servidor entrou em atividade no dia 30 de Dezembro de 2004 e conta com 8.663 personagens. Vale ressaltar que cada usuário pode ter até dez personagens por servidor. 3.691 personagens são da facção aliança, o que representa 42% de todos os personagens, enquanto a horda ocupa a maioria, 57%, ou 4.972 personagens.

A figura 1 mostra o número de jogadores por raça, na seguinte ordem, da esquerda para a direita: *Draenei*, *Anão*, *Gnomo*, *Humano*, *Elfo Noturno*, *Elfo Sangrento*, *Orc*, *Tauren*, *Troll* e *Renegado*. Por outro lado, a figura 2 mostra a estatística por classe de personagem, na seguinte ordem, da esquerda para a direita: *Cavaleiro da Morte*, *Druída*, *Caçador*, *Mago*, *Paladino*, *Sacerdote*, *Ladino*, *Xamã*, *Bruxo* e *Guerreiro*.

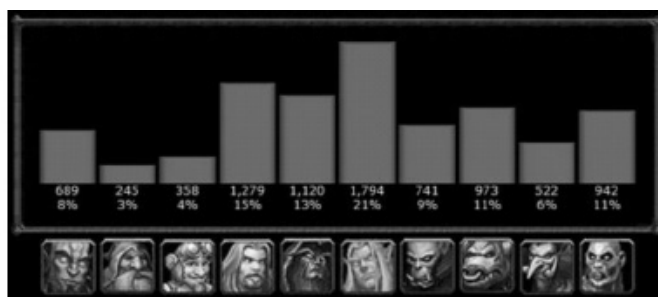


Figura 1 – Quantidade de jogadores por raça.

Fonte: Warcraft Realms, 2010.

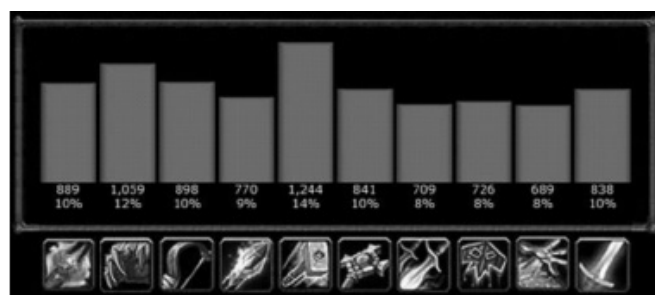


Figura 2 – Quantidade de jogadores por classe.

Fonte: Warcraft Realms, 2010.

Dos indivíduos investigados, apenas cinco do sexo feminino responderam ao questionário, o que corresponde a 10% do total, mostrando que a grande maioria dos jogadores são homens. A faixa etária ficou entre 14 e 33 anos de idade, considerada bastante ampla. 70% dos indivíduos alegaram estar estudando. O nível de escolaridade pode ser visualizado no Gráfico 6.

A média de tempo que os jogadores passam no ambiente do jogo é de 4,04 horas por dia. Nenhum jogador alegou que se sente desconfortável no ambiente virtual, ao passo que todos preferem jogar em casa ao invés de uma *lan house*. Com relação ao incentivo dos pais à atividade do jogo, o gráfico 7 mostra que a maioria dos responsáveis é indiferente à situação.

Outra questão considerada de grande importância é se o usuário gostaria de estudar em um ambiente de jogo. Essa indagação pode nos dar uma pista do nível de aceitação de um jogo online com finalidade educacional. Os resultados podem ser vistos no Gráfico 8:

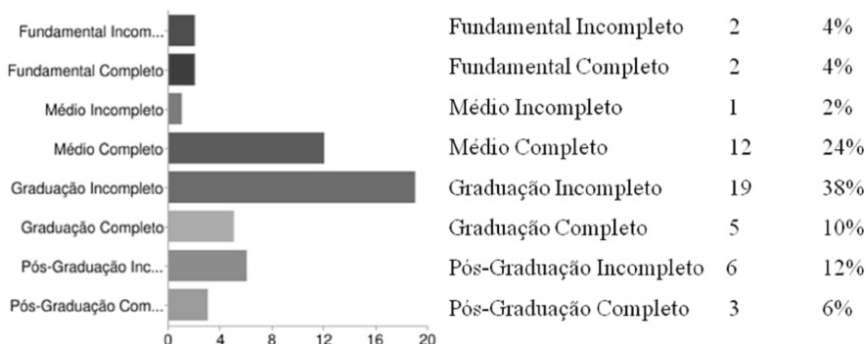


Gráfico 6 – Nível de escolaridade dos jogadores de WoW.

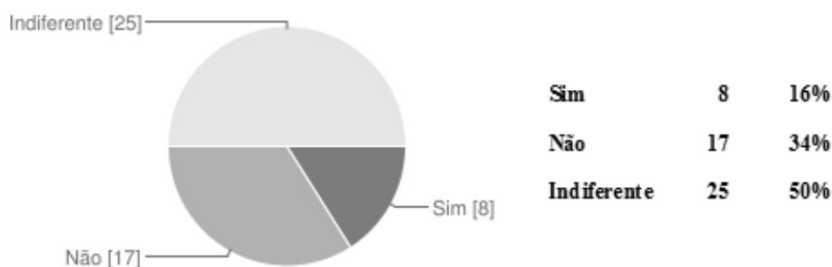


Gráfico 7 – Os seus pais incentivam você a jogar?, 2010, Sylker Teles da Silva.

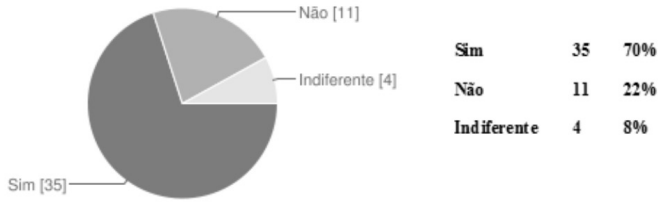


Gráfico 8 – Gostaria de estudar em um ambiente de jogo?

Para complementar essas questões acerca do jogo e do aprendizado, duas perguntas nos ajudam a visualizar qual atividade os jogadores mais realizam em relação a jogar e a estudar (Gráfico 9) e qual a predileção deles no que diz respeito a essas mesmas atividades (Gráfico 10). Enquanto a maioria (40%) dedica mais tempo aos estudos, uma quantidade maior ainda de jogadores (70%) prefere jogar a estudar.

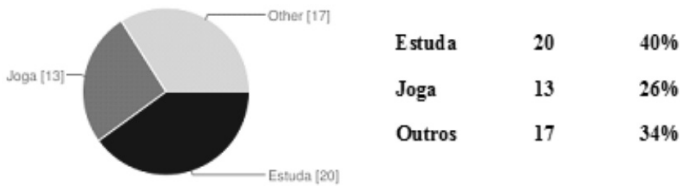


Gráfico 9 – O que você mais faz?

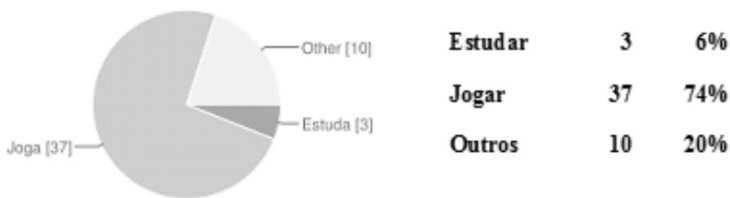


Gráfico 10 – O que você prefere?

Diferentemente dos demais questionários, o destinado aos jogadores de *World of Warcraft* foi dividido em duas partes. A primeira, muito semelhante às demais, levou questões socioculturais e questões-chave em relação ao problema proposto. A segunda parte buscou responder se é possível aprender algo dentro de um jogo, ainda que este não tenha um propósito educa-

cional. Para tal, 10 perguntas referentes à mitologia do jogo, à sua história e à sua geografia, foram formuladas e aplicadas juntamente com o restante do questionário. Com relação a este teste sobre o jogo, a média de acertos foi de 88%.

Os usuários do moodle

A etapa de observação no ambiente *Moodle* compreendeu o período letivo de 2010/1, de janeiro a julho. Foram investigados os alunos da disciplina de Empreendedorismo através da aplicação de um questionário sociocultural. O objetivo do questionário foi avaliar a satisfação dos estudantes com o ambiente. Todos são estudantes de graduação dos cursos de Administração, Design de Interface Digital, Engenharia de Comunicações e Engenharia de Produção Elétrica.

O *Moodle* é um sistema modular com um elevado nível de personalização. Por ser um software livre, as instituições o modificam de acordo com as suas necessidades, tornando-o um ambiente completamente diferente. Esse sistema metamórfico acaba sendo reconhecido como outro sistema que não o *Moodle*, muitas vezes como sendo um AVA da própria instituição. Podemos constatar essa afirmação pelo número de alunos que estudam através do *Moodle*, mas que não sabem, na verdade, o que é o sistema, embora os que tenham essa consciência representem a leve maioria (Gráfico 11):

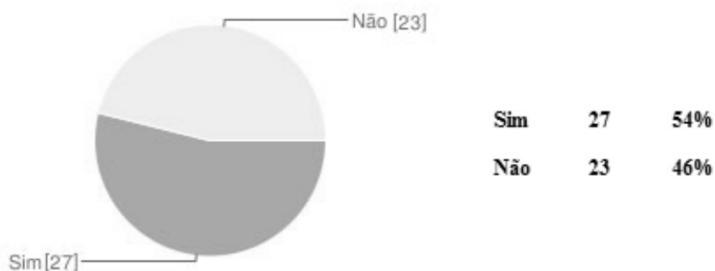


Gráfico 11 – Você sabe o que é o Moodle?

Desses indivíduos, 68% responderam que gostam de estudar pelo sistema *Moodle*, enquanto 62% não consideram as salas de aula atrativas. Com relação à modalidade de ensino preferida, 54% elegeram educação a distância como a de maior predileção. A maioria acessa o *Moodle* de casa, enquanto 38% o fazem de outros lugares, como trabalho e faculdade. Apenas 8% acessam o *Moodle* através de *lan houses* (Gráfico 12).



Gráfico 12 – De onde acessa o Moodle?

O tempo de acesso dedicado por dia ao sistema é, em média, 1 hora para cada usuário. Apesar desse tempo reduzido, a maior parte dos usuários que atenderam ao questionário afirmaram que se sentem à vontade dentro do sistema (Gráfico 13). Embora a maioria também se sinta à vontade na Internet (Gráfico 14), apenas 30% dos usuários do *Moodle* questionados participam de algum jogo *on-line*.

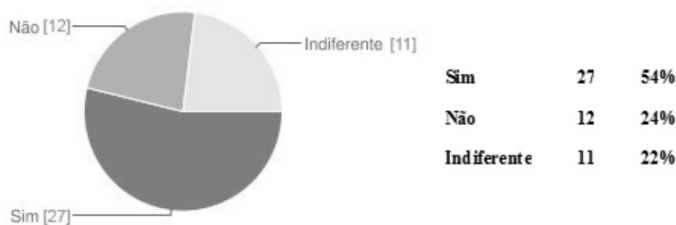


Gráfico 13 – Sente-se à vontade no Moodle?

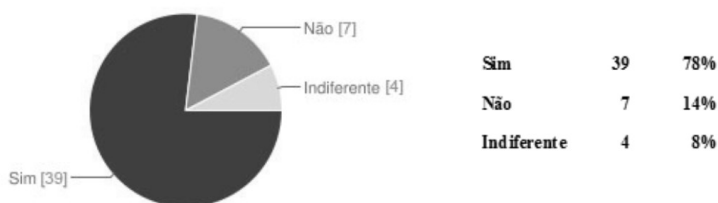


Gráfico 14 – Sente-se à vontade na Internet?

Novamente aqui vamos colocar as questões consideradas principais ou chaves para o problema e para as hipóteses da pesquisa. Foi questionado se os alunos aprenderam algo interessante com o sistema *Moodle* (Gráfico 15) e se gostariam de estudar em um ambiente de jogo (Gráfico 16). Apesar de a maioria ter respondido à primeira questão de forma positiva, o número de

estudantes que afirmam não ter aprendido nada interessante com o sistema é elevado.

Entre as sugestões mais recorrentes para o sistema Moodle apontadas pelos estudantes estão: atratividade, interatividade com outros alunos online, ter mais disciplinas oferecidas na modalidade à distância, tornar o sistema mais leve e utilizar menos texto.

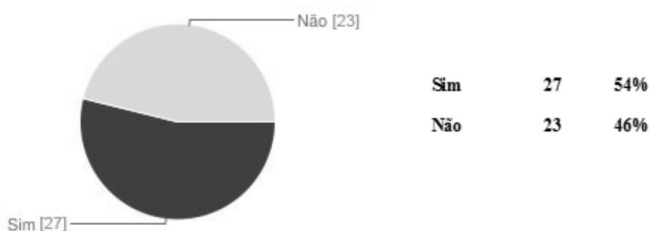


Gráfico 15 – Aprende algo interessante com o Moodle?

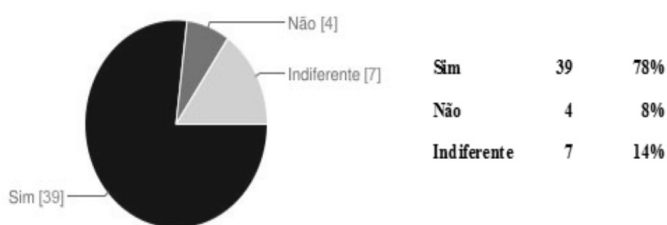


Gráfico 16 – Gostaria de estudar em um ambiente de jogo?

Moodle versus World of Warcraft

O *Moodle* é um dos sistemas mais requisitados como Ambiente Virtual de Aprendizagem Online, sendo utilizado por mais de 30.000 instituições educacionais ao redor do mundo (COLE; FOSTER, 2008, p. ix). Até maio de 2008, o sistema *Moodle* estava presente em 43.654 sites registrados em 195 países, sendo destes 2.140 endereços eletrônicos no Brasil (NAKAMURA, 2009, p. 27).

Jason Cole e Helen Foster (2008, p.ix), definem o *Moodle* como um Sistema de Gerenciamento de Cursos (*Course Management System* ou CMS). Trata-se de um *software* livre que pode ser utilizado, distribuído e modificado para fins não comerciais dentro dos termos da GNU GPL.³ O *software* pode

³ *General Public License*. Licença que determina os termos de uso de *softwares* livres publicada pela *Free Software Foundation*. N.A.

ser usado comercialmente com autorização do criador e detentor dos direitos autorais, *Martin Dougiamas*. Na definição de Cláudio de Paiva Franco, o *Moodle* é:

[...] um pacote de software gratuito e open source para a produção de cursos on-line que pode ser executado em qualquer computador com sistemas operacionais Windows, MAC ou Linux. Por ser um programa open source, qualquer pessoa pode participar do desenvolvimento do Moodle. O usuário está autorizado a copiar, modificar e usar o Moodle desde que a licença original e os direitos autorais não sejam modificados ou removidos (FRANCO, 2010, p. 3).

Dentro do universo dos jogos massivos há um que se destaca pelo expressivo número de usuários. Corneliussen e Rettberg (2008, p.1) afirmam que *World of Warcraft* atingiu no ano de 2007 o mesmo número de jogadores que a Suécia e a Bolívia possuem em número de habitantes. “Em março de 2007, havia 8.5 milhões de assinantes ativos espalhados pelos quatro continentes: Europa, América do Norte, Ásia e Austrália” (CORNELIUSSEN; RETTBERG, 2008, p. 4, tradução nossa). Em dezembro de 2008, este número chegava a onze milhões de pessoas ao redor do mundo, segundo William Sims Bainbridge (2010, p. 4).

Contudo, não é apenas a grande quantidade de pessoas que o habitam, mas suas características sociais, que fazem de *World of Warcraft* um simulacro singular, transcendendo o conceito de jogo, atingindo o status de mundo virtual, conforme pontua o próprio autor:

World of Warcraft não só representa, mas também inclui dentro de si uma grande cultura, praticamente tão moderna quanto a própria Internet, mas atingindo profundamente as remotas origens da civilização europeia. Isso é tão complexo, e oferece aos jogadores um escopo tão grande de ações, que transcende a categoria de jogo para tornar-se um mundo virtual (BAINBRIDGE, 2010, p. 4, tradução nossa).

De posse dos dados quantitativos e qualitativos, produzidos pela observação participante e pelos questionários apresentados, podemos proceder com algumas análises fundamentais para responder ao problema e confrontar as hipóteses. A análise vai se ocupar essencialmente em comparar os dois ecossistemas comunicacionais virtuais, o *World of Warcraft* e o *Moodle*, mas eventualmente vai lançar mão dos dados e das observações coletados nas *lan*

houses. Primeiramente vamos proceder com a análise dos aspectos funcionais, para então partirmos para os elementos conceituais.

Em termos populacionais, existem mundialmente, mais usuários de *Moodle* do que jogadores de *World of Warcraft*. Vinte milhões para o primeiro, em 2008 (NAKAMURA, 2008, p. 27) e onze milhões para o segundo (BAINBRIDGE, 2010, p. 4). Durante a pesquisa não foi encontrado nenhum usuário de *Moodle* realizando acesso a partir de uma *lan House*, enquanto 39 usuários estavam jogando *World of Warcraft* no momento da aplicação dos questionários. Apesar disso, 8% dos usuários de *Moodle* questionados relataram acessar o sistema a partir de *lan houses*.

O tempo de acesso também apresenta uma diferença significativa. Enquanto jogadores de *World of Warcraft* passam em média 4 horas por dia no jogo, os usuários de *Moodle* investigados dedicam apenas 1 hora diária em média. Alguns jogadores revelaram jogar 10 horas diárias enquanto o máximo de tempo de acesso encontrado no sistema *Moodle* foi de 4 horas.

Ambos os ambientes apresentam um sistema de autenticação de usuário, por *login* e senha, mantendo as informações sobre o usuário armazenadas em bancos de dados nos servidores. Essas informações incluem dados pessoais, progressão nas atividades do sistema e avatares.

Os avatares no sistema *Moodle* são imagens ou fotografias dos usuários que se apresentam de forma bidimensional. Em *World of Warcraft* os avatares apresentam um corpo 3D completo, com animações comuns à movimentação dos personagens, como caminhar, correr, pular, dançar, deitar, sentar, acenar *etc.* Os avatares do jogo também podem usar roupas e acessórios, utilizar meios de transporte, como montarias, e interagir com o cenário a sua volta.

Essa diferença nos avatares revelou, nas observações, que a relação do usuário com o seu avatar no jogo é muito mais próxima, pessoal, íntima (LE BRETON, 2004, p. 20). É um corpo virtual que o representa naquele mundo, é uma pessoa que interage com outras pessoas (KOZLAKOWSKI, 2005).

Com relação à aparência, a diferença mais perceptível entre os dois ambientes, devido à natureza de cada um, reside na estrutura geral das interfaces. Enquanto o *World of Warcraft* se apresenta como um mundo 3D imersivo, o *Moodle* mostra uma interface bidimensional modular, com base estrutural comum aos sistemas *Web* baseados em banco de dados. Essa característica demonstrou, durante o período de observação, que o jogo é muito mais imersivo do que o *Moodle*. Há uma sensação de profundidade, de envolvimento. O jogo também está constituído em um mundo gigantesco, com uma geografia complexa, um convite à exploração de cenários diversos,

desde florestas tropicais a desertos infundáveis, passando por montanhas cobertas de gelo e terrenos vulcânicos em erupção.

Neste ponto o *World of Warcraft* se apresenta com grande apelo visual. Não somente os avatares e os ambientes são tridimensionais, como também todas as criaturas fantásticas que o habitam. Animais imaginários e seres mitológicos interagem com os jogadores em tempo real. É possível incluir elementos visuais de grande apelo ao *Moodle*, mas sempre com um aspecto documental, sem muita imersão ou interação.

Quanto aos recursos comunicacionais, ambos os sistemas dispõem de uma ampla variedade. Com algum conhecimento é possível transformar o *Moodle* em uma ferramenta com muitas funcionalidades. Entretanto, enquanto o *Moodle* é constituído por módulos, de forma que seus recursos são alocados em partes separadas, no *World of Warcraft* os recursos estão integrados na mesma ambientação.

Os dois sistemas podem fazer uso de texto, imagem, som, vídeo, mas somente o *Moodle* dispõe de ferramenta para criação de páginas *Web* dentro do próprio sistema. A plataforma *Moodle* permite ainda a hospedagem de arquivos externos ao programa, que podem ser compartilhados com os demais usuários e professores. Esses recursos estão ausentes no *World of Warcraft*, que por sua vez dispõe de um sistema interno de correio, semelhante ao *e-mail*, mas com caixas de correio localizadas em pontos geográficos dentro do jogo.

O *Moodle* permite o envio de mensagens gerais e diretas para qualquer participante, bem como o uso de um sistema de bate-papo, ou *chat*. Em *World of Warcraft*, o *chat* está integrado na interface e permite a comunicação geral, entre grupos específicos, entre cidades, zonas ou particular para um só jogador. O *World of Warcraft* dispõe ainda de um *chat* por voz, que embora não seja muito utilizado por questões de desempenho, permite os mesmos canais de comunicação escrita, porém com o uso da fala.

Diferentemente do *Moodle*, o *World of Warcraft* não dispõe de um gerenciador de arquivos, contudo, os usuários têm uma relação de posse com os itens que adquirem no jogo, sendo estes, vestuário, armamentos, dinheiro, comida, bebida, entre outros. Esses itens são comercializados ou guardados pelos usuários, que possuem bolsas para carregá-los, ou ainda podem ser armazenados em bancos virtuais, onde os jogadores podem possuir um cofre. Existem ainda no jogo muitos documentos virtuais, como pergaminhos e uma grande variedade de livros que podem ser lidos.

Uma grande vantagem do sistema *Moodle* é que ele permite a autoria dos conteúdos, de forma quase que total. No jogo *World of Warcraft*, os usuários não criam nada, apenas usufruem do mundo que foi criado e dependem

dos desenvolvedores e designers do jogo para que novos conteúdos sejam adicionados. Essa construção no *Moodle* é muito mais colaborativa.

Entretanto, o *World of Warcraft* levou vantagem nas interações sociais. O ambiente 3D, habitado por avatares virtualmente corpóreos, permite uma sincronia de ações e reações na mesma medida que ocorrem, como se estivessem, e de fato estão, habitando o mesmo espaço. Essa relação espacial não existe no *Moodle* e foi apontada pelos usuários como um fator negativo. Não se tem a ideia de compartilhar aquele ambiente com muitas pessoas, é como um mural onde cada um contribui com um cartaz, cada um a seu tempo.

O *Moodle* possui, no entanto, uma ferramenta assíncrona de comunicação que o *World of Warcraft* não dispõe: o fórum de discussão. Muitos jogadores recorrem a fóruns de discussão na Internet, fora do jogo, pela necessidade, eventualmente, de um diálogo assíncrono, o que não está disponível dentro do jogo. A própria *Blizzard Entertainment Inc.*, empresa desenvolvedora do jogo, disponibiliza fóruns de discussão externos ao jogo, para suprir essa carência.

A abordagem aos usuários do *Moodle* se mostrou mais fácil, o que não necessariamente constitui uma vantagem. No *Moodle*, basta divulgar na página principal do curso como uma atividade que rapidamente os estudantes atendem ao questionário. No *World of Warcraft*, a relação entre os avatares é muito mais semelhante à sociedade do mundo tangível. É preciso construir uma relação de confiança entre os usuários. Muito desconfiam que possa haver má fé e resistem em acessar *links* indicados nos *chats*.

É muito comum contas de usuários serem roubadas no ambiente do jogo. Nesse caso os itens e o dinheiro do personagem são desviados para outras contas. Devido ao fato de a pesquisa ter se realizado com um grupo específico de jogadores, houve mais confiança por parte dos usuários.

Essa característica social mais semelhante à realidade predominante confere ao *World of Warcraft* uma perspectiva mais humana, com relacionamentos síncronos de diálogo e de interação. Os jogadores ficaram muito felizes com o sorteio de 1.000 moedas de ouro entre os que participaram da pesquisa e transformaram o dia do sorteio em um grande evento dentro do próprio jogo.

Tais interações não ocorrem dessa maneira no *Moodle*. De fato é bastante difícil encontrar os usuários *on-line*, a não ser em horas marcadas para as aulas ou pré-agendadas para encontros de orientação. No jogo *World of Warcraft* é quase impossível encontrar o ambiente totalmente vazio e sempre há alguém do grupo pesquisado dentro do jogo, na maioria das vezes muitas pessoas, sempre prontas a cumprimentar e a chamar para realizar alguma atividade em conjunto.

Algumas interações sociais são mais intensas ou demandam muito tempo, o que leva muitos jogadores a misturarem as realidades. A observação mais interessante, provavelmente, ocorreu na interação com jogadores norte-americanos, onde os jogos estão muito mais massificados culturalmente. Uma jogadora anunciou à 1h55min da madrugada, que não pode ficar jogando a noite inteira, pois seu filho a enlouquece quando ela fica muito cansada.

Não foi registrado nenhum caso de mãe ou filho que precisasse sair do *Moodle* por estar muito cansado pelo excessivo tempo de interação com o ambiente. Entretanto, inúmeras vezes, foram observadas mães nas *lan houses* tentando levar seus filhos à força para a escola.

Considerações finais

Este trabalho está muito longe de ser um fim em si mesmo, o que é, de fato, muito importante, pois o paradigma do método aqui utilizado é produzir mais questões e mais hipóteses para o futuro. As descobertas mais interessantes são as que apontam para novas inquietações, proporcionando pesquisas vindouras ainda mais profundas acerca dos objetos aqui desenvolvidos.

Das análises retiramos alguns pontos cruciais. O primeiro está na questão da sincronia da comunicação. O *World of Warcraft* apresenta-se como um ambiente totalmente síncrono, enquanto o *Moodle*, embora disponha de mecanismos de comunicação em tempo real, é, em essência, um sistema assíncrono. Isso nos revela a razão de termos 78% dos usuários do *Moodle* interessados em estudar por um ambiente de jogo.

Mas o *Moodle* é uma ferramenta poderosa, e seu poder é proveniente de como foi concebido, para favorecer a aprendizagem colaborativa. O conhecimento e o aprendizado no *Moodle* são construídos com a total colaboração dos estudantes e dos tutores, um conceito que defendemos em momento anterior, acerca do construcionismo postulado por Vygotsky (2008) e de uma nova forma de educar.

Porém, não há construcionismo sem sociointeracionismo e nisso, o *Moodle* peca. Não que seja uma grande deficiência, as interações no *Moodle* são apenas assíncronas e diferentes do jogo, como já foi mencionado. Nisso o *World of Warcraft* tem grande vantagem. Interações sociais síncronas e complexas ajudam a construir um conhecimento sólido. 88% em média, de acertos em uma prova de conhecimentos do jogo comprovam que, ainda que não estivessem ali com o objetivo de aprender, ainda que o jogo não tivesse um propósito educacional, o conhecimento foi construído, e foi construído pela interação.

Nisso temos a primeira grande lacuna a ser explorada no futuro. Uma investigação a respeito da ludicidade e da educação, das mediações descritas por Vygotsky e das relações dessas teorias com o aprendizado colaborativo nos ambientes dos jogos digitais, pode levar-nos a uma nova metodologia de ensino a distância, ou ainda, a uma perspectiva do sociointeracionismo virtual, das relações entre avatares e a construção do conhecimento a partir dessas mediações simbólicas.

É preciso considerar que, em média, 80% das pessoas que responderam aos questionários preferem jogar a estudar e que 78% gostariam de estudar em um ambiente de jogo. Essas respostas contribuem para confirmar a hipótese de que os jogos são mais atraentes aos jovens do que a sala de aula.

Uma hipótese, no entanto, não pôde ser avaliada. Conclui-se que não é possível saber se um ambiente virtual de aprendizagem desenvolvido nos moldes de um jogo *on-line* seria mais atraente do que os AVA tradicionais, a não ser que seja desenvolvido um ambiente assim e que possa ser testado com estudantes. Como não é o objetivo deste trabalho o desenvolvimento de um sistema, essa tarefa fica então para o futuro, em que novas pesquisas podem levar a um modelo ideal de ambiente virtual de aprendizagem com base nos jogos massivos *online*.

Entretanto, é possível propor novas hipóteses a respeito desse ambiente. Seria, por natureza, um ambiente híbrido. Envolveria o que há de melhor no *Moodle* e no *World of Warcraft*, os mais populares nas suas categorias. Isto inclui avatares e ambientes tridimensionais, com total interação e possibilidade de exploração. Teria ainda a figura do tutor, inexistente no jogo atualmente.

Trata-se, dessa forma, de um novo ambiente virtual de aprendizagem colaborativa *on-line* que pode transformar a atual Educação a Distância, podendo revolucionar a relação entre tutores e aprendizes pela convivência em um espaço virtual massivo e imersivo.

Seria possível conceber uma aula de geografia sobre o relevo do Brasil a partir de cenários totalmente tridimensionais e imersivos, mostrado de perto uma experiência quase tangível daquilo que os estudantes somente veem em imagens bidimensionais nos livros. Ou ainda uma aula de história com estudantes participando do momento exato da independência do Brasil, podendo interagir com os personagens históricos que lá estiveram presentes. Ou ainda, que nada contenha desses assuntos, o simples fato de um estudante do interior longínquo da Amazônia poder interagir virtualmente em tempo real com seus colegas de outros municípios, além de praticarem juntos atividades relacionadas à disciplina como se fosse apenas um jogo de videogame, poderia levá-lo a um novo estágio da imersão, poderia levá-lo a

visitar museus famosos que os seus poucos recursos financeiros e a distância geográfica não permitem.

Evidentemente que é muito mais complexo do que a simplicidade de escrever este parágrafo, mas a tecnologia comprovadamente permite esse tipo de jogo, com milhares de usuários interagindo e coexistindo ao mesmo tempo. O que falta, na verdade, são dois aspectos: aprofundar mais a pesquisa acerca da pedagogia dentro desses ambientes e iniciar um desenvolvimento experimental, ou seja, criar um protótipo capaz de ser testado com estudantes. Tais resultados são os únicos que podem confirmar ou não a hipótese órfã desta pesquisa.

Por fim, e com base em todas as informações colhidas, podemos responder à questão norteadora do trabalho, enfim, confirmando a última das hipóteses levantadas: é plenamente possível utilizar um jogo massivo *on-line* como Ambiente Virtual de Aprendizagem. De fato, a aprendizagem nesses jogos já existe, contudo, não está voltada para um conhecimento acadêmico ou para as disciplinas necessárias ao currículo educacional. O conhecimento está lá, dentro dos jogos, e é absorvido pelos seus jogadores de forma colaborativa e interacionista, prazerosa ao ponto de manter um indivíduo por 10 horas naquele ambiente. Uma pena que é apenas sobre o jogo que eles aprendem.

A despeito das dificuldades encontradas, é possível afirmar que a imersão nos ambientes proporcionou uma visão esclarecedora das camadas de realidade social ali presentes. Embora estas linhas em muito se assemelhem a uma conclusão, é aqui, na verdade, que este trabalho encontra seu início.

Referências

BAINBRIDGE, William Sims. *The Warcraft civilization: social science in a virtual world*. Cambridge: The MIT Press, 2010.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

COLE, Jason, FOSTER, Helen. *Using Moodle: teaching with the popular open source course management system*. 2. ed. Sebastopol, CA: O'Reilly Community Press, 2008.

CORNELIUSSEN, Hilde G.; RETTBERG, Jill Walker (org.). *Digital culture, play and identity: A World of Warcraft Reader*. Cambridge: The MIT Press, 2008.

FRANCO, Claudio de Paiva. *A Plataforma Moodle como Alternativa para uma Educação Flexível*. EducaOnline. Rio de Janeiro, UFRJ, v. 4, n. 1, jan./abr. 2010.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. *A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes*. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO - SOCIEDADE, CULTURA E EDUCAÇÃO: NOVAS REGULAÇÕES?, 32., 2009, Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2009.

HINE, Christine. *Etnografia virtual*. 3. ed. Barcelona: Editorial UOC, 2004. (Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad).

KOZLAKOWSKI, Al. *Ensaio iniciais sobre os processos imersivos em hipermídia: recortes, respostas e jogos*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., Rio de Janeiro, 2005. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de A. *Metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: ATLAS, 2000.

LE BRETON, David. *Adens ao Corpo: Antropologia e sociedade*. Lisboa: Miosótis, 2004.

NAKAMURA, Rodolfo. *Moodle: como criar um curso usando a plataforma de ensino a distância*. São Paulo: Farol do Forte, 2009.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de investigação em ciências sociais*. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

YVOSTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WARCRAFT REALMS. *A World of Warcraft Community Resource!* Disponível em: <<http://www.warcraftrealms.com>> Acesso em: 20 Set. 2010.

Em busca do ecossistema comunicativo do museu virtual Google Art Project

Valter Frank de Mesquita Lopes¹

Mirna Feitoza Pereira²

Resumo: Este trabalho é resultado dos estudos empreendidos durante o curso de mestrado em Ciências da Comunicação cuja área de concentração é Ecossistemas Comunicacionais. Esse estudo buscou desenvolver uma abordagem ecossistêmica para entender como ocorrem os processos comunicativos no museu virtual. Foi proposta uma leitura dos processos comunicativos do museu virtual a partir dos conceitos de semiosfera, de Iuri Lotman, e de ecossistemas comunicativos, a partir da conceituação de base semiótica proposta por Mirna Feitoza Pereira. A pesquisa foi estruturada com base no estabelecimento de três categorias de análise: os sistemas de base, os sistemas intermediários e os sistemas de superfície. Com base nos resultados das investigações efetuadas, foram desenvolvidas propostas de diagramas visuais que demonstrem a constituição do ecossistema comunicativo do museu virtual, bem como as relações entre os sistemas de signos que compõem esse espaço.

Palavras-chave: Museu virtual. Ecossistemas Comunicativos. Semiose. Semiosfera.

Introdução

Nosso estudo buscou compreender a semiose interna do museu virtual, ou seja, as relações entre os sistemas de signos que o conformam com a intenção de compreender como funcionam as linguagens existentes nesse espaço e como se dá a comunicação entre os vários níveis de semiose. A definição conceitual apresentada por Mirna Feitoza (2010) ajuda a enxergar o museu virtual como um sistema semiótico imerso em um espaço que propicia a produção de linguagem e a comunicação, a *web*. Contudo, tratar-se-á aqui apenas do nível microsemiótico desse ecossistema. Nossa discussão

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Professor do Departamento de Artes da Ufam.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Departamento de Comunicação da Ufam.

avança para uma visão ecossistêmica do museu virtual, tomando os conceitos de semiose, de Charles Sanders Peirce (1994), e semiosfera, de Iuri Lotman (1996), com a conceituação de ecossistemas comunicativos de base semiótica, proposta por Mirna Feitoza Pereira (2010).

Buscamos uma compreensão do museu virtual como espaço constituído por sistemas de signos. Essa visão é fundamental para tratarmos do caráter semiótico do museu, da identificação de seus sistemas de signos e suas semioses. Compreende-se nesse ponto que, ao se olhar o museu virtual enquanto espaço semiótico, enxergar-se-á linguagens em interação semiótica. Tal discussão permitiu reconhecer como essas linguagens se estruturam no espaço do museu virtual. Tomamos como desafio o desenvolvimento de uma abordagem ecossistêmica para entender como se dão os processos comunicativos do museu virtual. Para isso, foi necessário identificar os sistemas de signos que fazem parte do ecossistema comunicativo que é o museu virtual e analisar como se dão os processos semióticos entre os sistemas de signos existentes no espaço semiótico do museu virtual. Para alcançar tais objetivos, definimos como *corpus* de análise de nosso estudo o museu virtual do *Google Art Project*, por se tratar de um projeto inovador da empresa *Google* em parceria com 17 famosos museus e galerias de artes do mundo.

Estudar um museu virtual sob o ponto de vista semiótico nos ajudou a compreender os mecanismos que possibilitam o funcionamento da linguagem desse tipo de museu. Além disso, esta perspectiva permitiu entender o processo de comunicação dos sistemas de signos presentes no espaço semiótico do museu virtual, entendidas aqui como semiose. Foi proposto uma leitura dos processos comunicativos do museu virtual a partir dos conceitos de semiosfera, de Iuri Lotman (1996), e ecossistemas comunicativos, tendo como referência a conceituação de base semiótica proposta por Mirna Feitoza Pereira (2005, 2010). Por meio dessa leitura, analisamos o museu virtual como espaço semiótico formado por sistemas de signos em interação, formando um ecossistema comunicativo de base semiótica. Para isso, trabalhamos a partir de uma visão semiótica, uma vez que esse espaço se constrói a partir de relações entre sistemas de signos.

Bases para uma compreensão ecossistêmica do museu virtual

Iniciamos nossa discussão situando o conceito de comunicação que nos orientou, bem como o conceito emergente de ecossistemas comunicacionais sobre o qual se concentra este estudo. A razão disso é o fato de que o museu virtual forma um espaço de interação entre sistemas de signos diversos, o que permite abordá-lo enquanto ecossistema comunicativo imerso na semiosfera.

Nossa investigação necessitou de mecanismos teóricos capazes de definir o espaço da *web*, que, já em sua constituição, é pura informação. Além disso, fez-se necessário delimitar que as relações estabelecidas pelos diversos sistemas compostos de linguagem vão muito além da simples relação emissor-receptor. Não obstante, também se fizeram necessários mecanismos capazes de dar subsídios conceituais, de modo a mergulhar no interior desse espaço constituído por linguagens.

Antes de tudo é preciso alertar para o fato de que a visão de comunicação empregada neste trabalho não significa uma mera transmissão de mensagens de um emissor que a codifica para um receptor que a decodifica. Comunicação será entendida aqui como um processo dialógico que envolve sistemas de signos em interação semiótica. Machado (2003a) entende a comunicação como “dinâmica dialógica transformadora da informação em linguagem” (MACHADO, 2003a, p. 280). Para Mirna Feitoza Pereira (2005), “a comunicação é entendida como processo mediado por signos, que compreende interpretação, pensamento, conhecimento” (PEREIRA, 2005, p. 18). As autoras se referem ao caráter dinâmico do processo comunicativo em que a cultura se realiza e se renova.

A partir desse ponto de vista, buscamos uma perspectiva teórica coerente com os objetivos da pesquisa, de modo que seja possível estudar o museu virtual não como um simples sistema, mas como um grande sistema onde se encontram outros sistemas de signos em interação dialógica, pois concebemos a pesquisa que deu origem a esse trabalho como espaço de produção de linguagens e, por conseguinte, de comunicação. Assim, encontra-se em Pereira (2005) a construção de uma ecologia da comunicação que envolve vários sistemas de signos. Ao estudar a comunicação da criança com essas linguagens como processo de conhecimento mediado por signos, a autora concebe as linguagens do entretenimento como um espaço semiótico da semiosfera, tomando essas linguagens como uma rede de relações entre sistemas de signos (PEREIRA, 2005).

Nesta construção teórica, a relação da criança com *games* e desenhos animados é compreendida como uma ecologia da comunicação em que três sistemas altamente heterogêneos estão em diálogo por meio de processos signícos (PEREIRA, 2005, p. 47).

A ecologia da comunicação estudada pela autora é formada por três sistemas de signos altamente heterogêneos. São eles: o sistema biológico humano (criança), os sistemas tecnológicos (suporte das mídias) e os sistemas do entretenimento (desenhos animados e *games*). Estes sistemas se encontram em interação, sendo esta proporcionada por meio de processos semióticos.

O modelo teórico de ecossistemas comunicacionais nasce a partir do estudo de Pereira (2005) acerca da ecologia semiótica da comunicação. Em 2010, a autora apresenta um trabalho no esforço de definir o conceito de ecossistemas comunicacionais. Nesta perspectiva Pereira (2010) concebe a comunicação envolvendo um ambiente, de tal forma que este permita a construção, a circulação e a significação das mensagens, ao mesmo tempo em que interfere nessa dinâmica. Nesse sentido, o espaço é formado por uma rede de sistemas distintos, dependentes um do outro, e qualquer mudança nesse ambiente implica transformações na cultura (PEREIRA, 2010). A autora esclarece:

Olhar a comunicação na perspectiva dos ecossistemas comunicacionais compreende antes de tudo perceber que a comunicação envolve um ambiente e que este interfere e ao mesmo tempo possibilita a construção, a circulação e a significação das mensagens. Significa perceber que o ambiente que envolve a comunicação é conformado por relações estabelecidas entre sistemas diferentes e que, embora diferentes, dependem um do outro para existir. Significa perceber que modificações no ambiente e nos sistemas que dele participam tendem a transformar a própria comunicação e a cultura, uma vez que esta tende a se adaptar às condições do ambiente (PEREIRA, 2010).

Sua abordagem conceitual de ecossistemas comunicacionais passa pela exploração do conceito de semiosfera desenvolvido pelo semiótico Iúri Lótman. Tal conceito será detalhado mais à frente. Vale adiantar que a semiosfera é o espaço semiótico da cultura propício à existência da linguagem e ao funcionamento da comunicação. Fora dela, é impossível a existência da linguagem e, por conseguinte, da comunicação (LOTMAN, 1996).

A partir do modelo teórico da ecologia semiótica da comunicação proposto por Pereira (2005), absorve-se a visão ecossistêmica da comunicação de base semiótica e também a metodologia empregada, cuja ecologia se apresenta em dois níveis de semiose, o nível macrossemiótico e o nível microssemiótico, uma vez que a “ecologia semiótica da comunicação” é o espaço semiótico tecido por conexões micro e macrossemióticas fundadas pela semiose que funciona no interior da semiosfera (PEREIRA, 2005).

Por nível macrossemiótico, Pereira (2005) entende como o espaço no qual formações semióticas diversas se encontram em constante interação umas com as outras. Já o nível microssemiótico do ecossistema comunicacional “compreende o trabalho interno realizado pelos sistemas, permitindo que a interação entre eles, no nível macro, ocorra” (PEREIRA, 2005, p. 57).

A autora explica que, ao estudar esses níveis da ecologia semiótica da comunicação, a tendência é descobrir a riqueza da trama semiótica que constitui tal ecologia, pois ao se investigar como os sistemas de signos funcionam internamente nesse espaço, encontram-se outros sistemas e as relações que os mesmos estabelecem nesse ambiente (PEREIRA, 2005).

Cabe alertar que os níveis macro e microssemióticos não representam processos de oposição. A divisão em níveis macro e microssemióticos só pode se dar a partir de um recorte epistemológico, pois, do ponto de vista da semiose, esses níveis se encontram relacionados. Assim, Pereira (2005) alerta que

[...] os níveis macro e microssemiótico da ecologia da comunicação examinada compreendem um ao outro, não representando, de modo algum, camadas antagônicas tampouco repartidas. Sugerem, isto sim, dois modos de observar o mesmo processo sógnico (PEREIRA, 2005, p. 57).

Essa visão ecológica da comunicação de base semiótica surge como ferramenta teórica para tratar o museu virtual como um espaço no qual formações semióticas diversas se encontram em vários níveis de relações, tanto internas como externas. Somente ao enxergar o museu virtual como um sistema semiótico imerso em um ecossistema comunicacional é que é possível compreender sua semiose interna ao estudar o nível microssemiótico desse ecossistema, uma vez que, como afirma Mirna Feitoza, “a compreensão de como os sistemas interagem, no nível macro, depende do exame de como eles trabalham internamente, no nível micro” (PEREIRA, 2005, p. 57).

Ainda dentro de sua abordagem da ecologia comunicacional, Pereira (2010) enfatiza que semiose é o conceito mais básico do modelo teórico da ecologia estudada. O motivo disso é o fato de que é a partir dele que se pode pensar os processos semióticos existentes entre os sistemas de signos que formam essa ecologia (PEREIRA, 2005). Nesse contexto, Pereira (2005) afirma que semiose “é o conceito mais elementar da ecologia da comunicação da qual estamos falando” (PEREIRA, 2005, p. 64). Esse pensamento ajuda a entender que qualquer ecologia comunicativa se encontra imersa na semiosfera. Desse modo, os sistemas de signos que compõem o ecossistema se acham em interação, desencadeando processos semióticos no interior desse espaço. Assim, o conceito de semiose é um guia para os estudos dos processos envolvidos entre os sistemas de signos, pois acontecem dentro do ecossistema do qual pertencem.

Semiose é um conceito abstrato e geral da Semiótica de Charles Sanders Peirce, visto que a semiótica é a doutrina da natureza essencial e das

variedades fundamentais da semiose possível (CP 5.488). Em um trecho de seu trabalho, Peirce declara que “*semiotic, that is, the doctrine of the essential nature and fundamental varieties of possible semiosis*” (CP 5.488). Essa definição ajuda a entender o papel dos estudos dos ecossistemas comunicacionais, pois esses ecossistemas são encarados como semióticos, formados por sistemas de signos que estabelecem relações entre si através de processos semióticos, ou de semioses. Portanto, a semiose é a ação e a capacidade do signo de gerar novos signos, entendida como processo autogerativo do signo. Peirce apresenta seu conceito de semiose como sendo a ação entre o signo, o objeto a que o signo representa e o efeito que este pode causar numa mente, gerando um interpretante (CP 2.92). O autor define o conceito de semiose como sendo

All dynamical action, or action of brute force, physical or psychical, either takes place between two subjects [whether they react equally upon each other, or one is agent and the other patient, entirely or partially] or at any rate is a resultant of such actions between pairs. But by “semiosis” I mean, on the contrary, an action, or influence, which is, or involves, a cooperation of three subjects, such as a sign, its object, and its interpretant, this tri-relative influence not being in any way resolvable into actions between pairs³ (CP 5.484).

A semiose é um processo que envolve uma cooperação entre três signos, o que nos possibilita falar sobre relação e interação entre esses signos em processos de crescimento. Lucia Santaella (2000) diz que “a semiose é uma trama de ordenação lógica dos processos de continuidade”. Isto diz respeito ao potencial gerador do signo, que acaba por coincidir com a noção mesma de signo, e ao caráter autogerativo do signo que se desenvolve em uma cadeia infinita de relações, ou representações, como diz Peirce quando afirma que

A sign stands for something to the idea which it produces, or modifies. Or, it is a vehicle conveying into the mind something from without. That for which it stands is called its object; that which it conveys, its meaning; and the idea to which it gives rise, its interpretant. The object of representation can be nothing but a representation of which the

³ Toda ação dinâmica, ou ação de força bruta, física ou psíquica, tanto ocorre entre dois indivíduos [se reagem igualmente um sobre o outro, ou se um é agente e outro paciente, total ou parcialmente] quanto é uma resultante de tais ações entre pares. Mas por “semiose” quero dizer, ao contrário, uma ação ou influência, que é, ou envolve, um cooperação dos três termos, tais como um signo, seu objeto e seu interpretante, esta influência tri-relativa não sendo de forma alguma resolvido em ações entre pares (tradução livre).

first representation is the interpretant. But an endless series of representations, each representing the one behind it, may be conceived to have an absolute object at its limit. The meaning of a representation can be nothing but a representation. In fact, it is nothing but the representation itself conceived as stripped of irrelevant clothing. But this clothing never can be completely stripped off; it is only changed for something more diaphanous. So there is an infinite regression here. Finally, the interpretant is nothing but another representation to which the torch of truth is handed along; and as representation, it has its interpretant again. Lo, another infinite series⁴ (CP 1.339).

Esse processo representativo desencadeado pelo signo, conforme Peirce, gera outra representação, numa série infinita de representações, e aponta para uma teia de relações de um processo que cresce infinitamente a partir do signo. É este conceito de mediação, interação, e relação entre os participantes dos processos de semiose, que direciona para uma visão dos ecossistemas comunicativos como um espaço semiótico composto de uma série de relações entre os sistemas envolvidos.

No entanto, essa aproximação do conceito de semiose com os processos de interação que ocorrem no interior dos ecossistemas comunicativos não está dada. Ela surgiu a partir do estudo de uma ecologia semiótica da comunicação a fim de compreender como a comunicação entre os três sistemas de signos (sistemas biológicos humanos, sistemas tecnológicos e sistemas de entretenimento), estudados por Pereira (2005), é mediada por processos semióticos, formando um ecossistema comunicativo. Assim, toma-se aqui o conceito de semiose para estudar a comunicação no interior do espaço semiótico do museu virtual, compreendendo que a comunicação é guiada por processos de semioses que levam os sistemas de signos existentes no interior desse espaço a interagirem entre si.

⁴ Um signo representa algo para a ideia a qual produz ou modifica. Ou seja, é um veículo de transporte de algo externo para a mente. Por isso, tal representação é chamada seu objeto, que ele transmite, o seu significado, e a ideia a que dá origem, seu interpretante. O objeto da representação não pode ser senão uma representação da qual a primeira representação é o interpretante. Mas uma série infinita de representações, cada uma representando a que por trás dela, pode ser concebido para ter um objeto absoluto no seu limite. O significado de uma representação não pode ser senão uma representação. Na verdade, ele não é senão a própria representação concebida como despojada de roupas irrelevantes. Mas nunca essa roupa pode ser eliminada totalmente; é apenas trocada por outra mais diáfana. Portanto, há aí uma regressão infinita. Finalmente, o interpretante nada mais é que outra representação para a qual a tocha da verdade é entregue; e como representação, tem o seu interpretante novamente. Eis outra série infinita (Tradução livre).

Ao entender que cada instância envolvida nessa ação como sistema que se relacionam entre si, é possível encontrar a potencialidade desses sistemas atuarem sobre a realidade. Dessa maneira, surge uma aproximação com a *web*, com o museu virtual e com seus sistemas semióticos, pois esses sistemas têm a capacidade de produzir outros sistemas de signos devido ao caráter autogerativo do signo em processos de semioses. Pode-se compreender então a semiose como uma propriedade intrínseca a todo sistema de signos, já que cada sistema é povoado por signos diversos. Esse pensamento permitirá reconhecer o sistema, e ainda mais, conhecer como ele foi formado.

É preciso enfatizar o papel da semiose nesses sistemas. Isso diz respeito à atuação da semiose, que ocorre não no interior de um único sistema, mas entre diversos sistemas que interagem entre si dentro da cultura (MACHADO, 2003a). Machado (2003a), ao compreender a comunicação a partir da dinâmica dialógica que transforma a informação em linguagem, diz que “a semiose não acontece no interior de um sistema, mas entre sistemas” (MACHADO, 2003a, p. 303). Esse pensamento reforça a concepção de Pereira (2005, 2010, 2011), permitindo a aproximação conceitual entre semiose e ecossistemas comunicacionais, pois é sabido que os sistemas semióticos são compostos por inúmeros signos, e cada signo desse sistema implica uma cadeia representativa. Para fins conceituais, entende-se aqui essa cadeia representativa como sinônimo de semiose.

Reforçando a abordagem inicial sobre o conceito de comunicação enquanto processo relacional que envolve diversos sistemas de signos em interação semiótica, o conceito de semiose de Peirce permite compreender a ação que os processos de geração de linguagem desencadeada por esses sistemas de signos possibilitam. Pode-se entender a semiose sob o ponto de vista da comunicação “como lugar de produção de mensagem, isto é, de transformação da informação em signo; de geração e circulação de sentido; de construção de campos de significação; de criação de circuitos de responsabilidade” (MACHADO, 2003a, p. 282). Semiose é compreendida como atividade de relação dialógica entre os códigos e as linguagens, pois toda linguagem é um sistema formado por signos e todo signo implica uma ação inteligente que envolve processos relacionais de representação.

Machado (2003a) chega a definir a semiose como comunicação ao valorizar a dinâmica dialógica nos processos de linguagem, ao passo que novas linguagens são criadas a partir do encontro entre duas linguagens diferentes. A idéia de semiose como comunicação nos permitiu entender os processos comunicativos do museu virtual ao tomar este como espaço semiótico da semiosfera.

Do Conceito de Semiosfera para o Estudo do Funcionamento dos Sistemas de Signos no Espaço Semiótico

Do mesmo modo como o conceito de semiose e o modelo teórico de ecossistemas comunicativos discutidos anteriormente nos auxiliam a pensar os processos comunicativos entre os sistemas de signos que modelizam o museu virtual, o conceito de semiosfera de Lotman (1996) nos permitirá enxergar o museu virtual como um espaço semiótico favorável a produção de linguagem e comunicação, conformando um ecossistema comunicativo. Pois, partimos da compreensão da cultura como um grande sistema semiótico produtor de outros textos, gerando assim, uma continuidade semiótica, de modo que a cultura produz ininterruptamente cultura.

Lotman (1996) apresenta o conceito de semiosfera em seu texto “*Acerca de la semiosfera*”, a partir da analogia com o conceito de biosfera de Vernadski. Ao referir-se às investigações semióticas no ato comunicacional, Lotman compreendeu que “*no existen por sí solos en forma aislada sistemas precisos y funcionalmente unívocos que funcionan realmente*” (LOTMAN, 1996, p. 22).

La separación de éstos [sistemas] está condicionada únicamente por una necesidad heurística. Tomado por separado, ninguno de ellos tiene, en realidad, capacidad de trabajar. Sólo funcionan estando sumergidos en un *continuum* semiótico, completamente ocupado por formaciones semióticas de diversos tipos y que se hallan en diversos niveles de organización. A ese *continuum*, por analogía con el concepto de biosfera introducido por V.I. Vernadski, lo llamamos semiosfera (LOTMAN, 1996, p. 22).

Quando introduz o conceito de semiosfera, Lotman aponta para a impossibilidade dos sistemas semióticos funcionarem de forma isolada. Os sistemas existentes nesse *continuum* só atuam se estiverem nele imersos. O autor se refere à incapacidade de os sistemas de signos atuarem fora desse espaço semiótico, alertando que o funcionamento desses sistemas de signos só é possível dentro da semiosfera, sendo essa a dinâmica dos sistemas semióticos da cultura no espaço da semiosfera.

Podemos compreender a semiosfera como um espaço semiótico de caráter abstrato (LOTMAN, 1996). Lotman diz que só dentro desse espaço é possível a realização da comunicação, entendida como processo. O autor diz que “*sólo dentro de tal espacio resultan posibles la realización de los procesos comunicativos y la producción de nueva información*” (LOTMAN, 1996, p. 23). Fora desse espaço semiótico é impossível a existência da semiose e a linguagem tanto não

funciona como também não pode existir (LOTMAN, 1996). Esse caráter imprescindível do espaço semiótico da semiosfera aponta que sua existência precede a linguagem, pois não só a semiosfera é necessária para a existência da linguagem como também permite a produção de nova informação. Isso significa que estudar os processos semióticos comunicativos implica estudá-los imersos na semiosfera, nesse espaço constituído de formações semióticas diversas organizadas em vários níveis.

Para Irene Machado (2007), a semiosfera é um espaço-tempo em que formações semióticas de diversos tipos se encontram em diversos níveis de organização. Além disso, elas podem transitar e interagir de forma dinâmica. A autora esclarece que

A semiosfera pode ser compreendida como uma esfera sgnica que não se restringe à soma de códigos, linguagens e textos que por ela transitam (Lotman, 1990: 123). Ela pode ser vista como um ambiente no qual diversas formações semióticas se encontram imersas em diálogo constante, um espaço-tempo, cuja existência antecede tais formações e viabiliza o seu funcionamento (MACHADO, 2007, p. 34).

Desse modo, toma-se aqui a semiosfera como um espaço relacional por excelência, ou seja, um espaço onde relações entre sistemas diversos se encontram em constante atividade. Por isso, conhecer as relações entre os sistemas de signos existentes no espaço da semiosfera se faz necessário, uma vez que a semiosfera pode ser compreendida como um grande sistema do qual fazem parte as linguagens da cultura. São esses sistemas de signos da cultura que geram os textos culturais, como, por exemplo, o museu virtual.

Em sua descrição da semiosfera, Lotman descreve o museu físico em analogia com o espaço da semiosfera. Sua descrição de um museu ajuda a compreender o conceito de semiosfera e o espaço do museu virtual como espaço semiótico, no qual encontra-se distintos sistemas semióticos em processo de comunicação semiótica:

Imaginémonos la sala de un museo en la que en las diferentes vitrines están expuestos objetos de diferentes siglos, inscripciones en lenguas conocidas y desconocidas, instrucciones para el deciframiento, un texto aclaratorio para la exposición redactado por metodólogos, esquemas de las rutas de las excursiones y las reglas de conducta de los visitantes. Si colocamos allí, además, a los propios visitantes con su mundo semiótico, obtendremos algo que recordará un cuadro de la semiosfera (LOTMAN, 1996, p. 30).

Ainda em seu texto “*Acerca de la semiosfera*”, Lotman aborda a semiosfera como possuidora de vários traços distintivos. No que diz respeito ao caráter delimitado, encontra-se aí o conceito de fronteira. Em relação à irregularidade semiótica, é possível perceber as estruturas nucleares e periféricas, assim como a não homogeneidade semiótica da semiosfera que aponta para a sua diversidade interna (LOTMAN, 1996).

O conceito de fronteira é um dos mais fundamentais para perceber o caráter delimitado da semiosfera. Lotman (1996) diz que “*la frontera semiótica es la suma de los traductores - filtros bilingües pasando a través de los cuales un texto se traduce a otro lenguaje (o lenguajes) que se halla fuera de la semiosfera dada*” (LOTMAN, 1996, p. 24). Para Lotman, a fronteira semiótica funciona como um tradutor de informação que se encontra fora do espaço da semiosfera. O autor alerta que o conceito de fronteira não é um conceito artificial e sim “*una importantísima posición funcional y estructural*” (LOTMAN, 1996, p. 26). A fronteira determina um mecanismo bilingue que traduz a informação externa para a linguagem interna da semiosfera e vice-versa (LOTMAN, 1996). Logo, a fronteira semiótica desempenha um importante papel na produção de nova informação, visto que ela é uma das esferas da semiose (LOTMAN, 1996).

Ao delimitar o espaço da semiosfera, a fronteira semiótica implica uma organização interna formada por estruturas nucleares e periféricas, separando o mundo semioticamente mais amorfo, que se encontra do lado externo do espaço da semiosfera. Assim, Lotman diz que

la frontera es una parte indispensable de la semiosfera, esta última necesita de un entorno no organizado y se lo construye en caso de ausencia de éste. La cultura crea no solo su propia organización interna, sino también su propio tipo de desorganización externa (LOTMAN, 1996, p. 29).

De acordo com Lotman, as estruturas nucleares e periféricas contribuem para a não homogeneidade interna da semiosfera. Isso se dá pelo fato de que são nos núcleos que se encontram os sistemas semióticos dominantes que se sobrepõem aos demais, e na periferia as formações semióticas podem estar representadas por fragmentos de linguagens ou textos isolados, sendo exatamente esse fato que contribui para que na periferia haja maior concentração de processos semióticos, para então se dirigir às estruturas nucleares (LOTMAN, 1996). Segundo o autor,

La no homogeneidad estructural del espacio semiótico forma reservas de procesos dinámicos y es uno de los

mecanismos de producción de nueva información dentro de la esfera. En los sectores periféricos, organizados de manera menos rígida y poseedores de construcciones flexibles, deslizantes, los procesos dinámicos encuentran menos resistencia y, por consiguiente, se desarrollan más rápidamente (LOTMAN, 1996, p. 30).

Essa característica heterogênea da semiosfera esclarece o fato de que os processos semióticos se desenvolvem em diferentes velocidades nas distintas estruturas que a compõem, permitindo que compreendamos os processos comunicativos do espaço semiótico segundo sua complexidade. Significa dizer que a semiosfera se apresenta como um conceito complexo, implicando que seu estudo necessita de uma investigação apurada de sua organização interna, dos sistemas que a compõem em seus diversos níveis, dos processos semióticos que ocorrem em seu interior, bem como das relações que são estabelecidas com o espaço externo da semiosfera por meio de sua periferia. Por isso, todo espaço semiótico é construído no encontro de sistemas de signos diferentes; conseqüentemente, um espaço semiótico envolve uma diversidade de sistemas de signos em vários níveis de organização.

Desse modo, o conceito de semiosfera apresenta os mecanismos necessários para a compreensão do espaço do museu virtual como espaço semiótico; ou seja, o museu virtual pode ser entendido aqui enquanto sistemas de signos que mantêm relação dinâmica uns com os outros. Esse pensamento nos ajudou a estudar os processos comunicativos existentes no museu virtual, tomando este como um ecossistema comunicativo.

Dos diagramas do ecossistema comunicativo semiótico do Google Art Project

O estudo dos sistemas de signos existentes no *Google Art Project* permitiu compreender que eles atuam em conjunto constituindo um espaço semiótico e que esses sistemas de signos conformam um ecossistema comunicativo no qual estabelecem relações entre si, em níveis de interdependência. Ao analisar os sistemas de signos no espaço semiótico do *Art Project*, vêem-se linguagens, sistemas de signos que codificam informação. A partir dessa compreensão foi possível avançar para uma análise de como esses sistemas de signos estão estruturados no espaço semiótico e de que forma esses sistemas funcionam dentro desse espaço.

Nossa pesquisa chegou ao estabelecimento de três categorias de análise. São elas: (1) sistemas de base, em que serão apresentadas as tecnologias que funcionam como sistemas de signos existentes em nosso *corpus* de aná-

lise, evidenciando o papel desses sistemas de signos no espaço semiótico que estão presentes na base desse ecossistema comunicativo. Esses sistemas semióticos se mantêm ocultos ao usuário; (2) sistemas intermediários, formados pelas linguagens de programação, que funcionam intermediando os sistemas de base com os sistemas de superfície, ao mesmo tempo em que subsidiam a semiose destes últimos; e (3) sistemas de superfície, nos quais serão abordados os códigos das linguagens existentes na construção do museu virtual que se encontram na superfície, ou seja, que fazem parte da interface do museu virtual e são os sistemas de signos com os quais o usuário tem contato. Cada categoria definida corresponde a uma camada no ecossistema comunicativo estudado.

Os sistemas de signos que compõem os sistemas semióticos de base, intermediários e de superfície mantêm relações uns com os outros, formando uma unidade estrutural que não pode ser concebida em separado. Por isso houve a necessidade de construir um diagrama para melhor compreender e ilustrar como se dá a semiose entre esses sistemas semióticos, além de ajudar a entender o papel desses sistemas que compõem o espaço do museu virtual, dado que a semiose ocorre entre os sistemas de signos. Esses sistemas de signos se apresentam como níveis de organização dentro do espaço semiótico do museu virtual em análise.

A compreensão dessa construção semiótica em forma de camadas nos mostra de que forma cada sistema de signos se estrutura no interior do museu virtual, em seu espaço semiótico. Esta organização é puramente para fins heurísticos, pois esses sistemas de signos se entrelaçam de modo que se torna difícil precisar onde um termina e o outro começa. Chegou-se a essa estrutura baseada nas relações semióticas existentes entre os sistemas de signos que compõem esse espaço, já que a semiose ocorre entre os sistemas. Desse modo, o estudo das semioses que acontecem dentro do espaço semiótico do *Art Project* se tornou a principal diretriz para a construção do diagrama da figura 01, além do fato de que, para o usuário, o contato se dá da superfície até a base. Os sistemas de signos mais próximos da superfície são os sistemas de maior visibilidade ao usuário, sendo que aqueles que se encontram mais próximos da base se apresentam mais ocultos ao usuário. A ordenação desses sistemas de signos em camadas se deu, ainda, pelos níveis de abstração que apresentam em suas semioses, como traduções semióticas que ocorrem de uma camada para outra, e internamente nos sistemas de signos que compõem cada camada.

A identificação da camada composta pelos sistemas de base se dá pelo papel que esta representa nessa construção semiótica. Tal construção é formada por 17 museus físicos e pelos recursos tecnológicos utilizados para a captura

das imagens dos espaços físicos destes museus e suas obras de artes, além do sistema computacional que são, grosso modo, os computadores. A camada de sistemas de base se caracteriza pelos sistemas de signos que apresentam uma materialidade física. Essa camada é onde se inicia o processo de construção e geração dos outros sistemas semióticos e, conseqüentemente, contribuem para conformação do próprio espaço semiótico do museu virtual.

Apesar de iniciar a discussão com os sistemas de base, metodologicamente o caminho de análise foi inverso. Presumiu-se que o museu virtual é composto somente de informação, já que é um *site* e que seu código de máquina é formado por combinações de “0” e “1” *bits* (código binário). A partir daí, procurou-se saber quais eram esses sistemas de signos presentes no espaço semiótico do museu virtual, bem como suas semioses. No entanto, ao analisar o museu virtual *Art Project*, a investigação passa pela interface. Percebeu-se que essa interface era composta pelos códigos visual, verbal e audiovisual, manifestos nos formatos de arquivos de textos, imagens e vídeos, basicamente, formatados no código HTML.

Foi percebido ainda que os códigos carregavam ações de interatividade, permitindo que qualquer usuário pudesse interagir com a imagem. Assim se tornou possível o mergulho no plano microssemiótico do museu virtual, indo além da camada mais superficial desse plano, na qual identificamos os sistemas intermediários e os sistemas de base. São estes sistemas de signos que geram e que potencializam a interatividade desses códigos com o usuário. A partir desse entendimento, duas semioses puderam ser reconhecidas (figura 01).

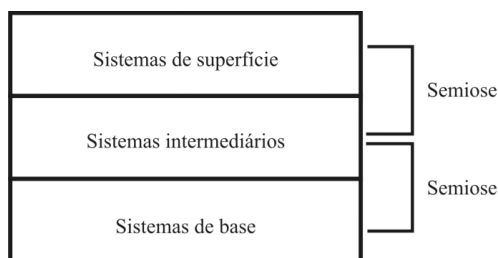


Figura 01: Duas semioses inicialmente identificadas

Como destacamos, a investigação partiu da camada mais superficial do processo, na qual se encontrou a semiose que se dá entre os sistemas de superfície e os sistemas intermediários. Em relação aos sistemas intermediários e os sistemas de base outra semiose foi encontrada.

Partindo da necessidade de compreensão da constituição do espaço semiótico do museu virtual, essa semiose se configurou como a primeira semiose, pois todo o processo se dá a partir dos museus físicos e dos recursos

tecnológicos, em se tratando da construção do museu virtual. São esses museus físicos que serviram de modelo para a construção do espaço do museu virtual. Significa dizer que o museu virtual mantém relações com os museus físicos, preservando algumas de suas características para a construção do *Art Project*. É por esse motivo que os museus físicos aparecem como um sistema de signos existente na base dessa compreensão ecossistêmica do espaço semiótico. Apesar de se encontrar fora do museu virtual, os museus físicos fazem parte do plano macrossemiótico desse ecossistema comunicativo, estabelecendo relação com o museu virtual.

Ao identificar essas duas semioses, percebeu-se que haviam outros processos comunicativos que ocorriam internamente nos sistemas de signos que compõem cada camada da figura 01. Por esse motivo, descobriu-se que esses sistemas de signos não se encontram linearmente no espaço semiótico; eles mantêm relações desde o nível mais superficial (no topo) até a base, devido ao fato de cada camada manter relações uma com as outras, a dos sistemas de base, a dos sistemas intermediários e a dos sistemas de superfície, caracterizando, assim, o museu virtual como resultado de um processo dialógico entre sistemas semióticos distintos. Além disso, foi possível descobrir que cada um dos sistemas possui um papel a desempenhar nesse processo comunicativo, já que semiose é comunicação. Há, portanto, uma terceira relação comunicativa nessa construção semiótica. É a semiose entre os sistemas de base e os sistemas de superfície. Desse modo, podemos apresentar a figura 01 de outra forma (figura 02):

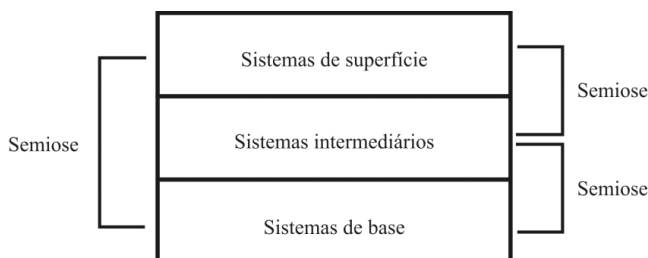


Figura 02: As relações ente os sistemas de signos.

Observa-se que, ao manter relações com as demais camadas, os sistemas de signos estabelecem processos comunicativos com cada uma delas. Essas semioses foram identificadas ao mapear os sistemas de signos existentes em cada camada. Para isso, foi realizado um processo de identificação a partir da camada mais baixa, a dos sistemas de base. Esses sistemas de signos são aparentes durante a navegação pelas salas e corredores virtuais do *Art*

Project e durante a visualização das obras de artes com textos explicativos e informações sobre os artistas, configurando uma ação expográfica de um museu físico. Isso quer dizer que as características dos museus físicos estavam aparecendo na superfície, apontando para uma mediação entre o museu virtual e o museu físico. Essa característica é visível ao se percorrer ao redor de uma escultura virtualizada, sendo semelhante ao trajeto que se faz em qualquer museu ou galeria para apreciar uma escultura física, por exemplo.

Outro sistema semiótico identificado entre os sistemas de base é o sistema computacional, pois um *site* é um sistema informático e, devido ao seu caráter digital, é processado pelo CPU do computador por meio do código binário. Nesse ponto, os textos de Mirna Feitoza Pereira (2007), Lucia Santaella (2003) e Winfried Nöth (2001) ajudaram a reconhecer que toda informação processado pela CPU do computador é, na verdade, uma ação de interpretação de signos. Por conseguinte, é uma ação semiótica, pois o signo é o elemento básico de todo sistema dessa natureza; o signo é responsável pela semiose porque desencadeia um processo representativo e de tradução.

O processo semiótico entre os sistemas de base e os sistemas de superfície se dá pelas relações entre os códigos, principalmente entre o visual e o sistema computacional. Nessa camada é possível reconhecer a linguagem visual como preponderante, já que toda a interface de um *site* é primeiramente visual, uma vez que toda imagem representada na tela do computador é formada por *pixels*. Têm-se também as linguagens verbal e audiovisual formando, juntamente com a linguagem hipertextual, a linguagem hipermídia, característica de qualquer *site*.

Na tentativa de se criar um diagrama do plano microssemiótico do ecossistema comunicativo do *Art Project*, chegou-se à figura 03. Com essa figura é possível ilustrar o diagrama do plano microssemiótico do espaço semiótico do museu virtual, os sistemas de signos que o formam e as relações entre eles.

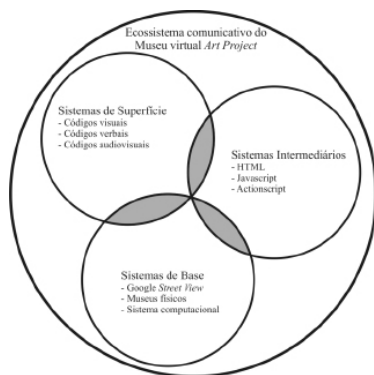


Figura 03: Ecosistema comunicativo semiótico do museu virtual *Art Project*.

O círculo maior é o ecossistema comunicativo semiótico do museu virtual *Art Project*, formado por três sistemas de signos: os sistemas de superfície, os sistemas intermediários e os sistemas de base. As áreas de intersecções representadas pela cor cinza representam as relações entre os sistemas existentes, ou seja, os processos comunicativos. A identificação dos sistemas de signos e suas semioses, além da construção do diagrama da figura 03, auxiliaram a visualizar os processos comunicativos que ocorrem no interior do museu virtual entre os sistemas de signos que o constituem. Percebeu-se uma sequência de processos relacionais interdependentes nessas semioses. Esses processos dependem de outras semioses que ocorrem entre os sistemas semióticos pertencentes ao espaço do *Art Project*. Como resultado das análises dos processos semióticos no ecossistema comunicativo do museu virtual, chegamos à conclusão de que os sistemas semióticos do *Art Project* se configuram como um espaço formado por um conjunto complexo de sistemas de signos em co-dependência uns com os outros, pois além de códigos visuais, verbais e audiovisuais, esse ecossistema agrega sistemas computacionais, linguagens de programação, recursos tecnológicos de captura de imagem. Além disso, ele usa o espaço da *web* para potencializar a interatividade acessível de um computador localizado em um espaço físico geograficamente distribuído, bastando ao computador estar conectado à *Internet*, para além das relações estabelecidas com os museus físicos.

Referências

IVÁNOV, V. V.; LÓTMAN, I. M.; PIATIGÓRSKI, A. M.; et al. Teses para uma análise semiótica da cultura (uma aplicação aos textos eslavos). In: MACHADO, Irene. *Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2003.

LOPES, Valter Frank de Mesquita. *O museu virtual como ecossistema comunicativo: um estudo da semiose dos processos comunicativos do Google Art Project*. Manaus, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Ufam, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

LOTMAN, Iuri M. *La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto*. Selección e traducción del ruso Desiderio Navarro. Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 1996.

_____. *La semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Selección e traducción del ruso Desiderio Navarro. Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 1998.

_____. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Boris (org.). *Semiótica russa*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. *A estrutura do texto artístico*. Tradução de M.do Carmo V. Raposo e Alberto Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.

LOTMAN, Iuri M.; USPIÊNSKI, Bóris A. Postscriptum às teses coletivas sobre a semiótica da cultura. In: MACHADO, Irene. *Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2003.

MACHADO, Irene (org.). *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

_____. O ponto de vista semiótico. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (orgs). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003a.

_____. *Escola de semiótica: a experiência de tártu-moscou para o estudo da cultura*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2003b.

_____. Semiótica como teoria da comunicação. In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antonio. *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PEIRCE, C. S. (1931-1958); HARTSHORNE, Charles (ed.); WEISS, Paul (ed.). *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge; Harvard University Press, 1931. v.1-6. 1 CD-ROM.

PEIRCE, C. S. (1931-1958); BURKS, Arthur (ed.). *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge; Harvard University Press, 1958. v. 7-8. 1 CD-ROM.

PEREIRA, Mirna Feitoza. *Ecossistemas comunicacionais: uma definição conceitual*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS SEMIÓTICOS, 4. ed., 2010, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2010.

_____. *Segredos do Joystick: a CPU como interpretadora de signos; a máquina como enunciadora de discurso*. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO – CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO,

30., 2007. Santos. *Anais eletrônicos...*Santos: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1370-1.pdf>> acesso em 12 mai.2010.

_____. *As linguagens do entretenimento*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS SEMIÓTICOS, 3. ed., 2007, Vitória. *Anais eletrônico...* Vitória: CDPOINT, 2007.

_____. *“Porcarias”, inteligência, cultura: semioses da ecologia da comunicação da criança com as linguagens do entretenimento, com ênfase nos games e nos desenhos animados*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *Cultura das mídias*. 3. ed. São Paulo: Experimento, 2003.

_____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. 3. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2008.

_____. *Comunicação e semiótica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SANTAELLA, Lucia; VIEIRA, Jorge Albuquerque. *Metaciência: como guia da pesquisa, uma proposta semiótica e sistêmica*. São Paulo: Mérito, 2008.

SANTIAGO, Rodrigo Peronti. *Memória e patrimônio cultural em ambientes virtuais*. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

SCHNAIDERMAN, Boris (org.). *Semiótica russa*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

A Divulgação da ciência em rede de blogs de língua portuguesa: uma análise do Scienceblogs Brasil como subsistema autopoietico

Tavares Sales, Judy Lima¹
Barbosa, Walmir de Albuquerque²

Resumo: A proposta teórica da pesquisa que resultou nesse artigo foi investigar os *blogs* de ciência a partir do conceito de autopoiese proposto por Niklas Luhmann. Para estudar as relações sociais que são formadas nestes *blogs*, foi discutido e aplicado o conceito de capital científico de Pierre Bourdieu, identificando-o nos processos relacionais existentes entre o *blogueiro* e visitante desse espaço digital. As conclusões obtidas apontam para a necessidade de se fazer uso da ferramenta em um formato mais colaborativo. São possibilidades educativas pertencentes a rede de *blogs*, na qual a ciência pode tornar-se parte da realidade do visitante leigo nos temas publicados, cumprindo efetivamente a proposta de divulgação da ciência. A pesquisa foi realizada através do método indutivo, sendo de objetivo exploratório, adotando como objeto de estudo o *Scienceblogs* Brasil, formado por *blogueiros* brasileiros.

Palavras-chave: *Blogs*. Divulgação científica. Autopoiese.

Introdução

Os estudos dos fenômenos da divulgação científica ocorridos no ambiente da *internet* devem ser investigados a partir de um olhar segmentando em relação às diferentes formas de divulgar os resultados científicos. Na mudança ocasionada com o surgimento do formato digital, pesquisadores e divulgadores da ciência têm usado os espaços das mídias sociais como *blogs*, *Twitter*, *Facebook*, *Orkut*, *Youtube* para tornar o conhecimento de caráter público. Como o objeto de análise da pesquisa foi composto pelos *blogs* científicos,

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Professora Assistente I do Departamento de Comunicação da Ufam. E-mail: judy@ufam.edu.br.

² Doutor em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Professor do Programa de Pós-graduação em Direito Ambiental da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: walmir@uea.edu.br.

é necessário, de forma introdutória, caracterizá-lo enquanto ferramenta de composição das mídias sociais.

O *Weblog*, *blog* ou diário virtual é uma ferramenta usada para compartilhar idéias sobre temas gerais, específicos ou de cunho pessoal, podendo ser de um autor ou de várias autorias. Conforme Carolina Frazon Terra (2008, p.20), *weblog* significa diário de bordo na rede, no caso, *internet*, sendo formada pela palavra inglesa *web* (rede) e *log*, palavra usada na navegação para classificar o diário de bordo de registro do cotidiano durante as viagens. Logo após seu surgimento, a palavra *weblog* foi simplificada para *blog*, sendo este o termo mais popularizado. Assim, *blog* tornou-se o objeto que compõe seu próprio ambiente, denominado como *blogosfera*. Inicialmente, os primeiros *blogs* tinham semelhança com os *sites* comuns, diferenciando-se somente a partir de 1999, com a criação de ferramentas de publicação como *Pitas* e *Blogger* (AMARAL; RECUERO; MOSTARDO, 2009).

Dentre os elementos que compõem um *blog*, é importante destacar o espaço dos comentários, sendo definido, segundo Primo e Smaniotto (2006, p. 4-5): “[...] um dos recursos mais importantes para o desenvolvimento de conversações em *blogs*”. É a partir dos comentários publicados que o *blogueiro* pode mensurar o alcance de sua mensagem, bem como o nível de conversação estabelecido; se está de acordo ou não com o que foi publicado, se gerou novas discussões sobre o *post* no mesmo *blog* ou em terceiros (ferramenta *trackback*).

O *blogueiro* é autor e editor da informação veiculada, tendo mais autonomia e não tornando-se refém de cortes de terceiros, cabendo-lhe construir e filtrar sua história contada. A independência na publicação será mantida pelo grau de credibilidade existente entre o autor do *blog* e os visitantes. Jornalistas experientes, cientistas sociais, políticos, professores, profissionais que são autoridades nos temas discutidos em seus respectivos *blogs*, têm credibilidade e a confiabilidade diante dos visitantes desses espaços. Ao contrário destes, os *blogs* postados por pessoas sem autoridade no tema em questão, e a conseqüente ausência de credibilidade dos seus autores, acaba por influenciar no alcance das publicações, sendo somente um *blog* no meio de tantos outros da *blogosfera*.

O blog científico como subsistema autopoietico de Luhmann

O funcionamento de um *blog* pode ser visto como um subsistema social autopoietico, pertencendo a um sistema social maior: a *internet*. O conceito de autopoiese³ refere-se aos sistemas operacionalmente fechados sobre

³ Segundo Menezes (2008, p. 16), autopoiesis vem do vocábulo grego *poiéo* (fazer, produzir, unindo ao sufixo *auto*, o que resulta no auto-reprodução).

sua própria base operativa, os quais adaptam-se internamente em um processo evolutivo, não havendo uma dependência do ambiente externo, embora haja uma relação entre sistema e ambiente (NEVES; NEVES, 2006, p. 189-190). Esse processo adaptativo surge a partir da própria irritação do sistema, ou seja, é ocasionado pelas influências internas que o sistema sofre e não de irritações provenientes do entorno.

Os sistemas sociais autopoieticos definidos por Niklas Luhmann foram desenvolvidos a partir dos estudos de sistemas biológicos de Maturana e Varela (2001). Luhmann tinha como objetivo analisar as mediações que permeiam a sociedade moderna tida como complexa, entendendo-a como um sistema autopoietico e auto-referencial, no qual a unidade de referência é a comunicação (MENEZES, 2008, p. 17).

O termo *autopoiesis* foi originado na área da Biologia, referindo-se a auto-organização dos processos celulares quando, por exemplo, as células produzem substâncias necessárias para sua auto-conservação. Abordando sobre esse ciclo adaptativo do sistema, Neves e Neves afirmam:

Os sistemas se definem (criam identidade) a partir de suas próprias operações. Tais operações são dependentes do sistema no qual são produzidas o que, por sua vez, produz o próprio sistema. Segue-se, portanto, um processo circular de autoprodução de componentes, capaz de dar sentido às informações do entorno e, por isso, distinguir-se do mesmo (NEVES; NEVES, 2006, p. 189).

Os sistemas e o ambiente estão assim relacionados a um processo que Luhmann identifica como acoplamento estrutural, uma espécie de adaptação entre ambos (MENEZES, 2008, p. 18). No entanto, o ambiente é mais complexo do que o sistema, juntando as possíveis relações, os acontecimentos ou os processos. A relação entre sistema e entorno é bastante interessante, pois é preciso observar a duplicidade de papel exercido pelo primeiro já que, embora o sistema e o entorno não tenham uma só constituição, todo sistema é entorno dos demais sistemas.

Para Luhmann, há três tipos de sistemas autopoieticos: sistemas vivos, sistemas psíquicos e sistemas sociais. Os sistemas vivos são compostos por células, cérebros e organismos; os sistemas psíquicos incluem a consciência, os pensamentos, os sentimentos, as emoções; e os sistemas sociais são formados pela sociedade, pelas organizações e pelas interações (MENEZES, 2008, p. 18-19).

As dimensões dos sistemas sociais seriam o sistema em si, a complexidade, o sentido (aqui entendido como a diferença entre o atual e o possível), a comunicação e a dupla contingência⁴. Os sistemas autopoieticos não focalizam os sujeitos, mas sim operam através da comunicação, pois, segundo Luhmann, apenas a comunicação pode comunicar. As operações dos sistemas ocorrem através dos códigos binários que pertencem a eles, permitindo a diferenciação do sistema do ambiente (VIEIRA, 2005, p. 3-5).

Nos sistemas sociais, a comunicação ocorre a partir de três fases: a seleção da informação, a seleção do ato de comunicar e a seleção do ato de entender, sendo que é o ato de entender que permite a comunicação de prosseguir (já que comunicação gera comunicação).

Para Luhmann, os sistemas sociais são operacionalmente fechados em relação ao ambiente (entorno), onde sua própria constituição é feita pela seleção que faz de seus elementos internos em um processo adaptativo e evolutivo, elevando seu grau de complexidade⁵. Os sistemas operam para reduzir a complexidade, mas também constroem sua própria complexidade, por isso surge a necessidade do sistema de fechar-se em relação ao entorno para assim produzir seus elementos, sendo esse seu processo evolutivo (NEVES, 2006, p. 192). Observemos que complexidade aqui é entendida como a totalidade dos possíveis acontecimentos e circunstâncias.

De acordo com Cansino (2001 *apud* MENEZES, 2008, p. 17), os sistemas sociais autopoieticos teriam suas estruturas fechadas, abrindo somente quando seus elementos já estivessem constituídos. O sistema seria composto de subsistemas e de elementos⁶ e relações, não havendo elementos sem conexões relacionais e nem relações sem elementos. Quando os elementos não conseguem mais estabelecer uma conexão devido a limitações à própria capacidade de interconectá-los, é preciso haver a seleção dos elementos para que o sistema possa manter-se operando normalmente. Após a seleção, surge o processo de contingência, sendo esta a situação e a qualificação dos elementos selecionados.

Em sua visão operacional dos sistemas, Luhmann identificou que os sistemas sociais têm duas capacidades de observação. A primeira seria a auto-referência, ou seja, é o processo que o sistema tem de observar a si mesmo, por exemplo, observar a observação; comunicar-se sobre a comunicação (VIEIRA, 2005, p. 5). É a partir das observações de si mesmo e dos outros

⁴Podemos entender a dupla contingência como o processo fundamental que permite que os fenômenos informacionais ocorram dentro do sistema.

⁵Complexidade não seria uma operação NO ou DO sistema, mas sim um conceito de observação e de descrição (Luhmann *apud* NEVES).

⁶Observemos que os elementos são elementos apenas para os sistemas que os reconhecem como tal.

(hetero-referência) que o sistema consegue fechar-se para iniciar o processo da autopoiese.

Pensando os *blogs* como subsistemas sociais autopoieticos, é preciso direcionar o olhar sobre o seu sistema de funcionamento. Primeiro, a forma como os *blogs* lidam com a complexidade do seu entorno, o ciberespaço, passando por um processo adaptativo⁷, inclusive por causa do surgimento de outras ferramentas mais interativas (outros subsistemas) que também permitem a ideia da construção coletiva, como as redes de relacionamentos como *Twitter*, *Facebook* e ainda o *Orkut*. Sofrendo adaptações para continuar como subsistema de uso da escrita digital, os *blogs* inicialmente eram caracterizados e usados com caráter pessoal, sendo relatos de uma escrita mais íntima e confessional do autor. Além disso, como ferramenta de publicação, os *blogs* iniciais tinham certa limitação em relação a recursos relacionados ao uso simultâneo de textos e imagens (estática e em movimento).

Os *blogs* usados como espaços de divulgação da ciência podem atingir seu propósito de tornar o conhecimento científico mais próximo do público leigo, permitindo assim a criação de processos interativos entre *blogueiro* e visitantes de página que gerem a aproximação não somente entre os membros, mas principalmente da ciência com o público que a desconhece. Ou ainda, podem ser somente um espaço de produção e circulação de informações que aumentem o capital social do *blogueiro*, aumentando o reconhecimento e prestígio do pesquisador diante de seus pares.

A *blogosfera* científica é formada não somente por instituições que desenvolvem pesquisas científicas, mas, principalmente, por pesquisadores que optam por ter o próprio espaço digital para divulgar suas idéias, pensamentos, notícias sobre ciência. A projeção que se busca na *blogosfera* científica está voltada para a construção da identidade do *blogueiro* e não diretamente para a da instituição a qual está vinculado, pois os *blogs* são resultados de uma escolha voluntária do seu autor e não, nesse caso, uma ferramenta que a instituição de pesquisa científica define para divulgar seu trabalho.

Com o exposto, é possível identificar que a *blogosfera* científica pode funcionar como um sistema fechado no qual aqueles que produzem ciência formam seu próprio círculo de visitantes dos *blogs* a partir de seus pares, com linguagem pertencente ao ambiente científico, semelhante à separação existente e tão criticada entre ciência e sociedade e que é demarcada nos meios de divulgação mais tradicionais. Muda-se o formato para divulgar a ciência, saindo do analógico para o digital e *online*, baseado no compartilhamento de idéias da *Web 2.0*, mas as práticas permanecem quase idênticas.

⁷ Devido à característica volátil da *Internet*, os *blogs*, assim como as demais ferramentas, estão em constante processo adaptativo.

Para compreender o processo de divulgação da ciência é preciso reconhecer que não há somente o interesse genuíno do cientista em aproximar o resultado de suas pesquisas da sociedade, mas há outros fatores presentes, os quais acabam direcionando a divulgação científica segundo os próprios interesses, sempre de acordo com as relações de poder estabelecidas entre os envolvidos. Pierre Bourdieu (2004, p. 20) afirma que há um campo científico, no qual os agentes e as instituições que dele fazem parte acabam obedecendo às leis sociais que regem esse espaço, sejam elas imposições, solicitações, uma espécie de regras do jogo estabelecido. As relações de influência entre os agentes, nesse caso, são estabelecidas através do capital de crédito científico, ou seja, pelo capital simbólico que é pautado pelo reconhecimento que um determinado agente tem diante de seus pares dentro desse campo social científico (BOURDIEU, 2004, p. 26-25).

O capital científico pode ser definido em duas espécies, podendo ser de origem política e temporal, baseado no poder institucional e institucionalizado; ou de prestígio social, baseado nas relações sociais estabelecidas entre o agente e seus pares. Para Bourdieu (2004), é o capital científico que acaba permitindo que os cientistas tenham êxito no reconhecimento de suas pesquisas, sendo este uma busca constante dos agentes do campo científico. Quanto maior o capital científico, maior é a força do agente na estrutura interna do campo social no qual está inserido e, por consequência, maior o poder de imposição diante dos demais agentes. Dessa forma, percebe-se que a ciência – assim como os outros campos sociais – não está isenta de interesses na relação de poder, mesmo em um campo que tem por essência desenvolver pesquisas com o intuito de beneficiar a sociedade.

O conflito existente entre os interesses públicos e privados na ciência pode fazer surgir uma luta de classes entre os próprios cientistas, os quais acabam desenvolvendo pesquisas de três formas distintas: de forma dileitante, pesquisando de maneira descompromissada e sem vínculos com os demais pares ou instituições; de modo corporativo, atendendo aos interesses da instituição ao qual está ligado de acordo com seu capital científico; ou ainda, pesquisas de interesse público, baseadas na neutralidade de intenções do cientista e vinculadas aos anseios da sociedade. Percebe-se que não somente as formas de se fazer pesquisas são distintas, mas, principalmente, os propósitos e os interesses dos agentes.

Nesse ínterim, podemos então apontar que o interesse na divulgação científica acaba ocorrendo de acordo com o capital científico vigente, o qual pode não estar necessariamente relacionado a um interesse coletivo e sim ser resultado de uma intenção do agente para aumentar sua credibilidade diante de seus pares ou da própria instituição ao qual está vinculado (interesse in-

dividualizado). Para as instituições científicas públicas, divulgar o resultado de suas pesquisas é fundamental para dar um retorno à sociedade em relação às verbas que são investidas em suas atividades, além de aproximar a relação entre todos. Como exemplo, podemos pensar o papel que a universidade tem em não só produzir pesquisas, mas sim estender suas atividades à sociedade.

Para os institutos de pesquisas de iniciativa privada, o interesse em divulgar o resultado de suas atividades recai sob o aspecto de conseguir novos investidores, com o intuito de transformar as pesquisas em produtos a serem comercializados na sociedade, havendo muito mais um interesse econômico nesse processo de divulgação da ciência. No entanto, é importante refletir que, mesmo que a divulgação científica seja resultado de interesses envolvidos entre agentes, pares, instituição e corporações privadas, ela acaba refletindo no ambiente externo ao campo científico, pois é através do conhecimento gerado pela ciência que uma sociedade pode desenvolver-se e melhorar sua qualidade de vida em vários aspectos.

Com o propósito de aproximar a ciência da sociedade, as instituições de pesquisas científicas adotaram os meios e canais de comunicação para divulgar os resultados de seu trabalho, seja no meio impresso, radiofônico, eletrônico e, atualmente, digital e *online*, como no caso dos *blogs* científicos. Dessa forma, a linguagem científica antes acessível somente aos próprios pesquisadores passa agora por um processo de transferência de significados muito mais próximo da realidade do senso comum.

Com a chegada do meio digital, a ciência começou a fazer uso desse espaço para também divulgar os resultados de suas pesquisas científicas, seja em sítios específicos de disseminação de artigos científicos, realizando uma comunicação entre os pares; ou através de sítios e ferramentas que divulgam a ciência para os internautas leigos no assunto. Com a publicação científica digital, caracterizada por um espaço mais democrático e ilimitado na produção e circulação da informação, a ciência começa a ser divulgada através de ferramentas que usam textos, imagens, áudio e bancos de dados, para levar a ciência para os internautas, sendo esta uma forma bastante dinâmica de divulgação. Além disso, a rede, por ser um sistema dotado de subsistemas, conta com diversos espaços que podem permitir um processo de divulgação científica muito mais interativo, como as comunidades virtuais, as listas de discussão, os *blogs*, dentre outros. De acordo com Sabbatini,

A divulgação científica na *Internet* abre inúmeras possibilidades de acesso a manifestações e criações culturais que nem a escola nem os meios de comunicação de massa podem resolver por suas limitações como instrumentos de acesso à cultura, ao mesmo tempo em que comple-

menta de maneira relevante as possibilidades de informação e aprendizagem no campo da ciência e da tecnologia (SABBATINI, 2005, p. 13).

No entanto, é preciso pensar a divulgação científica na *internet* com algumas restrições resultantes de uma maior facilidade no processo de publicação de conteúdo na rede. Enquanto o processo para publicação científica impressa é muito mais oneroso, restrito e demorado, no ambiente virtual, a disponibilização de conteúdo é um processo mais rápido, de baixo custo e de alcance mundial. Embora haja vantagens, há diversas críticas em relação à qualidade do que vem sendo colocado disponível na rede, como no caso de bibliotecas *online* de construção coletiva ou de recebimento de artigos que não possuem um conselho editorial atuante, com política inibidora da publicação de artigos de baixa qualidade. No entanto, podemos ter experiências de portais abertos para acesso público⁸ que têm sido referência pela qualidade do material publicado, em virtude de se ter claramente uma política adequada para publicação de conteúdo, sendo um modelo mais fechado, ainda que pautado por uma construção coletiva de acervo.

Nesse ínterim, podemos pensar na ferramenta dos *blogs* científicos, por serem fáceis de serem criados e alimentados por informações a todo instante, tornam-se uma alternativa para divulgar as informações obtidas pela ciência para os usuários da *internet*. Se a proposta da divulgação científica é popularizar cada vez mais a ciência, usando de todas as formas para fazer a transferência de informação científica para a linguagem mais popular, inclui-se assim a possibilidade de uso dos diários virtuais. O *blog* visto como espaço de divulgação científica traz a vantagem da comunicação em rede, tida como horizontal, multidirecional e interligada, na qual todos fazem parte da mesma hierarquia e há interferência entre todos. Assim, nos *blogs* científicos, o visitante pode esclarecer suas dúvidas sobre o tema postado, fazendo parte dessa construção coletiva na divulgação da ciência, podendo ainda unir os saberes científicos com os tradicionais.

A aplicação da pesquisa

A amostra da pesquisa é o *Scienceblogs* Brasil, um condomínio de *blogs* que abriga profissionais de diferentes formações e que tem como objetivo promover a divulgação da ciência, em todo o mundo, através do uso de *blogs*.

⁸ como o portal DOMÍNIO PÚBLICO, biblioteca digital desenvolvida em *software* livre (disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br>), e o Portal Brasileiro da Informação Científica PERIÓDICOS CAPES (disponível em <http://www.periodicos.capes.gov.br>).

O *Scienceblogs* Brasil abrigava na data de 01 de junho de 2009, vinte e sete *blogs*. Apesar de o condomínio ter esse número, após os contatos feitos, observou-se que um *blogueiro* é o autor de três *blogs* no *Scienceblogs* Brasil, sendo então a amostra da pesquisa definida para vinte e cinco *blogs*, no total, ao invés de vinte e sete. Os *blogs* também foram monitorados no período de 01 de julho a 30 de setembro de 2009, visando assim identificar o conteúdo publicado, os comentários gerados e se as postagens foram publicadas em outros espaços (*trackbacks*).

Os *blogs* que compõem o *ScienceBlogs* Brasil e que foram objetos da pesquisa são descritos a seguir: 100nexus (*blog* 01), 42 (*blog* 02), *Big Bang Blog* (*blog* 03), *Brazillion Thoughts* (*blog* 04), Brontossauros em meu jardim (*blog* 05), Caapora (*blog* 06), Chapéu, chicote e carbono-14 (*blog* 07), *Chi Vón no pó* (*blog* 08), Ciência à bessa (*blog* 09), Ciência e idéias (*blog* 10), Discutindo ecologia (*blog* 11), *Ecce Medicus* (*blog* 12), Ecodesenvolvimento (*blog* 13), Efeito Adverso (*blog* 14), Geófagos (*blog* 15), Idéias cretinas (*blog* 16), Marco evolutivo (*blog* 17), Massa crítica (*blog* 18), N-dimensional (*blog* 19), Psicológico (*blog* 20), Rainha Vermelha (*blog* 21), *Raio-X* (*blog* 22), Rastro de Carbono (*blog* 23), RNAm (*blog* 24), Tubo de Ensaio (*blog* 25), Universo Físico (*blog* 26) e Você que é biólogo (*blog* 27).

Os questionários foram aplicados a partir do dia 05 de outubro de 2009, sendo elaborado com perguntas abertas, fechadas e mistas, as quais foram divididas em três sessões: 01. Sobre o processo de veiculação de informações; 02. Sobre o processo de circulação; e 03. Sobre a qualidade das informações publicadas, sendo que este último dado não será apresentado neste artigo por se tratar de tema que necessita de um espaço maior para discussão.

Os *blogueiros* que responderam aos questionários foram os seguintes *blogs*: 100nexus, 42, *Brazillion Thoughts*, Brontossauros em meu jardim, *Chi Vón no pó*, Ciência à bessa, Ciência e idéias, *Ecce Medicus*, Ecodesenvolvimento, Efeito Adverso, Geófagos, Idéias cretinas, Marco evolutivo, Massa crítica, Psicológico, Rainha Vermelha, *Raio-X*, Rastro de Carbono, RNAm e Universo Físico.

Os Scienceblogs como sistemas autopoieticos

O *Scienceblogs* Brasil, por ser constituído por uma rede de *blogueiros* que trabalham com o tema ciência, é um subsistema social que não possui uma configuração única em seus grafos, mas é caracterizado por ser um espaço de múltiplas possibilidades de formação de sua estrutura, nos quais os seus nós e suas arestas (*blogueiros* e visitantes dos *blogs* e as conexões estabelecidas entre

eles) estão em constantes modificações. Essa é a dinâmica de um subsistema autopoietico, o qual internamente troca de informações constantemente para assim manter não somente a dinamicidade existente na sua estrutura de rede social, mas sim seu funcionamento.

A rede *Scienceblogs* Brasil é formada por subsistemas com dinâmicas próprias de funcionamento interno, obedecendo a regras criadas pelos elementos que compõem a parte interna do espaço. Quando se refere a *blogs*, há elementos que necessitam funcionar de forma a permitir que ocorram relações entre *blogueiro* e visitante do espaço, principalmente para proporcionar a formação de debates, pois, nesse caso, o assunto é de relevância coletiva. Observa-se assim que há uma necessidade urgente de que o *blogueiro* seja um elemento ativo no uso da ferramenta, publicando constantemente a informação; e que o visitante, por sua vez, também faça parte do processo, estabelecendo um diálogo sobre o conteúdo publicado.

Essa constância na publicação não está diretamente relacionada ao grau de publicação diária, e sim a um preenchimento das necessidades de informação de quem procura por ela, seja através de comentários, elogios ou críticas. *Blogs* nos quais o seu autor não consegue acompanhar a própria rapidez e instantaneidade da *internet*, acabam deixando de ser atrativos para seus visitantes. Essa situação pode gerar uma participação apática entre seus elementos, pois se houver desinteresse por parte do visitante e este não conseguir se tornar um interagente nesse espaço, ele poderá não mais acompanhar essa publicação, deixando com que o silêncio freqüente do seu autor indique apenas futuros monólogos estabelecidos na sua escrita pra si mesmo, muito comuns nos diários de conteúdo particular.

Na rede *Scienceblogs*, nem todos os *blogs* conseguem gerar conversações mais aprofundadas entre o autor e seus visitantes. Embora essa análise da pesquisa não tenha o foco no aspecto qualitativo dos *blogs*, observou-se que independente do grau de publicação (se é baixo, médio ou regular), há *blogs* que conseguiram gerar discussões através das conexões relacionais entre *blogueiros* e visitantes, como os seguintes: *blog* 02 gerou oito debates; *blog* 05 gerou cinco debates; *blog* 11 gerou cinco debates; *blog* 15 gerou seis debates; *blog* 16 gerou doze debates; *blog* 21 gerou catorze debates; *blog* 23 gerou seis debates e *blog* 24 gerou nove debates. Esses dados apontam que em uma rede, o comportamento de seus nós (os elementos, os *blogueiros*) não será contínuo e nem padronizado, havendo grandes diferenças entre todos, assim como há maneiras diferentes do visitante se comportar diante da informação recebida.

Observa-se assim que a rede tem uma mediana dinâmica de geração de debates, apesar de que, para essa análise, foram considerados *posts* com debates apenas aqueles com mais de quatro comentários e com conteúdo que não

tivesse focalizado cumprimentos entre participantes, e sim de veiculação de conteúdo de interesse do tema em questão. No entanto, é interessante voltar-se para o aspecto da necessidade do *blogueiro* em manter uma regularidade na publicação de conteúdo, pois é a continuidade nesse processo de postagem que dará ao visitante o aspecto de existência do *blog* como um sistema social em ação, vivo, em processo de produção.

Os *blogs* analisados também indicam um processo de circulação de informações bastante limitado, pois dos 27 *blogs* da rede, apenas sete têm suas informações circuladas em outros espaços digitais, conforme a seguinte indicação: *blog* 01 com cinco *trackbacks*; *blog* 02 com sete *trackbacks*; *blog* 07 com quatro *trackbacks*; *blog* 11 com quatro *trackbacks*; *blog* 12 com quatro *trackbacks*; *blog* 15 com cinco *trackbacks*; *blog* 21 com sete *trackbacks*; *blog* 24 com quatro *trackbacks*. É através do *trackback* que o *blogueiro* tem conhecimento sobre a circulação dos *posts* publicados, se o conteúdo ali disseminado foi levado a circular em outros espaços.

Cabe salientar que a própria circulação de conteúdo dos *blogs* pode não estar relacionada necessariamente à identificação de conteúdo entre os elementos envolvidos, mas envolver aspectos voltados à relação de proximidade entre o *blogueiro* e o visitante da página, o qual pode criar uma simpatia pelo *blogueiro* e levar esse conteúdo para outros espaços, em uma espécie de contrato informal de fazer “circular” o conteúdo de quem se conhece. Esse comportamento não é exclusividade dos *blogs*, mas ocorre frequentemente nos espaços das mídias tradicionais, nos quais o editor do jornal ou revista, por exemplo, pode abrir um espaço para as informações que são enviadas por pessoas com as quais tenha uma relação mais próxima e assim publicá-las, fazendo-as circular na mídia.

Os dados sobre o processo de circulação através dos *trackbacks* apresentam algumas contradições que surgem no processo de veiculação e de circulação de informações, pois nem todos os *blogs* da rede que possuem um grau maior de geração de debates conseguem fazer com que tais informações circulem em outros espaços digitais indicados pelos visitantes. Ou ainda, alguns *blogs*, mesmo apresentando baixa geração de debates, conseguem fazer com que as informações circulem na *Internet*, como por exemplo: o *blog* 01, o qual apesar de ter apenas uma geração de debate dentre seus *posts* publicados, há 05 *trackbacks* sobre seus *posts* circulando em outros espaços. O *blog* 03 também possui apenas três debates gerados, mas há a indicação de quatro *trackbacks*. Os *blogs* 05, 16 e 23, apesar de terem gerado respectivamente cinco, 12 e seis debates, tiveram apenas um, três e um *trackbacks*, nessa mesma ordem.

Isso aponta para o aspecto de que para a informação circular não é necessário o papel ativo de um visitante de página que estabelece um diálogo com o autor do *blog*, mas sim a identificação do visitante com a informação

veiculada e o interesse dele em fazê-la circular nos limites além do *blog*. Em outras palavras, nem toda informação que circula é decorrente de um debate, de uma relação bilateral entre *blogueiro* e visitante, mas ela pode ser ainda decorrente de processos unilaterais no qual o *blogueiro* publica, o visitante do espaço lê e se identifica, e mesmo com seu silêncio em não fazer comentários, pode fazê-la circular em outros espaços digitais.

Partindo do exposto, é possível considerar que o funcionamento do *Scienceblogs* Brasil como subsistemas autopoieticos envolve os processos de comunicação existentes entre seus elementos, principalmente no que se refere à dinâmica de publicação do *blogueiro*, criando assim conexões relacionais com o visitante de seu espaço. O visitante, por sua vez, pode desempenhar vários papéis que, ora o transformam em um co-autor do *blog*, e em outros momentos, assume uma identidade de Portal que permite que as informações dos *posts* circulem em outros ambientes em um processo de alimentação do subsistema. Dessa forma, vê-se que os *blogs* como subsistemas autopoieticos têm regras que necessitam ser obedecidas por seus elementos, permitindo assim sua continuidade como subsistema social interligado à *internet*.

E ainda, a dinâmica de divulgação de *posts* também pode influenciar na forma com que o visitante do *blog*, tanto o leigo no tema em questão quanto os pares científicos, vêem o volume de produção do *blogueiro*-pesquisador. À medida que novas atualizações vão ocorrendo, constrói-se a idéia de que o *blogueiro* está produzindo novas pesquisas, indicando assim também a dinamicidade desse processo. Além disso, a partir da interação entre *blogueiro* e visitante, e a conseqüente circulação de informações, amplia-se a esfera da divulgação científica, a qual não ficará restrita ao ambiente de determinado *blog*, mas sim ousa alcançar outros espaços digitais.

O capital simbólico do Scienceblogs Brasil

A seguir, serão apresentadas as respostas mais relevantes da pesquisa realizada. Inicialmente, foi perguntado o que incentivou o *blogueiro* a criar um *blog* sobre ciência. Essa pergunta permitiu mais de uma resposta. 24% dos *blogueiros* afirmam que a liberdade para publicação de idéias em outros espaços, sem depender da mídia tradicional, é a principal razão para trabalhar com *blogs* sobre ciência. 5% dos pesquisados apontam que a iniciativa foi resultado de sua própria atividade profissional. 14% dos *blogueiros* indicam que os *blogs* sobre ciência são espaços que facilitam a explicação de conceitos científicos. Outros 5% dos pesquisados afirmam que transformaram seu *blog* pessoal em *blog* científico a convite dos organizadores do *Scienceblogs* Brasil. 32% dos pesquisados responderam que adotaram o *blog* científico para com-

partilhar opiniões com os demais internautas. Outros 5% dos blogueiros afirmam que usam o *blog* porque têm desconfiança em relação às divulgações científicas realizadas nos espaços das mídias tradicionais. 10% dos blogueiros indicam que usam o *blog* científico para obter visibilidade diante dos demais internautas. E por fim, outros 5% dos *blogueiros* indicam que mantêm o *blog* como um *hobby*, sem comprometimento profissional.

Sobre a existência de privilégio de algum conteúdo científico específico para publicação no *blog*, 49% dos blogueiros afirmam que privilegiam novidades e assuntos sobre sua própria área de atuação como física, astronomia, cosmologia e astrofísica. 17% dos pesquisados privilegiam conteúdo que considere interessante e que mereça ser compartilhado entre todos. 11% dos *blogueiros* afirmam que publicam segundo os próprios interesses existentes à época da publicação. Outros 17% dos blogueiros responderam que não privilegiam nenhum tipo de conteúdo. E 6% dos *blogueiros* não responderam a questão.

Perguntado aos *blogueiros* se acreditam que o *blog* é uma ferramenta que dá visibilidade ao trabalho do pesquisador, 72% dos pesquisados afirmam que sim. Outros 22% dos *blogueiros* afirmam que é indiferente a essa possível visibilidade. 6% dos *blogueiros* acreditam que o *blog* dá visibilidade, mas isso é indiferente pra ele. Nenhum *blogueiro* respondeu que não.

Sobre o uso de outras ferramentas da *Web* 2.0 pelos *blogueiros*, para também divulgar a ciência (com a possibilidade de assinalarem várias *respostas*), 45% dos pesquisados responderam que também usam o *Twitter*. 21% dos pesquisados indicaram fazer uso de listas de discussão. Outros 10% dos *blogueiros* responderam que usam o *Orkut* para também fazer divulgação científica. 14% dos *blogueiros* fizeram a indicação de outros, englobando assim participação em fóruns, em seção de comentários de outros *blogs*, no *Youtube*. E outros 10% dos *blogueiros* responderam que não.

Sobre a prática de responder aos comentários postados em seu *blog*, 83% dos pesquisados responderam que sim. 11% dos *blogueiros* afirmam que responder aos comentários é indiferente para eles. 6% dos *blogueiros* afirmam que não respondem.

Perguntado sobre a identidade dos visitantes dos *blogs*, 72% dos pesquisados procuram saber sobre quem são os visitantes. Outros 17% afirmam que isso é indiferente para eles. 11% dos *blogueiros* afirmam não saber sobre a identidade dos visitantes de seus *blogs*.

Perguntado sobre a possibilidade de publicar informações científicas que circulam em outros *blogs*, 67% dos *blogueiros* responderam que fazem publicação de tais informações. Outros 22% dos *blogueiros* responderam que isso é indiferente para eles. E outros 11% dos pesquisados afirmam que não fazem publicação de conteúdo científico de outros *blogs*.

Sobre a contestação de informações científicas em seu *blog*, com a opção de assinalar várias *respostas*, 85% dos *blogueiros* afirmam que caso haja contestação de informação, eles a analisam, buscam referência e argumento e estabelecem o diálogo com o visitante. Se houver necessidade, revêem a questão. Outros 10% dos *blogueiros* afirmam que nessa situação criam um novo *post* e respondem a informação contestada. 5% dos pesquisados afirmam que toda informação deve ser contestada, mas não indica a forma de administrar essa situação.

Quando 24% dos *blogueiros* identificam os *blogs* científicos como um espaço livre do controle dos meios de comunicação de massa tradicionais, é possível fazer uma leitura dessa porcentagem como uma necessidade de que o *blogueiro* tem em fazer a divulgação das informações de forma mais autônoma e independente dos interesses mercadológicos da grande mídia tradicional. Vê-se assim a importância da liberdade presente no *blog*, a qual transforma o *blogueiro* no proprietário e editor do espaço, decidindo o que deve ser ou não divulgado, sem excluir ainda a permissão de fala também de sua audiência, comprovado pelos 32% que percebem o *blog* como um espaço de compartilhamento de opiniões.

É interessante ainda observar que apesar de representar uma minoria, 10% dos pesquisados vêem o espaço como uma ferramenta que dá visibilidade às suas atividades, voltando-se aqui para a idéia do capital simbólico que dá projeção ao trabalho do pesquisador diante dos seus pares científicos, percebendo os interesses do campo científico interligados à *blogosfera*. Esse dado é reforçado com as respostas obtidas na questão referente ao crédito ao *blog* como ferramenta que dá visibilidade ao trabalho do pesquisador, quando 72% dos pesquisados confirmam a percepção do *blog* com tal característica.

A apropriação dos *blogs* pelos pesquisadores e outros interessados em divulgar a ciência é um ponto importante a ser discutido, pois, nas respostas obtidas, têm-se um percentual de 72% de *blogueiros* científicos que tornaram-se *blogueiros* na experiência de unir *blog* e ciência e não em algum momento anterior à sua participação no *Scienceblogs* Brasil. Esse dado somado aos 72% dos *blogueiros* que reconhecem a possível visibilidade dada pela ferramenta ao seu autor, nos permite levantar uma hipótese sobre a possibilidade dos pesquisadores e outros interessados em fazer uso da ferramenta com um objetivo um pouco mais particularizado. A *blogosfera* científica foi tomada por *blogueiros* que perceberam a grande potencialidade para conseguir alcançar objetivos de fazer divulgação da ciência, seja por interesses privados (como visibilidade, por exemplo) ou coletivos do autor do *blog* (a responsabilidade de divulgar os resultados de suas pesquisas).

Identifica-se ainda que os *blogueiros* têm procurado ampliar sua visibilidade em outras ferramentas que compõem a *Web* 2.0, sendo possível que

nessas redes, o *blogueiro* continue a desenvolver suas atividades de divulgação, ampliando os limites para além da *blogosfera* científica, para assim aumentar seu capital científico.

O aspecto da visibilidade parece ser um dos principais atrativos de uso da ferramenta, pois 78% dos *blogueiros* também indicam que costumam divulgar seu *blog*, procurando aumentar sua projeção, principalmente entre os amigos, citados por 48% dos pesquisados; ou entre os colegas pesquisadores, citados por 19% dos *blogueiros*, o que também contribui para o processo de divulgação da ciência.

Se os dados obtidos na pesquisa indicam que 72% dos *blogueiros* sabem quem são os visitantes de seus *blogs*, seria interessante e proveitoso para os *blogueiros* usarem essa informação de forma mais estratégica, identificando se o seu objetivo de divulgação da ciência vem sendo cumprido diante das pessoas leigas, no caso do interesse coletivo. Ou ainda, se as informações publicadas só têm atingido os próprios pares científicos, no caso de interesse voltado para aumento de sua projeção no próprio campo da ciência.

Ainda sobre a definição do público-alvo, observa-se que 11% dos pesquisados que afirmam que escrevem para si mesmo vão de encontro aos interesses de divulgação científica. Se o *blogueiro* opta em escrever para si mesmo, fica bastante explícito que há uma preocupação voltada para os interesses particulares em sua escrita, de caráter introspectivo, contrário ao foco nos interesses coletivos que envolvem o processo de divulgação da ciência.

Os dados apresentados que envolvem o aspecto de conteúdos científicos privilegiados na escolha para divulgação nos *blogs* permite-nos fazer uma leitura sobre uma preocupação dos *blogueiros* em publicar conteúdo sobre o qual tenha domínio do tema, comprovado pelo número de 49% dos *blogueiros* privilegiarem conteúdo e novidade de sua área de atuação. Esse aspecto somado aos 17% dos *blogueiros* que privilegiam conteúdo que julguem interessantes e outros 11% que publicam segundo os próprios interesses existentes à época da publicação, deixa evidente a subjetividade presente no processo de escolha de conteúdo, voltado para interesses particulares novamente, sem foco para os interesses do campo científico.

Nesse aspecto contraditório, encontramos um *blogueiro* que reconhece seus próprios interesses envolvidos, mas também reconhece a importância da voz dos interagentes, evidenciados pelos 83% dos pesquisados que afirmam responder aos comentários dos visitantes de sua página. Chama a atenção o fato de haver uma não identificação da importância dos visitantes para uma minoria de *blogueiros*, que afirmam que o processo de responder aos comentários é indiferente para eles; ou ainda, pelos 6% que optam em simplesmente não criar processos de trocas de informações com eles. Nesse

comportamento apático dos *blogueiros*, vê-se uma contradição com a proposta da divulgação científica.

A adoção de uma linguagem menos científica por 72% dos entrevistados é um fator essencial para fazer com que o visitante do espaço sintasse co-participante em escrever, à medida que consegue compreender as informações que são ali disponibilizadas. Uma linguagem científica e rebuscada distancia o visitante leigo do material que é divulgado, fato este ainda não percebido pelos *blogueiros* que nem sempre buscam escrever fazendo a transferência de linguagem científica para uma linguagem acessível ao público-alvo.

Os comentários gerados por meio de publicação de um *post* podem se tornar elementos valorativos na visibilidade obtida pelo *blogueiro* diante dos visitantes do espaço. Esse fato é reconhecido por 67% dos *blogueiros* que afirmam que um *post* com comentário tem um valor maior do que um não comentando, evidenciando assim uma intenção do *blogueiro* em gerar um debate com os outros interagentes. São os comentários gerados que podem tornar um *blog* popular, se sobressaindo diante dos demais. Ainda que haja uma minoria de 22% que acredita que um *post* sem comentário não é menos importante do que outro que conseguiu gerar discussão, ou ainda, os 11% que afirmam que o processo é indiferente para eles, é nos espaços dos comentários que é possível identificar possíveis projeções tidas pelo pesquisador, principalmente quando existe troca de elogios e felicitações pela divulgação realizada.

A circulação de informações científicas entre *blogs* da mesma natureza acontece como prática aderida pela maior parte dos *blogueiros*, visto que 67% dos pesquisados afirmam publicar informações que são veiculadas em outros *blogs*. Esse dado indica que há um compartilhamento de idéias entre os *blogueiros* que ultrapassa a troca de informações somente nos espaços reservados para os comentários, rompendo a esfera pertencente ao autor do *blog*. No entanto, é importante observar que 22% dos *blogueiros* acreditam que esse processo de publicar informações de outros *blogs* é indiferente para eles, além dos 11% que optam em não fazer tais publicações, o que deixa evidente um isolamento da circulação de conteúdo de tais *Blogueiros*.

Os *blogueiros* indicam transformar a contestação de alguma informação publicada em um momento de criar diálogo com os visitantes do *blog*, o que é comprovado quando 85% dos *blogueiros* afirmam analisar a informação contestada para rever ou não a questão, dialogando com o visitante. Esse processo é bastante válido quando se pensa que o visitante da página sente-se próximo ao autor do *blog*, no momento em que a informação sai da esfera de publicação de *post* para um formato mais personalizado e direcionado através

do diálogo estabelecido com o *blogueiro*, principalmente se o visitante não for do campo científico.

Considerações finais

A proposta de divulgação da ciência que ocorre na rede *Scienceblogs* Brasil necessita ser reformulada nos processos que envolvem a participação do *blogueiro*, elemento autônomo na escolha dos temas a serem trabalhados e divulgados nesses espaços digitais. Apesar de fazer parte de uma ferramenta de formato colaborativo e de essência democrática, fica evidente de que não há uma definição de critérios, na rede, que focalizem a divulgação da ciência visando à coletividade.

Como sistemas autopoieticos, os *blogs* de ciência ficam sujeitos a regras estabelecidas no campo científico, o qual também é um sistema atuando na *Internet*, tornando ambos sistemas interdependentes com a geração dos processos de comunicação que ocorrem internamente. Vê-se esse sistema autopoietico com sua funcionalidade projetada para ser uma vitrine de divulgação dos resultados e conhecimentos dos *blogueiros*, sendo essa necessidade alimentada pelas ações realizadas dentro de um *blog*, como por exemplo, a circulação de conteúdo somente entre os pares através das postagens, comentários e obtenção de *trackback*.

Ainda que haja uma migração dos divulgadores da ciência, saindo do formato de comunicação tradicional para o digital, identifica-se que há uma reprodução dos interesses do “eu” pesquisador no processo de veiculação e circulação de informações, principalmente nos critérios de publicação voltados apenas para o que o pesquisador considera como apropriado e relevante para circular nos *blogs* de ciência. Essa situação acaba por entrar em contradição com o formato colaborativo das mídias sociais e com os objetivos de divulgação da ciência.

Apesar das ferramentas promoverem espaços de debates, não foi identificado, no período de realização da pesquisa, elementos que apontassem interesse do *blogueiro* em levantar as necessidades de informação que os visitantes dos *blogs* têm a respeito da ciência. Essa corrente preocupação dos *blogueiros* em publicar informações segundo seus interesses particulares converge com a cultura digital consagrada em algumas mídias sociais, nas quais o indivíduo traz o seu exibicionismo latente e o transforma em um grande espetáculo diante dos demais participantes da rede, evidenciado seu “eu” ao invés da ciência.

Esse fato não é de todo negativo, pois é comum o foco do *blogueiro* em temas que sejam do seu interesse e, principalmente, sobre assuntos nos

quais tenha domínio para divulgar, gerando assim a legitimidade necessária para tornar o *post* um texto confiável diante do seu público. Assim, a crítica é direcionada para o fato do *blogueiro* não procurar perceber também quais são os interesses existentes em seus visitantes, o que contribuiria para o formato colaborativo dos *blogs* sobre ciência. E ainda, o foco apenas na subjetividade do *blogueiro* acaba afetando a divulgação da ciência, pois o processo de circulação de informações torna-se comprometido e limitado, ficando restrito, em alguns casos, ao próprio círculo de amizade ou aos pares científicos.

Fazem-se necessários atitudes e pensamentos mais abertos de cada *blogueiro* de ciência, entendendo que nem o objeto a ser divulgado no *blog* (o conhecimento científico) e nem a ferramenta (o próprio *blog*) é de sua propriedade. Embora ambos sejam construídos a partir de sua contribuição, tanto como pesquisador quanto como *blogueiro*, os dois tornam-se de caráter e de propriedade pública.

Observa-se que não há produção e circulação de informações junto aos visitantes leigos e que não fazem parte da rede de conhecidos dos *blogueiros*, o que poderia ser feito de forma participativa e de caráter educativo. Opta-se assim por um trabalho que não explora os territórios da *blogosfera* científica, mas que apenas transfere para esse espaço a prática corrente nos meios de comunicação tradicionais, no que se refere a um processo unilateral de produção de informações. Esse aspecto de não aproveitamento da potencialidade dos *blogs* e a não sistematização de critérios para publicação, influencia na falta de reconhecimento dos *blogs* científicos como espaços dotados de informações verdadeiras, completas e confiáveis, comprometendo a divulgação da ciência nesses espaços.

Com as mudanças nos processos de produção e circulação de informações na sociedade, desde o surgimento da imprensa até a comunicação digital estabelecida nas mídias sociais, aponta-se que novas ferramentas colaborativas de comunicação, em formato digital, surgem a todo instante e trazem novos papéis interativos entre aqueles que não somente usam a *internet*, mas, principalmente, produzem conteúdo para compartilhar com outros membros interessados. É preciso assim direcionar as reflexões não mais para a assombração e o deslumbramento que ainda habitam várias discussões sobre tais processos de comunicação nas mídias sociais, visto que estes já estão impregnados na sociedade.

Na atualidade, os *blogs*, de uma forma geral, perderam o estereótipo de espaço de fuga da mídia tradicional, tornando-se parte dela. Os *blogueiros* passam a ter uma identidade institucional e não mais independente dos espaços nos quais estão vinculados. Esse processo ocorre ainda que seja divulgada a informação de que o *blog* é opinativo, pois o fato de um *blogueiro* escrever den-

tro de uma determinada revista, por exemplo, já o vincula institucionalmente à sua linha editorial.

É possível afirmar que os *blogs* são, hoje, instrumentos de resistência institucionalizados, sendo fundamental que seus autores tenham mais responsabilidade na escrita, já que é espaço de formação de opinião. Os *blogueiros* em destaque são aqueles que apresentam competência, qualificação e autoridade sobre os temas publicados, e que fundamentalmente, a sociedade os reconhece como especialistas no assunto, surgindo assim a confiabilidade nas publicações divulgadas. Dessa forma, o *blogueiro* de ciência deve ter uma postura responsável, ética, qualificada e de autoridade, visando assim obter processos positivos de divulgação da ciência junto à sociedade.

Referências

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel, MONTARDO, Sandra (Orgs.). *Blogs. com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Unesp, 2004.

CANSINO, Cesar. *Sistemas y complejidad: pensar con y contra Luhmann. Metapolítica*, v.5, n.20. México: CEPC, 2001, p. 146-151.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LUHMANN, Niklas. *A improbabilidade da comunicação*. Tradução de Anabela Carvalho. 3. ed. Lisboa: Veja Coleção, 2001.

MANHÃES, Eduardo. Análise do Discurso. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MATURANA, Humberto R; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento*. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MENEZES, M. Comunicação a partir da complexidade contingente da modernidade segundo a perspectiva de Niklas Luhmann. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 31, n.2, 2008.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta; NEVES, Fabrício Monteiro. O que há de complexo no mundo complexo? Niklas Luhmann e a Teoria dos Sistemas Sociais. *Sociologias*, Porto Alegre, n.15, jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222006000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jun.2009.

PRIMO, Alex. Os blogs não são diários pessoais online: matriz para a tipificação da *blogosfera*. *Revista da Famecos*, Porto Alegre, n.36, p. 122-128, ago.2008.

PRIMO, A. F. T.; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs Insanus. *COMPÓS*, v. 1, n. 5, p. 1-21, 2006.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

SABBATINI, Marcelo. Criando o “terceiro entorno”: reflexões sobre os desafios e oportunidades da divulgação científica no meio digital. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM*, 28., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro:UERJ, 2005.

TERRA, Carolina Frazon. *Blogs corporativos: modismo ou tendência?* São Paulo: Difusão, 2008.

VIEIRA, Alcioni Galdino. Comunicação e autoapoiese. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM*, 28., 2005. *Anais...* Rio de Janeiro, 2005.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica*. Campinas: Autores Associados, 2001.

Ferramentas eletrônicas: suporte à produção científica e ao desenvolvimento da ciência

Tatiana Brandão Fernandes¹
Célia Regina Simonetti Barbalho²

Resumo: Busca apresentar e discutir o uso de ferramentas eletrônicas como aporte à comunicação científica, buscando levantar tais ferramentas existentes, além de observar e descrever que instrumentos são apropriados ao processo de difusão/interação e armazenamento. Apresenta a Web 2.0 como plataforma para as redes sociais e para as ferramentas eletrônicas, e destaca sua colaboração para a comunicação científica. Descreve as ferramentas disponíveis como modelos emergentes de apoio à difusão científica, classificando-as como ferramentas de difusão/interação, armazenamento e medição, apresentando atores e estruturas como subsídios constituídos para o processo de comunicação.

Palavras-chave: Comunicação científica. Difusão. Ferramentas eletrônicas.

Introdução

A ciência na contemporaneidade tem ultrapassado as fronteiras da academia e dos centros de pesquisa, construindo espaços concretos de saberes e seu progresso tem sido difundido nos diversos meios de comunicação, chamando a atenção cada vez mais de setores estratégicos e econômicos da sociedade. Em virtude deste avanço, verifica-se o aumento dos programas de pós-graduação, das agências e órgãos governamentais de fomento ou mesmo o crescimento de editais da iniciativa privada para subsídio à pesquisa e à inovação.

O resultado desse aumento de recursos para a ciência é o crescimento exponencial da produção científica, sendo esta disseminada nos meios de comunicação tradicionais (periódicos, anais de eventos, livros), mas que se reinventam a cada dia à luz da evolução das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), buscando aumentar e atingir com rapidez o público-alvo.

¹ Mestre em Ciências da Comunicação – PPGCCOM/Ufam, Professora Assistente do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas.

² Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC/Campinas, Professora Associada do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Amazonas.

Em se tratando de ciência, tais mecanismos contribuíram para a ampla difusão de informações que eram centralizadas no meio acadêmico, estando cada vez mais disponíveis para diversos públicos. A própria ciência na contemporaneidade busca readaptar seu meio de difusão e intercâmbio de informação, se apropriando das ferramentas eletrônicas que se configuram no universo virtual.

As ferramentas eletrônicas que constituem mídias sociais virtuais (*blog, Twitter, Facebook, Orkut etc.*) são marcas de emancipação em que o indivíduo passa a determinar o seu comportamento livremente, sem intermédio de outros, uma mudança no *modus operandis* da comunicação científica, uma vez que o pesquisador não precisa estar atrelado ao sistema tradicional de publicação para divulgar sua pesquisa. De fato, na contemporaneidade, ele pode anunciá-la nestes mecanismos simultaneamente a sua elaboração e pode constituir seu próprio *habitat* de comunicação.

Por meio destas ferramentas os grupos constituem suas redes de comunicação, tornando uma comunidade ciente dos trabalhos e opiniões, permitindo a troca de informações via listas de discussão ou conferência eletrônica. No âmbito da ciência, esta dinâmica da rede proporciona modernas formas de comunicação eletrônica, constituindo os colégios virtuais, mantenedores e sucessores dos tradicionais colégios invisíveis.

Diversas são as iniciativas e as discussões sobre o uso de mecanismos que surgem a cada dia no ambiente virtual para a difusão da ciência, os quais têm impactado na transmissão e intercâmbio de informações. Por um lado, a academia julga ser relevante para a pesquisa científica a sua divulgação por meio do sistema tradicional (periódicos, eventos científicos), pois envolve aspectos de notoriedade para o pesquisador, no entanto as novas mídias sociais em meio virtual possibilitam a independência do pesquisador e pode promover, a acessibilidade, o reconhecimento, além de possibilitar a troca e a apreciação do trabalho por outros da mesma comunidade científica ou da sociedade.

Neste sentido, este trabalho se ocupou em discutir o uso destas mídias sociais em ambientes virtuais como mecanismos da comunicação científica, buscando levantar as ferramentas existentes, além de observar e descrever os instrumentos virtuais apropriados para o processo de comunicação científica.

Percurso metodológico

Com intuito de classificar esta pesquisa, com base nos objetivos ao qual se propôs, caracteriza-se como um estudo descritivo e exploratório, uma

vez que se buscou conhecer e discutir modelos de ferramentas eletrônicas emergentes, como aportes ao processo de difusão científica e armazenamento. Para isto, realizou-se um levantamento bibliográfico acerca da temática a fim de explicitar tais ferramentas e o contexto histórico da comunicação científica e sua reconfiguração a partir do ambiente virtual.

Por meio do levantamento bibliográfico foi possível traçar um panorama da comunicação científica no ambiente tradicional e sua evolução para o ambiente eletrônico, apresentando as fases de seu fluxo e as mudanças ocorridas a partir do desenvolvimento tecnológico, conceituando cada etapa e os sujeitos envolvidos.

As ferramentas identificadas foram distribuídas em três grupos, a saber:

Blogs Redes Sociais – Facebook Microblog – Twitter	• Grupo 1 – Ferramentas de difusão e interação
Repositórios - Univerciência	• Grupo 2 – Armazéns virtuais
Clurstmeps Google Analyze	• Grupo 3 – Ferramentas de mensuração e avaliação

Os grupos foram criados a fim de classificar tais ferramentas. A partir do mapeamento delas, optou-se como critério de escolha, àquelas que possuem maior aceitação e número de usuários no ambiente virtual, para então se apresentar suas funcionalidades, estrutura, atores e análise da oferta de vantagens para o processo de comunicação científica.

O ambiente virtual configurou-se com o universo desta pesquisa e o sujeito, as redes sociais, *blogs*, microblogs, ferramentas de avaliação, repositórios. A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica e de sites que correspondem aos grupos de ferramentas destacados anteriormente em meio digital. Realizou-se uma observação sistemática no sítio das ferramentas, descrevendo estrutura (metadados) além de vantagens e desvantagens e funcionamento. Cabe destacar que algumas não apresentavam explicitamente estes dados, comprometendo assim a descrição mais detalhada.

Com intuito de apresentar tais ferramentas inicialmente, buscar-se-á conceituar a comunicação científica e as redes. Será apresentada a Web 2.0 como plataforma para redes sociais e ferramentas eletrônicas, bem como sua colaboração para a comunicação científica.

A comunicação científica por meio das redes e a Web 2.0

O século XX promoveu a dissipação das barreiras geográficas com abertura dos meios de comunicação em formato eletrônico. A informática e as telecomunicações transformaram os canais tornando-os mais acessíveis e dinamizando o fluxo da informação em relação ao armazenamento e acesso.

O desenvolvimento das ferramentas de comunicação facilitou a mediação entre a informação e o seu usuário e propiciou maior interação deste com outras pessoas. Os canais de comunicação passaram a funcionar também com maior dinamismo. Há uma corrida frenética pelo desenvolvimento das ferramentas virtuais para atender aos vários segmentos da sociedade, visando divulgar com rapidez a informação que está sendo gerada.

Este dinamismo no desenvolvimento de ferramentas tem ocasionado a obsolescência rápida dos canais, além da redundância da difusão, pois a mesma informação é disponibilizada em vários canais. Outro agravante é a qualidade da informação disponibilizada, uma vez que se evidencia a falta de critérios para sua avaliação por quem disponibiliza e divulga, o que se caracteriza como um gargalo para a ciência.

Koehler (1999 apud TOMAEL, 2004) discutindo sobre este aspecto, aponta que a internet não representa uma nova ordem de magnitude em qualidade de informação, no entanto, representa um processo evolutivo com implicações sociais, políticas, econômicas e institucionais com impacto no aspecto quantitativo referente à produção, análise, distribuição e recuperação da informação.

No entanto, no âmbito científico, o desenvolvimento das TICs, facilitou não só a comunicação entre comunidades científicas, como tem propiciado mais autonomia aos pesquisadores para a divulgação do conhecimento que é gerado por meio da pesquisa científica. As ferramentas que compõem os grupos de tecnologias são utilizadas cada vez mais pela ciência e promovem rapidez na divulgação, facilidade no compartilhamento e intercâmbio, além de favorecer a dinâmica do processo de articulação entre pares.

A sociedade é organizada naturalmente em forma de redes. As pessoas estão inseridas nesta sociedade por meio das relações que desenvolvem no decorrer da vida. Tais relações ocorrem em âmbito familiar, no trabalho, na comunidade, ou seja, nas relações que inserem estas pessoas em um contexto social onde cada indivíduo possui um papel e identidade.

Tais comportamentos não diferem nas redes sociais virtuais, onde os indivíduos se organizam se relacionam com outras pessoas e formam grupos

por afinidade, trocam experiências, expõem posicionamentos e conhecem outras pessoas por meio de perfis semelhantes. Essas relações se desenvolvem e modificam a própria trajetória do indivíduo e este, por sua vez, contribui para delinear e aumentar suas relações conforme ocorre a interação.

O uso da tecnologia para a construção de redes, comunidades, permitiu que os indivíduos se comunicassem independente de localização geográfica, uma vez que elas são vistas como uma forma de tornar isto possível, ao passo que encurtam o tempo e a distância; ajudam os indivíduos a compartilhar informação por meio da transmissão eletrônica.

As redes sociais, segundo Marteleto (2001, p. 72) representam “[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. Trata-se de uma estrutura não-linear, caracterizada pela descentralização, flexibilidade e dinamismo sem limites definidos, além de ser auto-organizável. Seu estabelecimento ocorre por relações de cooperação e interrelaciona os elementos sem hierarquia. Constituem importante mecanismo no processo de comunicação em meio virtual, sendo que, através das redes, o compartilhamento de informação e aproximação dos indivíduos com interesses comuns torna-se realidade.

Castells (2003) caracteriza o novo sistema de comunicação baseado na integração por meio de rede no ambiente digital como sendo de grande capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais, transformando radicalmente o espaço, o tempo e as dimensões fundamentais da vida humana. Para o autor as redes constituem a nova estrutura social da atual sociedade e esta tem modificado a operação e o resultado dos processos produtivos de poder e cultura.

É oportuno destacar que ferramentas eletrônicas da comunicação científica são amparadas na rede para viabilizar o caminho por onde esta informação percorre. Trata-se da estrutura básica no processo da comunicação. A interação por meio das redes permite a troca de informação e constituição de conhecimento. Quanto mais se troca informação com os atores de uma rede, maior é a aquisição e construção coletiva do conhecimento e maior é o estoque de informação transmitida.

A partir de sua constituição, a internet, como exemplo significativo de rede, sofreu mudanças desde a sua concepção e tem apresentado novos espaços para diferentes tipos de público e necessidades. A Web 2.0 ou Web Social, como é conhecida, é uma segunda geração da internet, tem conquistado a agregação de interação e autonomia proporcionada por meio de suas ferramentas.

Segundo Primo (2006) a Web 2.0 é a segunda geração de serviços na internet que busca ampliar as formas de produzir e compartilhar informa-

ções. O termo foi popularizado pelas empresas *O'Reilly Media* e *Media Live International* como denominação de uma série de conferências que tiveram início em outubro de 2004.

O termo Web 2.0 foi constituído para caracterizá-la a partir das novas ferramentas que surgiram no final do século passado, as quais agregavam interatividade, autonomia e liberdade de expressão ao usuário, rapidez no compartilhamento de informação em vídeo, texto e imagens. O novo modelo proporcionou um conjunto de estratégias inovadoras para o comércio eletrônico e para os processos de interação social mediados pelo computador, proporcionando novas formas de trabalho coletivo, de produção e circulação de informações, de construção cooperativa de conhecimento.

A comunicação científica foi beneficiada diante deste novo contexto de web. A tradição de pesquisa e difusão tem buscado se adaptar aos novos meios. Os pesquisadores estão adotando tais ferramentas em benefício de suas investigações, uma vez que por meio delas, o indivíduo se torna responsável pela sua projeção no ambiente virtual. Em se tratando de ciência, já que o pesquisador busca com seu trabalho o reconhecimento pelos pares além da comunidade científica e a independência intelectual, tais ferramentas corroboram para a execução das atividades que lhe competem.

Por serem interativas e ricas em aplicações além de serem operacionalmente fáceis, essas ferramentas tornam-se cada vez mais populares e dão autonomia ao usuário que se torna um colaborador no universo virtual a partir da publicação, troca e avaliação de conteúdos. Isto caracteriza estas ferramentas como sistemas que se auto-regulam e se regeneram, por serem editados, moderados, comentados, ranqueados e administrados pelos próprios usuários ou com a colaboração deles. A auto-regulagem destes sistemas permite um alto grau de informalidade e descentralização, cujos principais focos de atenção são os interesses comuns de seus membros. Em geral, as trocas realizadas nesses contextos podem agregar valor às ações profissionais e intelectuais de seus participantes, conforme expõe Moura (2009).

Em vista do exposto, tais ferramentas são denominadas mídias sociais, por serem ativadas pela sociedade que cria uma cultura generalizada de colaboração. Tais ferramentas que a Web 2.0 disponibiliza para a disseminação do conhecimento estão divididas em diferentes grupos, como por exemplo as apresentadas no Quadro 1. Todas as ferramentas apresentadas possuem acesso gratuito, estão consolidadas no universo virtual e possuem um grande número de usuários.

O Quadro 1 apresenta tipos de ferramenta e exemplos dispostos na web.

Hospedagem de blogs	
Blogger	https://www.blogger.com
Wordpress	http://br.wordpress.com
Microblogs	
Twitter	http://twitter.com
Redes sociais	
Facebook	http://facebook.com
Linkedin	http://br.linkedin.com/
Armazenamento de apresentações e edição compartilhada	
Google Docs	http://docs.google.com
Slideshare	http://www.slideshare.net
Repositórios	
Univerciência	http://www.univerciencia.org/

QUADRO 1 – Serviços de cooperação da Web 2.0.

As ferramentas que compõem o Quadro 1, foram escolhidas pela popularidade que possuem no universo virtual. Em se tratando de hospedagem de blogs, apresentam-se as plataformas Blogger e Wordpress, que estão disponíveis gratuitamente para criação destes diários virtuais.

O microblog é uma opção de difusão de informação resumida em tempo real. Um exemplo deste tipo de ferramenta é o Twitter onde é possível compartilhar informação com até cento e quarenta caracteres por postagem. Esta ferramenta tem bastante visibilidade no meio virtual e assim como o blog, o usuário poderá monitorar perfis de interesse, bem como ter a atualização de sua página monitorada por outros usuários.

No que tange as redes sociais ilustradas no Quadro 1, o Facebook, LinkedIn são exemplos deste tipo de ferramenta que aproxima os usuários por afinidade, por categoria como: trabalho, família, comunidades. Os dois exemplos destacados no Quadro 1 possuem características distintas, no entanto, apresentam bastante aceitação no meio virtual, sendo utilizado por milhões de usuários no mundo todo.

O Google Docs e Slideshare são exemplos de ferramentas de armazenamento e produção compartilhada. O Google Docs permite que o usuário autor se conecte a outro usuário e produza documentos em parceria e remotamente. As atualizações são compartilhadas simultaneamente. Já o *Slideshare* é uma ferramenta também disponível gratuitamente que armazena apresentações em formato .ppt e .pdf. Uma vez que o autor realizou uma apresentação em evento, ele pode disponibilizar o conteúdo exposto. O uso do material que é armazenado possui níveis de restrição, os quais são propostos pelo autor que efetua o auto-arquivamento.

Já os repositórios constituem ferramentas de armazenamento da produção científica que ficam disponíveis como uma revista eletrônica. Alguns repositórios são temáticos, voltados para áreas específicas como o Univerciência, utilizado para armazenar a produção científica da área de Ciências da Comunicação.

O *Scientific Commons* é um repositório de informações científicas nas diversas áreas do conhecimento, fruto de um projeto da *University of St. Gallen* (Suíça) desenvolvido e hospedado no *Institute for Media and Communications Management*. Seu principal objetivo é proporcionar o acesso livre aos conhecimentos científicos produzidos e gratuitamente disponibilizados na *web*. O *Scientific Commons* identifica os autores em todos os arquivos presentes nos repositórios institucionais e estabelece suas relações sociais e profissionais.

As ferramentas que compõem o Quadro 1 funcionam atualmente para a ciência como catalisadoras de processos produtivos, experiências, dinamismo e principalmente de descentralização da publicação, uma vez que o usuário que opera este tipo de ferramenta passa a ser o responsável não só pela produção, mas também pela veiculação do que produz. Tais ferramentas atuam nos moldes dos colégios invisíveis. Os usuários utilizam a rede como mecanismo de agregação e produção coletiva. O uso destas ferramentas pela comunidade científica configura um papel importante também no processo de validação da informação e do conhecimento permeado pela discussão nestes ambientes e intercâmbio.

Verifica-se que o ciclo da comunicação científica no contexto das ferramentas que a Web 2.0 disponibiliza proporciona uma nova estratégia de difusão. Os pesquisadores na atualidade têm se utilizado deste aparato em prol da divulgação da ciência e reconhecimento profissional. As estratégias de difusão por meio das ferramentas eletrônicas se iniciam a partir da geração de um conhecimento (resultado da pesquisa) o qual, após tornar-se produção científica, é submetido às revistas eletrônicas para avaliação e publicação, depositados em repositórios.

Uma vez que o pesquisador possui seu trabalho publicado/armazenado em revistas eletrônicas, repositórios, ele divulga em seu *blog* por meio de uma linguagem acessível, os resumos dos resultados de pesquisas que ficam disponíveis não só para um público de especialistas como também para a comunidade em geral, alcançando assim ampla visibilidade, pela diversidade de oferta que oferece.

Por meio do *Twitter*, o pesquisador divulga de forma rápida a publicação e endereço do texto completo, além ficar disponível para *feedback* dos usuários (seguidores) de sua rede. O *Facebook* é a ferramenta empregada para divulgação em grupos de interesse os quais são segmentados, constituindo este o objetivo da ferramenta.

O conhecimento produzido, conforme Figura 1, antes percorria poucas etapas até ser finalizado e difundido em uma comunidade fechada. O pesquisador recebia contribuição de um grupo de trabalho próximo para a constituição de sua investigação. No entanto, hoje este processo possui mais etapas da produção até a difusão e isto promove a sua avaliação, discussão, reconfiguração, até ser divulgado para a comunidade científica, por meio da diversidade de ferramentas com capacidade de envolver um público maior.



Figura 1 – Os caminhos percorridos pela produção do conhecimento.

A Figura 1 ilustra a trajetória da produção do conhecimento em duas fases. Na primeira fase, anterior à utilização do ambiente virtual, o pesquisador é o principal ator do processo, responsável pelo desenvolvimento da pesquisa e pela geração de um produto (resultado da pesquisa) que era submetido a uma avaliação da comunidade científica e esta validava ou não o conhecimento produzido. Nesta fase a comunicação entre os pares ocorria com dificuldade, no que tange a distancia ou mesmo pela morosidade dos meios de comunicação disponíveis.

Na fase atual, o pesquisador continua produzindo o conhecimento, no entanto, no momento em que este é produzido é também avaliado e discutido entre os pares em um processo simultâneo, para então ser configurado em um texto definitivo que então será submetido à comunidade científica.

Percebe-se uma melhoria na produção, visibilidade e acesso à ciência pelas ferramentas que foram abordadas neste tópico, o que tem contribuído para sua progressiva expressão social. Tal espaço tem proporcionado à comunidade científica um novo e importante agrupamento social que legitima também esta comunidade junto à sociedade, que passa a conhecer o caráter benéfico das atividades científicas e suas aplicações. Este conjunto de transformações envolve a sociedade e esta se aproxima das questões relacionadas à ciência, ampliando assim seu interesse.

O universo virtual aproxima os grupos, independente da distância geográfica, e permite tal interação mediada pelo computador, o que possibilita que o autor estabeleça um contato mais próximo com os leitores. O universo virtual potencializa este processo por meio da disponibilização de ferramentas que funcionam como fóruns virtuais, bate papos, ou seja, espaços de conversação em tempo real.

No entanto, é necessário que a motivação pessoal promova tal processo. O indivíduo deve se sentir motivado e em um espaço favorável para haver esta interação e, conseqüentemente, o envolvimento do sujeito, tratando-se de uma identificação, de certa proximidade com o assunto em destaque na ferramenta eletrônica, seja no grupo de amigos ou em decorrência da atividade profissional.

Para tal, o indivíduo pode fazer uso de ferramentas destacadas a seguir.

Blogs

O *blog* ou diário virtual participativo é uma das ferramentas que tem obtido grande adesão do público no ambiente virtual, por possuir um formato que possibilita a autonomia do responsável na divulgação de textos, atualização de dados, interação com outros *blogs*. Esta ferramenta surgiu no final do século XX e o termo, segundo Hewitt (2007), é o encurtamento da expressão inglesa *weblog*. *Log* significa diário e *Weblog* pode ser compreendido como um diário mantido na internet por um ou mais autores regulares.

O *blog* funciona como um espaço aberto a todos os participantes que quiserem discutir sobre determinado tema ou questionamento, com hierarquias pré-definidas que se constituem pela descrição de autores e se consolidam no formato da apresentação.

Além da atualização constante, o *blog* apresenta *posts*³ em ordem cronológica inversa. Possui *links* nos posts remetendo a outras informações de apoio e possibilidade de acesso aos comentários realizados ou às citações que divulgam outra informação.

Na ciência, o *blog* é apropriado como um elemento de integração de cientistas não só com seus pares, mas com um público leigo, podendo ser institucional, individual ou mesmo um diário participativo.

Um exemplo de *blog* institucional é o Unesp Ciência, (<http://www2.unesp.br/revista/>), que se ocupa de divulgar mensalmente a publicação científica da Universidade do Estado de São Paulo (Unesp). Como exemplo de *blog* individual, destaca-se o Ciência em Dia, do jornalista Marcelo Leite da Folha de São Paulo, cuja temática está relacionada à própria denominação do *blog*.

³*Posts* são textos publicados no *blog*.

A integração no ambiente virtual é impulsionada cada vez mais não só pelo *blog*, mas por todas as ferramentas que constituem a Web 2.0 e isto ocorre pela necessidade de qualificar a dinamização da informação que cresce exponencialmente neste ambiente. Ademais, quem se utiliza destas tecnologias tem oportunidade de expandir o domínio para além das fronteiras físicas onde vive.

Microblogs

Os microblogs surgiram no final do século XX como uma potencial ferramenta para os dispositivos móveis como os celulares, uma vez que as pessoas passaram a estar cada vez mais conectadas e dependentes da rede, se utilizando assim destes dispositivos, transformando a internet em um novo espaço de difusão que passa a ter seu acesso transferido de computadores pessoais para os aparelhos de comunicação portáteis. Estes permitem a atualização automática das ferramentas eletrônicas, em especial os microblogs e as redes sociais.

Conforme Zago (2008), o formato do *blog* deu origem a outros formatos derivados, como os *microblogs* que permitem a difusão de textos curtos em formatos simplificados, pois as atualizações possuem limitações de tamanho.

Atualmente o universo virtual recorre aos serviços de microblogs para receber e reunir em um único lugar notícias em tempo real, a opinião de outras pessoas ou mesmo eventos de interesse. Plataformas como *Twitter*, *Jaiku* ou *Pownce* são usadas para hospedar microblogs conforme Ebner e Maurer (2008). Atualmente estas ferramentas oferecem uma fonte de informação única para analisar e interpretar o contexto de um usuário em tempo real, expondo seus interesses, intenções e atividades (BANERJEE *et al.*, 2009).

O *Twitter* foi criado em 2006 por Jack Dorsey nos Estados Unidos. Seu modo de atualização ocorre na forma de microtextos denominados *tweets* que não podem ultrapassar o limite máximo de 140 caracteres, sendo tal limite compatível com uma mensagem via celular, o que permite maior portabilidade de informações.

O *Twitter* teve grande aceitação no universo acadêmico e científico. As instituições de ensino e pesquisa têm aderido à ferramenta para divulgar suas informações (NEVES; TOMÁS, 2011). Alguns pesquisadores também utilizam a ferramenta para captar informações, e o *Twitter* não obriga o seu usuário a publicar, ou seja, ele pode apenas seguir usuários e receber atualizações. Pesquisadores utilizam a ferramenta também para opinarem e difundirem informações para sua rede.

Por meio do *Twitter*, instituições, como a Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam), informam sobre eventos, editais

e atualizações no âmbito científico. A Fapeam acompanha outras fundações de apoio à pesquisa, além de sites de instituições de investigação, de pesquisadores e jornalistas científicos. As informações divulgadas pela Fundação, ou por instituições que ela acompanha, ficam disponíveis em sua *timeline* (figura 2) e qualquer usuário seguidor recebe instantaneamente a atualização.



Figura 2 – Timeline do Twitter da Fapeam.
Fonte: <http://twitter.com/#!/fapeam>

A Figura 2 apresenta a interface da Fapeam no *Twitter* com destaque para a brevidade do texto de divulgação de eventos. A interface aponta no canto superior esquerdo o botão que permite ao usuário que possua uma conta no *microblog* optar por seguir a Fundação e assim receber suas atualizações.

Pesquisadores e professores também são beneficiados pelo uso do *Twitter* por meio da exposição de sua autoridade e de opiniões sobre temas e linhas de pesquisa.

Facebook: rede de relacionamento para a comunicação científica

Ao se analisar as tendências atuais das redes científicas verifica-se o potencial das ferramentas eletrônicas que beneficiam individual ou coletivamente as atividades de pesquisadores e acadêmicos. Um exemplo de canal de difusão e interação de grupos específicos é o *Facebook*. Trata-se de uma ferramenta de rede social onde os usuários podem criar gratuitamente uma conta, inserir contatos e compartilhar todo tipo de material (vídeos, textos *etc.*).

Esta ferramenta tem ganhado grande destaque na *internet* e a cada dia tem recebido grupos com finalidades diversas. Seu objetivo é conectar as pessoas por meio de afinidades tanto no campo profissional como pessoal.

Para Bailey e Zanders (2008), o *Facebook* é classificado como um *site* de rede social, uma vez que a presença dos indivíduos é visível a todos que têm acesso ao *site*, os quais podem interagir. O indivíduo que possui um perfil nesta ferramenta pode criar grupos, convidar e distribuir sua rede entre os grupos. A ferramenta possibilita o uso de fóruns.

Dependendo do uso, o *Facebook* permite que sejam identificados grupos e organizações que trabalham com atividades similares permitindo que se identifiquem por meio da ferramenta, grupos de trabalhos, concorrentes ou potenciais colaboradores. Em se tratando de segurança da informação, a ferramenta permite ao usuário o compartilhamento restrito ou não. Este pode criar um grupo fechado, ficando as atualizações visíveis somente para seu grupo.

Afim de apresentar a estrutura do *Facebook*, toma-se como exemplo o grupo denominado Bioinformatics por possuir grande participação de usuários do campo de Medicina, Farmácia e afins. O perfil do grupo consiste em uma série de boletins online, discussão dos participantes, eventos voltados para as áreas que o correspondem.

A Figura 3 apresenta a página do grupo, destacando no campo central sua descrição, além dos *sites* que são monitorados e de interesse para a área de Ciências da Vida. Neste espaço, os participantes podem provocar a discussão sobre determinado tema. As postagens ficam disponíveis para quem participa do grupo. Por se tratar de um grupo aberto (não há restrição de visualização), qualquer usuário do *Facebook* pode acessar esta área.

Há uma categoria destinada aos eventos, que possibilita que os membros do grupo realizem convites e se informem, possibilitando saber a quantidade de potenciais participantes.



FIGURA 3 – Grupo Bioinformatics no Facebook.

Fonte: <http://www.facebook.com/#!/pages/Bioinformatics/28854648334>

Observa-se que a informalidade na participação dos membros no grupo em uma ferramenta com as características do *Facebook*, supera muitas inibições tradicionalmente encontradas dentro de grupos de pesquisadores, que geralmente são hierarquizados.

Ferramentas de armazenamento: repositórios

No contexto da discussão sobre acesso livre, foram pensadas e constituídas ferramentas eletrônicas que atendessem a esta demanda. Surgem os repositórios eletrônicos e revistas eletrônicas constituídas em plataformas que promovem a interoperabilidade por meio de sistemas compatíveis e interligados, facilitando a acessibilidade e migração de informações.

Repositórios e revistas eletrônicas ocupam o grupo de tecnologias de armazenamento ou armazéns virtuais, possuindo como principal função a disponibilização completa de conteúdos (repositórios) e a avaliação de pares (revistas eletrônicas). Este grupo distingue-se do grupo de ferramentas como *blogs e microblogs*, que disponibilizam síntese de textos e possuem uma informalidade nos formatos.

Os armazéns virtuais cumprem um importante papel na difusão científica, pois disponibilizam a produção acadêmica (teses, dissertações, artigos científicos) em ambientes que estão se configurando para proporcionar cada vez mais autonomia de autores, uma vez que permitem que estes arquivem conteúdos (repositórios) e submetam-nos a uma avaliação (revistas eletrônicas).

Os repositórios ganharam espaço no Brasil e são muitas as instituições que já adotaram o modelo. As universidades federais e centros de pesquisa têm aderido a esta ferramenta buscando divulgar sua produção científica e torná-la acessível à comunidade científica e à sociedade em geral.

Com intuito de ilustrar um modelo de repositório, apresenta-se o Univerciência (2010) que foi desenvolvido pelo Centro de Estudos em *Design* de Sistemas Virtuais Centrados no Usuário, da Escola de Comunicações de Artes da Universidade de São Paulo (CEDUS/ECA/USP). Trata-se de um Portal que busca agrupar todas as revistas científicas na área de Ciências da Comunicação do Brasil e de outros países que possuem acesso aberto. O grupo pelo qual foi criado se dedica a explorar as formas de como as novas TICs podem incrementar o processo de comunicação científica da área de Ciências Sociais Aplicadas, em especial das Ciências da Comunicação.

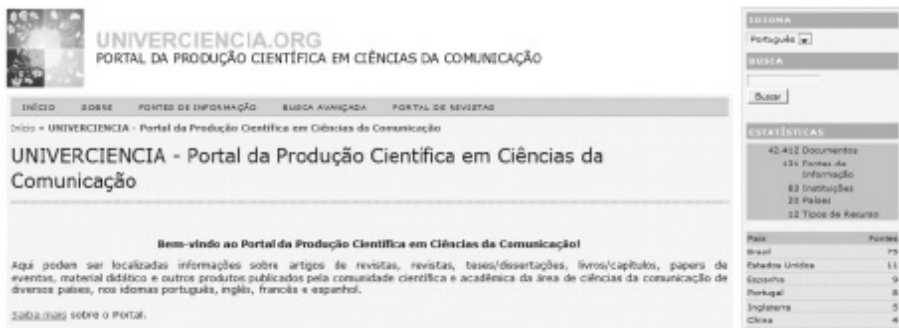


FIGURA 4 – Interface do Univerciencia.

Fonte: <http://www.univerciencia.org/>

Na Figura 4 é possível se observar na lateral direita os países que indexaram conteúdos no repositório e a quantidade de fontes. Verificam-se também as estatísticas da página, apresentando a quantidade de documentos armazenados, fontes de informações, instituições participantes, países e tipos de recurso.

O Univerciencia é um repositório que tem como objetivo ser uma ferramenta de referência para difusão, busca, uso e compartilhamento da produção científica em Ciências da Comunicação. Disponibiliza diversos tipos de documentos (teses/dissertações, artigos de revistas, revistas, livros e capítulos de livros, trabalhos de eventos, anais, trabalhos de conclusão de curso *etc.*) publicados em diversos países.

O *software* utilizado para o seu desenvolvimento é o *PKP Harvester*, no entanto sua metodologia é pautada em padrões de interoperabilidade que permitem que ele compartilhe informações com outros *softwares* livres.

Ferramentas de medição da web 2.0

A fim de conhecer o impacto destas ferramentas de difusão e divulgação na *internet*, surgem também aplicações com intuito de fornecer informações aos usuários, como a visibilidade do tráfego. Tais aplicações permitem conhecer quem utiliza a informação, de onde e quando, criando assim indicadores de visibilidade que são os chamados de *webométricos*.

A *webometria*, conforme expõe Björneborn (2004 *apud* VITULLO 2007, p. 55), “[...] é o estudo dos aspectos quantitativos da construção e uso dos recursos de informação, estruturas e tecnologias da web, utilizando enfoques bibliométricos e infométricos”. Cabe destacar que os objetos investigados pela *webometria* são estudados tanto pela área da Ciência da Informação quanto pela Ciência da Computação, sendo que esta última apresenta um

leque de enfoques para a *webometria*, que surge em meados da década de 90, com nomes como Ecologia da *web* e Inteligência da *web*, de acordo com Thelwall (2003 apud VITULLO, 2007). Incorporam-se à *webometria*, estudos de marketing, publicidade, medição de audiência (rank), similares a programas de televisão e campanhas de comunicação de massa.

Atualmente, as citações não são mais a única fonte de indicadores de impacto. A partir das aplicações que a *web* disponibiliza, podem ser extraídos diversos indicadores. Por meio da *webometria* os pesquisadores examinam os *links* para artigos acadêmicos a partir de fontes, como páginas *web* pessoais (VAUGHAN; SHAW, 2005) e currículos *on-line* (KOUSHA; THELWALL, 2008).

Outros autores têm explorado a migração de artigos de papel para representações eletrônicas para construir métricas de influência com base em *downloads* de artigos. Ambas as abordagens aproveitam a importância destas novas ferramentas para a difusão (*sites*, motores de busca, *e-journals*), para informar de modo amplo e aberto, os impactos de suas publicações.

Os estudos *webométricos* requerem certos mecanismos que permitem efetuar a quantificação, representação e visualização das informações disponíveis na *web*, que são os motores de busca, programas mapeadores e aqueles utilizados para representação e visualização de redes.

Em virtude disso tudo, o ambiente virtual, como exposto, é auto-poiético e se auto-regula. Assim, alguns mecanismos de avaliação estão disponíveis para mensurar o que está disposto na rede, como os expostos a seguir.

Clustrmaps

O *Clustrmaps* é uma ferramenta gratuita disponibilizada pelo *site* <http://www.clustrmaps.com/> onde o usuário que possui uma página na internet pode conhecer o público que a acessa. A visualização da página é suficiente para que o mecanismo gere um mapa, carregado automaticamente junto com o *site*, apresentando um contador de visitas e a localização de todos os visitantes, cumulativamente. Para isto o usuário precisa se cadastrar no *site* *Clustrmaps* e solicitar o HTML do mapa para inseri-lo na página.

Por meio deste mecanismo, o proprietário da página pode visualizar a distribuição mundial dos visitantes do seu *site*. Este tipo de mecanismo, quando trabalhado junto com o *PageRank*, ou o *Technorati*, dentre outros, disponibiliza elementos estatísticos e analíticos suficientes para que o proprietário da página possa avaliar a popularidade dela por meio da quantidade de acessos.

Ademais, o *Clustrmaps* permite que os usuários visualizem a popularidade e a distribuição de acesso ao site, avaliando assim o grau de uso da página. A vantagem desta ferramenta está em o usuário conhecer a abrangência geográfica da sua página e do conteúdo que ela disponibiliza. A Figura 6 apresenta um exemplo de mapa interativo gerado pelo *Clustrmaps*. O mapa retrata a distribuição de usuários de um *blog* que disponibiliza esta informação para quem o acessa. É possível visualizar em que regiões no mundo estão concentrados os visitantes de um site por meio deste tipo de ferramenta, por exemplo. Tal resultado pode direcionar estratégias de promoção do site.

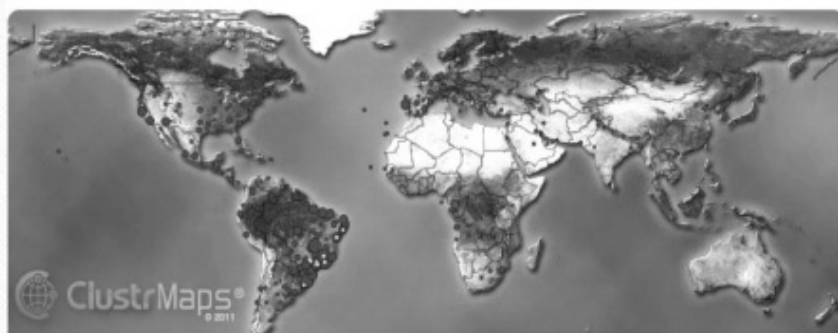


FIGURA 6 – Mapa de distribuição de visitantes, Blog do Kuramoto.

Fonte: <http://www3.clustrmaps.com/pt/counter/maps.php?user=cf8b2aec>. Acesso em: jul. 2011.

Para os pesquisadores que estão inseridos no universo virtual e se utilizam das ferramentas eletrônicas para divulgação e recebimento de *feedback* de seus conteúdos, um outro aplicativo bastante utilizado para avaliação de interfaces e consulta de popularidade e abrangência é o *Google Analytics*, que pode ser empregado para medir diferentes tipos de páginas.

Google Analytics

O *Google Analytics* é um mecanismo gratuito disponibilizado pelo *Google*⁴ que elabora estatísticas de tráfego na internet. Esta ferramenta foi criada inicialmente para auxiliar *webmasters* a aperfeiçoarem seus sites para campanhas de *marketing*. Conforme Ferreira e Cunha (2008), o sistema foi estruturado com o módulo de estatísticas *Urchin*, da *Urchin Software Corporation*, adquirida pelo *Google* em abril de 2005, e ainda hoje o sistema original para instalação em computadores é vendido pelo fornecedor.

⁴ GOOGLE ANALYTICS. Disponível em: <http://www.google.com/analytics/>. Acesso em jun. 2011.

Por meio do *Google Analytics* é possível identificar além da taxa de exibição de uma página, a localização do visitante, procedência física (*links* remissivos em outros sites, ferramentas de busca), sistema operacional utilizado, navegador, visitação no período de dia, mês e ano e ainda os termos utilizados pelos usuários nas ferramentas de busca que o levaram até o destino final.

A partir dos resultados que a ferramenta pode gerar, é possível verificar o desempenho do site e ainda avaliá-lo com intuito de aperfeiçoar a interface, oferecer melhores serviços, além de implementar outros mecanismos para auxiliar usuários na utilização do site.

Esta ferramenta permite ao usuário proprietário de um site constituir um estudo quantitativo e de caráter exploratório de sua página, permitindo-lhe avaliar e evidenciar resultados de interesses para a melhoria do *site*.

A Figura 7 apresenta exemplos de indicadores concebidos pelo *Google Analytics* ao Repositório Univerciência. Trata-se de uma análise mensal do mês de abril de 2010 da Revista Matrizes da Universidade de São Paulo (USP) que está armazenada neste repositório.

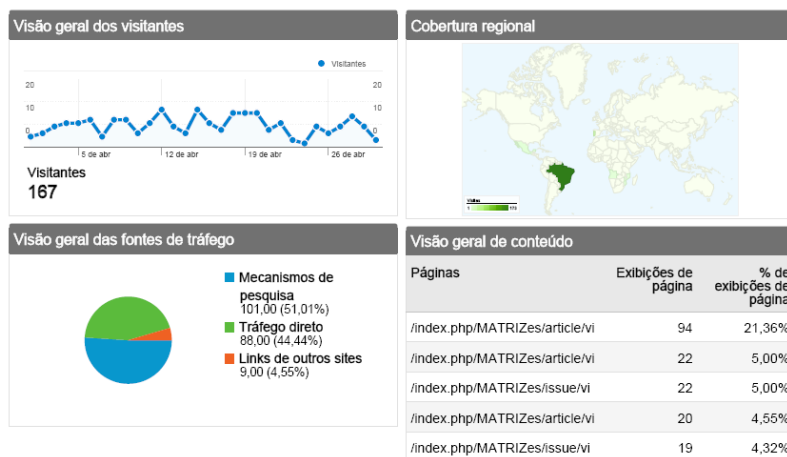


FIGURA 7 – Comportamento de acessos no mês de abril de 2010, Revista Matrizes-USP, Gráfico gerado pelo Google Analytics.

Fonte: Repositório Univerciência 2011.

Os dados da Figura 7 apontam a variação na quantidade de acessos por dia no mês de abril de 2010, além de apontar a região que mais acessou a revista por meio da visualização do mapa que é um indicador de cobertura do *Analytics*. Outro dado interessante é a visão geral de conteúdo que corresponde ao número de acesso por páginas dentro da revista, permitindo ao administrador conhecer a área ou artigo mais acessado.

A partir da estratégia de difusão por meio das ferramentas eletrônicas que a Web 2.0 disponibiliza gratuitamente, é possível uma ampla e variada audiência de usuários. O uso das ferramentas tanto de armazenamento quanto de análise de utilização possibilitam o conhecimento de quais trabalhos são os mais relevantes e que despertam maior interesse por parte do público que utiliza. Este fator pode orientar o pesquisador em trabalhos futuros, além de norteá-lo em relação a temáticas e a linhas de pesquisa.

O aspecto importante a se destacar em relação a estas ferramentas é que elas envolvem a divulgação científica não apenas no que tange ao intercâmbio do conhecimento entre pesquisadores, mas também para o reconhecimento social do valor da investigação para a sociedade, tendo em vista que atualmente tem se discutido a democratização da ciência, sua divulgação para a sociedade, por meio da transcrição de seus resultados para um público de leigos, de modo que tais resultados não estejam só atrelados a interesses financeiros e comerciais.

Considerações finais

As ferramentas apresentadas são caracterizadas por interface amigável, o que corresponde à facilidade de qualquer usuário de operacionalizar a ferramenta, adquirindo desta forma autonomia para constituir sua página no âmbito de *sites* de hospedagens que foram apresentados (*Twitter, Facebook, blogs*). Elas também transferem para o indivíduo a responsabilidade pela divulgação e pelas postagens, além de motivar este a contribuir com conteúdos que ficarão disponíveis para grupos de interesse ou para a sociedade, ficando o nível de restrição ao critério do autor, responsável pela página.

O mundo da comunicação científica está mudando rapidamente, através da introdução de novas ferramentas baseadas na *Web 2.0*. No entanto os sites que perduram são aqueles que oferecem aplicações que agregam valor. No que tange a pesquisadores, muitos têm aproveitado as ferramentas disponíveis na *web* para se aproximarem de seus pares e obterem reconhecimento.

Os grupos científicos fechados e hierarquizados buscam se adaptar a estas novas estruturas, o que tem dinamizado a produção e a difusão científica, e aproximado a ciência da sociedade. A participação interativa que estas ferramentas disponibilizam tem contribuído para esta aproximação e beneficiado leitores e autores, ajudando fortemente no desenvolvimento de idéias científicas.

Percebeu-se com esta investigação que alguns ainda resistem à adaptação das ferramentas eletrônicas a sua rotina de trabalho e que deste modo afastam-se de uma esfera de atualizações propiciada pelas ferramentas de

difusão e interação. No entanto, este grupo participará destas mudanças em um dado momento, pois infere-se que futuramente não haverá alternativa, uma vez que o ambiente virtual a cada dia está presente em atividades essenciais da vida profissional das pessoas. E a sociedade da informação provoca os grupos a trabalharem em colaboração e compartilhamento.

Embora se trate de um estudo preliminar que deve ser aprofundado, pode-se dizer que a utilização das ferramentas eletrônicas na difusão, interação, compartilhamento e armazenamento tem propiciado benefícios à academia e aos grupos científicos. Tais ferramentas facilitam uma transmutação na forma como os autores e leitores se relacionam com elas, gerando um maior envolvimento.

Referências

BAILEY, David S.; ZANDERS, Edward D. Drug discovery in the era of Facebook: new tools for scientific networking. *Drug Discovery Today*, v. 13, out. 2008.

BANERJEE, Nilanjan et al. *User interests in social media sites: an exploration with micro-blogs*. ACM. New York, NY, USA, 2009.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura*, v.1. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

EBNER, Martin; MAURER, Hermann. Can microblogs and weblogs change traditional scientific writing? *Proceedings of E-Learn 2008*, Las Vegas, p. 768-776, 2008. Disponível em: <http://lamp.tu-graz.ac.at/~i203/ebner/publication/08_earn01.pdf>. Acesso em: jun. 2011.

FERREIRA, Sueli Mara; CUNHA, Alexandre Silva. Portal Revcom e Google Analytics: acessando a caixa preta da informação. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 41 - 61, jan./jun. 2008.

HEWITT, Hugh. *Blog: entenda a revolução que vai mudar seu mundo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

KOUSHA, K. THELWALL, M. Assessing the impact of disciplinary research on teaching: An automatic analysis of online syllabuses. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 59, n. 13, p. 2060-2069, 2008.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MOURA, Maria Aparecida. Informação e conhecimento em redes virtuais de cooperação científica: necessidades, ferramentas e usos. *DataGramaZero* - Revista de Ciência da Informação - v.10, n. 2, abr. 2009. Disponível em: <http://dgz.org.br/abr09/Art_02.htm>. Acesso em: jun. 2011.

NEVES, Aline C. O.; TOMÁS, Renata Nobre. Popularização da ciência no Amazonas: contribuições do twitter. In: REUNIÃO BIENAL DA REDPOP, 12., 2011, São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo: Unicamp, 2011. Disponível em: <<http://www.mc.unicamp.br/redpop2011/trabalhos/386.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2011

PRIMO, Alex. Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 31., 2008, Natal. *Anais...* Natal, 2008.

TOMAEL, Maria Inês et al. Critérios de qualidade para avaliar fontes de informação na internet. In: TOMAEL, Maria Inês; VALENTIM, Marta (Orgs.). *Avaliação de fontes de informação na internet*. Londrina: Eduel, 2004.

VAUGHAN, L; SHAW, D. Web citation data for impact assessment: A comparison of four science disciplines, *Journal of the American Society for Information Science*, v. 56, n. 10, p. 1075–1087, 2005.

VITULLO, Nádia. *Links hipertextuais na comunicação científica: análise webométrica dos sites acadêmicos latino-americanos em Ciências Sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Tese (Doutorado). Disponível em: <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/1/3076/1/2007Tese_NadiaAV.pdf>. Acesso em: jul. 2011.

ZAGO, Gabriela da Silva. O twitter como suporte para produção e difusão de conteúdos jornalísticos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6., 2008, São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo: SBPjor, 2008. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/5887184/O-Twitter-como-suporte-para-producao-e-difusao-de-conteudos-jornalisticos>>. Acesso em: maio 2011.





Terceira parte

Ecossistemas comunicacionais: uma visão prática

Jane Santos Dantas¹
Gilson Vieira Monteiro²

Resumo: Este trabalho parte da observação em campo das práticas de comunicação incorporadas ao cotidiano da Colônia de Pescadores Z-4 de Tefé, no estado do Amazonas, à luz de teorias como o Agir Comunicativo de Habermas e os ecossistemas na visão de Capra, Maturana e Varela, juntamente com a ecologia dos saberes de Boaventura Sousa Santos. Busca demonstrar como os ecossistemas comunicacionais possibilitam a mobilização social de um grupo de pescadores no cenário Amazônico.

Palavras-Chave: Ecossistemas comunicacionais. Mobilização. Amazônia.

Introdução

Um dos grandes desafios da pesquisa na região amazônica é demonstrar que, juntamente com a natureza, os processos sociais são imprescindíveis para definir os contornos e rumos dessa região. O presente estudo foca suas atenções nas áreas de várzea, sobretudo, na região do médio Solimões, em Tefé, estado do Amazonas, e nos processos de comunicação conduzidos pelos integrantes da Colônia de Pescadores Z-4. Os dados foram obtidos por meio de pesquisa bibliográfica e de entrevistas com os associados da Colônia, realizadas em 2008.

A Colônia acumulava 1091 associados e uma estratégia de comunicação que integrava diversas ações de comunicação, com destaque para:

- **O programa de rádio Pesca Legal**

Desde a chegada do rádio ao Amazonas, pelas mãos de Ephigenio Salles em 1927, este veículo de comunicação tem se consolidado como um

¹Jornalista, professora do Centro Universitário do Norte (Uninorte) e mestre em Sociedade e Cultura da Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). E-mail: dantas.jane@gmail.com.

²Jornalista, professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade do Amazonas e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. E-mail: gilsonvieiramonteiro@yahoo.com.br.

dos meios mais eficientes para a comunicação com as áreas isoladas deste gigantesco estado. Monteiro afirma:

A dificuldade de comunicação entre a capital e as sedes municipais ainda é grande devido a problemas técnicos e ao elevado custo para os usuários. Outro fato que contribui para agravar o problema da comunicação é a distribuição demográfica da população interiorana. A grande maioria vive longe dos grandes centros urbanos. Às vezes é preciso horas em motor de popa para se falar com o vizinho mais próximo. Em tais condições, o rádio desempenha papel fundamental nas comunicações (MONTEIRO, 1996, p. 3).

O Programa Pesca Legal foi ao ar todos os domingos pela rádio Mel FM de Tefé, do dia 3 de junho de 2006 até dezembro de 2011. Apresentado ao vivo, das 7h às 8h, em uma programação que intercalava informações e músicas, o programa era dividido em etapas ou blocos de apresentação: em média os cinco minutos iniciais eram voltados para identificar as comunidades que acompanhavam o programa. A lista de comunidades ouvintes era alimentada com informações coletadas durante a semana, quando os pescadores e familiares compareciam à Colônia. Além disso, eles recebiam cartas, *e-mails* e telefonemas com comentários, pedidos e contribuições para o programa de rádio que era ouvido pelos pescadores em Tefé, Alvarães, Marã e Uarini. Transmitia informações sobre o defeso³ das principais espécies de peixes exploradas⁴, cursos de capacitação disponíveis, épocas e documentos necessários para solicitar seguro-desemprego e seguro-maternidade. A Colônia prevê que o Programa retome as atividades em outra emissora da cidade, a Rádio FM Alternativa, em junho de 2012, contando com o trabalho voluntário dos produtores e apresentadores, em sua maioria, filhos de pescadores.

- **Vídeos**

Uma parceria com o Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea Pro Várzea/Ibama possibilitou a produção do documentário “Fortalecimento da Organização dos pescadores do médio Solimões”, no qual os próprios pescadores narram experiências de manejo em Tefé, Alvarães e Marã.

O vídeo fica mais fácil porque nem todas as pessoas sabem ler detalhado para saber o que está dizendo em uma car-

³ Período legalmente definido em que a pesca é proibida.

⁴ Especialistas em recursos pesqueiros adotam o termo explorar para designar a exploração desses recursos.

tilha. Então, acho que o vídeo é mais provável do cara ver o que o outro tá falando, ver o que está fazendo. Acho que o vídeo é mais importante (BARBOSA, 2008).

Este vídeo inspirou a Colônia a investir no registro audiovisual. Mesmo com a limitação de recursos financeiros e técnicos, a Colônia filma as reuniões e capacitações que conduz e utiliza essas imagens para demonstrar a experiência em outras localidades.

- **Encontros, reuniões e assembleias⁵**

Durante as reuniões a Colônia compartilha publicações, como cartilhas, vídeos (quando a infraestrutura do local permite, ou seja, quando possui aparelho de DVD, televisão/computador e energia elétrica), com o forte apoio e a credibilidade do depoimento de outros pescadores. “Então a gente conversa com eles. Na reunião a gente passa para eles assim: se nós não cuidar, nós não vai mais ter. Então todo mundo cuidando a gente vai ter onde pescar, des preocupado” (XAVIER, 2008).

- **As parcerias**

As parcerias são frutos de objetivos comuns ou partilhados pelos diversos parceiros. No caso da Colônia Z-4, a partir das necessidades relatadas pelos entrevistados, foram eleitas seis objetivos pretendidos nas parcerias: informações sobre legislação, informações técnico-científicas, apoio financeiro, manejo dos recursos pesqueiros (prática) e divulgação. Naquele momento a Colônia atuava com outras 17 instituições, em muitos casos em parcerias informais.

- **O Marketing Social na venda de peixes manejados**

É nos municípios de Tefé e de Alvarães que reside a maioria dos pescadores da Colônia, por isso, foram realizadas nestes municípios as “Feiras de peixes”. A primeira, nos dias 18 e 19 de outubro de 2008, adotou características de *Marketing Social* (Progreso Peru: 2008)⁶ com estratégias que integraram os cinco P: **P**olíticas, **P**raça, **P**arcerias, **P**reço e **P**romoção.

O peixe comercializado foi a demonstração pública dos resultados obtidos após quatro anos de preservação e vigília dos lagos, ratificados por uma **Política Pública**, no caso o Acordo de Pesca do Complexo do Pantaleão⁷.

⁵ Os encontros, as reuniões e as assembleias, apesar de possuírem propósitos conceituais e legais diferenciados, são tratados aqui simplesmente como momentos de encontro face-a-face fortemente baseados na oralidade [um traço marcante da comunicação na Amazônia].

⁶ Curso a distância *Mercadeo Social* oferecido pelo *Proyectos, Gestión y Recursos Sociales – Progreso Peru*. 2008. Módulo I.

⁷ Em 2002, a Colônia de Pescadores Z-4 de Tefé teve o Acordo de Pesca do Complexo do Pantaleão aprovado pelo Ibama, por meio de uma Instrução Normativa. Os Acordos de Pesca são estratégias de ordenamento pesqueiro reconhecidas pelo Governo Brasileiro.

As **P**raças, locais de implementação dessa estratégia de *Marketing Social*, foram Tefé e Alvarães. A Colônia buscou a **P**arceria da prefeitura de Tefé, que contribuiu com o combustível para o transporte do peixe da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Amanã até a cidade de Tefé e custeou os gastos com alimentação durante o período de pesca. Essa **P**arceria possibilitou que os pescadores adotassem um **P**reço menor que o praticado no mercado do município, que era de R\$7,00 o quilo. A **P**romoção foi a feira do pirarucu em si, conduzida pelos próprios pescadores que portaram bonés e camisetas do Acordo de Pesca do Pantaleão. Eles optaram por levar os peixes inteiros para o mercado da cidade, o que chamou a atenção do público. Muitos viram pela primeira vez um pirarucu inteiro. Enquanto “tratavam” os peixes, ou seja, retiravam as escamas, limpavam e cortavam, deixando-os no ponto para ser levado para casa, foi estabelecido um contato face-a-face com o público. Criaram assim o momento oportuno para falar a respeito do trabalho que realizaram.

- **Palestras e aulas de informática**

A estratégia da Colônia tem ainda duas iniciativas direcionadas aos estudantes: as palestras nas escolas e a aulas de informática na Colônia Z-4:

Pelo menos duas vezes por mês, a gente faz uma visita às escolas, falando sobre o trabalho da colônia, os Acordos de Pesca, o que são e porque eles existem. São as escolas da comunidade do bairro do Abial, essa comunidade é onde a gente tem o maior número de pescadores (GONÇALVES, 2008).

Além de estar presente no ambiente escolar, a Colônia proporciona aos filhos dos pescadores aulas de informática nas dependências da Colônia de Pescadores Z-4.

Comunicação ecossistêmica

Diante de uma realidade tão rica de experiências como a vivenciada pela Colônia de Pescadores Z-4 de Tefé, no Amazonas, identificamos pistas, indícios e uma variedade de situações que sugerem que a comunicação na Colônia de Pescadores Z-4 desenvolvia-se em bases sistêmicas, que nas palavras de Capra (2006) e Santos (2006) representam uma realidade ecológica, quando consideramos que o termo ecológico “reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos” (CAPRA, 2006, p. 25). Assim, podemos identificar ecossistemas comunicacionais no Programa de Rádio, nas relações de parcerias, nas aulas de informática, nas reuniões. Cada uma dessas

experiências forma sistemas ecológicos, interdependentes, vivos e em constante aprendizagem, que integram o “mundo de vida” destes pescadores.

Habermas utiliza o conceito de ‘mundo da vida’ de Husserl, porque acredita que o Agir Comunicativo está embutido em um ‘mundo de vida’, responsável pela absorção dos riscos e pela proteção da retaguarda de um consenso de fundo. “[...] o tema de ‘mundo da vida’ deve ser introduzido como um conceito complementar ao Agir Comunicativo” (HABERMAS, 2002, p. 88). O autor complementa:

O Agir Comunicativo é entendido como um elemento de um processo circular no qual o agente não aparece mais como iniciador, mas como produto de tradições nas quais ele está inserido, de grupos solidários ao qual ele pertence e de processos de socialização e de aprendizagem, aos quais ele está submetido. Após esse primeiro passo, objetivador, a rede de ações comunicativas forma o meio através do qual o mundo da vida se reproduz (HABERMAS, 2002, p. 95).

O movimento dos pescadores na região é um exemplo deste “mundo de vida” que emerge da subjetividade de cada um para a coletividade e vice-versa, em movimentos sistêmicos e de contínuo aprendizado.

A pesquisa demonstrou que cada um dos atores envolvidos forma seus próprios sistemas que em um dado momento se acoplam, a partir da linguagem, gerando um contínuo de conhecimento (em reformulação permanente), que envolve todos os atores (em intensidades diferentes), mas que interfere na subjetividade de cada ator social e também na coletividade.

As palavras mais ditas durante as entrevistas com os pescadores foram: vigília, conhecimento, manejo, preservar, acordo de pesca, compromisso ambiental, questão econômica. Nosso objetivo aqui não é fazer uma análise do discurso, mas a similaridade entre as palavras e o compartilhamento de exemplos podem ser entendidos a partir da inserção no mesmo ‘mundo de vida’, na mesma prática social, cultural e econômica e por fazer parte de sistemas sociais que ocasionalmente (pelo menos) se conectam. Como todos estão inseridos dentro de um mesmo ‘mundo de vida’, o conhecimento gerado nesse processo faz parte, por exemplo, das conversas informais, onde se retroalimenta.

Rapaz eu converso com meus parceiros, com os amigos da comunidade, com a família em casa também, com meu pai. Enfim, com uma porção de gente da comunidade, que se reúne aos domingos. A gente conversa sobre essa questão,

sobre pesca, como a gente pode fazer para melhorar o dia-a-dia de cada família. Assim que a gente faz (PALHETA, 2008).

A busca por soluções para os problemas que afligem essas pessoas parte de iniciativas dos próprios pescadores em suas conversas domingueiras, pois são nesses momentos que eles também compartilham as experiências vividas e as informações que tiveram acesso em outros suportes tecnológicos utilizados para comunicação.

Esse contexto evidencia uma mudança da organização da sociedade que, segundo Capra (2006), passa das hierarquias às redes, onde o compartilhamento do conhecimento é mais valorizado do que a sua posse. As pessoas envolvidas no ato de fala percebem que ao comunicar não estão se desfazendo de algo. Elas não perdem a informação compartilhada, pelo contrário, têm a oportunidade de incorporar novos elementos, novas percepções, diferentes “mundos de vida” e assim, fortalecer o grupo ao qual pertencem.

O papel social desempenhado e assumido pelos pescadores no contexto de atuação está em constante processo de renegociação. Como eles estão organizados em sistemas de redes, o compartilhamento das informações é que fortalece e motiva o grupo. Essa mudança aparentemente resulta de um processo histórico que faz o pescador se reconhecer enquanto pescador e, também, possibilita o uso de códigos de linguagens de conhecimento próprios do grupo. A interação acontece, então, nos níveis ideológicos, enquanto identidade do grupo, no geográfico, enquanto moradores de uma mesma região, e social, ao compartilhar o “mundo de vida”.

A vontade pessoal está expressa na vontade coletiva e todos se sentem beneficiados porque, através dos atos de fala (proporcionados durante reuniões, encontros, assembleias, ou mesmo nas conversas informais), tiveram a oportunidade de demonstrar quais são as suas necessidades e, principalmente, como é possível, no contexto em que estão inseridos, enfrentá-las. O discurso atende tanto ao falante quanto ao ouvinte, que em um processo de renegociação constante e de troca de papéis buscam o aperfeiçoamento.

Se Habermas apóia-se na teoria do Agir Comunicativo que considera a linguagem como um dos suportes para se chegar a um entendimento, também Capra (2006) aponta que as interações de um sistema vivo com seu meio ambiente são interações cognitivas, e o próprio processo da vida é um processo de cognição. Maturana e Varela apud Capra (2006) concluem que ‘viver é conhecer’.

Tal fato nos leva a inferir que a identidade do pescador e os conceitos que norteiam sua prática estão em contínuo movimento, em contínua aprendizagem, o que é viabilizado pela comunicação que, segundo Capra (2006),

novamente recorrendo a Maturana, é uma comunicação que ultrapassa a simples transmissão de informação. Resulta de uma coordenação de comportamentos entre organismos vivos por meio de um acoplamento estrutural mútuo. Essa coordenação mútua de comportamento é a característica-chave da comunicação para todos os seres vivos.

A unicidade do ser reside na nossa capacidade para tecer continuamente a rede linguística na qual estamos embutidos. Ser humano é existir na linguagem. Na linguagem, ordenamos nosso comportamento, e juntos, na linguagem, criamos o nosso mundo (CAPRA, 2006, p. 227).

É importante destacar que Maturana não concebe os sistemas sociais humanos como autopoieticos, mas sim como o meio no qual os seres humanos realizam sua autopoiese⁸ biológica por intermédio do languageamento (*‘languaging’*). Já Varela sustenta que a concepção de uma rede de processos de produção, que está no próprio âmago da definição de autopoiese, pode não ser aplicável além do domínio físico, mas que uma concepção mais ampla de fechamento organizacional pode ser definida para sistemas sociais (MATURANA e VARELA apud CAPRA, 2006, p. 172).

Cabe destacar que outros autores têm afirmado que uma rede social autopoietica pode ser definida se a descrição de sistemas sociais humanos permanecer inteiramente dentro do domínio social.

Essa escola de pensamento foi introduzida na Alemanha pelo sociólogo Niklas Luhmann, que desenvolveu a concepção de autopoiese social de maneira consideravelmente detalhada. O ponto central de Luhmann consiste em identificar os processos sociais de uma rede autopoietica como processos de comunicação: ‘os sistemas sociais usam a comunicação como seu modo particular de reprodução autopoietica. Seus elementos são comunicações que são... produzidas e reproduzidas por uma rede de comunicações e que não podem existir fora dessa rede’ (CAPRA, 2006, p. 172).

Enquanto Luhmann considera os processos sociais como processos de comunicação, processos estes que utilizam a comunicação como seu

⁸ Na teoria da autopoiese, um sistema vivo interage com seu meio ambiente por intermédio de “acoplamento estrutural”, isto é, por meio de interações recorrentes, cada uma das quais desencadeia mudanças estruturais no sistema. [...] em outras palavras, um sistema estruturalmente acoplado é um sistema de aprendizagem (CAPRA, 2006, p. 177).

modo particular de realizar as autopoieses, e que não podem existir fora de sua rede de origem, fizemos o inverso: consideramos os processos de comunicação como processos sociais. Essa inversão possibilita entender a rede aberta a novos acoplamentos.

Novamente recorrendo a Capra (2006), é importante ressaltar que a característica central de um sistema autopoietico está no fato de que ele passa por contínuas mudanças estruturais enquanto preserva seu padrão de organização semelhante a uma teia. Os elos da rede podem mudar de posição e, independente da força de cada um, todos os elos são importantes, porque desempenham uma função que garante sustentabilidade à rede.

Ecosistemas / redes sociais – uma representação possível

Durante as entrevistas com os pescadores foram apuradas oito estratégias de comunicação e 17 públicos distintos que, apesar de compartilhar suportes tecnológicos, nem sempre possuem os mesmos objetivos. Em linhas gerais, identificamos estratégias para o público interno, ou seja, ações como as palestras nas escolas, programa de rádio, publicações e conversas informais que têm como objetivos motivar, mobilizar e propiciar educação ambiental. Simultaneamente também verificamos uma estratégia para os públicos externos, para os quais os objetivos são apoio, transparência e adesão, que teve na feira de peixes um de seus ápices e que se consolida semanalmente no programa de rádio.

Levando em consideração que o social pode ser explicado sob a forma de uma rede de operações que gera uma fenomenologia de autopoiesis (LUHMANN, 2009, p. 91), procuramos representar em uma estrutura de redes (teia) os sistemas envolvidos neste processo. Como a pesquisa foi qualitativa e, portanto, nem sempre nos fornecia números para melhor distribuir os elos da rede, optamos por estabelecer uma relação numérica entre os níveis de contato indicados pelos pesquisados, que variam entre nenhum (representado ao centro da rede) e três (quando o elo está sobre a borda da rede), conforme pode ser visualizado na Figura 1⁹. Também consideramos as estratégias do Programa de Rádio, da Feira de Peixe e das Reuniões pela variedade de suportes tecnológicos utilizados, pelos públicos diferenciados e, também, pela citação mais frequente dessas estratégias.

⁹ A Figura 1 integra a dissertação de mestrado intitulada *Redes (in)formais de comunicação e de mobilização social: Estratégia da Colônia de Pescadores de Z-4 de Tefé/AM* defendida por Jane Santos Dantas junto ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas – Ufam, 2009.

A Figura 1 ilustra as Reuniões enquanto possibilitadoras do encontro face-a-face, do convívio e do compartilhamento do “mundo de vida”; o Programa de Rádio que também se vale da credibilidade dos filhos dos pescadores para informar, educar e mobilizar; e a Feira de Peixes que é uma estratégia para mobilizar outras camadas da sociedade, dar transparência ao trabalho e conquistar aliados.

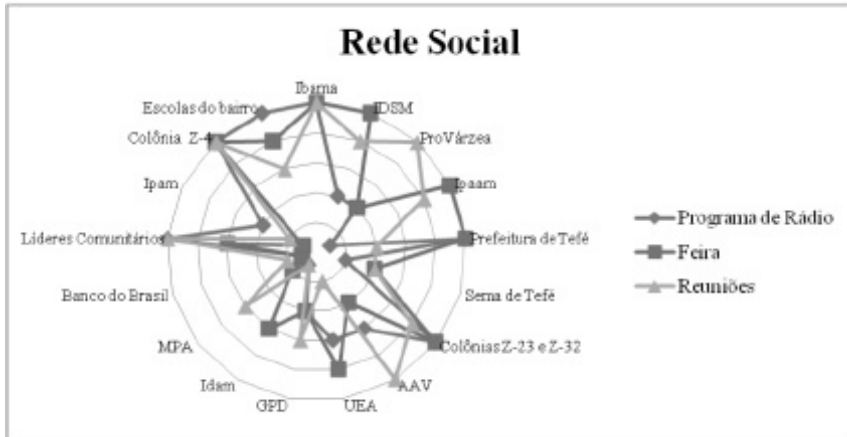


Figura 1 – Esquema de uma rede social.

No caso da Colônia de Pescadores Z-4, a observação do processo de comunicação demonstrou que a oralidade é marcante, mesmo com o apoio de outras tecnologias, como no Programa de Rádio, as Reuniões e a Feira do Peixe. Podemos sugerir algumas explicações para este fato: o diálogo (*feed-back*) é mais rápido e até instantâneo, além de possibilitar o uso da linguagem corporal presente nos olhares, nos gestos e na postura.

A rede social representada na teia revela uma riqueza de dados. Trata-se de uma rede que não é linear. É tridimensional, seus elos não se sobrepõem, eles se fortalecem. A figura evidencia como os “acoplamentos”, utilizando o conceito de Capra (2006), acontecem em níveis diferenciados e conferem versatilidade à teia. Os elos são os parceiros ou os públicos. Quem garante a unicidade desse sistema e sua constante renovação é a linguagem, independente dos suportes que utiliza. Todas as estratégias observadas se constituem a partir de outros sistemas já existentes. Por isso, as redes não são estanques, são sistemas vivos de redes dentro de redes, somando forças para objetivos comuns.

Todos os sistemas vivos são redes de componentes menores, e a teia da vida como um todo é uma estrutura em muitas ca-

madras de sistemas vivos aninhados dentro de outros sistemas vivos – redes dentro de redes. Organismos são agregados de células autônomas, porém estreitamente acopladas; populações são redes de organismos autônomos pertencentes a uma única espécie; e ecossistemas são teias de organismos, tanto de uma só célula quanto multicelulares, pertencentes a muitas espécies diferentes (CAPRA, 2006, p. 170).

No contexto de atuação dos pescadores da Colônia Z-4, a “teia da vida” é marcada pela realidade ecológica, interdependente dos fenômenos. Não existe uma estratégia mais ou menos eficaz, são simplesmente sistemas que se estruturam a partir do “mundo de vida” experimentado por cada um. Aparentemente os atores envolvidos, os elos dessa teia, já constataram que essa rede, envolve outras instituições, outras pessoas e, acima de tudo, leva em consideração o meio ambiente, visto e tratado como vivo e sensível às alterações impostas pela forma de atuar do ser humano.

Considerações finais

Observamos que na Colônia de Pescadores Z-4 formam-se ecossistemas comunicacionais constantemente, quando a Colônia compartilha informações internas, de potencial interesse para o pescador e para a comunidade em “acoplamentos estruturais” possibilitados pelo contato face-a-face, em reuniões, durante o atendimento ao público, nas palestras que realiza, ou midiatisados no programa de Rádio.

Consideramos as redes (in)formais pois integram redes que se acoplam e se desacoplam de acordo com as necessidades do momento e da convergência de ideais. Isto não diminui a importância dessas redes, pelo contrário, isto fortalece a coletividade ao resultar de processos de entendimento que deixam sempre em aberto a possibilidade de novas associações.

Na experiência analisada nota-se um diálogo constante entre os integrantes da colônia que têm a oportunidade de confrontar além de opiniões, os conhecimentos teóricos e práticos. Assim, o pescador tradicional conversa com outros parceiros ou elos da rede e também interage com a natureza. Nesse âmbito, a trajetória histórica dos pescadores da Colônia Z-4 está aperfeiçoando, principalmente, a capacidade de falar com o outro e de mobilizar outros atores sociais. A comunicação surge nesse cenário como a grande propulsora da mudança social na esfera local, nas comunidades e nas cidades, assumindo características adequadas ao meio em que se realiza.

Os pescadores de Tefé, assim como boa parte da população, não têm acesso aos últimos suportes tecnológicos para apoio às estratégias de divul-

gação. No entanto, durante o processo de fortalecimento do associativismo nas comunidades eles aprenderam o valor da oralidade. Se o rádio não “pega” na comunidade, ou seja, se não funciona, seja por falta de alcance das ondas, por falta de fonte de energia para alimentar os rádios ou mesmo por falta de receptores (rádios), a Colônia desloca-se até as comunidades e conduz reuniões. Se a televisão local não disponibiliza o espaço que é considerado adequado, eles criam estratégias para mobilizar e informar o público de interesse da comunidade. Se as pessoas não reconhecem o trabalho que eles realizam, há o que fazer: a feira de peixes é um exemplo.

Assim, as conclusões são semelhantes ao que descreve Rabelo (2002) na introdução de sua pesquisa:

Mais que o uso diferenciado e criativo de mídias, as conclusões apontam para a necessidade de uma concepção mais abrangente da comunicação, com a revalorização de antigas práticas esquecidas, especialmente as de nível pessoal que, no entanto, devem somar-se às novas ferramentas da sociedade da informação. A esfera local onde se concretiza a sustentabilidade pode ser também o espaço público das relações democráticas, da capacitação para a participação nos debates diretos, dos novos sujeitos-cidadãos – essenciais para a formulação de políticas públicas sustentáveis (RABELO, 2002, p. 7).

A criatividade está expressa no uso híbrido dos meios, que para Canclini (apud SANTAELLA, 2003, p. 135) “significa linguagens e meios que se misturam, compondo com um todo mesclado e interconectado de sistemas e signos que se juntam para formar uma sintaxe integrada”. Os sistemas evidenciados estão desvinculados das ferramentas suporte, eles auto conduzem e desencadeiam no âmbito da linguagem, que é onde ocorre a constante aprendizagem. As ferramentas são simplesmente os suportes para fazer fluir esse processo. Assim, não há como definir um modelo. Há simplesmente de se registrar que diante das possibilidades e do conhecimento que detém, eles fizeram escolhas. Afinal, conforme sintetiza Luhmann:

O sistema de comunicação é um sistema absolutamente encerrado em sua operação, já que cria os elementos mediante os quais ele mesmo se reproduz. Neste sentido, a comunicação é um sistema autopoietico, que, ao reproduzir tudo que serve de unidade de operação ao sistema, reproduz-se a si mesmo. [...] Isso significa que o sistema de comunicação determina não só seus elementos – que são em última instância, comunicação –, como também suas

próprias estruturas. O que não pode ser comunicado não pode influir no sistema. Somente a comunicação pode influenciar a comunicação, apenas ela pode controlar e tonar a reforçar a comunicação (LUHMANN, 2009, p. 301).

Seguindo os conceitos de redes e de sistemas vivos, essa experiência traz ensinamentos que devem ser compartilhados com outras iniciativas, com o objetivo de valorizar a circulação de informações, geração de conhecimentos e, principalmente, fortalecer as vozes que fazem a diferença nas comunidades. Este diálogo pode envolver ainda mais as colônias de pescadores, poderes executivos, legislativos, parlamentares, instituições de ensino, pesquisa e fomento, além de outros veículos de comunicação regionais, atuando para impulsionar a divulgação dessa experiência.

Referências

BARBOSA, Antonio da Silva. 49 anos, pescador, de Alvarães, 5. série. Entrevista concedida à pesquisadora. Flutuante da Colônia Z-4 de Pescadores de Tefé, na RDS do Amanã, Maraã/AM: 31/10/2008. (informação verbal).

CAPRA, Fritjof. *A teia da Vida*. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução: Newton Roberval Eicheberg. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

DANTAS, Jane Santos. *Redes (in)formais de comunicação e mobilização social: Estratégia da Colônia de Pescadores de Z-4 de Tefé/AM*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura da Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas – Ufam, 2009.

GONÇALVES, Ana Claudia Torres. Entrevista concedida à pesquisadora. Sede da Colônia Z-4 dos Pescadores de Tefé/AM: 01/11/2008. (informação verbal).

HABERMAS. Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Traduzido por Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1993.

_____. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos* / Jürgen Habermas. Série coordenada por PORTELA, Eduardo. LEÃO, Emmanuel Carneiro. SODRÉ, Muniz. BAYER, Gustavo. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

LUHMANN, Niklas. *Introdução à Teoria dos Sistemas*. Tradução: Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MATURANA, Humberto R; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2002.

MONTEIRO, Ierecê B. *Favor transmitir ao destinatário: uma análise semiológica dos avisos de rádio no Amazonas*. Manaus: Edua, 1996.

PALHETA, Claudio Batalha. Entrevista concedida à pesquisadora. Sede da Colônia Z-4 dos Pescadores de Tefé/AM: 29/10/2008 (informação verbal).

RABELO, Desirée Cipriano. Comunicação e mobilização social: a Agenda 21 local de Vitória(ES). 206p. São Bernardo do Campo, SP, 2002. Tese (Doutoramento em Comunicação Social) – Umesp.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias a cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

XAVIER, Natazildo de Almeida. Flutuante da Colônia Z-4 de Pescadores de Tefé, na RDS do Amanã, Maraã/AM: 30/10/2008 (informação verbal).

A comunicação radiofônica e a educação popular em um ambiente amazônico

Rosa Luciana Pereira Rodrigues¹

Manuel José Sena Dutra²

Resumo: Esta é uma reflexão sobre a prática da comunicação radiofônica em processos de educação popular na Amazônia, especificamente no município de Santarém-PA, a partir das experiências da Rádio Emissora de Educação Rural. É uma pesquisa bibliográfica que toma como base teórica em educação popular as referências de Paulo Freire e Mario Káplun; aborda o rádio nas suas potencialidades; apresenta as experiências da emissora com base em documentos, trabalhos de conclusão de curso, cartilhas e cartas. Verifica-se a existência de aspectos da educação popular nas experiências com base na valorização da vida das pessoas, na problematização estimulando a criticidade, na promoção da cidadania e no estímulo ao diálogo nos ambientes amazônicos a partir da mídia rádio.

Palavras-Chave: Rádio. Educação popular. Ambiente amazônico.

Introdução

A comunicação radiofônica se mostra atual no desenvolvimento de ações de educação popular na Amazônia. Este é o pressuposto básico da pesquisa em andamento, tendo como ambiente de observação a experiência acumulada da Rádio Emissora de Educação Rural, do município de Santarém, região Oeste do Estado do Pará.

A emissora, que foi ao ar no ano de 1964, começou sua atuação com as aulas radiofônicas do Movimento de Educação de Base – MEB, com metodologias específicas voltadas à educação popular. Hoje, outro projeto é desenvolvido – o Rádio pela Educação – que, com metodologias diferenciadas, também indica esse aspecto educacional junto aos agentes envolvidos.

A reflexão parte de uma abordagem geral sobre o ambiente amazônico, passa pela apresentação do rádio como meio de experiências relevantes

¹Jornalista, mestranda do PPGCOM/UFPA; e-mail: rosalu29@gmail.com.

²Professor do PPGCOM, Doutor em Ciências Sócio-Ambientais pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – Naea – da Universidade Federal do Pará; jornalista, professor do curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFPA; coordenador do Curso de Especialização em Jornalismo Científico da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa; e-mail: dutra.manuel@gmail.com.

de educação popular, aponta alguns aspectos importantes dessa forma de educação – com base em Paulo Freire e Mario Kaplún – e reflete sobre a educação popular nas experiências da Rádio Rural de Santarém.

Localizando a reflexão

Num primeiro momento, é importante destacar que a região do Baixo Amazonas paraense, onde se encontra o município de Santarém, é um espaço amazônico e, por isso, não foge a uma contextualização ampla na qual se podem identificar os aspectos que, frequentemente, estão presentes na visão sobre a Amazônia.

Quando se fala ou se ouve falar em Amazônia, a imagem recorrente é a de uma imensa área verde com os seus mais de 7 milhões de km² com os gigantescos rios, com as riquezas naturais e com as populações tradicionais formadas, principalmente, por indígenas e caboclos.

Esta perspectiva foi se consolidando e dando forma ao consenso construído sobre a região amazônica. E o que, então, pode ser considerada Amazônia? A pretensão aqui não é fazer uma exaustiva descrição da região, mas dar algumas indicações de aspectos relevantes que devem ser considerados quando se remeter aos espaços amazônicos.

Um aspecto primeiro a ser destacado é a sua pluralidade, que não corresponde com a visão externa do que seja a região. “Para os de fora, a imagem que se tem da Amazônia é mais homogênea [...]. Para os habitantes da própria região, a ‘Amazônia’ é um termo vago, que adquire múltiplos significados [...]” (GONÇALVES, 2010, p. 18).

Há várias “amazônias” com realidades diversas que não cabem em uma visão única do que seja a região, como o que se convencionou a partir dos discursos históricos. Há a Amazônia dos rios, a Amazônia das estradas, a Amazônia das pequenas cidades e a Amazônia dos centros urbanos.

E assim como há diversas “amazônias” no âmbito geográfico, também existem grandes diversidades em suas populações. São os povos indígenas, os quilombolas, os caboclos, assim como os imigrantes de outras regiões do país e seus descendentes. Então, da mesma forma como variadas são essas populações, também variadas são as formas culturais que as envolvem em movimentos de identificação que se põem num contraponto ao movimento de identidade voltado, principalmente, ao que Castro (2010, p. 3) indica como “a mística de uma coerência regional”.

Olhando o quadro do Baixo Amazonas paraense, verifica-se a presença desses aspectos levantados, principalmente, quando se considera a formação populacional. Essa mesorregião do Estado do Pará envolve 12 municí-

pios com população de quase 640 mil habitantes, dos quais 27,98% estão nas zonas rurais. São populações que envolvem comunidades ribeirinhas, de planalto, realidades urbanas, povos remanescentes de quilombo, comunidades indígenas, imigrantes e seus descendentes. Um universo cultural que aponta essa grande diversidade a ser considerada quando se trata de Amazônia.

O principal pólo dessa mesorregião é o município de Santarém, situado na confluência entre os dois principais rios da região, o Amazonas e o Tapajós. O município tem uma população de 294 mil e 580 habitantes. Com uma área de quase 23 mil quilômetros quadrados, Santarém tem um grande número de comunidades rurais, muitas ficando bem distantes da sede urbana. Há locais em que para se chegar é preciso viajar mais de doze horas de barco.³

As comunidades rurais estão localizadas em áreas de terra firme, de várzea e de planalto. As duas primeiras com acesso pelos rios da região, sendo que a segunda tem uma peculiaridade pelo impacto da cheia dos rios durante seis meses do ano. Quanto às áreas de planalto, o acesso se dá por meio de estradas que, em muitos casos, não apresentam condições favoráveis para a trafegabilidade dos veículos. Comunidades estas que vivem realidades diversas, apontando para uma multiplicidade de experiências, tradições e manifestações populares nas quais a comunicação radiofônica se configura num aspecto recorrente das práticas de relações sociais.

O rádio e a educação popular

A América Latina, ao longo da segunda metade do século passado, foi espaço de inúmeras experiências relacionadas a processos de educação popular por meio do rádio. Experiências que disseminaram modos diferenciadores de relação entre produtores e ouvintes.

Dois nomes despontam como referência quando se busca entender o uso do rádio em processos de educação popular. São eles o educador Mário Kaplún que compartilhou várias experiências com o uso desse veículo de comunicação relacionado à educação, e o educador Paulo Freire, referência de uma nova perspectiva educacional que valoriza o sujeito em processo contínuo de construção do saber compartilhado. Ambos tomaram a comunicação como ponto de partida na promoção de uma educação gerativa e libertadora que dá espaço à expressão dos sujeitos envolvidos.

A comunicação radiofônica se apresenta como possibilidade real para desenvolvimento de experiências em regiões como as da Amazônia. Segundo Bucci (2004), por sermos uma sociedade da imagem, a TV é que tomou o lugar central do público, mas há a novidade do rádio que se consolida em

³ Meio de transporte comum nas comunidades ribeirinhas da Amazônia.

lugar privilegiado diante do atual contexto eletrônico. Entre os motivos disso está a grande riqueza das possibilidades de sua manifestação: pode estar no espaço digital da internet, nas chamadas webrádios, ou mesmo nas experiências populares com a instalação de alto-falantes em postes para a propagação de variadas programações.

O custo é outro fator que também pode ser levado em consideração, afinal comprar um rádio receptor é bem mais barato que comprar uma TV ou um computador com acesso à internet. Nesse ponto há uma consistente justificativa para sua maior popularidade.

Esse é o meio que chega a todos os lugares, principalmente em ambientes como os da Amazônia, onde em muitas localidades não há nem energia elétrica. O rádio faz parte da realidade das populações e, mesmo que não haja o aparelho receptor em todas as casas, a comunicação radiofônica gera um compartilhamento de informações.

[...] sempre que importante (como no caso dos “recados” transmitidos pelas emissoras), os vizinhos comunicavam-se uns com os outros para repassar uma determinada informação. Em Santarém, por exemplo, as emissoras avisam os moradores de certas localidades sobre o horário e dias de reuniões, a chegada de parentes no município e o horário de saída dos barcos (COSTA, 2006, p. 228).

E ainda tem a linguagem acessível, popular, que pode ser compreendida por todas as pessoas, independentemente do grau de instrução. Esses aspectos potencializam a importância das experiências de educação popular pelo rádio que foram e são desenvolvidas em Santarém.

- O aspecto popular da educação

O educador Paulo Freire (1985) aponta a perspectiva do ato de pensar como uma relação entre um sujeito que vai pensar um objeto que é pensado, outro sujeito que exerce a co-participação do pensamento e da comunicação existente entre ambos nesse processo. “Essa co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação” (FREIRE, 1985, p. 45), numa perspectiva de liberdade dos sujeitos envolvidos.

A educação popular, para este educador, está relacionada diretamente à prática da liberdade:

A educação libertadora não pode ser a que busca libertar os educandos de quadros-negros para oferecer-lhes projetores. Pelo contrário, é a que se propõe, como prática social, a contribuir para a libertação das classes dominadas.

Por isso mesmo, é uma educação política [...] (FREIRE, 1981, p. 89).

E por conta disto não apresenta um processo de transferência de saber ou de cultura. Identificar a educação como uma prática da liberdade, é reconhecer que o conhecimento é construído num espaço em que educador e educando são sujeitos no processo educacional. Vai de encontro à “visão bancária” da educação na qual “o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber (FREIRE, 1987). Contrária a esta visão, é colocada a educação problematizadora. Esta, “de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade [...] busca a *imersão* das consciências, de que resulte sua *inserção crítica* na realidade” (FREIRE, 1987, p. 40), negando uma educação desligada do mundo, mas sim, baseada nas práticas sociais e culturais das pessoas.

A proposta de Educação Popular elaborada por Paulo Freire decorre da conjuntura política dos anos sessenta na América Latina, a qual, sob o populismo, forjou, em nome do desenvolvimento, uma especificidade de procedimentos educacionais que condicionaram a sociedade em geral, e os trabalhadores em particular, à manutenção de sua lógica e tutela – desenvolvimentismo nacional e legitimação da estrutura de poder por uma forte base social (JÚNIOR; TORRES, 2009, p. 24).

Foi, portanto, uma proposta de educação popular voltada para as necessidades do povo, dos trabalhadores, das populações latino-americanas vislumbradas pelo educador e não uma educação popular massificadora⁴. Com base nessa perspectiva, Brandão (1986 apud JÚNIOR; TORRES, 2009, p. 26) conceitua a educação popular como “a prática pedagógica que participa por meio de diversas situações e instrumentos do processo de um saber orgânico de classes populares”, levando-as a conhecer sua própria história e, inclusive, mudando a realidade em que vive.

E esse movimento se dá em meio a um processo permanente, no qual, segundo Kaplún, deve ser a ênfase da educação.

⁴ É importante frisar que o primeiro conceito de educação popular no Brasil empregado pelas elites estava relacionado a instruções elementares de ler, escrever e contar. “Era a alfabetização destinada aos pobres” (RODRIGUES, 2008, p. 31). O principal agente de programas de alfabetização de adultos foi o Estado brasileiro. “Utilizando a máscara da universalização da Educação para as camadas populares, tais campanhas trabalharam com mínimos pedagógicos (FIGUEIREDO, 2009, p. 68), numa visão utilitária de educação. Com a organização dos movimentos populares, houve a alteração do conceito, voltando-se mais à ação transformadora da realidade social, tendo grande influência das práticas de educação de base e do Método Paulo Freire.

Es ver a la educación como um proceso permanente, em que El sujeto va descubriendo, elaborando, reinventando, haciendo suyo El conocimiento. Um proceso de acción-reflexión-acción que El hace desde su realidad, desde su experiencia, desde su práctica social, junto con los demás [...]. Se trata así mismo de uma educación problematizadora, que busca ayudar a la persona o desmitificar su realidad, tanto física como social (KAPLÚN, 1998, p. 50).

A partir dessas reflexões sobre educação popular, seria possível uma articulação dessa perspectiva com o que se chama de educação formal oferecida pelo Estado, que é visto como órgão que legitima a dominação? Com base em Júnior e Torres (2009), a dialogicidade freiriana possibilita essa interação.

Desde que o ensino (conteúdo e metodologia), a produção de conhecimento e a gestão das escolas e universidades reforcem a causa da luta política das classes populares e contribuam para desvelar a ideologia opressora, historicamente disseminada nesses espaços, é possível vivenciar a concepção de Educação Popular no espaço da escola pública. Deve haver uma troca fecunda de saberes, do popular com o científico (JÚNIOR; TORRES, 2009, p. 42).

Os autores ainda reforçam que “a produção e a reprodução de conhecimento devem se pautar pela lógica de valorização do ser humano e não dos interesses do mercado, do capital” (JÚNIOR; TORRES, 2009). Isso significa, portanto, que educação, independente de ser caracterizada como popular ou como formal, deve ter como ponto de partida o sujeito e como fundamento o diálogo.

Segundo Freire (1987, p. 44), “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”, sendo uma “existência existencial”, promovendo uma educação autêntica.

A educação autêntica, repitamos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele (FREIRE, 1987, p. 48).

O rádio como espaço de educação popular

Como são inúmeras e diversificadas as experiências de educação popular pelo rádio, neste tópico do trabalho, evidenciam-se duas vertentes de uso

desse meio como espaço dessa perspectiva educacional. Num primeiro momento são apresentadas algumas experiências identificadas por Mário Kaplún e depois as aulas radiofônicas do Movimento de Educação de Base – MEB.

- Experiências em Kaplún

Mário Kaplún aponta a realização de experiências marcantes na América Latina com o uso do rádio em processos de educação popular. No seu livro *Comunicación entre grupos: El Método Del Cassette-Foro* (1984), num tópico chamado de *Radio y Participacion*, o autor enumera algumas experiências que deram novas perspectivas para o uso do rádio e para a posição dos ouvintes que puderam “transformarse de receptor en alimentador; y convirtiéndose así ella misma, de medio de difusión en medio de auténtica comunicación [...] tipo de radio que no sea sólo para los oyentes, sino también con y de los oyentes” (KAPLÚN, 1984, p. 93).

Uma das experiências que ele cita é a das escolas radiofônicas da Rádio Mensaje, em Tabacundo (no Equador). A emissora distribuiu gravadores aos participantes das escolas para que gravassem o que quisessem e enviassem à produção para que o conteúdo fosse levado ao ar em um programa especial de meia hora toda semana.

Se trataba, pues, de un programa de radio alimentado por los grupos de base. Debe reconocérsele a esta emisora ecuatoriana el mérito de haber sido acaso la precursora en pl uso del grabador de cassette como medio de emisión y ya no sólo de reproducción; la primera en vislumbrar, a comienzos de la década del 1970, las posibilidades que el pequeño aparato abre a la participación (KAPLÚN, 1984, p. 94).

Com essa iniciativa, segundo o autor, a emissora conseguiu imprimir uma “segunda cara” ao veículo, que de um meio unilateral passou a ter duas vias por conta da abertura para divulgar as informações que surgiam nas comunidades de base envolvidas nas escolas radiofônicas e, também, as expressões culturais que os camponeses também gravavam.

Outra experiência destacada foi a desenvolvida pelo peruano Fernando Panizzo que trabalhando no Chile em discussões sobre a reforma agrária foi desafiado a fazer um programa de rádio sobre o assunto. Mesmo sem ter conhecimentos técnicos da área da comunicação, inovou com a prática radiofônica. Ele colocou um gravador portátil em um jeep, um equipamento de alta tecnologia na época – início dos anos 70 –, e saiu pelas comunidades rurais chilenas gravando o que podia das conversas dos camponeses.

se acercaba a un grupo que estuviera conversando, se daba a conocer, trataba de establecer una relación de confianza y, si el ambiente era propicio, pedía permiso para poner a funcionar el grabador. Si los contertulios consentían, él colocaba en medio de ellos el pequeño aparato y lo dejaba correr para que grabara la conversación. Panizzo no intervenía en ella para nada; permanecía en silencio (KAPLÚN, 1984, p. 95-96).

De tudo o que gravava, Panizzo selecionava algumas partes para serem veiculadas no seu programa de rádio como forma de devolver ao povo suas próprias ideias e suas palavras.

Kaplún também fala sobre o método desenvolvido por ele próprio – o cassete-foro, o qual começava com um programa de rádio levado ao ar por uma emissora. Os grupos a quem o programa era direcionado ouviam as discussões e conversavam a partir delas, sendo que tudo era gravado. Depois as gravações eram enviadas à emissora, retiravam-se as principais conclusões e colocava-se no ar o resultado das conversas dos grupos, criando um fórum de discussão (KAPLÚN, 1984, p. 106).

-As aulas radiofônicas do MEB

Com a ação da Igreja Católica no Brasil, na década de 1950, começou-se a gestar uma iniciativa mais sistematizada que pudesse efetivar um projeto educativo pelo rádio. Debates nesse sentido idealizaram o Movimento de Educação de Base – MEB – no Primeiro Seminário de Educação de Base realizado no segundo semestre de 1960, em Aracaju, organizado pela Rede Nacional de Emissoras Católicas – Renec.

A proposta inicial era atender à população adulta do Nordeste por meio das escolas radiofônicas. A instrução era o principal objetivo, considerando que

Os programas instrutivos merecem maior destaque na área de produção radiofônica do MEB, mesmo investindo, também, na programação cultural e informativa, tendo menor destaque os meramente recreativos. Ao rádio cabe cerca de 40% do trabalho, ficando os restantes 60% à atuação direta desenvolvida com as comunidades (MEB, 1982, apud BLOIS, 2004, 154).

No início do programa do MEB no Brasil, em 1961, eram dez emissoras que atuavam no Sistema Rádio-Educativo. No ano de 1965 já eram vinte e nove. Quanto ao número de alunos que concluíram as etapas das aulas

radiofônicas, em 1961 foram 38 mil 734 e em 1965 foram 61 mil 409 (B. COSTA et al, 1986, p. 124).

De acordo com Filho (2010), a atuação do Movimento de Educação de Base foi uma contribuição importante para o uso do rádio como recurso didático e pedagógico por conta da valorização do potencial comunicativo desse meio.

A importância do rádio no trabalho do MEB incorporou o potencial comunicativo desse instrumento, quando o tornou não apenas um transmissor de sons e vozes, mas lhe deu um novo significado, no qual a própria voz humana recontextualizada assume explicitamente um papel educativo (FILHO, 2010, p. 20).

O autor diz ainda que o uso do rádio em atividades ligadas à educação indica a “valorização da expressividade e do caráter da voz humana” (FILHO, 2010, p. 20). E no caso do MEB, em especial, voltou-se para a abertura desse espaço de valorização na área da educação popular.

O MEB tem como instrumento pedagógico básico o rádio, que possibilitou [...] o uso das suas técnicas de comunicação, consideradas avançadas para a época, numa perspectiva de fazer Educação a distância, mas também a sua interação com as atividades locais, dentro das salas de aula e nas comunidades (FILHO, 2010, p. 23).

E a partir dessa interação, trabalhou a alfabetização além da decodificação dos códigos linguísticos, valorizando, também, a realidade dos alunos envolvidos e as suas necessidades.

A educação popular nas experiências da rádio rural de Santarém

A história do rádio em Santarém já tem mais de seis décadas, e ao longo desse período muitas experiências foram desenvolvidas tendo a comunicação radiofônica como recurso educacional, como espaço de manifestações culturais, de mobilizações políticas, de entretenimento e, até mesmo, de envio de mensagens pessoais quando o contato telefônico era uma inovação tecnológica distante da realidade da grande maioria das pessoas dessa região. Pode-se afirmar ainda hoje que experiências como essas são identificadas nas práticas radiofônicas locais, tornando o rádio um elemento de grande importância na articulação dos ecossistemas comunicativos em regiões da Amazônia.

O início do rádio em Santarém, ocorrido em 1948 com o surgimento da Rádio Clube,⁵ foi antecedido pelos serviços de alto-falantes que já faziam uso de fundamentos da comunicação radiofônica para fins publicitários, registros sociais e para o oferecimento de músicas. E foi desses serviços que surgiram muitos dos locutores que atuaram na primeira emissora de rádio santarena.

Assim como em toda Amazônia, em Santarém

o surgimento do rádio representou benefícios bem maiores que se possa imaginar. Além de reduzir as distâncias, tirou a região do isolamento em relação ao resto do país. Enquanto para outros centros o rádio funcionava como diversão, informação e entretenimento, na Amazônia também era um serviço social para fazer o intercâmbio entre os seus habitantes (FERREIRA, s/d, apud CUNHA et al, 2009, p. 19).

Outro marco importante na história do rádio no município, a partir do qual se dá o foco desta reflexão, foi a criação da Rádio Emissora de Educação Rural, em 1964, que iniciou com o propósito de participar do processo educacional no interior da Amazônia a partir da alfabetização de jovens e adultos por meio das aulas radiofônicas do Movimento de Educação de Base – MEB.

-Aulas do MEB pela Rádio Rural de Santarém

Conhecida no início de sua atuação como *Rádio Educadora*, com as aulas radiofônicas do Movimento de Educação de Base – MEB, a Rádio Rural participou diretamente do processo de alfabetização de milhares de pessoas da região que moravam em comunidades rurais distantes do centro urbano e que não tinham acesso a escolas.

A expansão da iniciativa no Nordeste e as referências das escolas radiofônicas que funcionavam em outras experiências na América Latina chamaram atenção de bispos de outras regiões do país. Um deles foi Dom Tiago Ryan, de Santarém, no Estado do Pará, que visando à execução das ações do movimento na região criou a Rádio Emissora de Educação Rural Santarém Ltda. Fundada em 31 de maio de 1960 e inaugurada em 5 de julho de 1964, a emissora teve entre seus objetivos o de instalar escolas radiofônicas “para alfabetizar, educar, elevando o nível cultural do povo, inclusive difundir programas de caráter oficial, especialmente dos Ministérios de Educação e Cultura, da Agricultura” (RÁDIO RURAL, 2001, p. 1).

⁵ A Rádio Clube de Santarém foi criada vinte anos após o surgimento da primeira rádio paraense – Rádio Clube do Pará, fundada em Belém em 1928.

Considerando o alto índice de analfabetismo na região,⁶ a emissora foi criada com o propósito de atender, principalmente, a população rural. A programação das aulas radiofônicas começou em 1965 com o funcionamento de trinta e duas escolas.

Uma das principais contribuições das aulas radiofônicas do MEB, de acordo com o histórico da Rádio Rural, foi o fato de a educação passar a ser uma necessidade reconhecida pelos moradores das comunidades rurais que, a partir de então, buscavam a escolaridade nos níveis posteriores à alfabetização.

De acordo com Silva e Locatelli, em Santarém

O trabalho educativo iniciado pelo MEB não demorou a surtir efeitos, pois além das aulas que eram repassadas através do rádio, várias visitas às comunidades passaram a ser realizadas, tornando não só as aulas radiofônicas, mas toda a programação muito popular (SILVA; LOCATELLI, 1997, p. 36).

Os demais programas radiofônicos da emissora também privilegiavam uma comunicação voltada às comunidades do campo, como o programa “Desperta Amazônia”, que dava informações sobre agricultura e abria espaços para recados; e o “Correspondente Rural”, específico para os recados a comunidades rurais e cidades vizinhas.

Quanto à atuação do MEB em Santarém no período da ditadura militar, inicialmente havia uma relação menos conflituosa que a registrada em outras regiões do país. “Só mais tarde, a partir de 1969 é que começaram as advertências [...] fazendo ameaças e exigindo que não se utilizasse mais o mesmo tipo de material, as cartilhas de alfabetização e um jornalzinho” (SILVA; LOCATELLI, 1997, p. 38). A contrariedade se fundamentava no fato de esses materiais, que vinham de outros centros do país, incentivarem a organização comunitária com vistas à luta pelos direitos humanos.

Por conta disso a atuação do MEB foi dividida em dois momentos: um primeiro que tinha como meta a formação da consciência crítica dos envolvidos, e um segundo mais voltada às reflexões sobre a ajuda mútua, sem tomar como referência a palavra conscientização que, depois de ser proibida pelas forças governantes da época, acabou sendo substituída por evangelização.

Inspirada no método Paulo Freire, a metodologia do MEB apontava como objetivo “alfabetizar através de palavras chaves do universo vocabular do

⁶De acordo com registro no Anuário da Diocese de Santarém de 1978, na primeira metade da década de 60 “a taxa de analfabetismo era superior a 50% da população” (MEB, 1998, p. 56).

homem do campo, que contenha tanto o teor pragmático para fundamentar as discussões, quanto os fonemas necessários ao ensino da leitura” (GABLER et al., 1996, s.p). Os monitores recebiam uma cartilha com as orientações e com os passos que deveriam ser dados no processo da alfabetização.

Em uma cartilha do MEB, chamada de cartilha “O Ribeirinho”, do ano de 1984, identificou-se algumas das palavras chaves usadas: mata, pote, canoa, tucunaré, juta, farinha, comunidade, a partir das quais se trabalhava os fonemas e se motivava o conhecimento das letras e a formação de outras palavras. Essa foi uma cartilha produzida depois de alguns anos de atuação, buscando contextualizar o processo de alfabetização com palavras que fizessem parte do dia-a-dia das pessoas.

As aulas radiofônicas iam ao ar das 19h00 às 20h40, depois da Voz do Brasil, de segunda a sexta-feira. Houve a experiência de aulas para crianças no período da manhã que foi extinta em pouco tempo. O MEB também apresentava aos finais de semana dois programas de caráter popular: um no sábado à noite, e outro no domingo pela manhã:

No sábado, ‘Nossa Terra, Nossa Gente’, com assuntos culturais e apresentação de shows musicais com grupos que vinham das comunidades; e no Domingo ‘Uma Hora Para Todos’, que relatava atividades comunitárias, oferecia músicas, orientações, avisos, convites, e tratava um tema específico de interesse das comunidades (RÁDIO RURAL, 2001, p. 4).

Posteriormente, outro programa foi criado pelo MEB, ‘Nossa voz é nossa vida’, “caracterizado por ser um espaço aberto para participação informativa e educativa das entidades do movimento popular e sindical da Região” (MEB, 1998, p. 58), indo ao ar de segunda a sexta-feira à noite. Depois que o MEB encerrou as atividades em Santarém, este último programa continuou no ar sob a responsabilidade de um setor da Diocese chamado de Pastoral Social, o que permanece até os dias atuais.

A fase das aulas pelo rádio perdurou até meados da década de 1980, quando o MEB fechou as escolas radiofônicas, entre outros motivos, pela falta de recursos financeiros que pudessem gerir as ações. A atuação do MEB se estendeu até 1998 com atividades mais voltadas à comunicação popular, à assessoria de grupos e movimentos populares e à formação de alfabetizados a partir de parcerias com as entidades populares.

-Projeto Rádio pela educação

Depois do fim do MEB em Santarém, a Rádio Rural continuou a ação voltada à comunicação popular por meio de alguns programas da grade, mas

não executava projetos específicos voltados aos processos educacionais desde o fim das escolas radiofônicas em meados da década de 1980. Ao final dos anos 90, começou a ser gestada uma nova iniciativa da emissora que receberia o nome de Projeto Rádio pela Educação (PRPE). A proposta era retomar os fundamentos primeiros da Rádio Rural com ações voltadas à educação no interior da Amazônia.

Inspirado na iniciativa anterior, o novo projeto – que continua em execução até os dias atuais – trouxe reformulação da proposta desenvolvida com as aulas radiofônicas. Entre as diferenças principais estavam o fato de a primeira iniciativa ser voltada para o processo de alfabetização de jovens e adultos, enquanto a segunda trazia o propósito de envolver crianças e adolescentes do ensino fundamental depois do processo de alfabetização. O formato do programa de rádio também se apresentou desde o início como diferencial. Diferente da atuação do MEB, o PRPE não apresentou e nem apresenta aulas radiofônicas. Sua mobilização principal é desenvolvida desde o início a partir de um programa educativo denominado ‘Para Ouvir e Aprender’, o qual professores e alunos acompanham nas escolas com base nas orientações passadas por meio do Guia Pedagógico – cartilha entregue aos educadores.

De acordo com o Guia Pedagógico Volume 8 (2008, p. 164), o “Rádio pela Educação nasceu da ideia de utilizar o rádio como um recurso pedagógico multi, trans e interdisciplinar na sala de aula” envolvendo professores e alunos de turmas regulares e de turmas multisseriadas.⁷

Ao longo dos anos, e pela necessidade de adaptações das atividades, outras ações foram incorporadas às iniciais. A mais recente que vem sendo desenvolvida desde o ano de 2008 é o ‘Rádio nas Escolas’ – ação que incentiva a instalação de rádios internas nas escolas de ensino fundamental. A partir daí, além de envolver os alunos do ensino básico, do 2. ao 5. ano (1. a 4. séries) com o programa de rádio *Para Ouvir e Aprender*, também começou a envolver alunos do 6. ao 9. ano (5. a 8. séries) com a ação do *Rádio nas Escolas*.

Os números atuais do Rádio pela Educação, com base no relatório de 2011, apontam que o PRPE envolve seis mil e 76 alunos e 331 professores de 72 escolas da Rede Municipal apenas no município de Santarém, sendo sete unidades escolares situadas na zona urbana e as demais na zona rural. Esses alunos e professores fazem parte do nível escolar do 2. ao 9. ano (1. a 8. série) e participam das atividades com as duas principais ações.

⁷ A realidade da Amazônia apresenta muitas turmas do ensino básico com formatação multisseriadas, ou seja, em uma mesma sala de aula estudam alunos de várias séries (em geral, de 1. a 4.), principalmente em pequenas escolas de comunidades da zona rural. Um único professor trabalha, ao mesmo tempo, com todos os alunos que estão em etapas diferentes do ensino.

As novas reformulações feitas na iniciativa, conseqüentemente, refletiram nos objetivos que são:

- Despertar a consciência crítica das crianças e dos adolescentes na busca da valorização de seus direitos;
- Incentivar a leitura, a escrita e o desenvolvimento da expressão oral de professores e alunos;
- Garantir o protagonismo de crianças, adolescentes e jovens na produção de programas radiofônicos nas rádios internas que estão sendo implantadas em escolas.
- Estimular a interação com a comunidade.⁸

Assuntos diversos são discutidos nos programas de rádio: questões ambientais, de gênero, direitos das crianças e dos adolescentes, saúde, projetos educacionais desenvolvidos nas escolas, entre outros temas que motivam na sala de aula espaços de reflexões sobre cidadania. Além disso, professores, alunos, pais e lideranças comunitárias também encontram espaços para se expressar, falar de suas realidades, seus desafios, suas necessidades, como está registrado nesta carta:

[...] gostaria de pedir para autoridades da prefeitura que colocem as telas na minha escola pois não tem. A nossa escola é nova **mas falta concluir as varas de hastear as bandeiras** [...] os armários nunca chegaram. Mando um abraço ao diretor Delson e aproveito e peço pra ele vim visitar a nossa escola porque este ano de 2011 não veio ninguém visitar a escola [...].⁹

Então, o programa se constitui em um espaço de expressão popular, expressão da comunidade, o que justifica o envolvimento direto dos comunitários para que as crianças possam ouvir o Para Ouvir e Aprender. Esse envolvimento dos membros das comunidades para a realização da atividade nas escolas também é um dado interessante. De acordo com registros de professores, em algumas escolas não há equipamentos e só se pode ouvir o programa com o apoio dos comunitários.

Carta 1 – enviada pela professora Aurenice Santos, de Solimões-Rio Tapajós:

⁸ Informações extraídas do Blog do Projeto Rádio pela Educação – <http://radiopelaeducacao.wordpress.com>. Acesso em 12 de janeiro de 2012.

⁹ A carta citada foi divulgada no quadro Correio do Aluno do Programa Para Ouvir e Aprender no dia 8 de agosto de 2011.

Apesar de não termos rádio, não fez com que deixássemos de escutar o programa pois, ainda temos parceiros maravilhosos que nos doam o rádio como: seu Francisco, seu Joaquim e seu Jonas, para sabermos as novidades do dia (GUIA PEDAGÓGICO, 2011, p. 10).

Carta 2 – enviada pelo professor Marcos Lopes, de Carão:

Para que possamos escutar o programa Ouvir e Aprender, contamos com o rádio do comunitário Laurimar Amorim, um amigo da escola (GUIA PEDAGÓGICO, 2011, p. 95).

Os elementos referenciados apontam o caráter popular dos processos educativos propostos pelo Rádio pela Educação, considerando que a educação popular pode ser entendida como o processo de formação cidadã das pessoas, animando-as a conhecer e a reconhecer sua comunidade, seus direitos e a importância da comunicação como referência dialógica nas relações sociais.

As ações do PRPE estão ligadas às perspectivas da educomunicação, apontada por Soares como:

O conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem. Em outras palavras, a educomunicação trabalha a partir do conceito de gestão comunicativa (SOARES, 2002, apud SARTORI, 2010, p. 45-46).

O termo ecossistema comunicativo é difundido por Martín-Barbero numa relação direta com as novas tecnologias, evidenciando as novas formas de relação das pessoas com essas tecnologias “desde o cartão que substitui ou dá acesso ao dinheiro, até as grandes avenidas da Internet” (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 125). Mas a referência dada por Soares vai numa perspectiva mais ampliada. Para este autor, ecossistema comunicativo é entendido como “a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional” (SOARES, 2002, apud SARTORI, 2010, p. 46).

A importância do ecossistema comunicativo é apontada considerando a relação que acontece entre os sujeitos de uma comunidade com os aspectos sociais, culturais, econômicos, além das tecnologias de informação e comuni-

cação que envolvem um determinado território. Está relacionado a uma “trama de configurações constituída pelo conjunto de linguagens, representações e narrativas que penetra na vida cotidiana de modo transversal” (SARTORI; SOARES, 2002, p. 5).

Algumas considerações

A educação deve ter como ponto de partida o sujeito e como fundamento o diálogo, este entendido em uma relação direta com a comunicação. Isso, independente de a educação ser caracterizada como popular ou como formal. Deve ser uma educação problematizadora, “de caráter autenticamente reflexivo, [que] implica num constante ato de desvelamento da realidade [...] busca a *emersão* das consciências, de que resulte sua *inserção crítica* na realidade” (FREIRE, 1987, p. 40).

São aspectos que negam uma educação desligada do mundo, desligada da vida das pessoas, e que estimulam a formação cidadã de crianças, de adolescentes, de professores, pais e comunitários que se reconhecem participantes de um processo social e reconhecidos pelo espaço de expressão que o rádio oferece.

A comunicação radiofônica se mostra atual e pertinente no desenvolvimento de processos educativos que primem pela valorização da expressão popular na Amazônia. Assim como fez na primeira experiência com as aulas radiofônicas do MEB, a Rádio Rural de Santarém proporciona espaço de educação popular por meio do Projeto Rádio pela Educação que, mesmo estando ligado à escola – lugar da educação formal – tem um direcionamento específico das suas ações, estimulando cidadania e o diálogo nos ambientes amazônicos a partir dos ecossistemas comunicativos criados. Esta formação requer uma gestão comunicacional que compreenda “a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de educação comunicacional” (SARTORI e SOARES, 2002, p. 6).

Referências

B. COSTA, Maria Aída; JACCOUD, Vera; COSTA, Beatriz. *MEB: uma história de muitos* – Cadernos de Educação Popular 10. Petrópolis: Vozes, 1986.

BLOIS, Marlene M. Rádio Educativo: uma escola de vida e de cidadania. In: *Rádio Sintonia do Futuro*. André Barbosa, Angelo Pivesan e Rosana Beneton (Orgs). São Paulo: Paulinas, 2004.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 3 de julho de 2011.

BUCCI, Eugênio. Os sentidos do Rádio. In: BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Angelo; BENETON, Rosana (Orgs.). *Rádio: sintonia do futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CASTRO, Fábio Fonseca de. *Desconstruções identitárias na Amazônia brasileira*. Belém: 2010, Mimeo.

COSTA, Luciana Miranda. *Comunicação e Meio Ambiente: a análise das campanhas de prevenção a incêndios florestais na Amazônia*. Belém: UFPA; NAEA, 2006.

CUNHA, Ambelino M. A.; RODRIGUES, Manoel E.; SANTOS, Oti S. *Os sessenta anos de rádio em Santarém: a sua trajetória e seus personagens*. Trabalho Acadêmico Orientado de conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Santarém-PA: Instituto Esperança de Ensino Superior, 2009.

DUTRA, Manuel Sena. *A natureza da mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta*. São Paulo: Annablume, 2009.

FIGUEIREDO, Daniel Augusto. História da Educação Popular: uma leitura crítica. In: ASSUMPÇÃO, Raiane (Org.). *Educação Popular na perspectiva freireiana*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

FILHO, José Peixoto. O Rádio e a Educação: a experiência do ME e as contribuições para a Educação popular. In: PRETTO, Nelson de Luca, TOSTA, Sandra Pereira (Orgs.). *Do MEB à WEB: o rádio na educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1981. Acervo digital da Biblioteca Central da UFPB.

_____. *Extensão ou Comunicação?* 8. ed (trad. Darcy de Oliveira). São Paulo: Paz na Terra, 1985. Acervo digital da Biblioteca Central da UFPB.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1987.

GABLER, Aurenice de Araújo; ALMEIDA, Francisco Edson Gomes de; MAGALHÃES FILHO, Lauro Nunes. *MEB – vinte anos em Santarém: suas contribuições na emancipação do homem*. Santarém: [S.n.], 1996.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, Amazônias*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

GUIA PEDAGÓGICO DO PROFESSOR. Vol. 08/Projeto Rádio pela Educação/ Programa Para Ouvir e Aprender. Santarém: Tiagão, 2008.

_____. Vol. 09/Projeto Rádio pela Educação/ Programa Para Ouvir e Aprender. Santarém: Tiagão, 2011.

JÚNIOR, Israel P.; TORRES, Michelangelo M. Atualidade do pensamento de Paulo Freire na educação popular. In: ASSUMPÇÃO, Raiane (Org.). *Educação Popular na perspectiva freiriana*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

KAPLÚN, Mario. *Comunicación entre grupos: El Método Del Cassette-Foro*. Bogotá: CIID, 1984. Disponível em: <<http://idl-bnc.idrc.ca/dspace/bitstream/10625/6371/1/57403.pdf>>. Acesso em 28 de julho de 2011.

_____. *Una pedagogía de la comunicación*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6881539/Mario-Kaplun-Una-Pedagogia-de-la-comunicacion>>. Acesso em: 31 de outubro de 2011.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Desafios Culturais da Comunicação à Educação. In: CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.) *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011.

LOCATELLI, Cleomar; ARAÚJO, Edna Reis Costa; TEIXEIRA, Francisco Martins (Orgs.). *Sistematização das práticas educativas no período de 1990 a 1998*. Santarém: MEB, 1998.

PORTAL DA CIDADANIA – GOVERNO FEDERAL. Disponível em: <http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/baixoamazonaspa/one-community?page_num=0>. Acesso em 3 de julho de 2011.

RÁDIO RURAL DE SANTARÉM. Histórico, 2001.

RODRIGUES, Antonio Carlos. Educação Popular: Histórico e concepções teóricas. In: MELLO, Marco (Org.). *Paulo Freire e a Educação Popular: reafirmando o compromisso com a emancipação das classes populares*. Porto Alegre: Ippoa; Atempa, 2008.

SARTORI, Ademilde Silveira. Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. In: *Comunicação, Mídia e Consumo/Escola Superior de Propaganda e Marketing*. V. 7, n. 19 (julho de 2010). São Paulo: ESPM, 2010.

SARTORI, Ademilde; SOARES, Maria Salete. Concepção dialógica e as NTIC: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos. 2002. Disponível em: <www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>. Acesso em: 2 de junho de 2011.

SILVA, Arinalda Freitas da; LOCATELLI, Cleomar. *O papel educativo da Rádio Emissora de Educação Rural de Santarém no período militar – de 1964 a 1974*. Trabalho de Conclusão de Curso. Santarém: UFPA, 1997.

Interrelações entre mídia e cultura popular: as pastorinhas de Parintins na lógica das micro e macro redes comunicacionais

Soriany Simas Neves
Denize Piccoloto Carvalho Lévy

Resumo: O estudo investigou o Festival das Pastorinhas de Parintins como sistema folkcomunicação a partir de teóricos clássicos como Guy Debord (2003), Adorno e Horkheimer (1985) e de autores como Morin (1981), Lipovetsky (1989) e Beltrão (1980). Também se estabeleceu uma interface entre a teoria de Beltrão (1980) e com os olhares de McLuhan sobre cultura popular e mídia de massas e ainda com os processos miméticos da linguagem da filosofia de Benjamin (1994). Quanto à metodologia foi realizada uma etnografia segundo o viés de Malinowski (1978). Na primeira etapa foi realizada uma descrição do cotidiano das Pastorinhas de Parintins. Na segunda, identificou-se por meio de observação direta e com o uso de entrevistas semi-estruturadas, os atos e falas dos atores sociais. Por fim, foram interpretados e analisados os discursos e os registros etnográficos, empregando a técnica da análise temática e categorial de Bardin (1977). A pesquisa constatou que os grupos de Pastorinhas buscam na técnica do espetáculo o prolongamento dos seus processos comunicacionais, com vistas a mantê-los vigentes no imaginário coletivo.

Palavras-Chave: Folkcomunicação. Festival. Pastorinhas de Parintins. Indústria Cultural.

Introdução

As manifestações da cultura popular tradicionais na contemporaneidade têm passado por constantes metamorfoses em meio ao fenômeno da globalização e pelo amplo crescimento da indústria do entretenimento, fato esse que, de certo modo, tende a interferir no modo como elas se auto-concebem em termos sociais e comunicacionais.

A título de ilustração, podemos citar uma série de casos recém documentados em trabalhos acadêmicos referentes ao assunto, oriundos de diversas regiões do Brasil, como é o caso de festas como o Carnaval e Festival Folclórico de Parintins (AM), que assumiram formatos e dimensões midiáticas, fenômeno esse que vem sendo discutido e reinterpretado por inúmeros estudiosos da comunicação e da cultura popular, tais como Roberto

Benjamin (2001), Marques de Melo (2002), Trigueiro (2005), Farias (2005), Travassos (2005).

Em relação ao carnaval, Marques de Melo et al (2002), em um estudo sobre como a mídia constrói imagens do carnaval brasileiro, revela que a percepção e reprodução da identidade cultural são construídas historicamente pelos agentes que diretamente dão vida a essa cultura popular, ao mesmo tempo em que essas identidades são apreendidas e reinterpretadas pela mídia.

Outro caso emblemático é o Festival de Parintins, que a exemplo do carnaval descrito e problematizado por Marques de Melo et al (2002), ganhou e incorporou elementos da mídia de massa na formatação do espetáculo em uma demonstração da verdadeira simbiose entre o popular, tradicional, erudito e massivo.

Na visão de Farias, tal fenômeno pode ser compreendido como a retraditionalização e ressignificação das tradições populares: “É pelo movimento que a dinâmica sincrética instaura que as fronteiras dos níveis culturais são imoladas; no movimento histórico-estrutural de cruzar e obrigar o trânsito liberal do popular para o erudito, do massivo para o culto” (FARIAS, 2004, p. 148).

Percebe-se que tais manifestações vêm sofrendo metamorfoses em relação ao que eram nos seus primórdios, uma vez que agregaram novos elementos tecnológicos, imagéticos, sócio-culturais etc.

Nesse sentido, estamos diante de acontecimentos que poderiam ser enquadrados como indicadores de um movimento maior de espetacularização midiática das festividades típicas da cultura popular¹ brasileira. Nota-se que neles, aspectos tradicionais vêm mesclando-se com outros de natureza tecnocientífica de última geração.

Em se tratando dessa temática da espetacularização da cultura, Debord (2003), utilizando-se de uma crítica ao capitalismo, diz que a sociedade moderna é a própria encarnação de uma sucessão de espetáculos, em que tudo que era vivido perde sentido na fumaça da representação, pois “a linguagem do espetáculo é constituída por *signos* da produção reinante, que são ao mesmo tempo o princípio e a finalidade última da produção [...]. O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens (DEBORD, 2003 p. 10-12).

Essa formação do capital não é mais do que uma alienação dos homens, mais sofisticada e adequada ao espírito do tempo contemporâneo, ensejando a construção de uma pseudo-realidade.

¹ Adotamos o conceito de cultura popular desenvolvido por Michel de Certeau (1980 apud CUCHE, Denys, 1999, p. 150) que compreende a cultura proveniente do povo, ‘a cultura comum’ cultivada pelo homem comum, isto é, uma cultura que se fabrica no cotidiano, nas atividades ao mesmo tempo banais e renovadas a cada dia.

De certa forma, apercebendo-se do mesmo fenômeno citado por Debord (2003), porém assumindo um discurso mais crítico quanto às implicações sociais inerentes, temos os posicionamentos de Adorno & Horkheimer (1985), expostos na obra clássica 'Dialética do Esclarecimento', a qual versa sobre o mesmo fenômeno, porém sob o prisma da transformação da cultura e da arte em mercadoria.

Dentre os aspectos mais ressaltados temos a padronização e serialização para fins de atender as audiências amplas e heterogêneas em um sentido vertical de apropriação da cultura pelos meios de comunicação de massa.

Esses mecanismos também podem ser vistos quando, sobretudo, o cinema faz adaptações dos bens da cultura, o que para Adorno & Horkheimer (1985) promove uma espécie de rebaixamento do conteúdo da obra de arte, ao nivelar por baixo os gostos em nome da produção do consumo para fins de entretenimento, culminado com a construção de uma falsa consciência e, assim, permitir que o sistema amplie seu processo de dominação.

Para eles a indústria cultural é a própria encarnação da racionalidade técnica, que nada mais é do que a própria racionalidade da dominação, na qual afirmam ser o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesmo.

Em outra passagem da obra fica mais patente essa visão do fenômeno:

A fusão atual da cultura e do entretenimento não se realiza apenas como depravação da cultura, mas igualmente como espiritualização forçada da diversão. Ela já está presente no fato de que só temos acesso a ela em suas reproduções, como na **cinematografia** ou **emissão radiofônica**. Na era da expansão liberal a diversão vivia da fé intacta no futuro: tudo ficaria como estava, e, no entanto, se tornaria melhor. Hoje a fé é de novo espiritualizada; ela se torna tão sutil que perde de vista todo o objetivo e se reduz agora no fundo dourado projetado por trás da realidade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 134, grifo nosso).

Em que pesem as considerações de Debord (2003), Adorno e Horkheimer (1985), o olhar deles converge para um viés de abordagem semelhante, a saber, a forma com que as instituições da indústria cultural, através de sutis mecanismos de apropriação, tomam posse das criações artísticas individuais e coletivas desenvolvidas pela espontaneidade humana nas suas interfaces com a finalidade de torná-las mercadorias para consumo.

A questão é que, muitas vezes, os próprios grupos humanos diretamente ligados à produção das artes e culturas populares tradicionais buscam deliberadamente inserir artifícios tecnológicos e midiáticos de massa tanto

na estruturação como nas performances² coletivas de folguedos, procissões, festas, etc.

Esse fato é interpretado por Travassos como um movimento de atualização da tradição festiva popular que vem sendo protagonizado nos últimos anos em grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília por uma rede de jovens artistas e estudantes da cultura popular. A autora reitera que esse fenômeno atesta uma dinâmica de recriações contemporâneas de folguedos tradicionais:

A recriação contemporânea de tradições populares chama a atenção do observador pelos recursos cênicos e musicais utilizados, assim como pela tendência dominante ao despojamento. A forma do cortejo, por exemplo, característica de vários rituais tradicionais nos quais os participantes se deslocam de um ponto a outro do espaço, desponta como uma solução dos recriadores para as incursões em logradouros públicos. A própria ocupação de praças e ruas rememora a tradição da festa popular. (TRAVASSOS, 2004, p. 112).

Embora Travassos revele que a recriação dos folguedos tradicionais (bois, cordões de pastorinhas, etc.) venha sendo resgatada nesses grandes centros urbanos, esse fenômeno já é observado há algum tempo no Município de Parintins (AM), situado no interior do Estado do Amazonas. Nele encontramos os Grupos Folclóricos das Pastorinhas³, mantido por atores sociais oriundos das mais diversas camadas urbanas e rurais, que periodicamente reúnem-se em certas épocas do ano e ensejam uma recriação dessa tradição por meio da realização de um festival que combina informalidade e despojamento com certa espetacularização formal de seu perfil.

Canclini (2003) e Barbero (1997) analisam a metamorfose pelas quais passam as culturas populares quando interagem com os processos de comunicação massivos na modernidade e pós-modernidade. Ambos enveredam para uma reinterpretação e desconstrução desses processos de interação entre o tradicional, o popular, o massivo e o erudito numa linha que os enxerga como parte de transformações mais amplas que vão além da visão de Debord (2003) Adorno e Horkheimer (1985).

²Ligiéro (2004) conceitua performance como um modo de comportamento, um tipo de abordagem à experiência humana, um exercício lúdico, estética, entretenimento popular.

³Para Câmara Cascudo (2001), Pastorinhas são o mesmo que Pastoril, tradição que representa a visita dos pastores ao estábulo de Belém, ofertas, louvores, pedidos de bênçãos, com cantos, entoadas diante do presépio na noite de Natal, aguardando a missa da meia-noite.

Na visão de Canclini (2003) essa postura na abordagem das transformações que cercam os processos sociais e comunicacionais das culturas populares demonstra outras facetas que precisam de maiores investigações. Ele questiona até que ponto o entendimento das transformações do folclore deve dialogar com as realizações técnicas e midiáticas dos tempos contemporâneos. Esse fato muitas vezes é deixado de lado por parte da maioria dos estudos dos folcloristas.

No esteio das considerações ventiladas por Canclini (2003), cumpre salientar que, já nos anos sessenta, Beltrão (1980) já se debruçava sobre a mesma problemática. Beltrão (1980), de forma pioneira, desenvolveu o conceito de folkcomunicação.

Este conceito remetia às manifestações de cultura popular e dos agentes comunicadores atuantes no plano da tradição oral e escrita do homem comum (poesias, canções, teatros e mambembes populares) na perspectiva de serem parte de um sistema de comunicação com características específicas, fato esse que lhes conferia alguma autonomia em relação à comunicação de massa.

Por esse viés, a folkcomunicação compreende a disseminação e o intercâmbio de fatos e ideias pelos quais o povo se comunica e refunda suas identidades e crenças por meio do folclore (BELTRÃO, 1980).

Segundo Beltrão (1980, p. 40), nesse plano onde operam os agentes de folkcomunicação, os discursos são destinados *a um mundo* condizente com a ideia de microrredes de comunicação; nelas se produzem e se constroem as mensagens e seus significados pelos agentes urbanos e rurais integrantes das manifestações de cultura popular.

Todavia, o autor também menciona a existência das macro redes, situadas por ele na esfera dos sistemas de comunicação de massa. Nessas macrorredes os discursos são direcionados *ao mundo* onde circulam e são produzidas as mensagens padronizadas, difundidas por recursos tecnológicos comunicativos de última geração, os quais, em grande medida, são os responsáveis pela sustentação da indústria do entretenimento.

Em se tratando de outros pesquisadores influenciados pela linha de pensamento de Beltrão (1980), a exemplo de Roberto Benjamin (2001), Marques de Melo (1998, 2002, 2008); Trigueiro (2002) e Schmidt (2002), verifica-se o aprofundamento do debate segundo a seguinte diretriz: as micro e macrorredes não são completamente auto-excludentes, pois não deixam de dialogar umas com as outras. Elas compõem um todo complexo em que a interdependência das mesmas torna-se o fundamento estruturador de suas dinâmicas.

Nessa qualidade podemos nos deparar com situações em que não ocorre necessariamente a apropriação e a subjugação de microrredes por

parte de macrorredes, tal qual advogam o conceito de indústria cultural ou de espetacularização.

Ao contrário, pela linha de pensamento aberta por Canclini (2003) é perfeitamente cabível que os atores sociais que dão vida aos fluxos de informação das microrredes se apropriem de elementos, valores, artefatos e representações oriundas do âmbito das macrorredes e forneçam-lhes uma nova orientação.

Nesse contexto, o panorama das interrelações entre micro e macro redes fornece subsídios para um estudo crítico da manifestação cultural popular conhecida como Pastorinhas de Parintins, porquanto esta, na sua conjuntura atual, pode ser entendida como sistema folkcomunicação micro propenso a ampliar sua interação com o plano mais amplo das macrorredes.

Cultura na modernidade e pós-modernidade

A manifestação cultural das Pastorinhas de Parintins está circunscrita no âmbito do diálogo das microrredes com as macrorredes, que, conforme Lipovetsky (2005), nesse processo intervém a indústria cultural, na qual há o fenômeno da sedução e personalização oriundos da modernidade e acentuados na pós-modernidade. Esses dois fenômenos discutidos por Lipovetsky caracterizam a sociedade contemporânea nos seus vários processos, como atesta:

Longe de estar circunscritas às relações de interação entre as pessoas, a sedução se tornou um processo geral de tendência a reger o consumo, as organizações, a informação, a educação, os costumes. Toda a vida das sociedades contemporâneas passou a ser comandada por uma nova estratégia que destronou a primazia das relações de produção em favor de uma apoteose das relações de sedução (LIPOVETSKY, 2005 p. 02).

Com base nessa constatação, o autor caracteriza essa sociedade por uma tendência global de reduzir as atitudes autoritárias e dirigistas e, ao mesmo tempo, aumentar a oportunidade das escolhas particulares, privilegiando a diversidade e a independência comportamental em termo de grupo.

Lipovetsky (2005) ressalva que a sedução característica da sociedade contemporânea não se configura como uma representação falsa e alienada das consciências como entendem Debord (2003), Adorno e Horkheimer (1985). Ela perpassa o mundo contemporâneo de acordo com um processo sistemático de personalização que se manifesta na tentativa de substituir a

indução uniforme pela livre escolha, a homogeneidade pela pluralização, a austeridade pela satisfação dos desejos (LIPOVETSKY, 2005).

Pode-se inferir que o fenômeno da sedução democratizou o uso de novas experiências, o que nos permite pensar a manifestação cultural das Pastorinhas de Parintins como um movimento constante de apropriações de novos elementos e de estabelecimento de combinações e experimentação de performances e valores da indústria cultural afim de reatualizar sua simbologia.

Essa manifestação cultural paradoxalmente combina dois sistemas de natureza diferentes que, por outro lado, se comunicam dialeticamente. Pode-se visualizar os agentes sociais que organizam essa cultura popular no âmbito das microrredes nutrindo a solidariedade, a participação, os laços de amizade, de partilha. Em contrapartida, essas virtudes e características das microrredes, convivem cada vez mais com a busca da emancipação econômica, do individualismo, profissionalismo, atentos às exigências do mercado cultural que caracteriza a sociedade de consumo.

É com base nesse pressuposto que Lipovetsky diz que:

[...] a cultura pós-moderna é a cultura do feeling e da emancipação. Tal consideração nos faz pensar no fenômeno da sedução sem maniqueísmo, pois a sedução não funciona por meio de mistério, ela se manifesta por meio da informação, do feedback, da iluminação sem trégua do social (LIPOVETSKY, 2005, p. 05).

Dentro desse cenário descrito por Lipovetsky é que se contextualizam as imbricações do popular, do erudito, do massivo e do midiático no espaço das microrredes das Pastorinhas de Parintins, que esses grupos incorporam tais elementos em suas performances, em um processo de redimensionamento dos valores, tradições e da memória do grupo. Em outras palavras, para Lipovetsky, não há uma separação rigorosa entre o tradicional e o contemporâneo.

Nesse sentido, para entendimento de como se configura a cultura das Pastorinhas de Parintins na pós-modernidade mostra-se salutar a análise de um novo tipo de sociedade, de cultura e de indivíduo, que tomou forma progressiva no século XX, sinalizando a abertura e a flexibilidade dos sistemas.

Na sua abordagem acerca da diferenciação cultural, inerente ao pós-modernismo, Lipovetsky (2005) propõe entender o modernismo primeiramente, pois foi a partir deste que as transformações na contemporaneidade tomaram corpo. Nesse sentido, atribui a crise cultural que passa o capitalismo há mais de um século ao advento do modernismo, que para ele se configura

como uma lógica artística à base de rupturas e descontinuidades, centrado na negação da tradição, na cultura da novidade e da mudança.

É assim que o modernismo protagoniza a subversão das formas linguísticas tradicionais e inaugura o rompimento da continuidade ligada ao passado, instituindo obras absolutamente novas.

No entanto, essa busca pela renovação frenética torna as obras modernas também perecíveis, como problematiza Lipovetsky: “[...] A modernidade é uma espécie de autodestruição criadora, a arte moderna não é apenas herdeira da era crítica, mas também a crítica de si mesma” (LIPOVETSKY 2005, p. 61).

Lipovetsky também afirma que a cultura modernista é, por excelência, uma cultura da personalidade, pois tem por centro o eu que cria e inventa o que, favorece a instalação da cultura hedonista, cultura que induz ao consumo, ao lazer, a ceder a impulsos, fenômeno mais evidente a partir da década de 1950, época em que a sociedade americana e, até mesmo a europeia se tornaram fortemente dirigidas pelo consumismo, ócio e prazer (LIPOVETSKY, 2005, p. 63-64).

Em contrapartida, esse estilo de vida moderno não é somente decorrente do modernismo, mas, principalmente, das transformações impetradas pelo capitalismo, em que a sociedade moderna encontra-se fragmentada, não tem mais característica homogênea e se apresenta como a articulação complexa de três ordens distintas – a técnico-econômica, o regime político e a cultura (LIPOVETSKY, 2005). Essas esferas são norteadas por princípios axiais diferentes que justificam os comportamentos diferentes e opostos que expõe a contrariedade do sistema econômico.

Em outras palavras, o modernismo protagoniza uma arte liberta do passado, ele é a primeira manifestação da democratização da cultura.

É nesse sentido que o modernismo é o vetor da individualização e da circulação contínua da cultura, instrumento de exploração de novos materiais, de novos significados e novas combinações.

Esse fenômeno é explicado quando a arte moderna começa a assimilar todos os temas, todos os materiais e, assim fazendo se define por um processo de dessublimação das obras, o que significa a dessacralização democrática da instância política, da redução dos sinais ostentatórios do poder, da secularização da lei. Nesse sentido é que o significado imaginário da igualdade moderna anexou o procedimento artístico. (LIPOVETSKY, 2005).

Nesse enfoque o modernismo é a importação do modelo revolucionário para a esfera artística. Assim, vemos que Lipovetsky não concorda com as análises de Adorno, que vê no modernismo um processo abstrato, análogo ao sistema de valor de troca generalizado no estágio do grande capitalismo

e acrescenta: “[...] Assim como a revolução francesa não foi ‘revolução burguesa’, o modernismo não é uma reprodução da ordem da mercadoria [...]” (LIPOVETSKY, 2005, p. 70).

E reforça esse argumento ao afirmar: “a cultura moderna é antiburguesa, é revolucionária, é de essência democrática, e como tal, é inseparável, a exemplos das grandes revoluções políticas, do significado imaginário central, próprio das sociedades do indivíduo livre e auto-suficiente [...]” (LIPOVETSKY, 2005, p. 70)

Ele explica também o fenômeno pela personalização do romance, pois com a liquefação das referências físicas e das oposições exterioridade – interioridade, dos pontos de vistas múltiplos às vezes incertos, dos espaços sem limites ou centro, a obra moderna literária ou plástica é aberta, quando expõe:

Por sua busca incansável de novos materiais, de novas disposições de sinais sonoros ou visuais, o modernismo destruiu todas as regras e convenções estilísticas, daí resultam despidas de padrões personalizadas no sentido em que a “comunicação” se torna cada vez mais independente de toda estética codificada, sejam elas musicais, linguísticas ou ópticas. O modernismo personaliza a comunicação artística mais que a destrói, confecciona “mensagens” improváveis, nas quais o próprio código é, no limite, singular (LIPOVETSKY, 2005, p. 79).

De posse dessa visão, a manifestação das Pastorinhas de Parintins traduz tais características do modernismo, pois a noção da própria visão de conceber a manifestação nas suas várias formas é incorporada pela visão estética dos atores sociais, que em um processo de recombinação, conferem-lhe linguagens múltiplas, em um movimento de subversão da própria forma de conceber a cultura e a arte.

É nesse enfoque que Lipovetsky diz que a arte moderna não se desfaz da função de comunicar, mas sim, a personaliza, criando regras e mensagens sob medida, pulverizando o público.

Em suma, a arte moderna impele a uma intervenção manipuladora não somente do criador, mas, também, de quem a utiliza, consome, à medida que exerce sua capacidade de combinação e assim interpretar a obra de arte.

Arte, técnica e linguagem em Walter Benjamin

As transformações das manifestações populares podem ser entendidas pela interpretação da doutrina das semelhanças de Benjamin (1994), na

qual podemos compreender os processos de comunicação da cultura das Pastorinhas de Parintins e suas interações com os meios massivos.

Benjamin (1994) diz que os processos miméticos são uma faculdade inerente ao homem, existente desde os primórdios da história da humanidade, quando sua existência era regida nos domínios do micro e macrocosmo. Tal faculdade de produzir semelhanças não se reduz a uma imitabilidade mecanicista, mas contempla um processo de apropriação e expropriação das coisas que parece obedecer a certa ordem temporal e histórica da ocupação e entendimento do existir dos sujeitos no universo quando afirma:

Deve-se refletir que nem as forças miméticas nem as coisas miméticas, seu objeto, permaneceram as mesmas no curso do tempo; que com a passagem dos séculos a energia mimética, e com ela o dom da apreensão mimética, abandonou certos espaços, talvez ocupando outros. Talvez não seja temerário supor que exista uma direção essencialmente unitária no desenvolvimento histórico dessa faculdade mimética (BENJAMIN, 1994, p. 109).

Benjamin (1994) ao levantar o fato de homem ter a capacidade de produzir ‘semelhanças extra-sensíveis’ ou seja, a competência de se transfigurar para explicar sua existência na sua relação com o mundo e com as coisas que o cercam, conclui que tal competência pode ser compreendida pela linguagem, quando argumenta que:

A linguagem seria a mais alta aplicação da faculdade mimética: um *médium* em que as faculdades primitivas da percepção do semelhante penetram tão completamente, que ela converteu no *médium* em que as coisas se encontram e se relacionam, não diretamente, como antes, no espírito do vidente ou do sacerdote, mas em suas essências, nas substâncias mais fugazes e delicadas, nos próprios aromas (BENJAMIN, 1994a, p. 112, grifo do autor).

É por meio da linguagem que se exteriorizam essas abstrações da faculdade de produzir semelhanças, seja no plano da oralidade, com a onomatopéia, seja no plano da escrita, com as representações de imagens da ação humana, e no mapeamento das incursões da humanidade no universo. É a linguagem, a capacidade mimética por excelência, que traduz o existir do homem no tempo e no espaço.

Essa faculdade de *mimeses* também pode ser vista no campo das artes performáticas (danças, jogos, teatro, etc) por meio de representações e inter-

venções humanas na arte, pois: “na modernidade, o artista prolonga concretamente o seu fazer no espaço-mundo para o espaço – arte” (OLIVEIRA, 1992, p. 24); ou seja, tais representações deixam de ser apenas vestígios, sinais, para ganharem o significado da existência humana.

No âmbito da cultura popular das Pastorinhas de Parintins pode-se compreender esses processos miméticos quando herdamos conceitos e ideias do ato de representar das culturas ibéricas, em um processo de apropriação e expropriação por meio de cantos, de recitais, enfim, por toda a iconografia do ritual.

Entretanto, como a própria natureza dessa *mimese*, descrita por Benjamin (1994), é a transformação contínua, a apreensão mimética dessa cultura popular contempla a incorporação de novos sentidos ao auto, quando os atores sociais se valem de novos elementos materiais (telão, montagem de cenários, aparelhagem fônicas), conferindo-lhes novos valores a tradição.

Essas mudanças abordadas por Benjamin (1994a), da busca pelo semelhante guarda estreita relação com as mudanças tecnológicas incidentes sobre a obra de arte, pois conforme ele afirma a obra de arte sempre foi passível de reprodução. Vejamos o que ele comenta sobre esse fato:

Em sua essência, a obra de arte sempre foi reproduzível. Os que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens. Essa imitação era praticada pelos seus discípulos, em seus exercícios, pelos mestres, para a difusão das obras, e finalmente por terceiros, meramente interessados pelo lucro. Em contraste a reprodução técnica da obra de arte representa um processo novo, que vem se desenvolvendo na história intermitentemente, através de saltos separados por longos intervalos, mas com intensidade crescente (BENJAMIN, 1994b, p. 166).

Esse processo da reprodutibilidade técnica da obra de arte sempre existiu no percurso da história da humanidade. No entanto, ele ficou mais contundente com o advento da fotografia e mais tarde com o cinema. Hoje, pode-se dizer que se assiste há um estágio de profusão da instância dessa reprodutibilidade técnica da obra de arte, com a televisão, o cinema e a internet. As obras de arte se projetam com mais veemência para mais próximo do público. Isso de certa forma, conforme Benjamin, (1994b) incidiu em um abalo do próprio conceito e da relação que o expectador tem da obra de arte na contemporaneidade, como se pode observar nesse trecho:

Mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e o agora da obra de arte, sua existência

única, e somente nela, que se desdobra a história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou. [...] O aqui e o agora constitui o conteúdo da sua autenticidade, e nela se enraíza a tradição que identifica esse objeto, até nossos dias, como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo (BENJAMIN, 1994b, p. 167).

O caráter autêntico da obra de arte com a reprodutibilidade técnica de alguma forma sofreu uma nova reorientação de sua existência, pois com a multiplicação das cópias o original acaba ganhando maior relevância e peso no que tange a sua autenticidade, ou seja, cada vez mais ele é mais valorizado e cultuado pelo público.

Entretanto, Benjamin (1994b) reconhece que embora essas novas formas de reprodução acentuem certos aspectos antes inconcebíveis à obra, a exemplo da fotografia que coloca a sua cópia em situações impossíveis para o próprio original, aproximando-as cada vez mais do público. Para ele, por outro lado, isso acaba desvalorizando o aqui e o agora da obra de arte à medida que afeta a sua autenticidade.

Mais que a preocupação quanto à perda de autenticidade da obra de arte, Benjamin ressalta que:

A técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido (BENJAMIN, 1994b, p. 169).

De fato, com a disseminação da obra de arte pelos *mass* média, o valor de culto, característica do aqui e agora da obra é substituído pela reprodutibilidade, configurando-se como um processo que ocorre de uma só vez. Nisso novas formas de relações com a obra são reconstruídas continuamente.

A folkcomunicação e as microrredes das pastorinhas de Parintins

A interface dos processos comunicativos das manifestações de culturas populares com o âmbito das macrorredes nos ajuda a compreender o movimento dialético dessas interfaces, seja da reprodutibilidade técnica

contemporânea das manifestações na forma de espetáculo, seja por meio dos meios de comunicação massivos.

De modo particular, a busca do semelhante (processo mimético) por meio da linguagem assinalado por Benjamin (1994) e McLuhan (2007) com a projeção da mente humana pela técnica e pelas linguagens midiáticas aproximam-se das abordagens da folkcomunicação de Beltrão (1980). Isso passa necessariamente pela interrelação entre cultura e comunicação, pois é pela cultura que se pode perceber a riqueza do simbólico e onde se apresenta outra dimensão para se comunicar ideias, valores, conhecimentos.

Para Laraia (2008, p. 52) “a comunicação é um processo cultural tão importante que não existiria cultura se o homem não tivesse desenvolvido um sistema articulado de comunicação oral”, o que permite afirmar que a comunicação é um processo que dá significado a existência humana.

Por essa definição em Laraia (2008), vislumbra-se uma estreita ligação entre cultura e comunicação. Para uma melhor compreensão da dimensão da cultura e comunicação, França (2009) explica:

A comunicação acha-se impregnada na cultura [...] a comunicação estuda a partir das práticas culturais (socio-culturais) [...]. Enquanto a cultura a interface é mais densa, a ênfase é maior no cultural e não no interativo [...]. Na comunicação o que interessa são as interações culturais [...]. Na cultura o sujeito é coletivo, abstrato; na comunicação, o sujeito é concreto (Informação verbal).⁴

A autora nos esclarece a diferença entre comunicação e cultura, a partir do estudo das Pastorinhas de Parintins como exemplo de investigação que expressa certa dimensão do interativo cultural, uma vez que se engendra em uma relação que modifica essa manifestação cultural ao interagir com as macrorredes – a indústria cultural (mídia e turismo).

Essa perspectiva da pesquisa dos processos de comunicação nas culturas populares foi identificada pelos estudos de Luiz Beltrão, em 1967, sobre o ex-voto⁵ como veículo de comunicação popular, de onde surgiram os estudos sobre Folkcomunicação, que Beltrão definiu como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios diretos ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980, p. 24).

⁴ Questão discutida na Conferência no II Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação, realizado nos dias 1 a 3 de abril de 2009, São Paulo.

⁵ Espécie de promessa na forma de imagens que os devotos oferecem aos santos em capelas e igrejas.

Não é somente pelos meios ortodoxos – a imprensa, o rádio a televisão, o cinema a arte erudita e a ciência acadêmica – que, em países como o nosso, de elevado índice de analfabetos e incultos, ou em determinadas circunstâncias sociais e política, mesmo nas nações de maior desenvolvimento cultural, não é somente por tais meios e veículos que a massa se comunica e a opinião pública se manifesta. Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore (BELTRÃO, 1965, p. 9 apud TRIGUEIRO, 2006, p. 4).

Na gênese dos seus pressupostos teóricos, Beltrão, precursor dessa área de conhecimento, delimitou um campo de pesquisa e os tipos de canais utilizados pelos agentes culturais para a comunicação com seus grupos de referência e destes com a mídia.

Com o entendimento de que a comunicação e informação se davam no âmbito das ideias e opiniões desses grupos de cultura popular, Beltrão (1980) reconheceu algumas manifestações folclóricas onde tais fenômenos ocorrem entre as quais estão os autos populares, os folguedos, a pintura, e outras manifestações da cultura popular.

Segundo Beltrão (1980) no sistema de folkcomunicação as manifestações são, sobretudo resultado de uma atividade artesanal do agente comunicador, protagonista de um processo de difusão que ocorre horizontalmente nas microrredes, como enfatiza:

A folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal, pois suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador (BELTRÃO, 1980, p. 28).

Nesse âmbito, Beltrão enfatizou as trocas comunicacionais operadas nas redes de conversações cotidianas que resultam da veiculação de mensagens no interior das comunidades de culturas populares alimentadas pelo folclore. São os causos disseminados pelos contadores de estórias, são os ex-votos em formas de imagens cultuadas em tornos de festas e afins.

Sob esse aspecto de como se configuram as microrredes estabelecemos uma ligação da busca pelo ‘semelhante’ de Benjamin (1994) com os pressupostos teóricos de Beltrão (1980) acerca da folkcomunicação, à medida que é pela linguagem desses grupos de cultura popular que são disseminadas sua memória, seus valores, sua história e sua iconografia.

Beltrão (1980) também vê a exemplo de Benjamin (1994) a linguagem como um *médium*, pois no âmbito folkcomunicação os processos de comunicação são fontes de personificação da ação e materialização das linguagens, sejam orais, gestuais e imagéticas desses grupos.

Os pressupostos básicos de Beltrão de onde emergiram as teses sobre folkcomunicação redundaram dos líderes de opinião identificados nas pesquisas americanas, no modelo de comunicação de Lazarsfeld e Katz, denominado de fluxo de comunicação em dois estágios que se processava dos meios aos líderes e destes com outros grupos sociais (BELTRÃO, 1980).

A partir disso identificou-se o líder comunicador folk, uma espécie de líder de opinião dos grupos sociais aos quais escapa a linguagem e o significado mais profundo da informação transmitida.

Graças as suas características de liderança e sua capacidade interpretativa de informação, esse receptor distinguido se transforma em comunicador para uma audiência que o procura e o entende, já que emprega veículos (meios de folk) que, ainda que massivos (como o rádio ou impressos do tipo de folhetos e volantes) lhes são acessíveis e familiares.

Para Beltrão, no processo de folkcomunicação, a mensagem é estruturada artesanalmente, veiculada horizontalmente e dirigida a uma determinada recepção constituída na sua maioria por membros de um grupo de referência primário, onde destaca a existência do líder de opinião como agente de comunicação social no sistema da comunicação popular, denominado nesta abordagem por microrredes.

A configuração da rede de comunicação cotidiana que se estabelece no interior da cultura popular também é similar ao que Benjamin descreve sobre o plano em que operam os narradores, pois “o narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada e transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história” (BENJAMIN, 1980, p. 60).

Nas redes de comunicação informais, ou microrredes o processo de comunicação ocorre de forma horizontal, ou seja, ao nível de entendimento dos agentes sociais do plano oral que se utilizam dessas narrativas. Por outro lado, Beltrão (1980) sinalizou a dialética do sistema folkcomunicação ao da comunicação massiva, tendo em vista que esta sofre interferência do processo de comunicação interpessoal.

As festas como canais de comunicação

As celebrações religiosas, tais como os ciclos do Natal, da Quaresma, do Divino, dos três santos populares como Santo Antônio, São João, da Padroeira do lugar, assim como as feiras, são considerados nos estudos de

Beltrão (1980) como grandes oportunidades de comunicação dos grupos folk.

São nessas ocasiões em que ocorre o encontro e a atualização da memória do povo, como explicita: “Anualmente em tais localidades, celebram-se festas que, embora de origem e fundo religioso, se revestem de exteriorizações profanas, constituindo-se desse modo em ocasiões especiais de sociabilidade” (BELTRÃO, 1980, p. 63).

Nesse trecho Beltrão nos revela a complexidade dos processos sociais e comunicacionais presentes na cotidianidade das festas populares. Em uma mesma festa pode-se encontrar vários significados e valores atribuídos pelos agentes sociais, às vezes até mesmo díspares da ordem instituída. A festa não tem somente um padrão, ela não é homogênea em sua natureza.

Podemos encontrar uma interpretação contemporânea das festas em (BENJAMIN, 2001) quando afirma que as festas já não significam o movimento da quebra espontânea, do cotidiano de trabalho e da inversão de posições sociais. Ele ressalta o caso do carnaval em que o festeiro virou promotor e aquilo que era o momento do ócio se transformou em cotidiano do trabalho, gerando o aparecimento de profissionais do entretenimento como figurinistas, aderecistas, floristas, decoradores, técnico de som e de iluminação dentre outros.

De todo modo hoje com a institucionalização das festas espontâneas como é o caso dos festejos folclóricos tradicionais, é difícil identificar as festas como padronizadas ou do tipo espontâneas, pois mesmo nas festas que não são consideradas totalmente padronizadas, é possível identificar a utilização de procedimentos comunicacionais midiáticos massivos na sua estruturação e performances. O fato é que as festas são mutáveis e os seus processos comunicacionais também são passíveis de modificação do tempo de uma festa para outra.

Hoje, praticamente aquele modelo de festa em que o festeiro custeava e comandava de forma amadorística já não é tão comum de ocorrer, entretanto, as festas de culturas tradicionais tem mesclado esses formatos diferentes para dar conta da própria dinâmica cultural dos atores sociais na busca de conferir atualidade na forma de realização das festas.

Percurso metodológico

A investigação teve como objeto o Festival das Pastorinhas de Parintins, enquanto manifestação folclórica. Nesse sentido, utilizou-se dos princípios norteadores do método etnográfico de Malinowski (1978) que subsidiou as incursões em campo durante quatro meses e nos permitiu entender o contexto folkcomunicação das Pastorinhas de Parintins.

Assim, o método da etnografia demonstrou ser apropriado, visto que proporcionou o acesso direto às normas, valores e critérios que norteiam o agir desses atores sociais enquanto elementos gestores dessa manifestação cultural popular tradicional.

A pesquisa compreendeu três etapas, a saber: descrição etnográfica dos ambientes dos grupos de Pastorinhas e dos eventos que envolveram os preparativos para a 10. Festival realizado em dezembro de 2009; descrição e análise de três grupos de Pastorinhas que passam por transformações em seus componentes estruturais e análise de conteúdo das entrevistas com os participantes dos três grupos de pastorinhas analisados.

Tais métodos serviram para investigar como os grupos fazem representações da tecnologia, mídia e cultura popular, buscando compreender como as micro-redes dos grupos de Pastorinhas de Parintins concebem a relação entre tradição e inovação, ao interagirem com as macrorredes na criação e formatação de suas performances.

Resultados e discussão

Os grupos de Pastorinhas que participam do festival têm objetivado provocar efeito, por meio da sedução e da personalização de suas performances, pois os grupos analisados incorporaram tecnologias durante as apresentações. Por outro lado, segundo os dados etnográficos, notou-se que todos os objetos de culto (presépios, imagens) das Pastorinhas estudadas, bem como os seus agentes sociais, que a compõem tais como as mestras e mestres, a própria formatação do espetáculo estão numa atmosfera regida pelo fantástico, em que seus simbolismos dão sentido a manutenção da tradição.

No discurso dos atores sociais foram encontradas seguintes categorias a saber: Mudança-evolução, relativização do culto, reafirmação do mito, valorização da exposição e festival como extensão da memória, da tradição.

Nas falas, o trânsito para as macro redes se faz necessário à medida que os grupos entendem que a técnica descortina o mundo, ela é em si o prolongamento do pensamento, da ação humana com maior efeito na contemporaneidade. O festival é enfim a materialização concreta do universal simbólico das micro redes de Pastorinhas sob novas reelaborações que permitem aos atores sociais novas projeções e significações criativas dessa cultura popular na sociedade globalizada.

Considerações finais

O cenário teórico nos subsidiou reexaminar as transformações dos processos comunicacionais por quais passam as manifestações de cultura

popular na sociedade globalizada que tem o campo midiático e o espetáculo como processos hegemônicos de difusão dos imaginários coletivos, tomados na sua maioria como apropriações do capital, da técnica, esvaziados de cultura, da configuração irreconciliável com outras esferas, principalmente as de natureza da cultura popular ou folclóricas.

O conceito de indústria cultural a partir da ótica de Morin (1981) e Lipovetsky (2005) pareceu-nos chave por explicar como se engendra a cultura *mass midiática* na sua natureza como uma cultura voltada para o presente, alimentada pelo imaginário social do homem primitivo, que por sua vez é o mote para manter suas produções permanentemente revestidas de atualidade.

A pesquisa constatou que o Festival prolonga essa cultura popular no tempo e no espaço, rememora a tradição, traz reconhecimento para o grupo enquanto cultura popular e por isso têm a necessidade de um encadeamento com a técnica para dar transcendência as suas simbologias.

Referências

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENJAMIN, Roberto. *As Festas Populares como Processos Comunicacionais*. Revisando o pensamento de Luiz Beltrão. Anuário Unesco/Unesp de Comunicação Regional, Ano V, n.5, 17-24, jan/dez, 2001.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*: considerações sobre a obra de Nikolai Leskow. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1994a.

_____. *Doutrina das Semelhanças*. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1994b.

BELTRÃO, Luís. *Folcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

CASCUDO, Luís. da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 4. ed., 2003.

COLÓQUIO BI NACIONAL BRASIL-MÉXICO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, II, 2009, São Paulo. Conferência. *Práticas e consumo cultural: a comunicação como cruzamento de experiências*. São Paulo, 2009.

DEBORD. Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. [S.I.]: eBooksBrasil.com, 2003. Disponível em: <<http://br.geocities.com/mcrost12>> Acesso em: 19 mai. 2009.

FARIAS, Edson. (Re)tradicionalização ou (re)significação de tradições?. In: *SEMINÁRIO NACIONAL PATRIMÔNIO IMATERIAL, PERFORMANCE CULTURAL E (RE)TRADICIONALIZAÇÃO*. 1, 2003, Brasília. Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização. Brasília: ICS – UnB, 2004. 232 p. 11p.

HORKHEIMER, Marx, ADORNO, Theodor. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LARAIA. Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 22. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *A era do vazio: ensaios sobre individualismo contemporâneo*. Tradução Terezinha Monteiro. Barueri, São Paulo, 2005.

LIGIÉRO. Zeca. A performance afro-ameríndia: tradição e transformação. In: *SEMINÁRIO NACIONAL PATRIMÔNIO IMATERIAL, PERFORMANCE CULTURAL E (RE)TRADICIONALIZAÇÃO*. 1, 2003, Brasília. Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização. Brasília: ICS – UnB, 2004. 232 p.

MARQUES DE MELO. *Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. *Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação*. São Paulo: Paulus, 2008.

MARQUES DE MELO *et al.* *Imagens norte-sul do carnaval: estudo de um fenômeno brasileiro de folkmídia*. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 23, n. 37, p. 61-104, 1.º sem. 2002.

MORIN. Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Tradução Maura Ribeiro Sardinha. 5. ed. Rio de Janeiro: Forence-Universitária, 1981.

NOGUEIRA, Wilson. *A pastorinha*. TextoBR, Manaus, jan. 2009. Disponível em: <http://www.textobr.com/2009_01_11_arquivo.asp> Acesso em: 19 jan. 2009.

OLIVEIRA, Denise.C. de. *Análise de Conteúdo Temático – Categorical*: Uma proposta de sistematização. UERJ, Rio de Janeiro 2008, out/dez.

OLIVEIRA, Ana Carolina. *Fala Gestual*. Coleção estudos. São Paulo: Perspectiva, 1992. v. 128.

PASTORINHAS. Produção de Carlos Alexandre, Sebastião Santos e Eder Repolho. Direção Pe. Henrique Uggé. Parintins. Central Alvorada de Jornalismo, 2007. DVD (30min). Port.

SCHMIDT, Cristina. *Folkcomunicação*: estado do conhecimento sobre a disciplina. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/bibliocom/zero/pdf/schmidt.pdf>> Acesso em 09 Dez.2008.

SILVA, Mary Marvel da. *Pastorinhas do Amazonas se organizam*. Parintins. Centro Educacional de Valorização Social da Cultura e da Arte no Amazonas (CEVASC), 28 out. 2006. Resultado da I Conferência da Cultura Popular. Entrevista concedida a Soriany Simas Neves.

TRIGUEIRO, Osvaldo. *O estudo científico da comunicação*: avanços teóricos e metodológicos ensejados pela escola Latino-Americana. Vol 2. N 2. Janeiro/Fevereiro/Março 2001. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista6/artigo%206-3.htm>> Acesso em: 12 out. 2007.

_____. *A Folkcomunicação e as múltiplas (inter)mediações culturais da audiência da televisão*. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-folkcomunicacao.pdf>> Acesso em: 09 Jun. 2006.

_____. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. In *SEMINÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS CULTURAS POPULARES*. Brasília, 2005.

_____. *O olhar etnográfico (e discreto) de um desbravador dos estudos folkcomunicacionais no Brasil*. Revista Internacional de Folkcomunicação, PR, n. 14, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?jornal=Folkcom>>. Acesso em: 23 dez. 2009.

TRAVASSOS, Elisabeth. Recriações contemporâneas dos folguedos tradicionais: a performance como modo de conhecimento da cultura popular. In: *SEMINÁRIO NACIONAL PATRIMÔNIO IMATERIAL, PERFORMANCE CULTURAL E (RE)TRADICIONALIZAÇÃO*. 1, 2003, Brasília. Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização. Brasília: ICS – UnB, 2004. 232 p. 7 p.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Menanésia*. Tradução Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARINTINS. 8.º Festival de Pastorinhas de Parintins. Disponível em: <<http://parintinsnet.com/home,2.php?inc=bWF0ZXJpYXNM=&materia=MTMyNQ>> Acesso em: 22 jul. 2009.

O “trunfo da legalidade”: cabanagem e discurso no jornal *Treze de Maio*¹

Netília Silva dos Anjos Seixas²

Camille Nascimento Silva³

Julieth Corrêa Paula⁴

Phillippe Sendas de Paula Fernandes⁵

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará

Resumo: Entre 1835 e 1840, a Província do Grão-Pará vivenciava um dos principais movimentos sociais da História do Brasil: a Cabanagem; o único no qual as camadas populares conseguiram chegar ao poder após várias lutas. A proposta deste artigo foi observar, por meio da Análise do Discurso de vertente francesa, como a Cabanagem e os seus participantes foram apresentados em duas edições do jornal *Treze de Maio*, publicadas em Belém em 1840. A metodologia se estrutura em pesquisa bibliográfico-documental, recorrendo-se a procedimentos da Análise do Discurso, propostos por Michel Pêcheux e seguidos por Eni Orlandi.

Palavras-chave: Cabanagem. Imprensa. Discurso. Belém. Comunicação.

¹ Este trabalho é resultado das atividades do projeto de pesquisa “Jornais Paraoaras: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX”, aprovado no Edital MCT/CNPq/ MEC/ Capes N.º 02/2010 – Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto é realizado na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará.

² Co-autora e orientadora do trabalho, coordenadora dos projetos de pesquisa “Jornais Paraoaras: percurso da mídia impressa em Belém” e “Jornais Paraoaras: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX”. Jornalista, professora da Faculdade de Comunicação, professora e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA. E-mail: netilia@ufpa.br.

³ Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/Fapespa, graduanda do 5.º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo. E-mail: camille_silv@hotmail.com.

⁴ Colaboradora do projeto de pesquisa “Jornais Paraoaras: percurso da mídia impressa em Belém”, graduanda do 5º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo. E-mail: julieth.correa@hotmail.com.

⁵ Bolsista de Iniciação Científica Ações Afirmativas da UFPA, graduando do 7.º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo. E-mail: psendas7@hotmail.com.

Introdução

Já vai longe na poeira do tempo o começo da imprensa em Belém, constituindo-se no caminho inicial do que viriam a ser os sistemas de comunicação na região. Com a chegada da imprensa, reconfiguram-se as forças em disputa na sociedade local e constitui-se um novo espaço público para discussão dos temas considerados importantes. A imprensa se institui como sujeito discursivo merecedor de atenção.

Voltando atrás em busca de parte da memória jornalística, este artigo se constitui em um exercício que busca compreender, por meio da Análise de Discurso (AD), as formas de referenciar o movimento conhecido – mais tarde - como Cabanagem e os próprios cabanos, em duas edições do jornal *Treze de Maio*, publicado pela primeira vez em 1840, em Belém, Pará. As edições analisadas foram publicadas nos dias 13 e 16 de maio de 1840 e estão disponíveis para consulta no acervo de jornais microfilmados da Biblioteca Pública do Pará Arthur Vianna. Para a análise, recorreu-se aos estudos básicos de Análise de Discurso da vertente francesa, iniciados pelo filósofo francês Michel Pêcheux e seguidos em seus princípios e procedimentos pela pesquisadora Eni Orlandi (2001).

O percurso deste artigo se inicia com a contextualização socioeconômica da então capital da Província do Grão-Pará durante a Cabanagem. Quais os possíveis motivos para a deflagração do movimento? Quais as consequências? A seguir, há uma descrição breve sobre a história da imprensa no Brasil e, principalmente, no Pará, com destaque para o jornal *Treze de Maio*. Por fim, chega-se à análise propriamente dita, com o referencial teórico que sustenta o exercício.

Diante da necessidade de pesquisas sobre a história da imprensa no Pará sob o olhar da Comunicação, este artigo espera resultar também, por consequência, em uma contribuição, mesmo pequena, aos estudos voltados para a história da imprensa no país.

Cabanagem: da barbárie à epopéia de um povo

O centro comercial de Belém, no Pará, é cortado por várias ruas estreitas nas quais despontam casarões portugueses, muitas vezes bastante deteriorados em meio aos trabalhadores informais. Eis os nomes de algumas dessas ruas: João Alfredo, Santo Antônio, Treze de Maio... Essa última pode confundir muitas pessoas que devem imaginar ser uma homenagem ao dia em que a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, tornando oficial a abolição do sistema escravocrata no Brasil. No entanto, apesar da coincidência, o nome

da pequena rua do comércio de Belém faz referência a outro episódio: o dia em que as chamadas “tropas da legalidade” derrotaram os cabanos na capital da Província do Grão-Pará. Sim, o fim da resistência dos envolvidos na Cabanagem (1835-1840) merecia comemoração. E por que não eternizar a significativa data nomeando uma rua? Não somente aquele memorável dia, mas também o responsável pela derrota dos cabanos, General Francisco José de Sousa Soares de Andréa, recebeu a homenagem. Eis a ordem do então Presidente da Província, João Antônio de Miranda, em 1840:

Mande essa Camara numerar todas as Cazas da Cidade, e designar ruas, travessas, becos e largos com os nomes, que já tiverem ou que parecerem à Camara adequados. Recomendo, que se conservem os nomes, porque alguns desses lugares forem de longa data conhecidos, com a única excepção de que a huma das ruas principaes se dará o nome de – Pedro Segundo –, à outra o de – Rua Treze de Maio – em atençaõ á ser esse o dia em que as tropas da Legalidade se apoderaraõ da Capital, á outra o de – Rua do Andréa – por ser esse o Delegado do Governo Supremo que reduzio á Paz a Provincia [...] (*Jornal Treze de Maio*, 13 de maio de 1840, p. 3).

O Período Regencial iniciou no Brasil em 1831 quando D. Pedro I abdicou do trono sem que seu filho, futuro D. Pedro II pudesse assumir devido à sua idade (apenas cinco anos). Assim, até o herdeiro do trono completar a maioridade, o Brasil foi conduzido por um governo provisório que durou até 1840. O Período Regencial foi marcado por revoltas que eclodiram em diversas regiões do Brasil: a Balaiada, no Maranhão; a Sabinada, na Bahia; a Farroupilha, no Rio Grande do Sul; e a Cabanagem, no Pará. Esses são exemplos de manifestações que surgiram em consequência da agitação social do período, devido à disputa pelo poder entre as elites portuguesas e as nacionais.

Muitos dos envolvidos na Cabanagem moravam em situação miserável nas cabanas. Daí a inspiração do nome do movimento, mas, como defini-lo? Segundo o jornalista historiador Carlos Rocque (2001, p. 38), “a Cabanagem foi um movimento eminentemente popular que veio de baixo para cima, contrariando os interesses da classe abastada, em sua maioria, naquele tempo”. Foi popular, pois a insatisfação de índios, tapuios amazônicos, negros escravos e libertos, mestiços e brancos – aliados a lideranças de classes abastadas da sociedade paraense –, transformou a região em um cenário de lutas. Era a insatisfação de vários setores da sociedade com os rumos da política na época, um quadro de pobreza e desigualdade social que marcava a Província do Grão-Pará nas primeiras décadas do século XIX.

No entanto, muitas vezes as batalhas foram travadas por interesses distintos, afinal, como ressalta o historiador José Maia Bezerra Neto (2001, p. 91), dentro da Cabanagem havia muitas “Cabanagens”: seja pela insatisfação popular com os rumos sócio-políticos e econômicos da Província, seja por interesses em derrubar as lideranças para assumir cargos políticos, ou, até mesmo, pela aspiração de se livrar da escravidão. A Cabanagem não é um movimento que mereça uma descrição breve e sucinta por parte da História do Brasil; do Período Regencial, talvez seja a mais importante revolta, pois “pela primeira vez, ao longo da História Nacional – fato esse que jamais se repetiu – o povo assumiu o poder graças a um movimento armado” (ROCQUE, 2001, p. 38).

Durante a Cabanagem, um francês chamado Jean-Jacques Berthier esteve no Pará e vivenciou dos primeiros passos à eclosão do movimento. A partir dos relatos de Berthier, por meio de cartas destinadas a um irmão que vivia na França, o jornalista e historiador Décio Freitas escreveu o livro *A Miserável Revolução das Classes Infames*, chegando a comparar Cabanagem com a Revolução Francesa de 1789 (*apud* VIDAL, 2008, p. 49). No entanto, longe de ser motivo de orgulho para os paraenses, a Cabanagem já foi uma “dolorosa recordação”. O primeiro a escrever, não especificamente sobre a Cabanagem, mas sobre os acontecimentos políticos da região entre 1821 e 1835 foi o historiador Antônio Domingos Raiol, o Barão de Guajará, que teve o pai assassinado durante a Cabanagem. Raiol abordou o movimento como algo “rebelde”. A obra do Barão de Guajará serviu como principal referência para estudos posteriores sobre a Cabanagem e, também, para a construção de um determinado discurso acerca do movimento.

A Cabanagem, portanto, segundo Raiol, não seria uma revolução, cabendo-lhe o papel de uma *dolorosa recordação*, cujas lembranças deviam servir de lições para as elites que, evitando novas conturbações políticas, impediriam conseqüentemente novas Cabanagens. [...] Ora, em uma sociedade baseada na exploração do trabalho escravo de negros e mestiços, não esquecendo os trabalhadores índios e tapuios no caso da Região Amazônica, Barão de Guajará apenas compartilhava dos estereótipos das elites sobre as classes subalternas, considerando-as como desclassificadas entre outros adjetivos nada elogiosos (BEZERRA NETO, 2001, p. 75-76, grifos do autor).

Na visão de Domingos Raiol o “motim político”, ou “revolta” da Cabanagem só foi possível devido ao enfraquecimento das próprias elites que lutavam pelo exercício do poder, deixando lacuna para que as classes mais

pobres pegassem em armas e lutassem por um espaço na política controlada pela elite portuguesa (BEZERRA NETO, 2001, p. 75). Os próprios envolvidos no movimento, conhecidos mais tarde como cabanos naquele período, também foram referenciados de maneira negativa. Carlos Rocque (2001, p. 40) ressalta que “cabano passou a ser sinônimo de bandoleiro, de ladrão, de assassino. O porquê da Revolução nunca foi, naqueles tempos, explicado: os escribas limitavam-se a narrar as barbaridades cometidas; prendiam-se apenas ao lado mau [...]”. Mas, como essa visão e esse discurso foram alterados, transformando o movimento em um marco na história nacional, símbolo do heroísmo do povo paraense?

Em 1936, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) propôs a comemoração do Centenário da Cabanagem. Então, uma das medidas para que se construísse outra memória sobre o movimento foi dar destaque ao ano de 1835, quando os cabanos assassinaram o então governador da Província Bernardo Lobo de Souza e assumiram o poder; diferentemente de 1836, que marca o ano em que as tropas do General Soares de Andréa venceram os resistentes cabanos na capital (embora os combates continuassem no interior da Província).

A partir de então, referências como “sedição anárquica”, “motim” ou “movimento sanguinário” não eram as únicas atribuídas à Cabanagem. Os trabalhos dos historiadores Jorge Hurlley, Dilke Barbosa Rodrigues e Ernesto Cruz apresentam novas interpretações sobre a Cabanagem, caracterizando-a como importante movimento popular de reação ao autoritarismo do Governo. No entanto, o caráter violento do movimento é recorrente nos estudos, pois dados comprovam os excessos cometidos pelos cabanos, como registra Bezerra Neto (2001), Vidal (2008), a partir de Décio Freitas:⁶

[...] Dois cadáveres são arrastados em triunfo até à Casa das Canoas e arremesados na relva, onde ficarão cinco horas, golpeados pelos cabanos com uivos guturais de raiva. Um dos cabanos degola o morto, rasga-lhe a golpes o peito e desentranha-lhe a repuxões o coração. A seguir, Lobo de Sousa e Santiago são esquartejados. [...] Oficiais e portugueses e maçons são trucidados nas casas e nas ruas. Os cabanos que não possuem armas de fogo matam às pedradas e às facadas. [...] Ao amanhecer os cabanos são soberanos senhores da cidade, tomada em pouco mais de duas horas. O dia é 7 de janeiro de 1835 (FREITAS, 2005, p. 105 *apud* VIDAL, 2008, p. 49).

⁶ FREITAS, Décio. *A miserável revolução das classes infames*. São Paulo: Record, 2005.

A Cabanagem ganhou contornos de movimento social e político, ainda que a ausência de uma base ideológica e de um projeto político definido por parte de suas lideranças tenha sido crucial para a desorganização e continuidade do movimento, pois “o idealista, cérebro pensante da revolução, o arregimentador das massas que era Batista Campos, morrera antes da vitória. Morrera e não deixara um substituto à altura; a ninguém legara a sua filosofia revolucionária [...]” (ROCQUE, 2001, p. 38).

Imprensa e história no Pará

Até o período da Cabanagem, a imprensa em Belém já tinha tido pelos menos 25 jornais (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985) que possuíam relação de adesão ou de oposição às autoridades políticas da época (SALLES, 1992). Boa parte desses jornais teve vida efêmera e apenas alguns duraram entre um e três anos de publicação. Como evidenciam as fontes documentais disponíveis, o primeiro jornal a surgir em Belém, e no que hoje chamamos de Amazônia, foi *O Paraense*, com a primeira edição em 22 de maio de 1822. Esse pequeno jornal que durou 70 edições - até fevereiro de 1823 - registrou e acompanhou importantes transformações na Província do Grão-Pará, como as lutas pela liberdade de expressão e o fim do autoritarismo. As mudanças decorrentes da transição do sistema colonial para o regencial não alteraram em quase nada a vida daqueles que não detinham o poder. Portanto, Belém continuava praticamente com as mesmas mazelas do período anterior.

O início da imprensa paraense é caracterizado pelo forte embate político entre a imprensa e as autoridades, assim como entre os próprios jornais. O historiador Geraldo Mártires Coelho (1989) situa a imprensa nesse cenário de luta como um instrumento político e transformador. Entre conservadores e liberais é possível enumerar como jornais significativos que circularam em Belém durante os trinta primeiros anos da imprensa *O Paraense* (1822), *A Voz das Amazonas* (1827), *O Sagitário* (1829), *A Sentinella Maranhense* na Guarita do Pará (1834) e o *Treze de Maio* (1840).

É importante ressaltar aqui a atuação desempenhada pelo periódico *A Sentinella Maranhense* na Guarita do Pará por ser considerado um jornal importante no período pré-Cabanagem que, por meio das críticas e denúncias de abuso do poder do presidente da Província, pode ter contribuído significativamente para as manifestações que desencadearam mais tarde um dos movimentos sociais mais importantes do Brasil. Dirigido pelo jornalista cearense Vicente Ferreira Lavor Papagaio, a pedido do Cônego João Batista Campos, o jornal foi suspenso em decorrência das violentas críticas ao governo da Província (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 26).

O historiador da Universidade Federal do Pará Aldrin Figueiredo (2008) apresenta o cenário e as ações desempenhadas pela imprensa paraense durante o século XIX, quando muitas vezes tentou-se impedir a realização das suas atividades:

No correr do século XIX, vários governos e grupos sociais tentaram conter o desenvolvimento da imprensa local, justamente porque a informação e a polêmica dificultavam o exercício do poder. Foi assim que a história da imprensa na Amazônia esteve muito relacionada, desde seu início, com os conflitos entre os proprietários de folhas e a engenhosidade dos legisladores, que não cansavam de criar regulamentos e dispositivos destinados a limitar a liberdade da imprensa e entravar a difusão dos noticiários (FIGUEIREDO, 2008, p. 36).

Em meio a essas tensões sociais, 18 anos após o surgimento da imprensa no Pará, foi inaugurado na tipografia de Santos & Menor, em maio de 1840, o jornal *Treze de Maio*. Fundado por Honório José dos Santos o periódico é considerado, como destaca a antropóloga Márcia Pereira (2002, p. 20), o mais importante no período pós-Cabanagem. Oficial e conservador, o jornal *Treze de Maio* recebeu esse nome em referência ao dia em que as “tropas da legalidade”, lideradas pelo General Soares de Andréa, derrotaram os cabanos em Belém no dia 13 de maio de 1836.

Com o maior tempo de duração até esse período, o *Treze de Maio* circulou na província até 31 de outubro de 1862. Inicialmente foi uma publicação bissemanal e depois trissemanal. Em seus primeiros anos circulava sempre às quartas-feiras e aos sábados, e além disso, o jornal também foi a segunda publicação diária da cidade, a partir de 1.º de outubro de 1855 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p. 28).

Cabanagem: importante movimento social? não no jornal Treze de Maio

Chega-se, então, à Análise de Discurso, conforme a proposta deste artigo. O corpus de análise envolve duas edições do jornal Treze de Maio, publicadas em 13 e 16 de maio de 1840. Levou-se em conta a discussão iniciada pelo filósofo francês Michel Pêcheux, nos anos 1960, em que três domínios disciplinares sustentam a Análise de Discurso de vertente francesa: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Deve-se ressaltar a diferença entre a Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso, na qual a última desconsidera a linguagem como algo transparente e se orienta pela questão “como este texto

significa?”, ou seja, “na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 2001, p. 17-25).

As edições do jornal *Treze de Maio* foram publicadas em um contexto muito relevante para a história do Pará. A Cabanagem estava no fim e já havia até data comemorativa para o dia em que os últimos resistentes foram derrotados. Diante disso, o propósito deste estudo foi compreender a maneira como o objeto simbólico – no caso, as duas edições dos jornais – produz sentidos; assim como a maneira pela qual ele está investido de significância para e por sujeitos; conforme procedimentos apresentados por Orlandi (2001, p. 26). A questão inicial é saber de que modo o jornal *Treze de Maio* em seu discurso jornalístico fazia referência ao movimento da Cabanagem – denominação essa que só ocorreu posteriormente – e aos próprios envolvidos, os cabanos. Considerando o que Orlandi (2001, p. 39) aborda sobre formações imaginárias no discurso, destaca-se a chamada “relação de forças”, na qual o “lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. O próprio sentido seria resultado dessas relações de força:

Um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI, 2001, p. 39).

De que maneira então, um jornal oficial, com um título que faz alusão a uma data simbólica da Cabanagem, a partir do seu lugar de fala, se refere ao movimento? Das quatro páginas da primeira edição, pelo menos metade é ocupada por notas assinadas pelo então governador da Província, João Antônio de Miranda. E o conteúdo é predominantemente voltado para as comemorações do dia 13 de maio na capital. Essa data, sim, é motivo de homenagens, celebrações religiosas, honrarias oficiais. Afinal, é um dia “memorável” para a feliz e próspera história paraense. Em detrimento das “doces recordações”, encontram-se os “desastrosos feitos e negros planos da rebelião” (*Jornal Treze de Maio*, 1840, p. 1).

Um movimento que reuniu a maior parte dos setores da sociedade com ideais de luta diferentes, mas com aspirações de melhorias em uma região de abandono e descaso político foi registrado como “rebelião”. Não há o que estranhar já que o periódico deixa bem claro no *editorial* que em suas atividades manterá o devido respeito ao governo e às novas autoridades. O

ato de rebeldia tinha como ápice o momento em que os envolvidos tomaram o poder em Belém no lugar das antigas autoridades do governo. No entanto, chega a “Legalidade” que consegue triunfar derrotando os “desatinos da rebeldia”. O próprio termo “Legalidade” foi publicado em letra maiúscula no jornal *Treze de Maio*: a superioridade das tropas também foi registrada graficamente naquele periódico.

Na Análise do Discurso a ideologia possui uma interpretação em que a língua tem importante relação. Em suma, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos: “[...] esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados” (ORLANDI, 2001, p. 46-7). Por meio do seu discurso jornalístico, o jornal *Treze de Maio*, a partir dos fatos relatados nas informações registradas e referentes à Cabanagem, apresenta o seu caráter ideológico, materializando-se num sentido de referência negativa ao movimento e aos participantes dele.

Devem-se ressaltar, também, as tipologias e relações entre discursos propostas na Análise de Discurso (ORLANDI, 2001). No corpus definido neste artigo é possível identificar dois discursos predominantes: o político e o jornalístico, sendo o primeiro o mais recorrente. A temática política se faz presente pelo próprio posicionamento editorial do jornal em defesa do governo e das autoridades como um órgão oficial (sem sê-lo). No caso do discurso jornalístico, identifica-se a proposta de servir à sociedade por meio da prática das atividades de imprensa. Ao mesmo tempo em que a informação preenche as páginas do jornal, relações entre discursos se estabelecem.

No dia 16 de maio de 1840, segunda edição do jornal *Treze de Maio*, a repercussão das comemorações ocupa as duas primeiras páginas. A Cabanagem agora é descrita como “tempestade política” e, com ela, mortes, desastres e horrores assolaram a Província do Grão-Pará e a ordem só pudera ser restabelecida com o papel fundamental das “forças da Legalidade” e de seu comandante, General Soares de Andréa, responsável pelo “sopro da vida” para a região. Se considerarmos a relação da historicidade na Análise de Discurso, ou seja, “aquilo que faz com que os sentidos sejam os mesmos e também que eles se transformem”, percebemos a semelhança de abordagem entre o jornal *Treze de Maio*, a partir do corpus definido, e os primeiros escritos em que se aborda o movimento da Cabanagem, obra do historiador Domingos Antonio Raiol, definindo uma história oficial em que a barbárie, a rebeldia, o horror do movimento são os traços relevantes e que merecem destaque nos relatos. Em consequência, com o fim da Cabanagem, “tudo respirava prazer e alegria” (JORNAL TREZE DE MAIO, 16 de maio de 1840, p. 2).

Entre o dito e o não-dito: uma relação de presença

Como saber se aquilo que o sujeito diz é realmente o que deveria ter dito? Ou, por que ele disse “isso” em vez daquilo? Perguntas dessa natureza são frequentes quando se trata de compreender um determinado sentido. Neste tópico, o propósito foi trabalhar os dispositivos de análise, particularmente, o dito e o não-dito no corpus selecionado.

Recorreu-se a Eni Orlandi (2001) para auxiliar este exercício que tem como objetivo discutir os conceitos sobre o dito e o não-dito, objeto de estudo do lingüista francês Oswald Ducrot⁷. Desse modo, entende-se que o *dito* equivale ao *posto*, ou seja, aquilo que, sem dúvida, está posto; o óbvio, o explícito. O não-dito, como parte “ausente” do discurso, comporta-se como peça fundamental para a construção de determinado sentido.

Sob a perspectiva de Orlandi (2001, p. 82), há uma relação singular entre o dito e o não-dito, visto que “o posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito, mas presente).” Dentre as possibilidades para expor ou omitir algo há uma estreita relação envolvendo os sujeitos e os sentidos por eles produzidos, em que a ideologia, o simbólico e o inconsciente são a base para construir e compreender essa complexa relação (ORLANDI, 2001).

Partindo desse ponto, na análise das duas edições do Treze de Maio, buscou-se perceber como esses elementos discursivos foram empregados de um modo, e não de outro. Principalmente quando se observam os três pontos (ideologia, simbólico e inconsciente) citados no parágrafo anterior e que dão sustentação para a formação discursiva.

Basta observar que o jornal Treze de Maio, por apresentar uma linha editorial oficial, traz em suas primeiras edições cartas e notícias que o caracterizam como porta-voz do governo. Percebe-se, também, a forte presença de discursos moralistas, com efeito de reguladores sociais, mantenedores da ordem e da paz na sociedade de então. A seguir, um fragmento retirado da primeira edição do jornal Treze de Maio em que se justifica o nome do jornal:

[...] nenhum título nos pareceu mais adequado de que o de = Treze de Maio = d’esse dia memorável nos fastos da história Paraense, – dia de doces recordações, em que a Legalidade conseguiu triunfar dos desastrosos feitos e negros planos de rebeldia [...] (JORNAL TREZE DE MAIO, 13 de maio de 1840, p. 1).

⁷ Cf. DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

No trecho identifica-se que no “dia de doces recordações” o *dito* faz clara referência ao dia 13 de maio, um dia marcante para a Província do Grão-Pará e que vale a pena ser lembrado. No entanto, ao utilizar “doces recordações”, associando aos fatos desse dia, o violento embate entre os revolucionários e as tropas da legalidade não são mencionados. Desse modo, supõe-se que aquele dia teria sido pacífico.

Para Orlandi (2001, p. 82) o dito traz consigo o pressuposto; claramente o que não é dito sugere o que também poderia vir a ser. Sendo o não-dito configurado em diferentes formas, destacamos que o pressuposto emana das instâncias da linguagem, enquanto que o subentendido refere-se ao contexto e depende do texto. Há muitas formas de *não dizer* que o 13 de maio foi um dia de intensa luta, por exemplo, com o uso de uma linguagem totalmente ufanista: “[...] é para despertar no coração de todos os Brasileiros doces recordações, é para levantar um monumento às gerações vindouras, é para encorajar o patriotismo que se festeja o aniversário de tão grande dia.” (JORNAL TREZE DE MAIO, 16 de maio de 1840, p. 1).

Entre as distintas maneiras de se trabalhar o não-dito, Orlandi (2001, p. 83) mostra que também há outra forma: o silêncio; “este pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”. E esse pode ser o silêncio fundador e o silenciamento – referente à política do silêncio, dividida em silêncio constitutivo e silêncio local, ou seja, a censura, o proibido. Ao se reportar ao dia 13 de maio como um dia de vitória no qual as ações da legalidade trouxeram paz e ordem para a capital, pode-se afirmar que o não-dito silencia as péssimas condições em que se encontravam os “revoltosos”, “desordeiros”.

Um movimento e várias memórias

Neste artigo, cujo objetivo é analisar o discurso jornalístico em duas edições do jornal Treze de Maio sobre o movimento cabano, é necessário compreender a posição política do jornal em relação ao movimento, a fim de entender também a memória construída pelo jornal sobre a Cabanagem. Como dito anteriormente, a Cabanagem possibilitou interpretações diferentes, conforme a vertente política de quem participava ou mesmo estudara o movimento.

Em uma análise do imaginário construído pelos jornais sobre o Partido Comunista no Brasil entre os anos 1922 e 1989, a pesquisadora Bethania Mariani define como “memória social”.

um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos, sendo que, como resultado do processo, ocorre a pre-

dominância de uma de tais interpretações e um (às vezes aparente) esquecimento das demais (MARIANI 1998, p. 34).

Ainda no mesmo estudo a autora cita a linguista e historiadora francesa Régine Robin que classifica a memória em quatro tipos: “memória oficial”, que é a memória nacional, bem institucionalizada e ritualizada nos arquivos, bibliotecas, museus e monumentos; a “memória erudita”, que corresponde ao trabalho do historiador; a “contra-memória”, que é a dos excluídos, cuja especificidade dos lugares de fala foi sistematicamente apagada; e a “memória ficcionalizante”, que representa coletivamente as memórias de uma geração (MARIANI, 1998).

No caso da Cabanagem, a primeira memória tida do movimento foi por meio das interpretações elitistas. Por um longo período, essa memória foi considerada a própria história do movimento. A memória, quando pensada em relação ao discurso, assume o papel de interdiscurso, definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra (ORLANDI, 2001).

O discurso jornalístico do jornal Treze de Maio foi um dos precursores para que a memória da Cabanagem fosse construída sob um sentido hegemônico, conforme o ponto de vista do governo. Em suas duas primeiras edições o jornal relembra o dia 13 de maio de 1836 como o fim de um período em que a Província do Grão-Pará estava à mercê dos “planos e dos desatinos da rebeldia, dos desastres, horrores e mortandade”, como já mencionado. Por meio de expressões como essas se configurou a textualização sobre a Cabanagem no jornal que se incumbiu de exercer o “esquecimento” da outra versão do movimento. Assim, para prevalecer a memória histórica oficial sobre a Cabanagem no discurso do Treze de Maio, foi necessário abandonar a outra versão do movimento, visto que

nas práticas sociais de fixação da memória se encontra entrelaçado aquilo que deve cair no esquecimento, pois, o retorno de um sentido silenciado, ou a irrupção de um novo sentido, pode representar uma ameaça ao “status quo” vigente (MARIANI, 1998, p. 36).

Porém, é importante ressaltar a existência de outro sentido para a Cabanagem, pois o fato de ter um sentido predominante não significa que os demais sejam anulados. Segundo Mariani (1998, p. 34), muitas vezes os senti-

dos “esquecidos” funcionam como resíduos dentro do próprio sentido hegemônico. Entretanto, em nenhum dos textos presentes no jornal menciona-se a situação de miséria da Província do Grão-Pará, motivo pelo qual as classes mais pobres se armaram e lutaram contra o poder concentrado nas mãos da elite portuguesa.

Seções como o “Prospecto” e a “Parte Oficial” na primeira edição do jornal Treze de Maio justificam o título do jornal e convidam para solenidades em ação de graças pelo dia da vitória das tropas legalistas. A edição do dia 16 de maio de 1840 inicia com um texto recordando a situação da província, que estava sob o domínio da “anarquia e da desordem”, até que as tropas do General Andréa restituíram a ordem.

Oh! fallecem-nos os termos e as expressões para descrevermos os desastres, os horrores, a mortandade que então houve [...] Oh! foi então que as forças da Legalidade, debaixo do commando do Exmº Sñr. Andrea, sopearão os esforços da anarchia e restituirão á ordem o seu reinado (JORNAL TREZE DE MAIO, 16 de maio de 1840, p. 1).

Por meio da leitura das duas primeiras edições do jornal Treze de Maio observou-se o posicionamento desse periódico em relação ao fato político que marcou a História Paraense. A Cabanagem foi um movimento de ordem político-social que tem até os dias atuais visões e memórias diferentes. O Treze de Maio, sendo um jornal relacionado ao governo da época, construiu a memória da Cabanagem como um movimento anárquico que precisava ser contido o quanto antes.

Considerações finais

Este artigo surgiu com a proposta de realizar um exercício de Análise do Discurso para compreender como o jornal Treze de Maio, publicado em Belém pela primeira vez em 1840, se referenciou ao movimento e aos personagens da Cabanagem. Como *corpus* de análise foram selecionadas as duas primeiras edições do jornal Treze de Maio. Para o desenvolvimento deste trabalho foi fundamental um entendimento sobre a Cabanagem, único movimento social no Brasil pelo qual as classes menos favorecidas chegaram ao poder.

A Cabanagem se caracterizou como um movimento heterogêneo, com a participação de negros, índios e brancos insatisfeitos com os rumos da política local; movimento que contava também com integrantes da elite da sociedade paraense. Com objetivos distintos, os envolvidos na Cabanagem

conseguiram chegar ao poder. No entanto, os primeiros registros sobre o movimento apresentam uma visão preconceituosa e elitista, caracterizando-o como homogêneo e anarquista.

A análise das duas primeiras edições do jornal *Treze de Maio* evidencia um discurso de exaltação ao dia 13 de maio (que inspira o próprio título do periódico) – dia em que as tropas derrotaram os cabanos –, instituindo uma referência negativa aos “rebeldes” integrantes da Cabanagem. Na relação entre o dito e o não-dito pelo jornal, a atuação das tropas sempre é tida como “doce recordação” (no dito), possibilitando, conseqüentemente, um entendimento de que aquele dia teria sido pacífico (o não-dito), diferentemente do que comprovam os historiadores. Por fim, destaca-se no discurso do jornal *Treze de Maio* a abordagem dos aspectos negativos do movimento, desconsiderando qualquer conquista dos cabanos, reflexo também da postura editorial do jornal.

Em resumo e ao modo de encerramento, uma última observação: em meio aos jornais publicados nas três primeiras décadas do século XIX, houve dois deles, os mais proeminentes e não contemporâneos um do outro, com um grande contraste em sua produção discursiva: O *Paraense*, situado em oposição ao poder constituído local, e o *Treze de Maio*, em claro apoio a esse poder.

Referências

BEZERRA NETO, José Maia. A Cabanagem: A Revolução no Pará. In: ALVES FILHO, Armando dos Santos; SOUZA JÚNIOR, José Alves de; BEZERRA NETO, José Maia (Org.). *Pontos de História da Amazônia*. 3. ed. Belém: Editora Paka-Tatu, 2001, p. 73-102.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. *Jornais Paraoaras*: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo. 1985.

COELHO, Geraldo Mártires. *Letras e baionetas*. Belém: Cultural Cejup, 1989.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Uma história impressa: os jornais paraenses, 1822-1922 (primeira parte). *ZYG360.com*. Publicação trimestral da Fundação de Telecomunicações do Pará. P. 36-38, Ano 1, n. 4, Nov. 2008.

JORNAIS PARAOARAS: percurso da mídia impressa em Belém no século XIX. Projeto de pesquisa CNPq Edital MCT/CNPq/ MEC/CAPES N. 02/2010. Belém: UFPA, 2010

Jornal *Treze de Maio*, edição número 1, Belém: Tipografia de Santos & Mendes, 13 de maio de 1840.

Jornal *Treze de Maio*, edição número 2, Belém: Tipografia de Santos & Mendes, 16 de maio de 1840.

MARIANI, Bethania *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Campinas, SP: Unicamp, 1998.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PEREIRA, Márcia Leila de Castro. *Belém na reportagem na 1. metade do século XIX*. Série Sociológica. Antropologia, v. 1, p. 1-30, 2002.

ROCQUE, Carlos. *História geral de Belém e do Grão-Pará*. Belém: Distribel, 2001.

SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem*. Belém: Cejup 1992.

VIDAL, Elizabete de Lemos. *Memórias de rios e de lagos na construção romanesca: uma leitura de narrativas da Amazônia paraense*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, área de concentração: Literatura Comparada, Natal, 2008.

